

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA – PPGSCA**

**TRAJETÓRIAS DO IMAGINAR
migrações de afetos, memórias e sentidos**



LARISSA SILVA GONÇALVES

**MANAUS
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA – PPGSCA**

LARISSA SILVA GONÇALVES

**TRAJETÓRIAS DO IMAGINAR
migrações de afetos, memórias e sentidos**

Relatório de Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosemara Staub de Barros

**MANAUS
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

G643t Gonçalves, Larissa Silva
Trajetórias do Imaginar : migrações de afetos, memórias e sentidos / Larissa Silva Gonçalves. 2018
200 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Rosemara Staub de Barros
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Imaginação. 2. Intergeracionalidade . 3. Cultura. 4. Educação.
I. Barros, Rosemara Staub de II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

TRAJETÓRIAS DO IMAGINAR
migrações de afetos, memórias e sentidos

LARISSA SILVA GONÇALVES

Relatório de Tese apresentado como um dos requisitos para a obtenção do título de doutora no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, linha 1 – Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Rosemara Staub de Barros (presidente)
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga (membro)
Universidade Federal do Amazonas

Prof^a. Dr^a. Marilina C. Oliveira Bessa Serra Pinto (membro)
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Luiz Carlos Cerquinho de Brito (membro)
Universidade Federal do Amazonas

Prof^a. Dr^a. Rosângela Duarte (membro)
Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro (suplente)
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira (suplente)
Universidade Federal do Amazonas

Dedico este trabalho à CriAção e a todos os Seres que a frutificam
Ao Raul Luar, a Manoela e a experiência do Amor.

AGRADECIMENTOS

À CriAção pela Inspiração;

À família de D. Maria e S. Justino, que me acolheu, acolheu a pesquisa, partilhou as histórias contadas aqui e me ensinou que o afeto e a doçura são tesouros de convívio e alimento fundamental, para o crescimento humano;

Ao Pedro Costa, Rejane Pereira Silva e Comunidade São Raimundo Nonato, pelo valioso trabalho da Associação Cultural dos Maranhenses em Roraima, pela abertura e acolhimento em campo, pelas partilhas de convívio e imagens, muito agradecida;

Aos meus filhos experiência criativa e simbólica viva. Minha escola de afetos, desafios e imaginação;

À orientadora querida Prof^a. Rosemara Staub de Barros, pelo incentivo à criação, pela liberdade para experimentar, por sua admirável perspicácia e pelo apoio para enfrentar os desafios acadêmicos, gratidão;

Ao Prof. Luiz Cerquinho de Brito grande mestre e amigo que com seu rigor metodológico estimulou este exercício teórico criativo. Sábio e generoso compartilhou o seu esboço das estruturas organizadoras do trabalho do pós-graduando, um mapa da mina para experimentar a sistematização do trabalho e o clarificar dos processos metodológicos. Gratidão!

À Prof^a. Marilina C. O. B. S. Pinto e Prof. Sérgio I. G. Braga, participantes da Banca, que desde o Exame de Qualificação acolheram e iluminaram os caminhos desta pesquisa, meus sinceros agradecimentos, pelo aceite em seguir contribuindo e refinando este trabalho;

À Prof^a. Rosângela Duarte, pela oportunidade de contribuir com mais este percurso acadêmico, gratidão pelo aceite em participar da banca de Defesa da Tese! Agradecimento que se estende aos Prof. Odenei de Souza Ribeiro e Prof. Alexandre Santos de Oliveira;

À minha família que tornou possível a realização deste trabalho, minha profunda gratidão! Agradeço a minha mãe Fátima pela partilha de cuidados com as crianças e pelo apoio emocional. Nos momentos em que precisei me ausentar durante pesquisa de campo e durante as horas seguidas de escrita e revisão do trabalho pude estar tranquila, pois as crianças estavam bem cuidadas, gratidão mãe querida! Ao meu pai Ericson agradeço pelo apoio estrutural e financeiro, que viabilizaram minha permanência no curso, ameaçada antes do recebimento da bolsa. Gratidão pai querido! As minhas irmãs Tamara e Ariane, pelos carinhos, cuidados e incentivos à continuidade do trabalho. A vocês quatro e aos estímulos de aprendizagem que vivenciamos e que me possibilitaram chegar até aqui, muito agradecida!

Aos colegas do PPGSCA/UFAM, pelos afetos, sorrisos e desafios compartilhados. Agradeço a Lúcia Lira, sua amizade é um belo presente que ganhei com este doutorado, sou grata pelas mensagens trocadas, os encontros e trabalhos partilhados e por todo auxílio com as questões burocráticas, agradeço de coração a ti e teu companheiro Edgar;

Aos colegas do curso de Artes Visuais da UFRR, especialmente a Prof^a Dayana Soares e seu companheiro Júnior, por nossa amizade, pelo respeito, apoio, incentivo, auxílios, por todas as trocas vivenciadas e pelas acolhidas carinhosas nas terras de Cruviana, gratidão queridos!

Às professoras parceiras do Núcleo CrEAR/UFRR, saudades de nossas risadas;

Ao Mestre Souza por todos os diálogos vivenciados, esclarecimentos, acolhimentos e incentivos para a realização do Doutorado. Gratidão pelo cuidado conosco e por seu luminoso trabalho;

À Claudia, Elder e crianças, pela disponibilidade e estrutura de acolhimentos em Boa Vista, regados a pães alemães e tortas de jambo, muito agradecida!

Aos queridos amigos de longa estrada pela paciência com minhas ausências, pelo apoio afetivo e por me lembrar que existe mundo para além do trabalho intelectual;

Ao Diego Umpierrez pelo auxílio com a edição do mapa e pela amizade de tantos anos, gratidão!

À equipe do CEFORT/UFAM pelos trabalhos e aprendizagens compartilhadas e especialmente a Profa. Maria Sônia, pelos encaminhamentos logísticos e burocráticos, pela partilha de ideias e inspirações, muito agradecida!

Aos professores e funcionários da Escola Espaço do Saber, pela gentileza, afetividade e parceria na educação das crianças;

Aos meus familiares que na corrente das boas intenções alimentam meu caminho;

À Guaimbê-Espaço e Movimento CriAtivo, as Mestras e aos Mestres, minha profunda gratidão e admiração, por este inspirador trabalho de educação e emancipação criativa. A benção amados Mestres!

À querida Prof^a. Regina Maria Michelotto, grata surpresa de encontro no percurso da vida, pessoa luminosa, que ainda me brindou com o privilégio de revisão do trabalho;

Aos professores e funcionários do PPGSCA/UFAM pelas trocas e encaminhamentos nestes anos de convívio. Em especial agradeço ao Prof. Edgar de Assis Carvalho, pelo privilégio de participar do Seminário Doutoral 2014, sob sua orientação, um exemplo de academia viva! Seu interesse, compromisso e experiência, em reunir teoria e criação, me inspiram! Gratidão!

Aos professores Luciane Maria Schlindwein, Nelita Bortolotto e Alexandre Fernandez Vaz, do PPGE-CED/UFSC pela acolhida em suas aulas e aberturas para intercâmbios acadêmicos;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, pela bolsa de estudos concedida no último ano de curso;

Às crianças e velhos com quem já convivi e a todos aqueles com quem ainda irei aprender;

À VIDA, escola máxima das experiências criativas, Gratidão!

RESUMO

As trajetórias do imaginar dizem respeito ao ir e vir por entre movimentos afetivos e criativos, por um arcabouço de imagens mnemônicas resultantes de afecções, afetos e passado convertido em experiência, por entre rotas migratórias de vida de uma família de emigrantes nordestinos residentes em Roraima. Este contexto serve de base para a visualização do arcabouço simbólico, que se movimenta entre as experiências dos mais velhos, os avós e as apropriações das crianças, os netos, caracterizando o grupo focal intergeracional deste trabalho. As migrações geográficas, afetivas e simbólicas, experimentadas pelo grupo oferecem as imagens para refletir sobre as trajetórias do imaginar humano, o objeto deste trabalho, cujo objetivo geral é compreender a pertinência das relações intergeracionais para o desenvolvimento da imaginação da criança e refletir acerca do conjunto de memórias que se tornaram perceptíveis através das narrativas de causos e histórias das vidas, dos integrantes familiares. Objetiva-se também elaborar um desenho teórico das dimensões culturais, sociais, afetivas e cognitivas, que envolvem o imaginar da criança. E analisar o desenvolvimento da imaginação em contexto de educação não formal visando levantamento de dados para um diálogo com as práticas educativas no espaço escolar. Segundo a perspectiva de um método dialógico envolvendo estratégias da etnografia e de histórias de vida prioritariamente, se desenvolve o trabalho a partir das falas dos integrantes da família que apresentam o contexto empírico do trabalho para daí encaminhar um diálogo teórico com os conceitos de *topofilia* de Tuan, *imaginação material* de Bachelard, *experiência* de Benjamin e *mediação* de Vygotsky. Estas vozes principiais são fios condutores para as discussões acerca das categorias surgidas em campo, quais sejam, *afeto*, *passado* e *migração*; tal trama empírico-teórica resulta no clarear da relação entre afeto e imaginação e nas contribuições do imaginar para o exercício de recriação de significações humanas.

Palavras-Chave: Imaginação; Intergeracionalidade; Cultura; Educação.

ABSTRACT

The trajectories of imagining are related to the movement between affective and creative movements, through a framework of mnemonic images resulting from affections and past converted into experience, among migratory routes of a family life of Brazilian Northeastern emigrants residing in Roraima. This context serves as the basis to visualize the symbolic framework, which moves between the experiences of the elderly, grandparents and the appropriation of children, grandchildren, characterizing the intergenerational focal group of this study. The geographical migration, both affective and symbolic, experienced by the group offer images to reflect on the trajectories of the human imagining, the object of this study, whose general objective is to understand the relevance of intergenerational relations to the development of the child's imagination and reflect on the set of memories which became noticeable through the narratives of tales and stories of lives of family members. The objective is to also prepare a theoretical design of cultural, affective, and cognitive dimensions which involve the imagining of the child. It also aims to analyze the imagination development in the context of non-formal education, with the purpose of assessing data for a dialogue with educative practices in the school environment. According to the perspective of a dialogical method involving strategies of ethnography and life stories, the work from speeches of family members develops, presenting the empirical context of the work to forward a theoretical dialog with the concepts of Tuan's *topophilia*, Bachelard's *imagination material*, Benjamin's *experience*, and Vygotsky's *mediation*. These main voices are conductors to discussions about the categories that have emerged in the field, which are, *affection*, *past*, and *migration* and such empirical-theoretical weaving results in lightening the relationship between affection and imagination and in contributing to the imagining exercise to recreate human meanings.

Key words: Imagination; Intergenerationality; Culture; Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1 - MOVIMENTANDO TRAJETÓRIAS	16
2 - CAMINHO PARA O INTERIOR.....	71
3 - MIGRAÇÕES FAMILIARES.....	95
3.1. Afetos em movimento.....	96
3.2. Mediações da memória.....	112
3.3. Imagens em migrações.....	129
4 - O CORAÇÃO DO IMAGINAR.....	149
4.1. A volta para o interior.....	150
4.2. A efetivação do Oroboros.....	166
4.3. O coração do imaginar.....	172
O ARREIMATE.....	178
REFERÊNCIAS.....	184

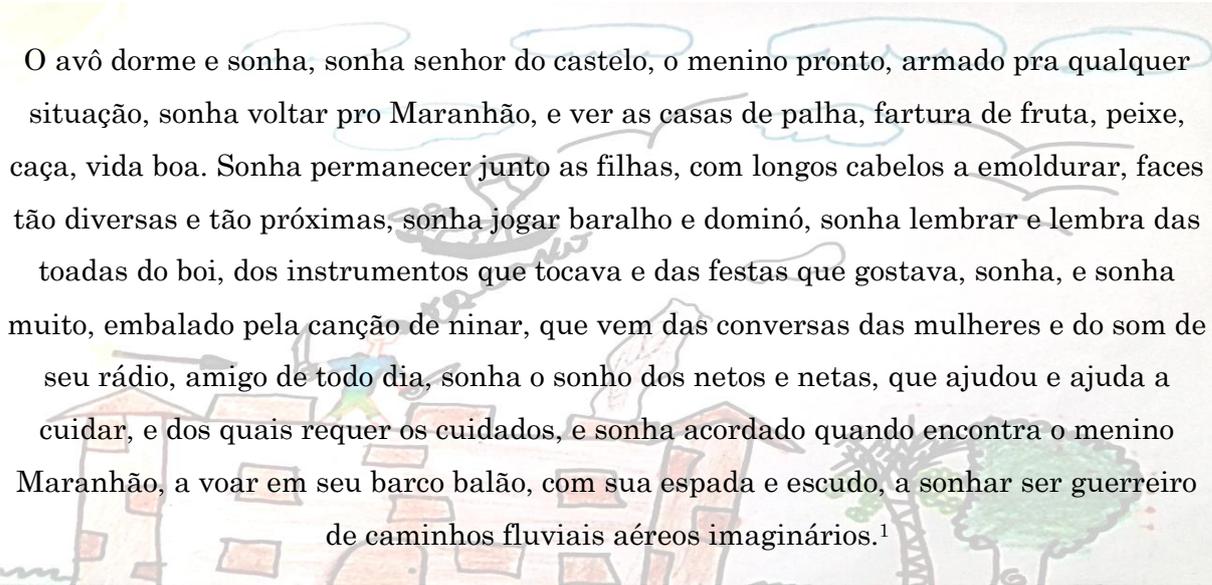
Lista de Figuras

Figura 1: D. Maria a caminho de apanhar caju.....	17
Figura 2: Bordados do Apostolado da Oração.....	20
Figura 3: Abrangência BR 316.....	28
Figura 4: Cartaz festejo Arraial dos Maranhenses 2017.....	34
Figura 5: Retrato do Maranhão pintura de Guilherme 10 anos.....	37
Figura 6: S. Justino confeccionando cofo.....	49
Figura 7: Cofo finalizado.....	49
Figura 8: Boi Estrela do Vale.....	51
Figura 9: D. Maria e a filha Luciana arrumadas para o Apostolado da Oração.....	59
Figura 10: Guilherme pinta o nome da marca que a avó revende.....	64
Figura 11: Encontros na varanda de netos e avó na rede.....	65
Figura 12: Luciana observa os pintinhos no trajeto para casa de Luana.....	66
Figura 13: D. Maria colhendo murici.....	66
Figura 14: Avó e netos colhem murici.....	66
Figura 15: Brincadeira da mangaba.....	67
Figura 16: A planta vinagreira <i>Hibiscus sabdariffa</i>	68
Figura 17: O molho cuxá preparado.....	68
Figura 18: Clara e Guilherme se revezam na flauta.....	68
Figura 19: Pintura de Bruna 5 anos.....	69
Figura 20: Pintura de Guilherme 10 anos.....	69
Figura 21: S. Justino.....	69
Figura 22: Representação oroboro.....	76
Figura 23: Representação oroboro.....	76
Figura 24: Composição movimento ondulatório circunferência.....	81
Figura 25: Cartaz Festa do Padroeiro da Comunidade.....	99
Figura 26: Desenho de Raiza 9 anos.....	117
Figura 27: D. Maria desenhando.....	131
Figura 28: Crianças desenhando.....	131
Figura 29: Desenho o Maranhão de Raiza.....	134
Figura 30: O Maranhão imaginado por Guilherme.....	134
Figura 31: Detalhes de desenhos dos netos que representaram as flores da avó.....	135
Figura 32: Frente e verso desenho de Miguel de 11 anos.....	135
Figura 33: Desenho de Milena de 6 anos.....	136
Figura 34: Detalhes de desenhos representando a avó realizados por Bruna de 5 anos.....	136
Figura 35: Composição detalhe de desenho de Bruna com registro de D. Maria na colheita de caju.....	137
Figura 36: A flor do mundo.....	149
Figura 37: Cofos compoendo a decoração da Barraca da Memória, no Arraial dos Maranhenses.....	174
Figura 38: D. Maria aconselha a neta Raiza.....	183

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Estados de origem dos imigrantes de Roraima.....	33
Gráfico 2: Quadro membros família D. Maria e S. Justino.....	73
Gráfico 3: Movimento ondas eletromagnéticas.....	82
Gráfico 4: Desenho metodologia.....	85
Gráfico 5: Esquema Mediação para Vygotsky.....	86
Gráfico 6: Esquema Semiose para Peirce.....	87
Gráfico 7: Combinação de ondulações elétricas em azul e magnéticas em vermelho.....	88
Gráfico 8: Investigando campo elétrico com linhas de força 3D.....	88
Gráfico 9: Flor do mundo que inspirou a forma para o levantamento parcial dos temas.....	90
Gráfico 10: Quadro de classificações dos temas.....	91
Gráfico 11: Articulação categorias.....	92
Gráfico 12: Temas da pesquisa empírica relacionados às categorias do trabalho.....	93
Gráfico 13: Quadro sinóptico referências geográficas e dimensões de atuação de avós e netos.....	94
Gráfico 14: Mediações da memória.....	129
Gráfico 15: Desenho trajetórias do imaginar.....	176

INTRODUÇÃO



O avô dorme e sonha, sonha senhor do castelo, o menino pronto, armado pra qualquer situação, sonha voltar pro Maranhão, e ver as casas de palha, fartura de fruta, peixe, caça, vida boa. Sonha permanecer junto as filhas, com longos cabelos a emoldurar, faces tão diversas e tão próximas, sonha jogar baralho e dominó, sonha lembrar e lembra das toadas do boi, dos instrumentos que tocava e das festas que gostava, sonha, e sonha muito, embalado pela canção de ninar, que vem das conversas das mulheres e do som de seu rádio, amigo de todo dia, sonha o sonho dos netos e netas, que ajudou e ajuda a cuidar, e dos quais requer os cuidados, e sonha acordado quando encontra o menino Maranhão, a voar em seu barco balão, com sua espada e escudo, a sonhar ser guerreiro de caminhos fluviais aéreos imaginários.¹

Sonhar, lembrar e criar, lembrar para imaginar e criar, lembrando, imaginando e criando nós seres humanos encaminhamos nossa própria humanidade. Artistas, antropólogos, cientistas têm em comum o entendimento de que a linguagem e a cultura são os elementos que qualificam a existência humana. Ser humano é ser capaz de criar e a criação se realiza através de referências apropriadas ao longo de histórias individuais e coletivas. Cria-se a partir do arcabouço de memórias das experiências vividas e compartilhadas. Dos afetos e desaletos vivenciados ao longo da vida. Da especialização dos afetos em simultaneidade à especialização das funções psicológicas processadas dentre movimentações concretas e simbólicas, andanças espaciais e temporais, geográficas e afetivas. E concomitante à memória dos acontecimentos, coaduna a memória dos lugares, das experiências vivenciadas em afetos localizados, que se desvelam pelas impressões e reconstruções de cada um que lembra. A lembrança é fruto de um jogo de tempo e espaço. Lembrar de um tempo passado em determinado local. Tanto a noção de tempo quanto espaço são movediças no reino das recordações, mas necessitam de um ponto, um momento, que ativa o processo de lembrar e o atualiza, no presente de quem lembra. Este ponto, momento, tem relação com uma geografia emocional que interconecta lembrança a lugares, experiências experimentadas concretamente e guardadas afetivamente na memória.

¹Exercício poético criado, tendo por referência impressões e dados vivenciados durante a pesquisa empírica e inspirado pelo desenho ao fundo produzido pelo neto Vicente de 10 anos.

É sobre a relação entre lugares afetivos e memórias que este trabalho se assenta, para refletir acerca dos processos de imaginar e tem como base material as geografias afetivas de uma família de emigrantes nordestinos residentes em Roraima. As memórias do lugar de onde vieram eles e do percurso concreto e emocional que vêm desenvolvendo desde esta origem encaminham as trajetórias do imaginar deste trabalho, cujas geografias perpassam o Piauí onde nasceu D. Maria², a avó desta pesquisa, o Maranhão onde D. Maria conheceu e se casou com S. Justino, natural daquele estado e avô deste trabalho e Roraima para onde a família migrou. Cada rememorar, por mais aterrado no presente, que incita a recordação, está enraizado nas memórias originais, nas primeiras impressões que os órgãos dos sentidos permitiram à criança, nos primeiros cuidados com que foram recebidos os pequenos seres. Psicólogos e médicos identificam as primeiras fixações da memória, a partir dos três anos de idade.³ É aí que o amálgama de vivências pelas quais vem passando a criança, desde sua concepção, vai tomando forma e sendo identificado, para se tornar material de composições imaginárias de meninas e meninos, suas lembranças. Nomear, compor e recompor experiências sensoriais, afetivas e de significado, qualificam nossa linguagem e nossa humanidade, como um jogo de recriação e recomposições simbólicas.

Tocada pela importância do potencial criativo venho buscando correlacionar a observação da vida humana em meio a sua formação simbólica, desde a época da Graduação em Artes Plásticas realizada na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Nesta instituição apresentei em 2002 o Trabalho de Conclusão de Curso, com o título “Cerâmica um estudo de caso em Pirenópolis/GO”, no qual, em uma pesquisa de cunho etnográfico descrevi as relações entre o fazer cerâmico pirenopolino, que sintetiza referências de técnicas indígenas, africanas e europeias, e a história de vida de uma ceramista tradicional da cidade.

No ano em que me formei, 2003, me mudei definitivamente do litoral de Santa Catarina, para o bioma cerrado. Sensibilizada pela escuta e observação dos fazeres populares e ancestrais incitados à época da pesquisa de campo da graduação, Pirenópolis foi campo fértil para experimentar, durante oito anos, vivências concretas com pessoas que cultivavam saberes tradicionais. De um primeiro momento trabalhando em um projeto de agricultura familiar e com o olhar voltado para as práticas artesanais da cidade, me inseri no Ponto de

² Os nomes dos participantes da pesquisa foram substituídos para preservar sua identidade conforme prescrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE assinado pelos participantes indicado pelo Comitê de Ética via Plataforma Brasil e vinculado à Universidade Federal do Amazonas, que regulamentou a pesquisa no processo de número CAAE 50529615.9.0000.5020. Os nomes apresentados para substituição foram escolhidos pelos próprios participantes ao longo dos encontros com a família, durante a pesquisa de campo.

³ Afirmação embasada nos estudos de psicólogos do desenvolvimento e na revisão teórica realizada por LUZES, Eleanor Madruga, 2007.

Cultura⁴ Guaimbê – Espaço e Movimento CriAtivo, que realiza um trabalho de empoderamento social por meio da Pedagogia do Quintal, na qual Vivências Educativas⁵ acontecem embasadas nas histórias de vida e conhecimentos tradicionais das Guerreiras do Bonfim, cinco senhoras moradoras do Bairro do Bonfim, periferia de Pirenópolis e do S. Bastião de Chica, o morador mais antigo da cidade. Diante das experiências destes seis conhecedores de causos, rezas, histórias, fazeres, saberes relacionados ao cerrado e à experiência humana neste bioma, outros tantos Mestres da cultura popular partilhavam e partilham seus conhecimentos em rodas de prosa, de produção, de movimento, de brincadeiras, ritos populares e vivências criativas. Do que sabem os mais velhos e descobriram pela convivência na Guaimbê ser um tesouro valioso, contribuem para a formação⁶ das gerações mais jovens, que compõe o coletivo frequentador da sede da instituição em Goiás e pelas andanças que o grupo tem feito pelo Brasil.

Concomitante a esta experiência como educadora comunitária, fui convidada para trabalhar com arte em uma creche filantrópica, com três sedes no estado de Goiás. Iniciada minha atuação como professora de artes assumi na sequência também, a coordenação pedagógica da instituição. A importância das dimensões sensível e criativa para as aprendizagens da criança se tornou a questão motivadora de minha jornada profissional e o principal problema das investigações teóricas que se seguiram.

Com intuito de aprofundar teoricamente minha prática pedagógica com as crianças com quem atuava, cursei em 2005 a Especialização em Educação Infantil na Universidade Estadual de Goiás - UEG. Como trabalho final apresentei o artigo intitulado “Percepção, memória e arte na constituição das aprendizagens e no desenvolvimento infantil”, em que concretizei uma revisão teórica do caminho de especialização das funções psicológicas, para a

⁴ “Entidade cultural, ou coletivo cultural certificado pelo Ministério da Cultura”. (BRASIL. MINC, 2016) Os Pontos de Cultura costumam ser também uma Organização-não-Governamental (ONG), como no caso da Guaimbê, ou uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

⁵ A Vivência Educativa é a prática pedagógica experimentada no Quintal da Aldeia, sede da Guaimbê em Pirenópolis, Goiás. É um processo de educação coletivo composto de momentos de sensibilização por meio da experimentação de brincadeiras, momentos de pesquisa de movimentos, de temas propostos, de integração de histórias e saberes e momentos de registros do processo vivenciado em suportes variados tais como o plástico-expressivo, as histórias, o audiovisual, performances, etc. As histórias-criações, de onde partem as vivências e se tornam o produto de todo o processo, são reinventadas infinitamente e o conhecimento experimentado ao longo das ações é apropriado coletiva e criativamente. (PREGONOLATTO, Darafina. 2008; 2016)

⁶ Apesar das ressalvas feitas ao termo formação, inclusive por Edgar Morin, uma referência deste trabalho, resolvo assumir sua similitude com os processos de ensino, pois nesta pesquisa que flerta com os domínios da criação, formação tem sentido plástico. É termo que identifica a generalidade do educar para um ser que se transforma ao passar pelos processos educativos de formação. É ação de criar, compor, decompor formas em si e no outro, em meio a processos. Transformar, elaborar formas, reformular a cada nova aprendizagem, novas formas de ser e de aprender. Formação entendida como transformação do ser em processo de aprendizagem.

formação afetiva e cognitiva da criança, com base no referencial histórico-cultural de Vygotsky e colaboradores.

Em continuação a este trabalho segui o mergulho na teoria sócio-histórica, no curso de Mestrado em Educação realizado na Universidade Federal de Goiás – UFG, em 2006, com a investigação das relações entre o desenvolvimento das funções psicológicas, o ato criativo e a linguagem visual tendo como campo empírico um grupo de crianças de 3 e 4 anos de idade, que resultou na dissertação intitulada “O lugar do ato criativo na aprendizagem da criança”, defendida em 2008.

Tal percurso investigativo se ampliou com minha mudança para Roraima em 2010, onde assumi o cargo de professora efetiva do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima - UFRR e com a atuação como pesquisadora e coordenadora da Linha de Pesquisa Produção Cultural da Criança, no Núcleo de Pesquisa Criança, Educação e Arte - CrEAR/UFRR. Ali desenvolvi o projeto *A formação cultural dos sujeitos da Educação Infantil*, onde foi possível experimentar, no âmbito da escola, a metodologia da Vivência Educativa desenvolvida na Guaimbê. Esta experiência gerou dados relativos: aos conteúdos desenvolvidos na Educação Infantil, que tendem a estar centrados na pré-alfabetização das letras, reconhecimento dos números, das cores e formas geométricas básicas; ao papel da criação na prática pedagógica do professor e nas experiências propostas às crianças; à importância do protagonismo criativo das professoras que participaram, pesquisaram e criaram, junto ao projeto formando um coletivo atuante na pesquisa; à necessidade de propostas didáticas que possibilitem às crianças se expressarem de maneira diversa e não apenas reproduzir o que recebem; à importância da participação do coletivo afetivo das crianças, dos pais, mães, avós, cuidadores, etc., nas atividades que realizam.

Com o projeto *A formação cultural dos sujeitos da Educação Infantil*, se chegou dentre outras conclusões, ao entendimento de que as crianças cujos pais/mães/responsáveis se fizeram presentes durante o tempo de pesquisa, brincando junto, tiveram um avanço significativo no desenvolvimento das linguagens oral, gestual, plástica-expressiva. Dentre as consequências deste trabalho, se tornou premente a necessidade da reflexão acerca da complexidade de socializações que envolvem a formação da criança e que não costumam fazer parte do cotidiano escolar dela, bem como o papel da formação simbólica e afetiva, para as aprendizagens na infância.

A partir dos anos de trabalho na educação, envolvendo o ensino comunitário, a prática educativa em creche, cursos de formação de professores realizados em cidades de Goiás, do Amazonas e de Roraima, e pela atuação como professora e pesquisadora em curso de

Licenciatura, compreendo que a educação da criança é mais abrangente que o foco na pré-alfabetização. As experiências afetivas e simbólicas, que se experimentam em processos de coeducação entre gerações, caracterizam-se como momento propício para um desenvolvimento mais integral e, portanto, mais complexo e abrangente. Isso requer um olhar mais amplo para o papel da formação humana como um todo, com vistas a contribuir com as reflexões referentes aos objetivos pretendidos e com as propostas pedagógicas direcionadas à criança no ensino formal.

O caminho profissional foi concomitante com mudanças de localidades e regiões dentro da diversidade geográfica brasileira, caracterizando um caminho de migração pessoal motivado pela experimentação e vivência em diferentes realidades de Sul a Norte do Brasil. A ida para o norte foi motivada por uma paixão espacial imagética diante da abundância de cor, sol, luz, formas, frutos, imagens, mitos... que povoam a existência amazônica e que tive a felicidade de ter acesso à época da realização de Cursos do Formação Continuada de Professor realizados pelo Centro de Formação Continuada, desenvolvimento de Tecnologia e Prestação de Serviços para a Rede Pública de Ensino – CEFORT/UFAM, dos quais fui convidada a participar. Nesta época, já experimentada em imaginários diversos, desde os do sul do Brasil, lá onde se brinca o boi de mamão, a ratoeira, o pau-de-fita⁷ e se encanta com o simbolismo da Ilha de Nossa Senhora do Desterro, onde nasci, até os causos entre os sobe e desce das serras do Planalto Central, que reúnem a delicadeza e a força, para lidar com os desafios de uma realidade de cristal bruto, que compõe a materialidade do solo, do relevo, da geografia e das relações humanas no interior goiano, a ideia de me deixar levar pelo fluir das águas abundantes do norte brasileiro me levou a realizar o concurso para a UFRR.

Partilho os caminhos migrantes pessoais motivados pela curiosidade dos processos criativos e imaginários, visando à investigação de imagens que movimentam a criação, em meio ao campo da formação humana. Processos que coadunam com um fluxo de vida que me possibilitou experimentar referenciais simbólicos tão distintos, quando se compara as regiões Sul, Centro Oeste e Norte do Brasil. Embora à época da escolha dos participantes da pesquisa empírica, as questões de migração não fossem foco de atenção, mas sim a convivência entre avós e netos, conforme explicado adiante no capítulo sobre metodologia, o tema da migração se apresentou em evidência ao longo da lida com o material de campo e se revelou como categoria fundamental para a interpretação dos processos de imaginar, de uma família de

⁷ Brincadeiras populares de origem açoriana fazem parte do ritos simbólicos especialmente de Florianópolis e da região litorânea de Santa Catarina e sul do país.

emigrantes nordestinos residentes em Boa Vista/RR, que compõe o coletivo participante da pesquisa.

No momento de escrita e sistematização dos dados, o percurso migrante pessoal parece reverberar uma escolha inconsciente, que qualificou a motivação para refletir acerca das migrações, que experimentou a família de D. Maria e S. Justino. As migrações geográficas, afetivas e simbólicas, compõem as trajetórias do imaginar, o objeto deste trabalho, cujo objetivo geral é compreender a pertinência das relações intergeracionais, para o desenvolvimento da imaginação da criança e refletir acerca do conjunto de memórias, que se tornaram perceptíveis através das narrativas de causos e histórias em suas vidas. Pela investigação de memórias diversas, dos distintos representantes da família, coletadas por meio da escuta e partilha de narrativas orais e registros visuais dos avós, mães, pais e crianças, objetivou-se especificamente elaborar um desenho teórico das dimensões culturais, sociais, afetivas e cognitivas, que envolvem o imaginar da criança, da família de D. Maria e S. Justino. E as reflexões acerca do desenvolvimento da imaginação em contexto de educação familiar objetivam também levantamento de dados para um diálogo com as práticas educativas no espaço escolar.

Diversas são as trajetórias do imaginar, como diversas são as movimentações de imagens e sentidos armazenadas em função de experiências relacionadas a tempos, espaços e sentimentos específicos. O movimento poético do imaginar, a poíesis de produção e recomposição de imagens internas – mnemônicas, caminha de mãos dadas com as peripécias de um ser em meio a lugares, situações, percepções, as mais diversas. Segundo o referencial histórico-cultural, as aprendizagens se evidenciam pelas interações com e na realidade, onde mediações entre o estímulo que o meio propõe e a resposta que o indivíduo processa, encaminham a internalizações mentais. Tal percurso caracteriza o desenvolvimento humano como uma experiência coletiva, na qual é necessário um encontro com *um outro*, que propõe e gera significações e entendimentos a serem apropriados pelo sujeito.

Dentre as tantas possibilidades e contextos de mediação voltaremos nosso olhar, neste projeto, para o contexto de relações interpessoais, mais especificamente para o processo de coeducação entre velhos e crianças, que se materializa pela e na partilha de narrativas. A vivência da oralidade, que evidencia o encontro com o outro e que intersecciona exercício de escuta à atividade imaginária, propõe por meio da socialização, uma prática criativa de produção de sentidos e significação. Transformar o natural em signo, ou seja, se apropriar conceitualmente das aprendizagens que a realidade concreta propicia, assim como

compreender os significados da cultura é processo longo, cujo alcance, na infância, se inicia pelo instrumental da imaginação.⁸

Realizo uma breve revisão dos processos de especialização das funções psicológicas segundo referencial sócio histórico e sua relação com práticas sociais de narração, para introduzir as reflexões acerca da mediação, aprofundadas ao longo do trabalho. Os processos de significação que caracterizam a humanidade são inerentes à capacidade plástica do cérebro de guardar as impressões advindas de experiências com os mais diversos órgãos dos sentidos. Os entendimentos são processados a partir da organização de referências adquiridas ao longo da vida e da própria especialização da função mnemônica, que parte da gravação direta dos acontecimentos – memória eidética, para composições de lembranças, sentidos e entendimentos, cada vez mais complexos, que caracterizam uma memória mediada.⁹ De um primeiro momento na sociabilidade infantil caracterizado por uma percepção generalizada, a criança, aos poucos, vai se diferenciando em relação ao espaço social e aos sujeitos que o compõe. Da observação direta das vivências, a função psicológica da percepção tende a fixar momentos e encaminhar à estruturação das experiências mais significativas para os sujeitos. Essa quantidade de visualidades e experiências significantes, resultantes do ato perceptivo, compõe a lembrança e esta disponibiliza um conjunto de representações mentais, que caracterizam a memória humana na primeira infância, servindo de substrato para o processo de abstração e cognição característico do desenvolvimento do sentir e do pensar.¹⁰

As primeiras memórias infantis são aquelas vinculadas ao registro das emoções – memória natural, ligada às percepções primárias relativas às necessidades fisiológicas. A plasticidade da memória vai acolhendo e registrando as sensações que marcam a vivência emocional da criança nesse momento. Com o refinamento da visão, caracterizado pelo desenvolvimento do globo ocular e conseqüente acuidade visual, possível pela diversidade da percepção espacial, que o domínio do corpo vai proporcionando, a criança passa a perceber um mundo de visualidades, cores, formas, dimensões e imagens¹¹. São aquelas imagens que, de alguma forma, se tornam significantes à criança, seja por se vincularem à memória emocional e afetiva, ou, ainda, por fazerem parte de seu contexto, terem cores e/ou movimentos que lhe agradam, que permite a meninas e meninos formarem um conjunto de memórias visuais. A denominada memória eidética é comumente associada à memória fotográfica, capacidade de reproduzir visualmente um objeto ou figura, imediatamente após

⁸ Tais apontamentos estão embasados especialmente nos trabalhos de VYGOTSKY, Lev. S. 1999; 2009.

⁹ idem; LURIA, Alexander & VYGOTSKY, Lev. S. 1996.

¹⁰ op. cit.

¹¹ PREGNOLATTO, Daráina. 2004; 2008; 20016

vê-los. São as imagens gravadas por esta memória, que funcionarão como instrumento de significação, matéria-prima para o desenvolvimento e domínio sobre a percepção e a memória.¹²

Para Vygotsky¹³, o pensamento da criança no primeiro setênio de vida é, primordialmente, visual. Ela lembra para pensar, ou seja, seu pensamento está vinculado à força das imagens gravadas em sua mente, resultantes das interações com o mundo. Estas imagens serão contrapostas com as constantes e novas percepções da realidade, conduzindo a um jogo de memória que culminará com o domínio – apropriação abstrata, de um entendimento do mundo. Já não só visualidade pura (do real externo), tampouco lembrança fotográfica, a memória, em/no desenvolvimento humano, vai mediando e sendo mediada pelas interações com a realidade propiciando a formação de conceitos, na medida em que às lembranças são adicionadas novas percepções, o desenvolvimento da fala e as produções simbólicas.¹⁴

O cérebro humano é capaz de reproduzir experiências anteriores, por meio da atividade da memória, mas também por meio dela possui a capacidade de *combinar*, *transformar* e *criar* coisas novas. Da articulação entre as capacidades cerebrais relacionadas à função mnemônica resultaria a ação imaginária. Instrumental psíquico ativado por meio da criatividade – capacidade de criar, a imaginação é possibilidade de evocar ou produzir imagens independentemente da presença do objeto a que se refere. E para além dos vínculos com o devaneio, a imaginação só ocorre a partir de referências da realidade, sejam elas experiência pessoal, social ou emocional. A capacidade de transformar, objetos, pensamentos, emoção, etc., tudo o que nos rodeia e o que ainda nem conhecemos, está intimamente ligada com a permissão à imaginação.¹⁵

Para Vygotsky,¹⁶ o caminho de desenvolvimento da inteligência perpassa uma trilha de complexidade da função psicológica da memória, em que o jogo entre fantasia (ato de imaginar para o autor) e lembrança é essencial. A imaginação é faculdade vital para o desenvolvimento das funções psicológicas humanas, especialmente a mnemônica. É por meio da atividade imaginativa que a memória imediata – natural e eidética, pode se desenvolver em memória mediada – sígnica e abstrata, sendo este o caminho do desenvolvimento psíquico e

¹² LURIA, Alexander. & VYGOTSKY, Lev. S. 1996.

¹³ idem; VYGOTSKY, Lev. S.; 1999.

¹⁴ idem.

¹⁵ VYGOTSKY, Lev. S. 2009.

¹⁶ ibidem, 1999.

da apropriação conceitual.¹⁷ A teoria de Vygotsky¹⁸ nos diz que a imaginação é proporcional às experiências dos sujeitos. Para este autor as crianças apresentam capacidade imaginativa menos desenvolvida que as pessoas mais velhas, pois seu arcabouço de experiências ainda é diminuto.

Aos processos de aprendizagem da criança envolvendo desenvolvimento da memória, da fala e produção simbólica, soma-se o jogo de memória dos velhos que articula lembrança, história e coletividade. Para tratar de tal relação incluo o conceito de memória coletiva desenvolvido por Halbwachs.¹⁹ O exercício de memória coletiva, que se evidencia nas práticas de rememoração dos mais velhos, intercala o reconhecimento de histórias vividas à reconstrução de histórias narradas. Mesmo que (re)inventadas e/ou (trans)formadas, o objeto da narração é a realidade social. A capacidade de lembrar depende de um grupo, de uma escuta, e o diálogo entre velho e criança reforça e tempera os propósitos de narração.

Ao longo do trabalho, as reflexões acerca de narração perpassam o entendimento de Benjamin²⁰ para quem narração é transmissão. A comunicação narrativa, objeto do diálogo entre velhos e crianças, estrutura as categorias de tempo e espaço, que ultrapassam a realidade concreta, pelo exercício do imaginário. Para este autor, a organização social comunitária centrada no fazer, característica presente em comunidades tradicionais, pressupõe o que ele chama de narração espontânea e a existência da experiência enquanto dimensão de abertura, de um movimento de *poiésis* – de criação e recriação do vivenciado em conhecimento. De maneira sucinta aqui e melhor desenvolvido ao longo do trabalho, o conceito de experiência para Benjamin seria o reelaborar das vivências – estímulo à criação. Assim a prática narrativa se realiza não só como exercício discursivo, mas como exercício de imaginação criativa, onde a oralidade se torna importante elemento de mediação, a demonstrar e processar conexões cognitivas estruturadas nas narrativas.

A oralidade interliga o exercício de criação ao de significação da realidade e tais processos referentes à linguagem, se evidenciam pelos meandros da fala de sujeitos, que se (re)conhecem pela e na escuta, visão, partilha com um outro. Coaduna com a reflexão que se propõe, a ideia de diálogo para Bakhtin²¹ enquanto encontro com o outro, que pressupõe uma interação, para a compreensão e realça o papel da alteridade, para e na constituição do sujeito. A entonação é para Bakhtin processo criativo que recria a palavra com o colorido da

¹⁷ LURIA, Alexander. & VYGOTSKY, Lev. S. 1996.

¹⁸ VYGOTSKY, Lev. S. 1999; 2009.

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. 1990.

²⁰ BENJAMIN, Walter. 1994.

²¹ BAKHTIN, Mikhail. 2010; 2014.

valoração. A palavra é material que se torna forma – obra, quando permite vislumbrar o conteúdo, ou seja, a valoração que a entonação sintetiza. Diz o autor que, “a palavra é o esqueleto que se enche de carne viva somente no processo de percepção criativa e, por consequência, somente no processo de comunicação social ativa.”²² Neste sentido, a palavra é viva quando enunciada, quando participante do processo comunicativo, que por si mesmo é social e criativo. Novamente a comunicação se torna mais abrangente que a relação exclusiva entre emissor e receptor e a dialogia se estabelece. Por dialogia Bakhtin entende o processo social de constituição da linguagem, onde o outro não é apenas receptor, mas uma imagem externa e ativa, um olhar diverso para as assertivas de enunciação do emissor. Uma representação a compor um terceiro – a *exotopia*,²³ na relação de mediação que se estabelece entre emissor e receptor e que movimenta o exercício da enunciação, na medida em que agrega à subjetividade de *quem fala*, a imagem subjetiva do para *quem fala*. Não são apenas palavras e/ou pessoas em diálogo, mas contextos múltiplos, representações ideológicas, constituintes de indivíduos em interação mediativa.

Salienta-se ainda que o encontro dialógico é processo ativo que encaminha, nas palavras de Bakhtin, ao *pensamento participante*, resultante da *escuta que fala*, ou seja, do ouvir que recria o que ouve com atenção e interesse e ao escutar, transforma.²⁴ Reafirma-se assim o processo de enunciação como mediação, pois “a entonação sempre se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito”²⁵ em uma zona de encontro-diálogo proximal, fazendo uso de um jogo de palavras em alusão ao conceito de ZDP de Vygotsky²⁶. Desse modo a vivência de narrativas propõe encontros variados entre sujeitos, memórias – imagens e representações, a se movimentarem em um constante propósito de (trans)formação de significados e aprendizagens simbólicas.

A breve revisão teórica subsidia a intenção teórica das reflexões que seguirão ao longo do trabalho, tendo por caminho de realização, a articulação entre os processos de mediação e significação provenientes do discurso oral e as dimensões da realidade referentes ao contexto afetivo, temporal e espacial, vivenciados pela família de D. Maria e S. Justino. Tal diálogo entre teoria e prática é proposto a partir das categorias de *afeto*, *passado* e *migração*, que o campo apresentou e que encaminha o desenvolvimento deste relato de tese.

²² ibidem, 2011, p.170.

²³ idem; 2014.

²⁴ BAKHTIN, Mikhail. 2010.

²⁵ ibdem; 2011, p.160.

²⁶ VYGOTSKY, Lev. S. 1999.

As trajetórias do imaginar são trajetórias poéticas, um ir e vir, movimento constante pelo arcabouço de imagens mnemônicas resultantes de afecções, afetos, passado convertido em experiência, por rotas migratórias de vida. Esta frase contém a síntese da pesquisa, o novo, que será desfiado ao longo do trabalho de escrita. Tecer uma poética da estrutura migratória da família de D. Maria e S. Justino, que serve de base para conseguir visualizar o arcabouço simbólico deste coletivo, é meu desafio de escrita. Proponho realizá-lo pelo diálogo entre dados do campo e a teoria concernente aos conceitos que o próprio campo fez emergir, tendo como fio condutor o estudo da migração enquanto movimento de afetos, articulado entre lugar interno – afetivo – mnemônico e externo – geográfico – social – dialógico.

O estudo de migração se dará pela relação com a topofilia de Tuan²⁷, pelo conceito de amor ao lugar, enquanto experiência geográfica, concreta, incluída de afeto. Para pensar as experiências simbólicas humanas, acompanha-se as experiências vividas por D. Maria e S. Justino desde suas localidades de origem, onde nasceram e de onde vieram a constituir a família que reside, convive e experimenta reconstruções mnemônicas em Boa Vista, Roraima. O conceito de topofilia de Tuan²⁸ integra diversas dimensões de experiências com o lugar, tais como as percepções que a pessoa experimenta na vivência localizada; as atitudes contextualmente realizadas; as visões de mundo com que se experimentam os lugares e as perspectivas impessoais objetivas que filtram as percepções pessoais. Lugar nesta teoria é sinônimo de lar (simbólico); locus de reminiscências; meio de se ganhar a vida; experiência material e simbólica processada entre afecções e sentidos, entre mediação com a realidade e a elaboração afetiva mnemônica, cognitiva.

Os espaços diversos onde viveram D. Maria e S. Justino lhes permitiram criar memórias, experiências de vida, que nutrem seus desejos e vivências em Boa Vista e alimentam o simbolismo do coletivo familiar. A experiência com o lugar, fruto de percepções e afetos pessoais, envolve influências sociais e particulares e transforma o espaço e as relações ali vivenciadas segundo a perspectiva experiencial²⁹. Lugar é processo, bem como o que se vive no espaço é processual. Tal base conceitual processual se movimenta em diálogo com as bases teóricas apresentadas anteriormente. Assim, a psicologia sócio histórica de Vygotsky³⁰, que propõe uma *compreensão circular da atividade criativa simbólica*, conversa

²⁷ TUAN, Yi-Fu. 1980; 1983.

²⁸ TUAN, Yi-Fu. 1980.

²⁹ idem. 1983.

³⁰ VYGOTSKY, Lev. S. 2009.

com a circularidade dos conceitos de *reconhecimento* e *reconstrução* em Halbwachs³¹ e com o conceito de *experiência* em Benjamin³². Estas circularidades conceituais ganham complexidade, ao longo da reflexão proposta, com a integração ao discurso de imagens circulares como o oroboros e o agregar do conceito de *imaginação material* de Bachelard³³, no qual elementos poéticos são somados aos dados da pesquisa empírica, para provocar uma movimentação de imagens, em prol de uma movimentação teórica. A relação entre devaneio e realidade proposta por Bachelard inspira e encaminha as reflexões deste trabalho e a permissão para se deixar tocar pelo convívio e memórias da família qualificando o momento da escrita do relatório de tese como um terceiro trabalho, de reunião dos dados, recomposição das fontes e vestígios anteriores em nova forma. É assim que pela base material da migração, definida aqui como movimentação por lugares diversos, se interligam teorias que evidenciam o movimento, a investigação pelo processo.

Como são vários os autores aqui tratados recorro a demonstrar a relação entre eles que se evidenciou pertinente ao desenvolver as compreensões do material empírico. Parto de Tuan e seu referencial de lugar para com ele visualizar os diálogos teóricos aqui propostos. Tuan dialoga com Vygotsky em relação ao entendimento de que o dado concreto é conhecido pela dimensão simbólica. “Os pequenos mundos da experiência direta são bordejados por áreas muito mais amplas conhecidas indiretamente através de meios simbólicos”.³⁴ Tuan faz referência direta a Benjamin em seu trabalho, no que concerne ao entendimento de experiência enquanto *erfahren*, vivência em profundidade com o espaço e tempo, conceitos estes dependentes da percepção de quem interage com eles. É por meio da experiência com o espaço, que a localidade se torna lugar, na compreensão de Tuan. E é pela prática da narração, segundo versa Benjamin, que as reflexões acerca do passado são elaboradas em experiências e contribuem para o esclarecimento do presente.

Tuan também dialoga com a referência biológica “A terra é o corpo humano em grande escala”³⁵ caracterizando um olhar sistêmico e o interesse por uma pesquisa que tenha relação com a vida e com espaços outros além do materialmente localizado.

O espaço mítico é um constructo intelectual. Pode ser muito mais sofisticado. O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais. Difere dos espaços concebidos

³¹ HALBWHACS, Maurice. 1990.

³² BENJAMIN, Walter. 1994.

³³ BACHELARD, Gaston. 1993; 1994; 2001; 2002.

³⁴ TUAN, Yi-Fu. 1983, p.99.

³⁵ idem. p. 101.

pragmática e cientificamente no sentido que ignora a lógica da exclusão e da contradição [...] A parte pode ser essencial para o funcionamento do todo, mas a parte não é o todo em miniatura e em essência. No pensamento mítico a parte pode simbolizar o todo e ter toda a sua potência.³⁶

Desse modo Tuan dialoga com os operadores da complexidade elencados por Morin³⁷, quais sejam: hologramático, recursivo e dialógico, que encaminham a base metodológica deste trabalho descrita no capítulo II. Ainda com Bakhtin e Halbwachs, Tuan dialoga ao afirmar: “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.”³⁸ Lugar é fenômeno social, existe a partir da interação humana. Se faz necessário nomear o lugar, reconhecê-lo e interagir com ele, reconstruí-lo internamente, significá-lo. A perspectiva da topofilia para Tuan propõe um diálogo com o lugar. O espaço funciona como uma imagem, algo externo que incita ao espelhamento de quem com ele interage. Neste sentido se amplia a ideia de lugar, uma passagem, um abraço, um copo, um afeto, podem se tornar lugares de experiência, exercício dialógico.

O próprio relato de tese se constrói na ideia do diálogo, de encontro e transformação dos sentidos, através da convergência da pesquisa empírica e teórica segundo um movimento recursivo de especificação e generalização dos apontamentos. Este contato inicial com os conceitos será aprofundado ao longo do trabalho e aos autores principais somam-se Bohm³⁹ e Freire, para embasar questões acerca do diálogo. Peirce, representado nos trabalhos de Santaella⁴⁰ e Vieira,⁴¹ para embasar o conceito de mediação. E Ostrower⁴² e Pessanha,⁴³ nas reflexões acerca de imaginação e emoção.

Dos diversos momentos do trabalho de campo delimitados pelos registros, sistematização e interpretação dos dados surgiram as categorias de *afeto*, *passado* e *migração*. Os autores-conceitos elencados se pretende que sejam colaboradores dos aprofundamentos e ampliação das categorias surgidas em campo, que encaminham o desenho das dimensões sociais, culturais, afetivas e simbólicas, que compõem os processos de imaginar, objeto do trabalho aqui desenvolvido. E como a proposta é dialogar para compreender a imaginação, trago a fala dos próprios participantes da pesquisa, pela transcrição dos áudios, interseccionando aprofundamentos teóricos e algumas permissões a devaneios.

³⁶ idem. p.112.

³⁷ MORIN, Edgar. 2005; 2014; 2015.

³⁸ op. cit. p. 151.

³⁹ BOHM, David. 2005; 2011.

⁴⁰ SANTAELLA, Lúcia. 1993.

⁴¹ VIEIRA, Jorge de Albuquerque; SANTAELLA, Lúcia. 2006; 2008.

⁴² OSTROWER, Fayga. 1987.

⁴³ PESSANHA, José Américo Motta. 1993.

Conforme sugerido pela Banca do Exame de Qualificação, inicio o trabalho pela descrição do contexto empírico apresentado na primeira Sessão **Movimentando Trajetórias**. Peço licença a esta Banca e aos possíveis leitores deste trabalho, para iniciar pela transcrição este relato de tese e partilhar com vocês, ao longo do desenrolar das ideias, quantidade significativa de material transcrito. Este encaminhamento se faz necessário primeiramente pela intenção de trazer a voz dos participantes da pesquisa, para apresentarem a si mesmos e dar ideia do contexto em que as falas foram registradas. O volume de transcrição se justifica também pela grande quantidade de material transcrito, mais de quinhentas páginas, cujo recorte apresentado aqui corresponde a um terço do total de dados. A proposição de criar um diálogo para refletir sobre o imaginar reverbera o próprio diálogo de imagens, que caracteriza a imaginação. E possibilitar que a história seja contada por seus protagonistas é desafio cognitivo e imaginário, de interseccionar vozes diversas para conseguir realizar um diálogo teórico.

Além da licença para socializar um volume considerável de transcrições, peço permissão para apresentar uma estrutura de texto, com uma harmonia de paginação diferente do padrão convencional ficando a primeira e terceira sessão, onde as vozes da família se fizeram necessárias, com um somatório por volta de 55 páginas e a segunda e quarta sessão, que tratam das sínteses metodológicas e teóricas, em torno de 25 páginas. Estas solicitações de gentileza e abertura para um formato não convencional evidenciam uma tentativa de apresentar um trabalho que vem sendo burilado no próprio processo de sua elaboração. Como manifestei publicamente a dificuldade em tratar da metodologia, dedico a segunda Sessão, **Caminho para o Interior**, para desenvolver compreensões acerca dos processos metodológicos, que percebi vivenciando, quando aceitei que pode haver uma construção intelectual a posteriori. Melhor dizendo, quando se aceita a vivência do processo e se pensa sobre ele a posteriori, se refina o exame teórico. Nesta proposição, o caminho metodológico se compreende criativo, incita à criação de uma imagem-forma, que dá sentido aos vários caminhos experimentados ao longo do processo. Assim, o caminho para o interior fala sobre a metodologia de movimento e circularidade, sobre um processo de pesquisa vivo, que se auto organizou durante o próprio processo.

A terceira Sessão **Migrações Familiares** trata das categorias empíricas em relação às reflexões sobre migração. No tópico **Afetos em movimento**, com as vozes da família dialoga o conceito de *topofilia* e as relações entre *emoção* e *realidade*. Desenvolvo a categoria *passado* enquanto **Mediação da memória** no segundo tópico, onde se discute os caminhos de *especialização da memória*, interagindo com os conceitos de *reconhecimento*, *reconstrução*

e *experiência*. A sessão finaliza com o tópico **Imagens em migrações** no qual os desenhos mnemônicos representados nos mapas mentais de alguns familiares dialogam com *histórias reais* e histórias de encantados, caracterizando movimentações e recomposições de sentidos diversos, dando concretude ao *circuito da criação* proposto por Vygotsky descrito neste tópico.

Do exercício de compor as falas do campo, os conceitos e as categorias, se encaminha à quarta Sessão **O Coração do Imaginar**, que abarca o aprofundamento das reflexões anteriores salientando a importância dos retornos. **A volta para o interior**, primeiro tópico, indica os retornos para dentro de si mesmo. Para as imagens íntimas, oníricas e irreais, que permitem visualizar **A efetivação do oroboros**, o encontro de gerações distintas e a riqueza simbólica que brota daí, conforme se pôde apresentar neste segundo tópico e que encaminha ao **Coração do imaginar**. O último tópico da sessão faz referência à reflexão das imagens em movimento, que aqui se apresentam como tempo, ritmo, que faz pulsar os conceitos de experiência e afeto em meio ao encontro intergeracional predispondo um desenho para as trajetórias do imaginar. **O Arremate**, a última Sessão deste texto, é a finalização da escrita, com os apontamentos acerca da imaginação, as conclusões da pesquisa e a abertura para novos interesses advindos do trabalho; elenca caminhos para outros diálogos, que aqui se iniciam.

1 - MOVIMENTANDO TRAJETÓRIAS

Da primeira vez que eu te vi,
 O meu coração se alegrou
 No teu semblante morena,
 O teu olhar matador⁴⁴

Na toada coexistem a representação da alegria e o aviso da morte. O encontro com a família foi encanto, medo e confusão. Encanto e alegria em encontrar uma família que apresentava o contexto intergeracional vivo, avós convivendo com os netos cotidianamente e em intensidade. Medo e confusão, porque uma imensidão de frentes de trabalho jorrava em profusão de vozes e imagens. Onde está a imaginação neste emaranhado de falas, imagens imiscuídas? Esta questão foi se desvelando quando permiti me entregar ao encantamento e acreditar na fluidez do processo descrito e repensado ao longo da escrita do trabalho.

Para conseguir processar e esclarecer as trajetórias do imaginar, necessária se faz neste momento a apresentação aos integrantes da família, que através de suas falas descritas nas transcrições em itálico ao longo do texto esclarecem os contextos geográficos, sociais, culturais e afetivos, que vivenciam. A voz dos participantes da pesquisa é articulada à imagem das pessoas, aos desenhos produzidos por eles, a cartazes de eventos dos quais participaram, o mapa e gráfico populacional, com o intuito de aclarar o lugar de onde se fala. Aceitar o convite de D. Maria é a deixa para acessar o interior das imagens familiares, seus causos e histórias de vida.

(Dona Maria): E vamos falar sobre o Piauí?

(Pesquisadora): Podemos!

(Dona Maria): A natureza do Piauí, as plantas, as águas. Sabe que lá é a terra da Caatinga do Brasão? Já ouviu falar em caatinga? Chama-se Caatinga do Brasão

(Pesquisadora): Caatinga é esta vegetação mais seca?

(Dona Maria): É um lugar agreste tem caça, muita fera, é um lugar deserto, é um deserto. Pra lá tem! Até eu ouvi falar um globo repórter que passou, que lá é o lugar que tem mais bicho, reserva de bicho ainda.

(Pesquisadora): E a sua cidade era pra lá?

(Dona Maria): É Pedro II bem pertinho do Brasão, pra lá. Porque lá também é terra de agreste pro Piauí, que nem aqui chama lavrado, lá chama agreste.

(Pesquisadora): O agreste a senhora acha parecido com o lavrado?

⁴⁴ Trecho de toada da brincadeira da bumba-meu-boi, que S. Justino costuma cantar deitado em sua rede.

(Dona Maria): É, ele tem os mesmos matos que tem aqui, aqueles matinhos. Tem aquelas árvores grandes. Porque aqui quase não tem aquelas árvores grandes, mas na mata tem, na mata tem o lavrado e tem a mata e tem os paus grandes e tem aquele lavrado, que a gente chama lavrado. No interior tem. Aí assim, lá onde eu morava era assim. Tem os pés de faveira, que é uma planta muito grande, ela brota no verão que tiver, ela brota! Tem o sombra de boi, tem muitas plantas assim. Aí tem aquele agreste que a gente chama, é o lugar onde só tem matinho pequeno, algumas árvores grandes, aqueles capinzinhos macios, que a gente quando anda nele não espinha, não tem espinho, o pelo dele é macio, a gente pode andar dentro dele. E é uma planta que quase não dá coceira, porque aqui é assim, a gente entra dentro de um capinal falta morrer de coceira, mas lá não, esse agreste é uma terra assim quase limpa é cheia de limpeza, mas tem aquelas árvores grandes tem muito mato. Aí, lá pra Caatinga do Brasão é assim. As aves, que é pássaro né, bicho muito bicho ainda existe pra lá, aqueles que estão em extinção, que a gente nem vê falar pra outro lugar, pra lá tem. Caatinga do Brasão! Então pra lá fica fazendo parte do Piauí, Ceará, Piauí, essa região praí. Eu morava quase na extrema do Ceará, perto de Picos, Serra Grande, terra do café, tudo quanto é bom, o alho, cebola, café, o abacate, tudo pra lá tem muito. Eu sei que no Maranhão o pessoal compra as coisas é de lá. É o alho, é o abacate. Eu trabalhei com venda lá no Maranhão, nós trabalhamos com comércio, aí vinha de lá [do Piauí] um rapaz com um caminhão cheio de abacate, melancia, alho, maçã, ele trazia tudo de lá, é de Picos, Piauí! Ceará, essa região lá é Ceará e Piauí.

Nascida em Pedro II, cidade do agreste piauiense, Dona Maria, *mulher dura* como gosta de se auto referir, se orgulha de ser trabalhadeira e atuante em seus 70 anos, completos no dia 9 de agosto de 2017.



Figura 1: D. Maria a caminho de apanhar caju.
Fonte: Acervo pesquisa

Filha de agricultores e de família de tecelões mudou, por vontade própria, da casa dos pais para a casa dos avós maternos, em sua meninice.

(Pesquisadora): E a senhora foi morar com a sua avó por que quis, ou por que sua mãe mandou?

(D. Maria): Era porque eu gostava. Ichi! Meu pai implorou pra eu não ir, faltava era chorar, minha irmã saía da casa da minha vó chorando pra eu voltar com ela, e eu não voltava, ficava só rindo dela chorar. Eu gostava demais [dos avós]! Ó eu era assim, quando meus avós, quando o pessoal lá da minha vó ia lá na minha casa [dos meus pais], porque a gente morava à distância de uma légua, eu ficava chorando pra ir, até quando eles me levavam. Aí me levava, eu ia alegre [aos avós]! Depois papai ia me buscar, eu vinha, mas quando eu chegava em casa, me dava uma tristeza, tinha hora que dava raiva, eu ficava assim, aquela tristeza, aquele negócio, num ficava alegre não. Aí quando aparecia outra [oportunidade], eu ia de novo, até que um dia eu fui pra um noivado lá, teve um casamento de uma tia minha, só ficou uma tia minha [solteira], as outras casaram tudo, aí me deu uma febre, eu não pude vir embora mais meu pai, porque disseram que eu estava com febre. Eu fiquei lá, quando eu fiquei boa, a minha vó me disse: “Oh Maria, estava bom de tu ficar aqui agora.” Porque eu já gostava de passar tempo pra lá. “Tá bom de tu ficar aqui agora morando mais nós, só tem a Onete”, que era o nome da minha tia. “Só tem a Onete agora, pra tu ajudar tua tia, dormir mais tua tia, ela vai ficar dormindo sozinha, aí fica bom que tu dorme aí mais ela no quarto”. O quarto era grande, eram das moças tudinho, já tinham casado porque eram muitas, parece que eram nove. Ou eram sete, ou eram nove filhas, que minha vó tinha, eram muitas. Aí já tinha casado tudo, só tinha essa. Aí [minha avó] disse que era pra eu ficar lá mais minha tia, aí eu fiquei. Quando meu pai voltou pra me buscar, pelejou pra me levar e eu não fui. Aí ele ficou por lá. Quando deu, parece uns dois anos, deu aquela seca lá no Piauí, aquela foi no Ceará e no Piauí, a seca de 58, nesse tempo eu estava com 11 anos, porque eu sou de 47, aí em 58 eu estava com onze anos. Estava com dois anos que eu morava lá, na casa do meu avô, aí meu pai veio embora pra cá pro Maranhão. Eu não quis vir, pelejaram pra eu vir, eu fiquei chorando quando meu pai saiu, porque eu amava demais meu pai, mas não me deu vontade de eu vir embora. Aí minha vó disse: “Minha filha, se você quiser ir embora”, porque eu fiquei chorando, “se você quiser ir embora eu lhe levo, mando lhe deixar lá no seu pai, pro seu pai lhe levar. Eu não quero que você fique aí arrependida depois fica chorando, me dando trabalho.” Eu digo, “não eu não vou não, estou chorando porque amo ele, mas eu vou ficar.” Aí eu fiquei. Aí depois eles [os pais] sempre iam passear lá [na casa dos avós no Piauí]. Depois passaram uns tempos sem ir lá. Aí me arroxou uma saudade, uma vontade de eu vir embora, aí eu vim, larguei os velhos [avós] lá [no Piauí] e vim embora [para o Maranhão]. Ichi, meu avô ficou ruim, que nem trabalhou mais de roça, botou mais roça não! No ano que eu saí de lá, ele deu a roça dele de metade, disse que não ia trabalhar mais de roça não, aí ele parou. Disse que só era eu que ajudava, que a velha dele era doentinha. Aí ela durou ainda parece que foi uns cinco anos e aí morreu. Aí depois meu avô ainda durou foi muito ainda, aí morreu também, eu nunca fui lá. Quando eu fui pra lá, estava com 43 anos que eu tinha saído de lá.

(Pesquisadora): Saiu de lá [do Piauí] pequena, com dezenove [anos de idade]?

(D. Maria): Sai de lá com dezenove pro Miarin [região do Rio Mearin no Maranhão onde os pais dela viviam]. Aí eu fui lá estava com 43 anos que eu tinha saído do Piauí. Aí quando eu fui passear no Maranhão, agora, depois que eu estava aqui em Boa Vista eu fui lá [no Piauí], é mais longe ainda [mas] deu de eu ir.

Enquanto os pais seguiram mudança para fugir da grande seca de 1958, D. Maria queria estar com os avós, ir para roça com o avô, com quem aprendeu o gosto pelas plantas e natureza. E explica em detalhes a quantidade de anos em que viveu com os pais e avós.

(Pesquisadora): A senhora morou com seus avós então?

(D. Maria): É eu morei nove anos com eles. Eu morei com meus pais, aí quando eu estava com nove anos eu fui me embora, morar com eles [com os avós]. Com dezoito anos eu fui me embora com meus pais de novo, larguei meus avós. Meu avô gostava de trabalho de roça, ele apanhava [colheita], ele botava o legume. Depois a gente ia apanhar o algodão, apanhar mamona, isso aí tudinho a gente fazia pra vender. Nós apanhávamos o algodão, vendíamos o algodão, depois guardávamos um bocado pra gente ficar fiando. A gente fiava, vendia, botava a rede pra vender, sempre trabalhava. Ele era um velhinho duro, era trabalhador, ele era dono de um engenho, sítio de cana muito grande, tinha banana, tinha tudo, aí ele criava animal, criava gado.

A admiração pelo trabalho e prática de atividades reaparece em várias falas de D. Maria. E ser uma pessoa dura, trabalhadora, que não amolece com os desafios cotidianos é uma virtude para ela. D. Maria aprendeu os afazeres domésticos, a fiar e trançar o algodão, com a avó, que pela saúde debilitada, se concentrava mais nos afazeres domésticos.

(Dona Maria): Lá na casa da minha vó era assim, lá era tudo na tradição antiga né, quando davam seis horas a gente não tinha mais serviço. Seis horas tinha que parar de trabalhar, a gente parava, aí ficava todo mundo parado. Na casa dela era assim, trabalhava, a gente levantava cedo, aí quando dava, tardezinha, a gente jantava e ficava sem fazer nada. De noite quando ia me deitar ela gostava de botar eu pra ler, pra ela assuntar, eu lia romance [oração em verso], eu lia a palavra de Deus, porque ela comprava os livrinhos da igreja pra mim, aí eu lia. Ela sempre gostava de fazer isso, mas aí ela dizia que seis horas ninguém podia trabalhar mais, então a gente trabalhava com algodão nós terminávamos de fiar cedo, aí a gente limpava o algodão, tirava aquele cisquinho, escaroçava o algodão, guardava pra bater no outro dia bem cedo. Quando dava assim seis horas, a gente já tinha jantado, todo mundo desocupado, já com as vasilhas limpas. A casa dela era assim, ela era muito limpa, gostava muito das coisas bem arrumadinhas. Eu sei que tudo da gente tinha tempo, não sei se era porque a gente levantava cedo, tudo a gente fazia a tempo na casa dela. E sobre a minha vó ela era uma pessoa muito educadora, muito interesseira assim pra gente fazer, trabalhar, ensinar, ela gostava de ensinar a gente. Muito mesmo!

Também com a avó materna D. Maria tomou gosto pelos ritos da igreja católica e se orgulha de fazer parte do Apostolado da Oração, assim como a avó.

(D. Maria): Pois é, eu acho assim, a gente tem que lembrar as coisas passadas, né? Porque eu gosto de me lembrar das coisas da minha avó. Porque hoje em dia eu estou na igreja, eu estou fazendo mesmo uma coisa que eu tinha muita vontade, que a minha avó fazia. Era ser do Apostolado da Oração, eu gosto. Eu faço assim as coisas, o que era dos meus avós, aquilo ali parece que eu estou vivendo aquele tempo, que a gente viveu quando a gente era pequena, né, quando a gente tinha os avós. Então a gente está vivendo de novo. Aí minha avó, nesse tempo ela era do Apostolado da Oração, aí nós íamos pra esse lugar pra missa. Era toda primeira sexta-feira do mês, porque aqui também é assim, a primeira sexta-feira do mês tem a missa. Aí nós íamos a distância de uma légua, levávamos uma caixa de fósforo e uma lamparina pra alumiar o caminho, porque era tudo no escuro. Aí nós íamos, quando o vento apagava [a lamparina] acendíamos de novo. Nós voltávamos depois da missa de noite. A missa começava eu acho que umas seis horas, terminava umas oito horas da noite, aí nós vínhamos embora pra casa, longe a distância de uma légua.

(Pesquisadora): E a senhora gostava de acompanhar ela?

(D. Maria): Era, eu ia. Ah, eu tinha vontade, eu era pequena e não tinha feito nem a primeira comunhão, parece, mas eu tinha assim aquela vontade, aquilo era uma coisa muito gostosa! Quando eu cheguei aqui aí eu não conhecia nenhuma igreja. Foi um dia, eu dei fé descendo um bocado de gente no ônibus “de onde vocês vem assim”? Já eram minhas conhecidas, né? Aí ela disse assim, “nós viemos, da missa lá no centro, missa do Apostolado da Oração”. Digo, “ah é, no centro!”. Aí depois uma amiga minha disse assim “tu não quer entrar?” e eu digo “não”. Aí quando foi um dia elas vieram pra uma reunião aqui [na igreja do bairro], aí eu entrei, quando elas vieram pra fazer uma oração aqui, um terço. Aí elas botaram meu nome pra eu entrar. Aí digo, “ah agora eu vou viver as coisas da minha avó!”. [risos] Lembrar o tempo da minha vó, então eu sou muito feliz!



Figura 2: Bordados do Apostolado da Oração. Esquerda o de D. Maria que era de sua avó e a direita o de Luciana que acompanha a mãe no grupo.

Fonte: Acervo pesquisa

Fazer as coisas da avó para reviver o tempo dela. *Lembrar o tempo* da avó reverberando suas ações é realização e deleite para D. Maria. Repete algumas vezes como é feliz por ser igual à avó, uma avó igual à que teve! Fala da avó com carinho e alegria também

relembrando as brincadeiras nas noites de lua clara, que a avó incentivava e participava cantando, enquanto as crianças se divertiam.

(D. Maria): Minha vó era muito brincalhona, ela gostava de brincadeira com a gente.

(Pesquisadora): E aí quando a sua avó juntava os netos, ela ia brincar?

(D. Maria): É, ichi era brincadeira demais, com menino velho, botava menino pra pegar luta, botava menino pra correr um atrás do outro, era toda brincadeira, era bom demais!

Além dos afazeres da casa, com as linhas, as leituras, rezas e ritos da igreja, o aprendizado com a avó incluía o prazer das brincadeiras. Em diferentes momentos D. Maria faz referência às brincadeiras aprendidas e incentivadas pela avó que a fazem querer brincar com seus próprios netos. O carinho pelo avô com quem aprendeu a lidar na roça também era grande e recíproco.

(D. Maria): Eu me lembro na casa da minha vó quando eu saí de lá eu deixei um pé de planta. Meu avô nunca deixou ninguém cortar esse pé de planta, enquanto ele era vivo. Era conservado lá porque era [destes] que cresce tipo umas ramas, uma planta linda. Ele nunca deixou cortar esse pé de planta, porque ele disse que era lembrança de mim.

O convívio com os avós maternos na infância de sua vida, rendeu a D. Maria o legado de saberes, fazeres e virtudes, que ela repassa aos netos. E D. Maria compreende assim a aprendizagem que recebeu.

(D. Maria): Eu acho assim, porque olha a minha avó o que ela deixou pra mim foi assim, ela gostava muito da gente, ela tinha tempo pra gente então o nosso pai, eu digo mesmo pra muita gente aqui, quando eu converso eu digo assim: “eu fui criada por duas famílias, mas eu nunca vi essas famílias brigarem, nenhuma, nem [a do] meu pai, nem [a do] meu avô.”

[...]

(D. Maria): Pois é, meu avô gostava muito dos netos, aquele prazer dele era todo mundo junto, ninguém brigava, todo mundo brincava, todo mundo unido, dizia assim “esse menino é de fulano vai brigar com fulano, não!” Eram muitos [filhos], parece que eram nove filhas mulheres e dois filhos homens, ninguém brigava.

[...]

(D. Maria): Igual meu avô dizia, que não adiantava a pessoa saber as coisas e não caprichar. A gente sempre lembra das coisas antigas.

Não basta saber, é preciso *caprichar* e neste caminho de melhoria dos saberes, a reunião entre pessoas, o *não brigar*, o *ter tempo* para a escuta do outro e os carinhos

partilhados, na visão de D. Maria são o cerne da boa educação. De um tempo caprichadamente vivido na companhia dos avós maternos, ela vai encontrar os pais e viver com eles no Maranhão. Estes viajaram em busca de melhoria financeira conforme o relato.

(Pesquisadora): E vocês saíram do Piauí em busca de uma vida melhor lá no Maranhão?

(D. Maria): Isso, porque no Maranhão esse tempo era melhor, era melhor pra ganhar dinheiro, era melhor pra lavoura. Lá no Piauí era muito difícil, meu pai trabalhava, era muito trabalhador meu pai, mas todo ano o legume dele só dava até janeiro, aí tinha que passar, quando dava, fevereiro, março, abril, maio, até quase maio, uns três a quatro meses era pendenga, era na baixezinha. Tinha vez que era só na farinha, só comia feijão com farinha, tudo difícil. Aí ele veio embora pro Maranhão. Ele ainda chegou a arrumar uma condiçãozinha ainda lá [no Maranhão], graças a Deus!

D. Maria demonstra consciência em relação às condições da migração de seus pais, que viajaram para o Maranhão, na época da grande seca que assolou o nordeste em 1958⁴⁵. Mas os relatos dela também abrem espaço para demonstrar situações diversas sendo experimentadas na mesma região, já que enquanto os pais migravam por melhoria de vida, D. Maria escolhia viver com os avós. E com eles, como se evidenciou nos relatos anteriores, experimentou momentos de fartura, saciedade e alegria. Resolve ir de encontro aos pais quando *arroxear* o coração, caracterizando uma motivação afetiva, que irá ser o alimento da migração para Roraima também, conforme relato apresentado mais adiante. O tom histórico costuma acompanhar a narrativa de D. Maria, que relaciona fatos do passado a atualizações das informações no presente.

(D. Maria): No Maranhão, eu morei mais no Maranhão do que no Piauí. Eu nasci no Piauí, mas eu morei muito tempo no Maranhão, principalmente lá nesse lugar que eu estou falando

(Pesquisadora): Como era o nome do lugar?

(Dona Maria): Lá é Presidente Médici, mas quando nós chegamos lá era Santa Teresa do Paruá. Porque lá é a região do [rio] Paruá, tem o Paruá, tem a Santa Luzia do Paruá, tem a Santa Teresa do Paruá, tudo é Paruá

(D. Maria): Eu cheguei aqui e achei meu lugar. Eu achei o clima aqui parecido com o clima do Piauí, minha terra.

⁴⁵ “A seca de 1958/59 foi terrível e assolou o Nordeste. Nessa época o presidente do Brasil Juscelino Kubitschek seguiu, em 17 de abril, para o interior do Ceará, não só para avaliar a gravidade da situação, como para visitar as obras do açude de Araras, regressando três dias depois. Outras secas se sucederam nos anos de 1970, 1979, 1980/83 formando o triênio de seca, sendo considerado a maior seca do século XX, e finalmente o biênio de 1998/99.” Disponível em: <<http://natalgeo.blogspot.com.br/2016/02/todas-as-128-secas-registradas-no.html>> Acesso: 19/10/2017.

Dos convívios e nos registros das falas de D. Maria há sempre um tom otimista e de gratidão pelas vivências e afetos compartilhados com quem foi encontrando ao longo de seus caminhos. Ela relata suas idas e vindas pelas cidades e estados, sem pesar; em sua narrativa, se concentra em expressar as *alegrias* vivenciadas pelos caminhos e o que de *belo e abençoado* encontrou.

(D. Maria): *Não sei porque não me zango com nada.*

Reforça sua crença em Deus, é sua fé que a deixa *assim despreocupada*.

(D. Maria): *[...] ainda as meninas perguntaram, “mãe e a senhora ainda ri com todos esses problemas, tudo?” Eu digo “eu sou assim despreocupada ó!” Estava quarenta e cinco anos que eu não ia pro Piauí. Aí eu fui, eu nem levei a Luciana [filha mais velha, dessa vez], porque ela é medrosa também, qualquer coisinha fica logo atrapalhada. Eu digo, “será que vai dar certo de eu chegar lá? Mas é Deus que vai me levar, eu vou!” Eu já tinha ido pro Maranhão com ela [Luciana] aí deixei ela e fui. Peguei uma van até Teresina, em Teresina peguei um ônibus. Aí lá eu não sabia nem mais como é que estava, mas a senhora não acredita que quando a gente confia em Deus é tão bom! Porque quando eu cheguei em Piripiri entrou um homem, esse homem era pra ter chegado lá, num outro dia, antes, mas ele pegou o ônibus errado, que era pra ele ter ido para Teresina e ele foi pra São Luiz. Aí ele pegou um outro ônibus para ir para Piripiri, lá de São Luiz. Aí quando eu cheguei lá, ele entrou e disse “eu vou descer lá na Placa”, que é um lugar lá perto de onde o meu pessoal mora. Aí a mulher disse “olha esse homem aí vai lá pras Placa”, eu digo “é?”, “é”. “Eu vou já falar com ele”. Eu digo “ei você vai descer lá na Placa?”, ele disse “é”, eu digo “e quando chegar lá?”, “quando chegar lá tem um carro me esperando pra me levar”. Eu digo “dá de eu ir com você?”, “dá, meu pai vai estar lá me esperando. Eu vou levando umas coisas aí, ele vai me pegar”. Nós chegamos lá, ele já estava com uma D20. Nesse tempo ainda era D20. Aí nós só entramos e eu fui conversando com eles. Eu disse de qual família eu era, ele disse “ah mora um tio seu bem ali”, que lá tem um poço artesiano, “depois do poço artesiano tem um tio seu que mora ali”. Aí foram me deixar lá. A casa estava fechada. Eu sabia que esse tio meu já tinha morrido, mas ele tinha mulher. Ela vai me informar alguma coisa e ela não era nem parente meu. Porque esse tio meu, que tinha morrido ele era casado com uma tia minha, mas ela já tinha morrido e ele também, mas pela mulher dele, eu sei ao menos das minhas primas, as filhas dele. Aí eu cheguei lá estava fechado. Tinha uma casa assim de esquina, eu digo “ei cadê a mulher que mora aqui?” Ela disse “é, num tá aí não”. Eu digo “é que eu vim aqui atrás do meu tio”. “Não o marido dela já morreu, mas mora uma filha dele bem ali perto daqueles pezinhos de coco”. Eu digo “está bom muito obrigada”. Aí eu fui, ninguém sabia que eu ia pra lá, e eu fui. Ah mais ficaram muito alegre! Aí pra senhora ver como é tendo fé em Deus, a gente vence tudo! Eu sou uma pessoa muito assim confiada em Deus, ele é meu governo. Ele faz tudo por mim, meu Deus! [risos] Aí quando eu fui da outra vez [a primeira vez], já fui mais a minha irmã e a minha filha [Luciana], mas deu tanto problema. Minha irmã é aquela pessoa assim, parece que reclama demais. Por isso que eu brigo com a Ludimila, porque se reclamar demais a gente sofre mais. Porque ela não tem*

paciência com os sofrimentos, com as coisas, aí fica aquele sofrimento maior. A gente tem que ter paciência pra vencer! Tem que ter paciência!

(Pesquisadora): Uma grande sabedoria essa.

(D. Maria): Pois é, eu já cheguei num tempo de vencer meus genros. Já fui pra delegacia com um, com o marido da Ludimila. E com o da Lurdes! O da Lurdes fez foi me desafiar. Ficar bem de frente assim grelando os olhos pra cima de mim e me xingando de todo nome. Eu digo “pode xingar”. Eu digo “olha eu perdi a confiança em tu, agora daqui pra frente eu não sou culpada em nada, ninguém mandou tua mulher pra área indígena, tu mandou porque quis, tu errou foi porque tu quis, eu não mandei. Eu pedi foi muito a Deus pra ela não ir, ela foi, deu certo e ela foi. Não tenho nada de culpa nisso e pode me xingar, mas agora também perdi a confiança em tu e agora a distância vai ser assim, eu não importo que ela more contigo, ou que ela te largue, eu não estou nem aí. Eu não mando ela morar contigo, nem ela te largar. A decisão está nela e a distância vai ser essa, porque eu não vou mais confiar em tu não.” Eu disse pra ele desse jeito e o outro, eu entrei foi entre uma faca aqui em casa, ele e o filho do Justino [do primeiro casamento dele que mora no Maranhão] O menino já estava com uma faca no bucho dele, o cara não tinha era nada, o marido da Ludimila, só a língua pra falar muito. Aí eu me meti no meio e digo “guarda a faca, guarda a faca”, saí empurrando ele empurrando o outro. E outra vez também, outra briga dele, desse mesmo marido da Ludimila lá com outros meninos, na casa da Lurdes, eu saí empurrando mandei o outro logo pra rua e briguei logo com ele.

(S. Justino): Ele apontava e dizia que matava.

(D. Maria): Ele disse que matava eu, matava a Ludimila e lá com a faca “e tacou na sua barriga”. Aí eu dei foi uma gaitada. Aí quando a polícia veio disse pra eu ir pra delegacia, porque as meninas tinham ligado, aqui da vizinhança que ligaram, porque nós somos assim, aquele pessoal tranquilo. Acontece o que acontecer. A Lurdes eu mandei ela dar parte do [ex marido], ela deu parte e ele correu. Ela [Lurdes] foi embora mais esse outro [Henrique]. [Já] quando a Ludimila falava, ele [ex marido] dizia assim “da parte, quando eu venho, eu venho pior. A polícia vai me soltar e eu venho pior.” O [ex marido] da Lurdes não, a primeira vez que a menina entregou, ele fugiu e foi embora, nunca mais mexeu com ela.

(S. Justino): Graças a Deus! Tomou rumo por aí pelo meio do mato e nunca mais apareceu.

Pela crença em Deus, enfrentou os desafios de uma viagem a um lugar distante e a violência dos ex-genros - a confiança é virtude que reúne. Ao perder a confiança no ex-genro, D. Maria deixa de se importar com ele, já não se ocupa com sua atenção e cuidado. Pelo poder da palavra e da confiança, ou por seu esvaziamento, conseguiu proteger as filhas e sua família. Família composta quando conhece e se casa com S. Justino em sua mocidade.

Eles se conheceram na região do Rio Mearin, onde os pais de D. Maria haviam estabelecido morada. O interesse de S. Justino por ela tinha sido anunciado por pessoas conhecidas. Se encontraram e conversaram por duas vezes. Em meio a um dos encontros ele

declara o interesse por ela e propõe casamento. Ela aceita e S. Justino foi três vezes na casa do pai de D. Maria, que resistiu em conversar com ele. O futuro sogro não queria dar atenção ao seu Justino, que incomodado com o descaso do pai de D. Maria, o chama de *ignorante*. Foi só quando S. Justino *bateu com a mão na mesa* que o pai de D. Maria resolveu lhe dar atenção. “*Seu Rafael eu vim falar uma coisa com o senhor*”... Esclarecida a intenção da conversa, o pai diz, “*e o senhor sabe se ela quer?*” Ao que S. Justino respondeu, “*eu não sei se ela quer, eu quero saber se o senhor deixa.*” O pai chamou, “*Maria esse rapaz quer saber se quer casar, tu quer?*”, ao que Maria responde “*se o senhor quiser, eu quero.*” Marcaram o casamento dali três dias. O patrão de S. Justino chamado Raulino disse que ajudaria, pois era também compadre do senhor Rafael, pai na noiva.

(S. Justino): Quando casei com essa mulher aqui [D. Maria], eu não tinha problema de contar isso não, o que eu tinha só era uma casinha velha, duas cadeirinhas velha de pau e uma mesa. Eu não tinha fogão, não tinha nada, só tinha isso mesmo, pra comer no outro dia foi minha patroa que deu, minha patroa deu panela, deu prato, deu tigela, deu tanta coisa, eu não tinha nada, o que eu ia fazer? Ia ficar com a boca aberta. O pai dela tinha, o pai dela tinha as coisas, o meu patrão tinha também, mas aí eu ia ficar com a boca aberta, minha filha! Para dar de comer pra ela, pra quem eu ia pedir? Não, não é por aí não, eu dava meu jeito, eu dava meus pulos e graças a Deus nunca fiquei sem dinheiro, nunca, nunca, nunca. Eu tirava o leite e meu patrão dizia: Justino o leite é nosso, pega o leite [...]

(Pesquisadora): O senhor trabalhava de caseiro nessa casa?

(S. Justino): Não, eu era vaqueiro.

(D. Maria): Vaqueiro, olhando o gado dele.

(S. Justino): E eu não tinha parente nem aderente nesse lugar, ah tinha não, quem eu tinha era ele e a mulher [...] Mas graças a Deus, minha patroa era boa, deu café, arroz, farinha, bagulho de casa, ela deu tudo, mas Deus era bom pra mim, sempre foi. Eu sou abençoado, eu sou abençoado, graças a meu bom Deus, todo dia! Botei um feijão no mato apanhei pra mais de 1.700 sacos de feijão, comprei roupa pra mim, roupa pra ela.

Com o casamento realizado em 16 de agosto de 1966, D. Maria seguiu a acompanhar o marido por outras migrações pelo estado do Maranhão.

(Pesquisadora): Vocês se conheceram onde, foi em Santa Teresa [do Paruá], ou já em outro lugar?

(D. Maria): Foi em Miarim, na região de Bacabal por ali. Ele [Justino] morava na região de Olho D'agua das Cunhã [...] Nós éramos do Município de Olho D'agua das Cunhã, fica ali perto de Bacabal. Tem Bacabal, tem Olho D'agua, tem Viturino [Freire]. O Olho D'agua das Cunhã que chama, era muito bem falado. Aí nós morávamos no município pra cá perto de outro município que chama Pio XII. De primeiro lá era Andirobal dos Crentes, Pio XII ficava mais pro outro lado, Andirobal dos Crentes era município de Pio XII. Aí depois resolveram, porque Andirobal cresceu muito, ficou um povoado grande, eles fizeram uma cidade lá, aí botaram [o nome de] Pio XII, botaram o mesmo nome da outra cidadezinha. Era Andirobal dos Crentes, aí virou Pio XII. Nós morávamos bem pertinho de Andirobal dos Crentes, que é Pio XII hoje em dia.

(S. Justino): Eram duas léguas.

(Pesquisadora): E de lá que vocês foram para Santa Teresa [do Paruá]?

(D. Maria): De lá nós fomos pra Santa Luzia do Tide. Moramos três anos em Santa Luzia do Tide.

(S. Justino): Foi.

(D. Maria): Aí eu tive a Lurdes quando nós tínhamos dois anos [morando em Santa Luzia do Tide], ainda não tinha dois anos, nós fomos embora.

(Pesquisadora): Vocês iam mudando em busca de uma vida melhor? Ou por quê?

(D. Maria): Era.

(S. Justino): Não.

(D. Maria): Assim nós estávamos lá no Miarim, Justino trabalhava com o gado de um homem lá no Miarim. Aí nós saímos de lá porque o pessoal lá tomou as terras, venderam os terrenos lá, nesse povoado que tinha lá. Foi vendido todinho pra uma pessoa só. Aí ele vendeu praquêle, como chama dono de fazenda, né, fazendeiro. Ele tomou todinhos os terrenos lá, pra fazer solda [?], tinha deles que já criavam gado, meu pai mesmo tinha gado, tinha muita gente que tinha gado lá, tiveram que se arrancar tudinho, porque a terra não era nossa era do Dita [?]. Um homem lá vendeu as terras tudinho pra outro ricão. Vendeu as terras de todo mundo, o meu pai tinha solda [?], outra lá tinha solda [?], lá em Santa Teresa [do Paruá], tinha gado.

(Pesquisadora): Solda [?]?

(D. Maria): Aí quem tirou primeiro o gado, saiu ao menos levando o gado. Tiveram deles que nem o gado não tirava mais, porque eles saíam eram embolando os arames assim, saíram expulsados, foram expulsos. Aí esse patrão do Justino, ele vendeu o gado dele um bocado. Aí levou os outros pra Santa Luzia do Tide, que era no Pindaré, nós moramos em Santa Luzia do Pindaré, que é lá em Santa Luzia do Tide, depois de Santa Inês, já perto de quem vai pra Açailândia naquela estrada, na BR 316.

(Pesquisadora): E já é também a [estrada] que passa no Paruá, a BR316?

(D. Maria): Não, não a 316... a 316 passa no Paruá?

(Pesquisadora): Eu acho que é.

(D. Maria): E a de lá qual era? Ah ,Belém – Brasília, Belém – Brasília que passava lá.

(Pesquisadora): Nossa já estava lá perto do Pará então?!

(D. Maria): É passa por Açailândia, Imperatriz e chegamos, pois é. Aí nós moramos pra lá. Esse homem que o Justino trabalhava com ele, com gado, ele comprou umas solda [?] lá em Santa Luzia [do Tide], aí nós fomos embora morar lá na fazenda, moramos três anos lá na fazenda.

(S. Justino): Pertinho da rua lá.

(D. Maria): Era bem pertinho da rua, da cidade. Aí nós ficamos lá três anos. Quando foi, ele vendeu os bichos, vendeu as solda [?] vendeu tudo, veio embora pra Manaus. Aí não deu de vir com ele porque acabou com o trabalho do Justino, né, que era o gado. Aí ele vendeu [a fazenda] pra um homem de São Paulo. Aí o Justino começou a trabalhar com ele, quando ele deixou um gerente lá e o Justino não se deu [bem] com o gerente. O Justino saiu, nós viemos embora pra Santa Teresa [do Paruá], e na Santa Teresa o tempo era muito bom lá, nós plantávamos na roça dava tanto tomate, melancia, tudo, tudo dava bom. Arroz, muito arroz, tinha muito coco pra gente quebrar, muito tudo, mas lá em Santa Luzia do Tide era bom de tudo também, nós saímos de lá porque não tinha mais onde ficar, porque nós não podíamos comprar terra, a terra o homem vendeu, não deu. Aí nós viemos embora, na cidade não dava de ficar porque meu marido não sabia trabalhar de nada por lá, novidade nenhuma assim pra ficar lá. Viemos embora pra Santa Teresa [do Paruá], meus pais já moravam lá, minhas irmãs, moravam tudo lá. Eu fui sozinha mais ele [S. Justino] com a minha filha aquela ali [Luciana]. Tinha só a Luciana quando eu fui.

(S. Justino): Aonde?

(D. Maria): Pra Santa Luzia do Tide.

(S. Justino): Foi.

(D. Maria): Aí quando eu fui pra Santa Teresa [do Paruá] trouxe elas duas [Luciana e Lurdes que nasceu em Santa Luzia do Tide], aí nós ficamos lá.

Vindo de dois casamentos e consequentes separações anteriores S. Justino vaqueiro de profissão nascido em Barreirinha no Maranhão, em 8 de dezembro de 1938, também viveu movimentações de moradia do litoral para o interior maranhense. Após o casamento seguiram caminhando para o oeste do Estado do Maranhão, chegando na microrregião do Pindaré, região do Alto Turi maranhense, às margens do Rio Paruá, fonte hídrica da região e alcunha de diversos municípios em sua margem, dentre eles o povoado de Santa Teresa do Paruá,

onde a família fixou moradia e as quatro filhas mais novas do casal nasceram. Na época em que a família residiu lá, o povoado fazia parte do Município de Turiaçú e foi emancipado em 1994, tendo seu nome mudado para Presidente Médici, em homenagem ao militar que teria visitado a região quando da conclusão da BR 316.

A direção da trajetória percorrida por S. Justino de leste para oeste, no estado do Maranhão foi a mesma realizada pela família de D. Maria, do Piauí para as terras maranhenses. Ambos caminhos acompanham a construção da BR 316 Rodovia Federal Capitão Pedro Teixeira, construída entre as décadas de 1960 e 1970 e que liga Belém/PA a Maceió/AL.

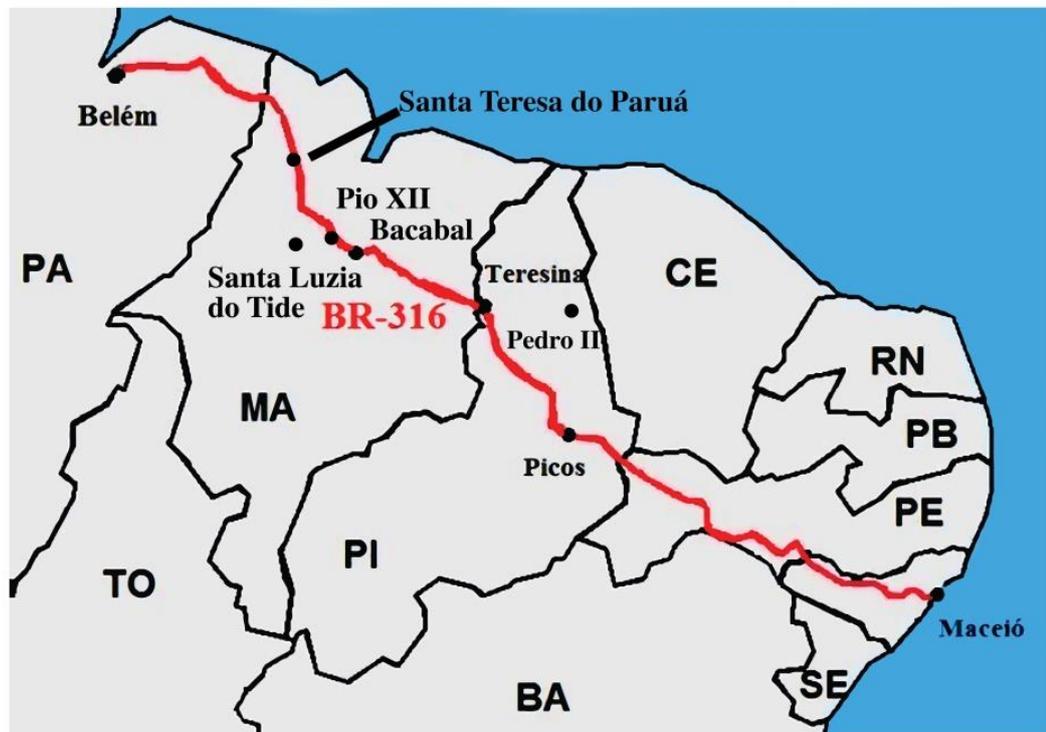


Figura 3: Abrangência BR 316 com indicação das cidades onde moraram D. Maria e S. Justino.
Fonte: BR316-jpg. by Gaban - Own work.

Apesar do casal não fazer referência direta em suas narrativas à estrada, as cidades citadas em suas lembranças e relatadas com mais frequência em suas falas estão localizadas ao longo da rodovia. Desde *Picos* no Piauí passando por *Bacabal* já no estado maranhense, *Pio XII*, *Santa Luzia do Tide*, *Pindaré Mirim*, *Zé Doca*, *Nova Olinda* até chegar em *Santa Teresa do Paruá*, atual Presidente Médici, diversas são as localidades que apareceram nas falas registradas e que acompanham a rota leste-oeste da BR 316.

Das seis filhas nascidas no Maranhão, Luciana, a mais velha, nascida em Olhos D'Água das Cunhã foi a única que não casou. Nasceu com problema cerebral e teve dificuldade para iniciar a falar e caminhar.

(D. Maria): A Luciana, ela nasceu de pé, ela nasceu com esse problema dela na cabeça, não tinha casco na cabeça, ela não tinha casco na cabeça de jeito nenhum. Ela passou um ano pra endurecer o pescoço.

(Pesquisadora): Foi?

(D. Maria): A gente andava com ela no braço assim, não podia botar ela pra cá não, porque o pescoço dela caía. Tinha que botar ela com a cabeça aqui no braço. A gente sentava ela e tinha que ficar segurando a cabeça dela.

(Pesquisadora): Olha!

(D. Maria): Ela era toda mole. Mole, mole, mole, mole! O Justino gastando todo remédio e sabe aquela coisa de todo mundo ensinar, todo remédio que ensinavam a gente comprava? Quase mata a menina de tanto tomar remédio, teve um tempo que demos tanto remédio, tanto, tanto pra menina, que ela amarelou. Aí foi preciso dar outro remédio pra corar. Compramos um remédio que continha ferro pra poder corar. Aí demos outro que ela quebrou os dentes tudinho.

(Pesquisadora): Nossa!

(D. Maria): Quando fomos ver os dentes dela estavam descascando assim, estava voando as "larpa". E ela não caminhava, ela sem caminhar. Quando ela endureceu o pescoço, né e a cabeça dela completou, ela nasceu ela só tinha um pouquinho de casco bem aqui assim e aqui do outro lado, aí aqui era tudo molão, molão, molão, aqui pra baixo tudo. O Justino não deixava ninguém triscar nessa menina só era eu e ele. Só era nós pra pegarmos nessa menina. Ichi, ele não deixava eu trabalhar. Nesse tempo ele trabalhava com gado e com roça, trabalhava e era trabalhador. Aí ele não deixava eu fazer nada só pra cuidar da menina, não era pra deixar ninguém pegar nessa menina. Ichi Maria! Ainda hoje em dia ele cuida demais por essa Luciana, Deus o livre! Uma vez ele saiu correndo atrás de um homem pra matar o homem com uma faca. Ele estava correndo atrás do homem só porque o homem disse que queria namorar com a menina. Ela era grande assim como a Clarinha já [9 anos], é porque ela era fininha, a velha. Mas toda bestinha nesse tempo, aí o cara, "hein, eu queria fazer amor contigo." Ah pra que?! Porque o Justino assuntou isso, não prestou. "Barra daí seu filha da puta", o cara saiu correndo, ele atrás, atrás, pega não pega, pega não pega. Aí quando ele chegou na casa do homem quase desmaiando o homem disse, o amigo dele disse, "o que foi isso?" "Esse filho da puta aí que estava com imoralidade com minha filha." Aí o homem disse, "para rapaz, tu vai morrer." E ele quase morrendo lá desmaiando, numa agonia. Aí não alcançou o cara, mas aí ele ficou aqui ó, quando ele via esse homem, ele dizia as coisas, com ele dizendo que ia matar o homem, até o homem foi embora de lá. [risos] Ela era assim, aí a gente, com um ano ela endureceu o pescoço né? Aí ficou, custou a sentar,

custou a se arrastar, aí ela ficou. Ela tinha 4 anos [de idade] quando começou a caminhar, eu já tinha a Lurdes. Aí ela começou a caminhar porque nós demos um remédio muito bom. Nós fomos embora lá pra Santa Luzia do Tide, aí um farmacêutico lá disse que tinha um remédio, que se ela não caminhasse podia buscar o dinheiro dele. Aí a dona [patroa de S. Justino] disse “esse remédio é bom, ela vai caminhar”. Menina não deu 30 dias, ela caminhando, mas não deu 30 dias não, [ininteligível] ela saiu ficando em pé.

(Pesquisadora): De que era o remédio? Ninguém nem sabe...

(D. Maria): Era Cálcio do B12 e Aderogil D3. E até olhando ali no meu remédio que eu tomo, o cálcio que eu nem tomei hoje que eu saí, ele tem, ele tem o D3 também o cálcio D3, o meu [remédio] olhando ele tem. E o dela era Aderogil D3 e o Cálcio de B12.

(Pesquisadora): A senhora entende de remédio, é?

(D. Maria): Ah, eu não esqueço o nome de remédio, que minhas tias tomavam! Porque as minhas tias tomavam pra nervoso, eu me lembro os remédios da minha vó, eu me lembro tudo.

(Pesquisadora): Que memória boa, Dona Maria!

(D. Maria): Pois é, aí eu me lembro do remédio que ela [filha Luciana] tomava, Aderogil D3. Aí ela caminhou ligeiro, antes dos 30 dias, ela começou a andar, dando umas passadinhas, só que ela caía muito, ela ia andando caía e até ela grandona. Ainda hoje em dia ela não tem muita firmeza e eu não sei, essa menina quebra tudo. A gente arruma uma coisa pra ela e ela quebra. Ela quebra som, ela quebra tudo. Tem uma caixa de som dela aí, a gente arrumou nós mandamos arrumar duas vezes, a primeira que eu comprei eu disse “olha essa caixa de som tem que cuidar e quando tu não souber das coisas tu procura as meninas aí pra arrumar pra ti”. Aí eu não sei ela foi botar o pen drive, quebrou. Aí eu já mandei arrumar, o pai dela já mandou e ela quebra. Aí eu não sei como é que eu vou fazer com essa moça.

(Pesquisadora): Mas ela cuida bem da casa, né?

(D. Maria): Cuida, ela aprendeu a fazer de comer, lavar a roupa, eu tempero a carne, aí eu saio deixo a carne no ponto para ela fazer e ela faz.

(Pesquisadora): E ela agora está aprendendo a ler também. Ela já sabe, né?

(D. Maria): Ela sabe ler, ela sabe fazer o nome dela, ela só não sabe fazer prova. Porque ela não escreve o que ela não está vendo. Só sabe o que ela está vendo. A hora que ela não vê ela não sabe escrever, mas isso ela gosta de ler, ela tem bíblia, ela tem livrinho da igreja, ela gosta de ler. E gosta de um som, mas quebra, ela quebra o som. Ela gosta de som demais. Essa aí sem uma música, ela não faz nada.

Hoje Luciana vive com os pais e os acompanha em todas as suas atividades sendo por eles carinhosamente apelidada de Neném. Foi a segunda filha, Lurdes, que iniciou a

movimentação da família em direção à Roraima. Ela casou com um piauiense no Maranhão e resolveram partir de Santa Teresa do Paruá – MA, para Boa Vista – RR, onde já residiam parentes do marido, que chamavam o casal para tentar a vida em terras roraimenses. Quando a primeira filha de Lurdes nasceu, D. Maria iniciou a organização da mudança da família para Roraima.

(Filha Luana): *Ela [Lurdes] veio pra cá com ele [primeiro marido] né, mas não deu certo o casamento.*

(D. Maria): *Eles se largaram depois que nós chegamos [em Roraima], quando chegamos ela tinha quatro filhos, ainda inventou de trabalhar na área indígena, pedi pra não ir, pra Deus não deixar, mas Ele deixou. Aí ela foi, aí eu digo, não vai dar certo esse negócio, eu sou adivinhona.*

(Filha Luana): *Coração de mãe sofre!*

[...]

(D. Maria): *Aí eu sempre falava pras minhas filhas, meus netos, né, era [a filha] mais velha casada, tinha já meus netos, uma [neta] ainda nasceu lá [no Maranhão], mas veio pra cá, já estava inteirando sete anos a menina, quando cheguei aqui. Aí eu tinha vontade de ver o meu neto, só via foto. Aí eu dizia assim: “Vou em Boa vista.” [As filhas diziam], “mas a senhora tem que levar nós.” Aí eu imaginava, meus pais estão velhos como é que eu faço, chego lá meus pai morrem tenho que voltar, sair de lá na carreira pra cá aí não adianta mais. Não vou, ela [a neta] é nova, ela vai me esperar tem como. Aí quando papai morreu foi derradeiro morreu minha mãe, meu pai, meu irmão, minha irmã, meu tio, em dois anos morreram quatro pessoas da minha família.*

[...]

(D. Maria): *Ah eu gosto! Eu vim de lá pra ficar junto porque já tinha uma [filha] aqui, aí elas [outras filhas] sempre diziam assim “mãe quando nós crescermos, nós vamos embora, porque aqui não tem aonde trabalhar” Aí meu pai morreu, minha mãe morreu, aí eu peguei uma heranzazinha, eu digo “esse dinheiro eu não vou empregar aqui, eu vou embora”, porque sem esse dinheiro eu não podia vir, que a família era grande. Aí tinha que pagar a passagem de todo mundo, eu peguei o dinheiro, deixei uma parte lá com ele [S. Justino] e a outra eu vim, pra cá [Boa Vista]. Quando a gente chegou aqui, aí não deu de comprar a casa, o dinheiro acabou. Passamos cinco anos morando na casa dela, da Lurdes [no bairro Santa Luzia]. Ela [Lurdes] passou trabalhando na área indígena e eu passei cuidando dos filhos dela morando na casa dela, aí quando estava já inteirando os cinco anos, eu digo “olha, teus filhos já estão grande, tá bom de tu vir cuidar”.*

A ida de D. Maria para Roraima foi articulada com a do marido, primeiro veio ela com boa parte da mudança e três filhas. Deixou S. Justino organizando a venda do comércio, casa

e pertences que tinham em Santa Teresa do Paruá, para vir com as duas filhas que ficaram com ele, Luana e Luciana.

(D. Maria): Ih nós viemos de pedaço. A Lurdes já morava aqui há oito anos. Aí depois eu vim com a Luise, a Luci, a Ludimila e a Luciana ficou lá mais a Luana, com o pai delas. Aí depois de uns seis meses que eles vieram, porque ficaram lá resolvendo umas coisas. Porque trabalhava com comércio e tinha comprado arroz e tinha que esperar o arroz chegar para poder vender.

(Pesquisadora): Mas vocês vieram de ônibus da cidade de vocês para Belém?

(D. Maria): É Belém. Aí chegamos lá pegamos o barco viemos de barco. Eu já fui lá duas vezes de barco, agora que eu estou vendo se eu vou lá de novo de avião, porque eu já estou velha, mas eu acho que vou de barco, acho bom andar de barco.

(Pesquisadora): De barco são muitos dias né?

(D. Maria): Seis dias pra chegar em Belém, cinco, seis dias, de Belém pra lá [Manaus], seis dias.

(Pesquisadora): Lá do Maranhão não tem viagem como aqui, de ficar tanto tempo dentro de barco?

(D. Maria): Não, lá tem só o barco de carga, lá em São Luiz tem o barco que carrega minério levando ferro do Pará não sei pra onde, pro exterior não sei.

(Pesquisadora): Mas essa viagem de Belém para Manaus é boa?

(D. Maria): Pois é, essa viagem é boa, a derradeira vez que eu vim, eu vim de carro. Lá onde nós morávamos, lá tem carro pra vir deixar a gente em Belém, a gente paga mais barato até do que o ônibus.

(Pesquisadora): Quanto tempo é da cidade em que vocês moravam até Belém?

(D. Maria): Eu vim de carro próprio, eu saí de manhã, de manhazinha, seis horas e cheguei dez horas [da noite] em Belém. De São Luiz mesmo é mais longe do que daqui pra Manaus. De Belém a São Luiz é mais longe que daqui pra Manaus.

Chegaram a Boa Vista na década de 1990. *Eu vim pra cá já agora velha em noventa e sete, em noventa e sete que eu vim pra cá, época em que houve um grande número de migrações maranhenses para o estado de Roraima. Historicamente o fluxo migratório de emigrantes maranhenses em Roraima é significativo, conforme gráfico abaixo.*

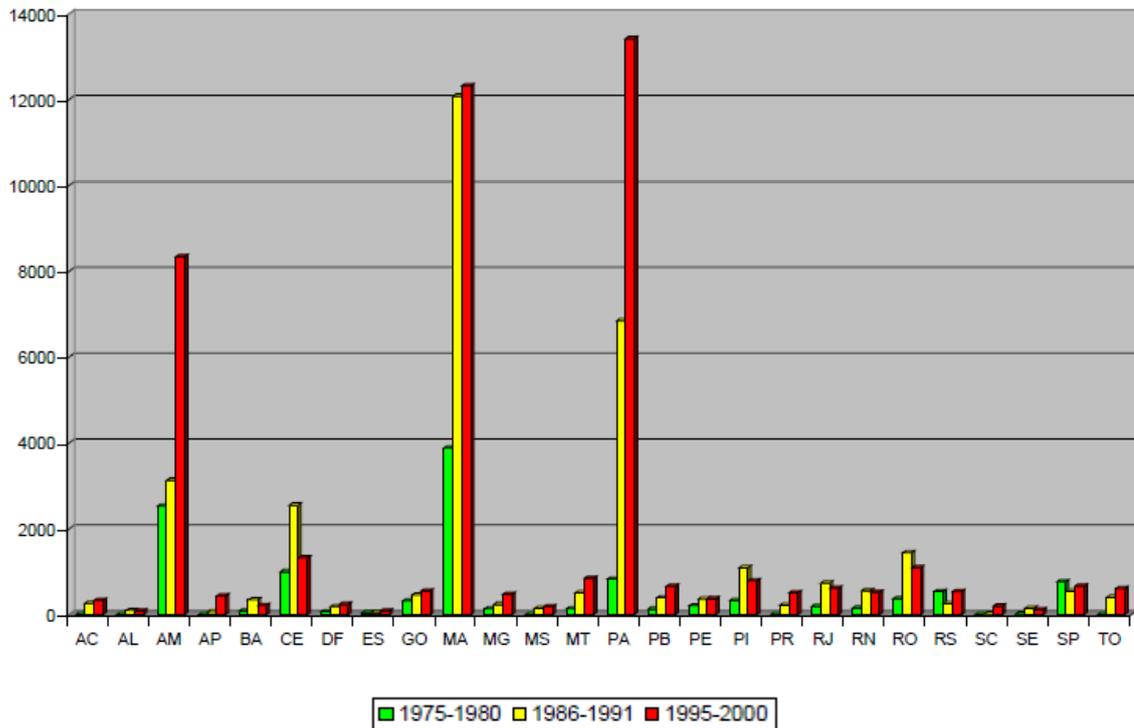


Gráfico 1: Estados de origem dos imigrantes de Roraima: 1975-1980, 1986-1991 e 1995-2000.

Fonte: DINIZ, Alexandre M. A; SANTOS, Reinaldo Onofre dos. Disponível: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_345.pdf. Acesso: 12/09/17

Especialmente em Boa Vista este fluxo intenso de maranhenses, realizado desde a década de 1970, ocasionou o maior contingente de emigrantes nordestinos residentes na cidade atualmente⁴⁶. Tal realidade tem sua origem em diversos tipos de incentivo à migração estabelecidos legalmente desde as décadas de cinquenta do século vinte, quando das campanhas para avanço da fronteira agrícola e povoação das terras do extremo norte do Brasil. No início do período, o estímulo migratório maranhense para Roraima esteve a cargo da Divisão de Terras e Colonização e depois da Secretaria Geral do Território, que regulamentava e executava programa de migração para Roraima e por meio dela foram oferecidas passagens do Maranhão para Boa Vista, utensílios para casa e para o trabalho na roça incluindo doações de instrumentos e sementes⁴⁷.

Seguiu-se a este programa, o incentivo migratório encabeçado pelo então governador de Roraima, Ottomar de Sousa Pinto, que nas décadas de oitenta e noventa do século vinte realizava campanhas publicitárias em cidades do Maranhão, comunicando acerca das possibilidades de melhoria de vida em terras roraimenses⁴⁸. Nesta época houve facilitação de

⁴⁶ NOGUEIRA, Francisco Marcos M. 2015.

⁴⁷ SOUSA, Celene Farias de. 2014.

⁴⁸ SOUSA, Celene Farias de. 2014.

doação e legalização de terrenos rurais e urbanos, para os migrantes, bem como doação de madeiramento usado, refugio da construção da barragem hidrelétrica de Balbina no Amazonas, para as primeiras construções nos quatro grandes loteamentos/bairros decretados e regulamentados por Otomar, para a Zona Oeste de Boa Vista, nominados Pintolândia I, II, III e IV⁴⁹, em alusão ao seu sobrenome⁵⁰.

Destes quatro bairros Pintolândias, apenas o primeiro segue com o nome de origem. Devido ao crescimento demográfico e por consequência geográfico, os demais bairros passaram a ser conhecidos como Sílvio Botelho, Santa Luzia e Senador Hélio Campos, respectivamente. A família de D. Maria e S. Justino são residentes do Santa Luzia e é também neste bairro, que se iniciou o movimento da Associação Cultural Maranhense no Estado de Roraima. A partir das atividades da Comunidade Católica São Raimundo Nonato, que realiza o Arraial dos Maranhenses, festejo em honra a São João realizado anualmente desde 2010 no bairro e que tem agregado manifestações e brincantes da cultura popular maranhense residentes no estado de Roraima.



Figura 4: Cartaz festejo Arraial dos Maranhenses 2017.
Fonte: Pedro Costa

Meu contato com este coletivo da família e da Associação se deu dentre outras conexões, pelo conhecimento dos brincantes do bumba-meu-boi de Alto Alegre, município distante 87 km de Boa Vista. Em conversa com Pedro Lima da Costa em 2012, maranhense, morador do bairro Santa Luzia, acadêmico do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Roraima - UFRR e um dos idealizadores, organizadores e produtores do Arraial

⁴⁹ MACHADO, Elissandra G. 2014.

⁵⁰ Para mais detalhamento da política migratória e fluxo migratório de nordestinos para Roraima consultar ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. 2014; DINIZ, Alexandre M. A. 2017; LUZ, Débora S. B. da. 2013; MACHADO, Elissandra G. 2014; NOGUEIRA, Francisco M. M. 2015; SOUZA, Carla M. de 2006; 2013; SOUSA, Celene F. de. 2014.

dos Maranhenses, conseguimos articular junto à UFRR, a vinda dos brincantes de Alto Alegre, para participar da Semana da Consciência Negra entre os dias 19 e 23 de novembro de 2012, na UFRR. A articulação se deu com a perspectiva de trocas de experiências e nutrição das recordações maranhenses, entre o grupo Tambor de Crioula de Mestre Leonardo de São Luís/MA, que se apresentou na ocasião daquele evento e os integrantes do boi de Alto Alegre, que mantem a brincadeira no interior de Roraima.

Desde o início do Arraial dos Maranhenses, Pedro Costa e as pessoas envolvidas na Comunidade de São Raimundo Nonato, já procuravam congregar grupos de tradição cultural maranhense, para participar e fomentar a partilha da identidade, “*do que é ser maranhense em Roraima*”. Na última edição da festa entre os dias 23 a 25 de junho de 2017 participaram; o grupo de reggae do bairro, o grupo de bumba-meu-boi de Alto Alegre, Grupo de Reisada de Rorainópolis, município ao sul do estado de Roraima e foi apresentado à comunidade festeira, o Boi do Mestre Melancia, novo bumba-meu-boi do bairro Santa Luzia. Mestre Melancia vendedor de picolé no bairro, brincante de boi no Maranhão, foi “redescoberto” neste movimento do acordar das memórias dos maranhenses. O intuito da Associação Cultural dos Maranhenses e de todo o movimento que tem se articulado à iniciativa é ir de encontro as situações de preconceito e discriminação que sofrem os maranhenses em Roraima.

“Mesmo sendo maioria dentre os migrantes, a população maranhense vem sofrendo inúmeras situações de preconceito e discriminação. Estas causadas por sua origem social, bem como pela forma como aqui chegaram.”⁵¹ Segundo este relato, a questão do preconceito se articula ao próprio processo de migração, seja pela *origem social* dos emigrantes vindos em sua maioria de uma condição de miséria em seu estado, seja pela *forma como que chegaram*, pois apesar das promessas nas campanhas publicitárias, a realidade dos loteamentos “não apresentava qualquer infraestrutura”. Também se aventa a finalidade com que foram “convidados” a migrar, como peões na expansão da fronteira agrícola, em um primeiro momento, e para expansão do eleitorado político no segundo momento.

A partir de então se criou no imaginário popular uma visão negativa desta população que inclusive é reproduzida por grande parte dos próprios maranhenses. Esta visão depreciativa pode em relação aos maranhenses estar relacionada principalmente a situações de violência, inferiorização cultural e social. As situações podem ser evidenciadas, quando alguém comete um erro grosseiro, ‘é porque é maranhense’, afora um sem número de piadas todas de cunho pejorativo, o que faz com que muitos maranhenses passem a negar sua própria identidade. Tal situação de negatividade está relacionada a questões religiosas (também), pois já se naturalizou no discurso local que todo maranhense vindo da cidade de Codó é macumbeiro, isso faz com que pessoas

⁵¹ Depoimento de Rejane Pereira Silva, in ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. 2014.

naturais daquela cidade neguem sua identidade de maranhense e/ou codoense.⁵²

Em contrapartida a tal cenário de preconceito, o movimento da Associação Cultural dos Maranhenses e especialmente o Arraial dos Maranhenses, que agrega manifestações e culinárias típica daquele estado, tem proporcionado uma atenção e um olhar diferenciado para esta população.

O Arraial dos Maranhenses é um espaço de reconstrução da identidade, porque percebemos que, desde a nossa chegada somos discriminados e sofremos as consequências do preconceito. Em Roraima, o maranhense é sempre aquele estigmatizado, aquele que sofre algum tipo de violência. Então o arraial do maranhense é esse espaço de valorização da nossa cultura é um evento no qual podemos mostrar nossas expressões culturais que são importantes e bonitas e, portanto, devem ser valorizadas. A partir do arraial percebemos que já houve mudança o preconceito tem diminuído. Já é um objetivo alcançado, para o que propusemos com essa festa. Então, o que tem provocado é uma mudança; estamos nos reunindo e celebrando nossa cultura, ela é importante e nós merecemos respeito. Somos pessoas que buscam conhecer, se reconhecer e reconstruir a nossa identidade. Nós assumimos essa postura de valorizar, de reafirmar a nossa identidade em outro espaço, bem distante do nosso Estado (de origem). (Depoimento de Rejane Pereira Silva, in ALMEIDA 2014)

Dentre os reconhecimentos e conquistas porque vem passando o grupo podem ser elencados os trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre o movimento; a regulamentação da Associação em 2015; a entrada do Arraial dos Maranhenses no calendário de festas da cidade; a moção de aplausos da Assembleia Legislativa de Roraima aos idealizadores, coordenadores e promotores do Arraial dos Maranhenses, aprovado em 15/08/17, em reconhecimento à contribuição dos maranhenses para o Estado de Roraima. Além destas conquistas todo o movimento que vem se desencadeando há alguns anos, de valorização da cultura e identidade de quem vive ali, tem permitido a articulação dos moradores do bairro e, a partir daí, o esclarecimento das necessidades, reivindicações e fortalecimento das expressões culturais de identidade maranhense. O grupo tem promovido eventos para vivência e reflexão do que é ser maranhense em Roraima fazendo uso de relatos e vivências de memória⁵³ e, nesse movimento, lembranças estão sendo processadas e ressignificadas, o papel dos mais velhos está em destaque, pois são o ponto de intersecção entre tempos e geografias distintos, passados no Maranhão e presentes em Roraima.

⁵² Depoimento de Pedro Costa, in: ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. 2014.

⁵³ ALMEIDA, Alfredo W. B. de. & MARIN, Rosa E. A. 2014.

Um dos Mestres de conhecimentos tradicionais, que se tem redescoberto na comunidade, é o S. Justino o “avô” desta pesquisa. Brincante na juventude era fazedor de redes de pesca e cestaria diversa. Cantava esquecido em sua rede, toadas da brincadeira do boi maranhense e nas conversas que tivemos foi tecendo as lembranças dos cheiros, sabores, festas, trabalho, vivência do tempo no Maranhão, em meio às conquistas e histórias de vida no presente, cercado pelos netos que verbalizaram e desenharam o sonho de conhecer a terra dos avós.



Figura 5: Retrato do Maranhão pintura de Guilherme 10 anos.
Fonte: Acervo pesquisa

Os desenhos produzidos são fruto das histórias contadas por D. Maria e S. Justino que, com suas seis filhas, tem dezessete netos, quatro bisnetos e quatro genros. A este coletivo de 33 familiares se somam vizinhos, amigos e visitantes, que entram e saem cotidianamente da casa e são sempre recebidos com um cafezinho e boa conversa,. Além da Luciana que vive com os pais e nunca se casou, a filha Ludimila divorciada e seus filhos Geovana, Guilherme e Raiza já moraram com os avós, mas conseguiram através do programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal, um apartamento em dois mil e dezesseis (2.016) no Conjunto Vila Jardim, no bairro Cidade Satélite, para onde se mudaram, mas costumam passar os finais de semana na casa dos avós, em virtude dos laços criados no bairro. Dentre eles o convívio com os primos, que circulam pela casa dos avós e a catequese que frequentam na Comunidade São Raimundo Nonato, no mesmo bairro.

(D. Maria): Nós temos dezessete [netos], quatro bisnetos, aí meus bisnetos já estão tudo grandinho, já da de brincar também.

(Pesquisadora): As crianças disseram pra eu vir de manhã.

(D. Maria): Pois é, os meninos da Ludimila vem sexta feira pra cá e o da Luci acho que vem sábado de manhã pra cá, esses dois meninos, eles gostam daqui dia de sábado. A da Luana também.

[...]

(D. Maria): Porque até agora por hora, graças a Deus estão indo [para igreja]. Os da Ludimila estão morando lá Vila Jardim, mas sexta-feira eles vêm pra cá. Aí quando dá sábado de noite nós vamos pra igreja, sábado agora eles não foram porque tinham passado o dia correndo eu liberei, porque pra chegar lá na igreja morrendo de sono, ou chorando pra vir pra casa, né? Aí eu deixei eles aqui, nós ainda íamos pra um aniversário, eu deixei eles aí. Eles não foram, ficaram se arrumando pra ir ao aniversário. Mas sempre nós vamos pra igreja no dia de sábado. Quando dá domingo eles assistem o catecismo, dá 9 horas termina e eles vão embora. Quando a mãe deles está de folga, ela vem buscar, quando não, é tardezinha eles vão, ou ela vem buscar eles lá no rio, lá onde é mais perigoso [para atravessar com a moto dela]. Ou se não, o menino vai deixar, o rapaz que mora aqui mais próximo a gente.[...] Mas os meninos estudam catequese aqui tudinho, meus netos nenhum ainda não mudaram, eu nem quero que eles mudem, fiquem aqui mesmo por hora, porque a Luana ainda não tem casa, ainda não sabe onde que vai ficar. A Ludimila está lá na Vila Jardim, mas lá ela não tem tempo de levar os meninos na catequese, na igreja. E aqui nós viemos pra cá sexta feira, quando possível sábado de noite nós vamos pra igreja. Demanhãzinha se arrumam e vão ali pra igreja que é aqui pertinho. Eles vão sozinhos, aí lá [onde residem] já fica longe pra eles irem, porque [a Ludimila] ela mora lá pro final do conjunto e as igrejas ficam mais pra cá na Cidade Satélite, lá no Conjunto não tem.

(Pesquisadora): É bom quando eles vêm e a senhora mata a saudade no final de semana.

(D. Maria): Pois é e eles já estão participando aqui, Geovana já fez a primeira Comunhão, aí ela já está se preparando pro Crisma, os outros já estão se preparando. Só que essa que tem os netos [Lurdes], ela está pro Baruana. Agora sábado ela vai chegar, não sei se vai dar tempo pra ela chegar, se o marido dela for trabalhar ela vai chegar cedo, se ela chegar cedo estava bom de ela vir conversar contigo.

Lurdes e seu marido Henrique são os que tem os bisnetos de D. Maria e S. Justino e vivem com eles e o filho mais velho, no interior do estado, no povoado Baraúna, região do município de Cantá, vizinho a Boa Vista. A movimentação deles para a capital é periódica, pois o marido de Lurdes é técnico de enfermagem concursado do Hospital Geral de Roraima - HGR e cumpre plantões semanais na instituição, com sede em Boa Vista. Lurdes costuma acompanhá-lo em suas vindas para a cidade, junto com os netos gêmeos Caio e Cauan, dos quais têm a guarda e são responsáveis legalmente. Eles também são proprietários de uma casa

no bairro Santa Luzia, próximo à casa de D. Maria, onde se hospedam no tempo citadino e onde moraram por cinco anos D. Maria, S. Justino e as filhas quando chegaram em Boa Vista vindos do Maranhão. Quando Lurdes marido e netos retornam para o interior, a casa fica aos cuidados da filha de Lurdes, que reside ali com o marido, a filha Milena e o irmão Luis, filho mais novo de Lurdes, que cuida da sobrinha e participou ativamente da pesquisa.

(D. Maria): *Aí depois que ela [Lurdes] já tinha quatro filhos, ela foi trabalhar na área indígena. Ela ficava quinze dias pra lá, dois meses, foi aí que o [primeiro] marido ficou só, arrumou outra. Aí ela chegou não quis mais ele, [que] ficou com a outra. Aí depois ela se juntou com esse outro homem [Henrique marido atual], aí ele ajudou ela a criar os meninos dela. Ainda tiveram mais um [filho Luis]. Agora está criando os netos [Caio e Cauan]. Ela cria dois gêmeozinhos, estão grandes, já estavam estudando aqui, mas agora ela mudou [para o interior].*

[...]

(D. Maria): *É muita luta, ela gosta. E ela gosta de estar nos matos minha irmã! Oh Meu Deus! É uma pessoa muito feliz nesses interiores. Desde quando ela era pequeninha, quando ela era pequena meu pai tinha um terreno né, um sítio, tinha gado, aí ela ia pra lá. Tinha vezes que ela saía escondida do pai dela, o pai dela brigava porque ela ia. Eu dizia assim “eu vou te tirar da escola, fazer uma roça e te botar dentro,” “ai eu acho é bom, tomara, tomara!” [risos] “Eu acho é bom!” Ela gostava toda vida. O pessoal ia fazer carvão ela ia chegava pretinha. Justino brigava, “pra que que essa menina saiu daqui?” eu digo “ó!”*

[...]

(Pesquisadora): *Teus filhos todos moram aqui?*

(Filha Lurdes): *Moram tudo aqui. Eu que nasci em interior e optei morar pra lá.*

(Pesquisadora): *Entendi. O interior é Baruana?*

(Filha Lurdes): *É lá chama Baruana, aí ficam os dois gêmeos [netos dela bisnetos de D. Maria e S. Justino] lá comigo, eles tem cinco anos. O outro é igual a ele, mas é assim uma adrenalina só. O pai disse que eles levaram umas baladeiras daqui, mas não dura não ó, tudo que eles levam eles quebram [...] Aí a minha neta [Milena] me chama de “mãe Lurdes” e a mãe dela de mãe e a [minha] mãe [D. Maria] ela chama de vó. Mas já tem 5 anos [...]*

(Pesquisadora): *E tu [Luis filho de Lurdes] vens sempre aqui na casa de tua avó?*

(Neto Luis): *Eu venho direto aqui, eu moro aqui bem pertinho.*

(D. Maria): *A mãe dele mora ali na outra quadra e a irmã dele mora ali pertinho da igreja, do ladinho, mora lá numa casinha alugada.*

(Neto Luis): *Quando eu morava [na casa da irmã], nós vínhamos direto pra cá, eu também dormia aqui direto.*

[...]

(D. Maria): Pois é, só passeando. Nas férias passar uma temporada de férias lá [no interior] é bom né.

(Neto Luis): Se eu ir pra lá, essa menina aqui [Milena] vai chorar demais, é minha filha. [risos]

(Pesquisadora): É tua filha é?

(Neto Luis): Minha filha eu cuido dela o dia todinho. Ó porque o pai dela sai de casa, sete horas volta só seis horas. [A mãe dela] trabalhava, saía de casa seis, sete horas também, voltava só duas horas da tarde. Aí agora como ela [mãe da Milena] não está mais trabalhando, ela está cuidando da vó dela, que estava no hospital. Ela sai de casa as sete horas, vai pra lá [para o hospital], dorme lá. Aí volta só no outro dia, seis horas quando o pai dela vem pra casa. Aí ela ia ficar sozinha. Eu que saio da minha escola, vou buscar ela, a gente vem pra casa, fica em casa, a gente arruma as coisas, espera o pai dela [chegar].

(Pesquisadora): E tu gostas de ajudar então?

(Neto Luis): Uhum. E olha que ela estuda longe ó.

(D. Maria): Viche, da escola dele pra lá é a mesma distância pra cá, é longe.

(Pesquisadora): Então tu nem queres mais irmão [Milena], porque tu já tens um irmão grande né.

(Bisneta Milena): Aham.

(Neto Luis): Mas ela fala pra mãe dela, que se a mãe dela tiver um filho, ela vem morar com a minha mãe [Lurdes].

(D. Maria): Ela chama [de mãe] “É a minha mãe Lurdes”

(Neto Luis): É a mãe Lurdes, o pai [Henrique], que é meu pai.

(D. Maria): Ela não chama o vô, ela chama é pai, o avô que ela conhece é nós [os bisavós].

Luis mora em Boa Vista para poder estudar, pois no interior onde vive Lurdes sua mãe, não seria possível. Sua educação formal se realiza na escola pública do bairro onde está matriculado e na associação onde faz natação. O acompanhamento de tal processo é socializado com a irmã mais velha com quem mora, com a mãe Lurdes, que vem continuamente à capital ver os filhos e com os avós que recebem a visita quase cotidiana do neto e bisneta. Nas vezes em que os vi, Luis e Milena estavam sempre juntos. É Luis, que completa 14 anos em 2017, quem cuida e orienta a sobrinha mais nova de 6 anos, a quem chamou de filha no relato. Um coletivo em formação sendo cuidado e cuidando mutuamente.

Residem ainda no mesmo bairro que D. Maria, a filha mais nova Luci com o marido Mário e três filhos Mônica, Miguel e Vicente. Após mudança da família no ano de 2016 para a cidade de Goianésia/GO, em virtude de uma oferta de trabalho para o marido retornaram em 2017 para Boa Vista. Enquanto estiveram residindo em Goiás a família em Roraima verbalizava sentimentos de saudade e preocupação.

(Filha Lurdes): *Aí eu não sei se a mãe te contou, mas tem uma das minhas irmãs que foi embora. Nós já estamos assim em uma corrente de fé pra que ela volte. Eu tenho certeza que ela volta pra nós não se desmembrar. Porque eu moro no interior e não é longe, sempre quando precisa eu levo 2 horas, 2 horas e 20 quando a estrada é boa, né? Ela também já foi pra lá. E assim, não significa que eu desgrudei da família, agora já a minha irmã, não, é mais longe?*

(Pesquisadora): *Sim.*

(Filha Lurdes): *Mas nós estamos numa corrente de fé de ela voltar e ela vai voltar.*

Em uma das ligações da filha Luci, que pude acompanhar D. Maria assim se expressa com a neta Mônica que estava longe,

(D. Maria): *Oi, amor, e aí meu bebê, como que tu estás? Que Deus te dê saúde, Deus te dê saúde! Deus te dê uma boa noite, que tu melhores depressa pra vir pra casa. Se não melhorar tem que vir embora pra cá, ficar aqui conosco, morando aqui em casa. Eu vou fazer uma promessa pra tu ficar boa. Eu estou bem, com saúde, graças a Deus!*

(Filha Luise): *Manda lembrança pra ela!*

Em bairro vizinho ao Santa Luzia residem a filha Luana com seu marido Paulo e três filhos Lívia, Gustavo e Clara, participantes ativos da pesquisa. E a filha Luise com o marido Moacir e três filhas Rita, Ester e Miriam. Mesmo as filhas que vivem em outros bairros frequentam com regularidade a casa dos pais e participam dos cuidados deles, especialmente de S. Justino, que tem diversos problemas de saúde, tendo sido operado algumas vezes, inclusive fora do Estado.

(S. Justino): *Eu ia contar pra ela dessa vez como vocês chegaram, que lá dentro de onde nós morávamos em Santa Teresa do Paruá, eu tive, eu fiquei peladinho que nem isso aqui ó. Você não via cabelo na minha cabeça, não via nada. Uma coisa que me deu que quase me mata.*

(D. Maria): *Ele teve hepatite b.*

(S. Justino): *Quase mata mesmo, eu quase morro. Caiu cabelo tudo, quase morri mesmo. Acho que Deus deve ter me esperado, mas eu não fui lá não. [risos]*

(D. Maria): Não, lá é assim, quando ele chegou, ele chegou doente passou três dias sem saber nem aonde ele estava e aí um farmacêutico muito bom que tinha lá e uma doutora que chegou da Itália, ela chegou e foi cuidar dele. Ele ficou bom, por causa dessa doutora, porque ali os farmacêuticos diziam assim, “não é bom levar ele pra outro lugar?” e ela dizia assim, “não, não pode mexer com ele, ele tem que ficar aí quietinho só tomando medicamento, porque senão ele vai morrer.” Aí teve um que chegou do garimpo e diz que ela deu medicamento pra ele, ele tomou e aí disse que quando melhorou ele foi embora. Quando ele chegou lá na casa dele ele foi morrendo, não deu tempo nem de ir no médico mais. Aí não podia sair, ele [S. Justino] ficou lá. E ela tratando dele, ela cuidou dele, ela trazia, pedia remédio de lá pra ele, da Itália. Ela era doutora muito sabida!

(S. Justino): Ela era muito boa, ela disse pra mim que eu ia...

(D. Maria): Ela trabalhava de graça, ela não cobrava, ela disse que...

(S. Justino): Ela dava, ela dava aqueles remédios bem caro pra melhorar.

(D. Maria): Ela disse que assim, sabe aquelas pessoas que tem assim, missão? Ela era muito católica e ela disse, “eu não quero ser irmã, eu não posso ser padre, eu vou ser uma doutora e vou trabalhar com o pessoal sem cobrar.” Aí ela trabalhava assim. Aí pro Justino, vichi, ela era muito interessada, ela trazia os remédios e entregava pra ele e ficava procurando se ele estava tomando direitinho e brigando com ele pra ele fazer a dieta direitinho. E até que passou um ano doente o velho, mas ficou bom. Só que desse tempo pra cá, ele nunca mais teve a saúde que ele tinha. A resistência que ele trabalhava. Além dessa febre, depois ele ainda foi trabalhar com veneno. Porque lá onde nós morávamos só dava legume se botasse veneno. Aí era o endreto não sei se a senhora ouviu falar. Era um veneno muito forte. Aí a gente tinha que colocar veneno. Nesse ano ele já tinha melhorado, já estava botando roça, aí foi trabalhar. Ele botou acho que umas 300 linhas de roça botando veneno em tudinho, na dele e dos outros pra ganhar dinheiro e aí na hora, ele adoeceu. O derradeiro que ele foi fazer foi jogar um feijão dentro da roça envenenada. Dessa vez ele quase morre. Ainda hoje ele tem tremelique desse tempo aí. Quase morre, ficou tremendo direto aí. Todo mundo diz que ele quase morre de dor. Teimoso. Daí pra cá ele nunca ficou bem sadio, o médico disse que ele ficou com sangue tóxico. Ele tem problema e aí atacou a úlcera e sangrou ele. Ela bichou, ela furou, ela estourou, né?

(S. Justino): Foi uma úlcera dentro de mim, que saiu de todo o jeito pra fora. Aí elas foram me banhar, eu não esquentava, parece que eu não estava em mim. Elas estavam banhando eu, antes de elas acabarem de me banhar, eu fui olhar pra cá [virou a cabeça para o lado], ah minha senhora, enxerguei a Luana, olhei pra cá [para o outro lado] enxerguei a Ludimila, aí eu dei aquele frio, que eu estava nuzinho, pelado e elas me banhando ali. Aí eu dei aquele desmaio. Essas mulheres danaram a chorar [...] Até que eu fui, me deram remédio e me tiraram de lá, desse lugar. Quando me botaram numa cama e eu fiquei parado, teve um doutor que me disse [...] “o senhor já tomou sangue?” Eu disse “não senhor” [...] Eu passei o dia tomando sangue, mas quando eu saí de lá, eu não caminhava não, eu não tinha coragem.

(Pesquisadora): Estava fraco.

(S. Justino): Estava fraco. Quando eu cheguei comecei a trabalhar, aí eu adoeci de novo, me levaram pra lá de novo. Passei 48 dias internado cuidado pela mulher e as filhas. Toda noite tinha que dormi uma mais eu. Ia uma de dia, outra de noite, uma de dia outra de noite e eles não sabiam o que era. Aí mandou bater uma chapa, pra bater o eletro, aí disseram o que era, o coração entupido, três veias, aí virou e mexeu [...] ele disse, “tem que ir pra Goiás.”

(D. Maria): Goiânia.

(S. Justino): Goiânia, aí o doutor arrumou, o governo pagou lá, pagou as passagens e deu R\$ 600,00 [reais], aí eu fui. Agora de que jeito que eu ia, que minha filha não queria que eu fosse, tudo de aula, só quem não estava estudando era a Lurdes, ela já tinha ido lá pra Taboca, pro interior dela, já estava pra lá e eu estava aqui em casa. Aqui em casa doía vinha a dor aqui no peito, nesse lado aqui. A Maria me levantava, me abanava e eu morrendo, aí eu ia indo, ia indo e melhorava.

(D. Maria): Foi tirado cinco veias, por causa da hérnia.

[S. Justino conta em detalhes a viagem para Goiânia, desde a hora em que saiu de casa, o tempo de voo, o percurso para encontrar pousada, o valor do taxi que pagou, o tempo e dificuldades da cirurgia]

(S. Justino): É. Aí eu fiquei um mês, no dia que foi pra eu ir embora, não, ia embora de hoje pra amanhã, eu fui lá [no hospital]. Eles mandaram me buscar, aí a Ludimila [que acompanhou o pai na viagem para Goiás] perguntou “e agora doutor?” “Se ele cumprir igual ao que eu passei na receita, ele não tem retorno, o coração dele está igual coração de menino, mas se ele não cumprir, ele volta com a coisa” Faz oito anos que eu estou com a mesma operação e aí eu não voltei, graças a Deus não deu. Não senti nada, fiz a dietinha dele e ainda hoje estou bebendo remédio, ainda hoje, mas não sinto nada. Sinto assim, eu vou pra Vila Olímpica [grupo terceira idade], é longe tem vezes que me dá aquela coisa dentro de mim, aquela gastura. [Mas] quando eu vou de carro, não sinto nada não, vou muito bem.

(D. Maria): [...] ele não caminhava [...]

(S. Justino): Eu não faço nadinha, não tenho peito, nadinha, nadinha mesmo.

(D. Maria): Aí depois [da úlcera] apareceu uma dor no peito, era problema do coração. Tinha cinco veias, três entupidas e duas estragadas. Foi tirada cinco veias do coração. É assim, problema do Justino é tudo pesado.

(Pesquisadora): Seu Justino já passou por situações né?

(D. Maria): Agora tem esse problema desse entalo, que eu não sei o que é, que ele quase não pode comer. Ele come bem pouquinho.

(S. Justino): Eu estou bem.

(D. Maria): Ah, ele é vitorioso.

(Pesquisadora): Está bem, botando até toada aí.

(D. Maria): É ainda vai tocar boiada, ainda. Mas gosta, meu Deus!

As questões de saúde são tema frequente das narrativas de S. Justino e fonte de agradecimento emotivo para com as filhas e esposa, assim como de resiliência para seguir vivendo em Roraima.

(S. Justino): Bom, em primeiro lugar eu queria só que o companheiro pensasse que sou um velho, sou velho doente, trabalhei muito, hoje em dia não aguento trabalhar, vivo comendo, mas eu não posso dizer, porque eu vivo comendo na esmola. Eu não sou homem mais pra nada. O que posso dizer pra minha família, ajudar o velho, o pai delas, elas que me ajudam muito, estou vivo ainda, agradeço a Deus! Agradeço a Deus no céu, na terra as minhas filhas, que estão me ajudando e minha mulher. É o que posso dizer, falar delas é sobre isso.

(Filha Luciana): Porque do jeito que ele vive aí só nós.

As queixas, ou tom saudosista quando fala do Maranhão e do tempo em que podia trabalhar é rompido, quando fala da alegria de estar com os netos e da falta que eles fazem quando não estão por perto.

(S. Justino): Eu vou dizer uma coisa pra vocês aqui, eu me do mal quando fica só eu a Luciana e minha filha aí [D. Maria]. O de comer é ruim, fico sem jeito. Quando os meus netos estão tudo aqui mais eu, é um comer gostoso!

(D. Maria): Depois que essas meninas foram embora [a Ludimila e os filhos que deixaram de morar na casa com eles], ai meu Deus!

(S. Justino): Acabou pra mim.

(Pesquisadora): Alegria é quando a família está junta!

(S. Justino) (D. Maria): É.

O rememorar a lida na roça no Maranhão e os feitos de seu ofício de vaqueiro estão entre os temas preferidos de conversa do S. Justino, assim como, gosta de ser reconhecido como o provedor da família.

(S. Justino): Hoje eu encontrei um amigo meu lá no hospital, Hospital Geral, não no [Hospital] Coronel Mota. Ele procurou pra mim “Justino que está fazendo da vida velha aí?” Eu disse: “oh meu filho – NADA! Comendo mingau, sopa e deitado, quando eu quero, mas eu não estou fazendo nada.” “Justino era mesmo? Mas tu ainda te lembras do Maranhão? Naquele tempo tu brocava uma linha de roça num dia e derrubava no outro dia,

derrubava?” Eu digo “me lembro, mas minha força acabou, não faço nada.” “Ainda te lembra no tempo que tu pegava no rabo de um boi, puxava e derrubava?” “Me lembro, mas não monto mais em NADA!” Porque de primeiro, meu patrão tinha mil e quatrocentos [cabeça de]gado e eu olhava sozinho. Nunca chamei essa mulher velha minha, pra ajudar a curar um bezerro, fazer o parto de uma vaca, quando estava com o bezerro engasgado. Nunca chamei pra nada. Eu mesmo que fazia sozinho sem precisar dela [...] Eu trabalhei dezesseis anos com gado, eu nunca achei um boi, uma vaca, nem nada pra eu bater no rabo dela e ela me derrubar, nunca, não derrubava mesmo. Eu era chamado naquela encosta. Hoje em dia que diabo que eu faço? Até pra comer carne de boi eu sou ruim. [risos] Pois é.

(Pesquisadora): Mas o senhor já trabalhou bastante não é S. Justino? O senhor gostaria de estar fazendo outra coisa, que não é o que está fazendo?

(S. Justino): Não, as vezes a gente se lembra de fazer, né? Mas não adianta se danar, porque não tem aquela força. Tem aquela coragem pra fazer, mas não vai fazer porque não tem aquela força mais. A força não tem, a idade não permite mais, a gente tem é que se calar [...] Mas eu me lembro. Na realidade, eu me lembro de mais do tempo que eu fazia esse serviço, eu me lembro. [...] Ehhein, as vezes eu estava com pouquinho dinheiro chegava um, “Justino amanhã vamos pegar um garrote, uma novilha [...] pra lá. Embora de uma vez tentar pegar ela pra mim.” Aí eu ia, o cavalo era meu. Meu patrão tinha uma égua muito boa, eu pegava também. Pegava três burros e o Campeão [cachorro que o acompanhava na lida], mas eu deixei meu cavalo. Meu cavalo quando botava cela nele, eu ia correr. A Maria tinha medo pra porra, mas o jeito que eu ia era esse mesmo, porque o ofício meu era esse. Eu era doido. Por aí a senhora tira que no tempo que eu trabalhava, que eu era novo, nunca uma filha minha foi dar na casa de alguém pedir um colher de açúcar, ou café, nunca. Andavam todas vestidasinhas, pezinho no calçado.

[...]

(S. Justino): Meu patrão se encabulou comigo sabe de que? Tinha uma vaca grande por nome Chifre Grosso, que ela pariu e eu não levei ela pra soltar por causa do bezerro, deixei lá no cercadinho que ele tinha. Ela sai do cercado ganha o bananal e eu custei de tarde vir com o gado. Quando eu cheguei, ele [o patrão] tinha ido buscar a vaca mais o irmão dele. Ele veio botar a vaca pro curral mais o irmão dele esperando eu chegar né. A vaca deu uma pisa nele, quase mata, só não matou porque ele correu passou a mão no mangual pra atirar na vaca ainda. Aí eu cheguei ele disse “Justino, olha Justino, a vaca quase me matou por causa de tu” eu digo “não mandei você buscar gado, foi porque quis. E onde que ela está?” Ele disse, “está lá no bananal.” Eu digo “vou buscar.” “Não vai.” “Vou”. Peguei uma corda e fui e o Raulino [patrão] veio atrás, quando enxergaram a vaca pararam e eu parti pra ela. Ela se balançou, eu gritei pra ela e ela gemeu. Eu cheguei o bezerro estava bem aqui perto, eu abaixei peguei o bezerro. Quando eu peguei o bezerro, a vaca afastou e ajuntou em riba deu. Eu falei, ela veio escoadinha. Eu peguei o bezerro botei aqui [próximo a ele] e o bezerro berrou, e ela afastou. O bezerro toda vida aqui e ela não meteu o chifre dela. Botei dentro do curral e o Raulino disse assim, “Justino que orações tu fez pra essa vaca não te bater?” Eu digo “nenhuma, o gado me respeita Raulino, o gado me respeita!”

(D. Maria): Respeita é uma tora de pau, que ela ganhou um dia. Ele deu uma tacada de pau nela, que ela saiu berrando.

(S. Justino): Ele [o patrão] se encabulou e se encabulava comigo demais. Eu batia mesmo não via não, nenhum garrote, mas também nunca matei não...

(D. Maria): Ainda nem começou o inverno está desse jeito [chovendo]...

(S. Justino): Não eu matei um garrote do Raulino uma vez. Porque nós estávamos com três carreiras que dávamos nele eu, o Aécio, João Realengo e o Firmino e até o Raulino. Naquele dia o garrote se acuava [?] com uma ponta desse tamanho rapaz, bem fininha, o garrote se acuava e a gente riscava com medo dele matar os cavalos. E nesse dia o Raulino disse assim “o menino eu quero o garrote ou vivo, ou morto.” “Se ele se acuar eu atiro nele”, eu digo “porque se ele vir pra cima de mim eu mato ele.” O Raulino “pode matar.” Nós correndo, quando o garrote correu pra nosso rumo o garrote virou, os meninos riscaram todo mundo e eu meti o cavalo, meu cavalo era pequeno, mas era bom demais.

(Pesquisadora): E isso lá para onde vocês moravam, nas terras de Santa Teresa [do Paruá]?

(S. Justino): Lá no Maranhão mesmo. E aí eu meti o cavalo, o garrotão veio eu tirei o cavalo [da frente] e já ia com uma faca na mão. Porque eu tirei o cavalo aqui deitei peguei na crina do cavalo larguei a faca no garrote. Oh facada segura, bem na sangueira, chega fez TAU! Eu puxei a faca, o garrote saiu berrando e o sangue chegando ficou assim. Berrou se tremia todinho caiu. Eu digo “chega que agora tá no ponto” aí eles correram tudo. “Justino tu matou o garrote?”, eu digo “o Raulino mandou”. O Raulino chegou disse “cadê o garrote?”, eu disse “está aqui.” [Raulino disse] “vamos tirar o coro desse desgraçado pra comermos”, eu digo “eu não ia deixar ele matar meu cavalo não”. Também foi o boi, garrote, que eu matei, não teve outro não. Peguei muito boi do Raulino brabo, vaca, bezerro.

O prazer de enfrentar as forças da natureza, uma lida corporal repleta de materialidade viva enchiam S. Justino de vitalidade, durante a partilha dessas lembranças. O tempo das brincadeiras no Maranhão era outro assunto que o vitaliza.

(S. Justino): [canta a toada da brincadeira de bumba-meu-boi] “Eu tinha o meu companheiro que boiava boi mais eu. Mas saiu lá de casa pegou caminhão, chegou lá no centro morreu. Saiu lá de casa pegou caminhão chegou lá no centro morreu.” Essa toada que eu tirei eu mesmo. Foi de ninguém não, fui eu mesmo.

(Pesquisadora): Fez lá no Maranhão, ou já fez aqui?

(S. Justino): Aqui que eu tirei mesmo. Lá do Maranhão é só essas toadinhas velhas que nem, “mas eu comprei um boi, eu comprei um boi. Mas esse boi desapareceu. Mas eu conheço pelo ferro, Eh morena esse boi é meu. Menina diga teu nome, que eu quero dizer o meu. Eu comprei um boi, eu me chamo Chica Miuda daquele vestido teu. Eu comprei um boi e esse boi desapareceu. Mas eu conheço pelo ferro, Eh morena esse boi é meu. Oh valei Nossa Senhora e Mãe de Deus queira ajudar. Eu piso na água não toba e na foia seca não chia. Eu

cato calango de volta e tiro coró de polia. Eu comprei um boi e esse boi desapareceu. Mas eu conheço pelo ferro, que morena esse boi é meu.” Isso aí é toada lá do Maranhão, a gente tirou e veio de lá pra cá. Porque eu sou operado e a voz não sai, só assim rouca.

(Pesquisadora): *E esse boi era de que sotaque? De matraca? Tinha diferença?*

(S. Justino): *O nosso boi tinha tudo! Ichi tinha o onça [tambor], tinha matraca tinha pandeiro tinha gaizado, toda coisa ele tinha. Meu chapéu você não me via, meu chapéu era bem feito, bem feito mesmo.*

(Pesquisadora): *Não veio o chapéu? Quando o senhor veio, o chapéu ficou lá?*

(S. Justino): *Eu deixei lá. Eu gastei pra mais de duzentos reais só de fita.*

(Filha Luciana): *Era todo enfeitadão.*

(S. Justino): *Arrastava no chão as fitas.*

(Pesquisadora): *Tu lembra Luciana?*

(S. Justino): *Lembra!*

(Filha Luciana): *Menina lá onde nós morávamos, lá em Santa Teresa [do Paruá] era brincadeira de boi assim de jeito mesmo.*

(S. Justino): *Ela lembra sim, olha Larissa eu brincava boi, brincava mangaba, só não entrava em quadrilha porque eu não queria, mas...*

(Filha Luciana): *Não queria e nem não podia também.*

(S. Justino): *Mas essas outras coisas eu fazia tudo. Gostava de fazer mesmo. Porque se fosse no meu tempo era bom demais. Eu cheguei em Santa Teresa [do Paruá] lá era bom pra mim, porque lá eu era festeiro, eu era bom de festa, lá eu gostava de uma mangaba, gostava de uma boiada, gostava de um tanto de coisa. [...] Não porque eu gostava era de me divertir mesmo, beber cachaça e me divertir era só isso que eu gostava, eu não gostava de outra coisa. Tinha gente que gostava porque, eu não sei não, mas eu dizia mesmo, eu gostava da brincadeira de boi, pra beber cachaça e brincar mesmo. Porque eu gostava era de bater pandeiro, sair fardado, bonito que nem nós saíamos. Nós tínhamos as nossas fardas. Todos eles tinham a farda, aqueles do cordão eram fardados, todos eles.*

(Pesquisadora): *E o senhor aprendeu de menino a brincar, ou já maior?*

(S. Justino): *Não, não, menino pracolá onde eu morava [Barreirinha] não tinha. Eu aprendi onde vim morar, aí na Santa Inês, na Santa Luzia [do Paruá], aí foi que eu aprendi. Agora aprender a bater pandeiro, bater zabumba, tocar cavaquinho, bater pandeiro de mão, zabumba, rabo seco, desde menino. Meu pai era tocador e batia pandeiro mais eu, aí eu aprendi mesmo com ele lá. Eu no tamanhinho daquele neto meu que estava aqui [Guilherme 10 anos] eu já não dormia de noite de sábado pra domingo, dia de fazer o arrasta-pé por lá. Não dormia não, era batendo pandeiro a noite todinha.*

(Pesquisadora): Festa é, ou era brincadeira também?

(S. Justino): Festa! Festa, festa mesmo. Meu pai era sanfoneiro, aí eu aprendi, logo que eu aprendi pronto era só eu mesmo no [?] tinha rabo seco.

(Pesquisadora): Tinha o que, rabo seco?

(S. Justino): Rabo seco é um pandeiro, um tambor dessa altura, rabo seco. E tinha o cavaquinho, eu tocava todos eles. Batia rabo seco, batia cavaquinho, batia bombo, todos eles eu sabia tocar.

(Pesquisadora): Mas o senhor canta muito bem.

(S. Justino): Canto muito mal.

(Pesquisadora): Bem afinado.

(S. Justino): Não eu já cantei muito, hoje em dia eu não canto nada, essa minha voz não sai. [...] Tinha, tinha muita toada. Eu mesmo não aprendi muito porque a gente se esquece, mas o que eu ainda sei, ainda dessa que diz assim: "Garrote da ponta fina rola pedra na madeira. Garrote da ponta fina rola pedra na madeira. Sai fora vaqueiro vem ver a carrera dele. Garrote da ponta fina rola pedra na madeira. Meu garrote não drome na cama. Só drome na limer e debaixo da rama. Eh meu garrote não drome na cama. Só drome na limer debaixo da rama." "Eh companheiro da no boi. Eh num deixa o boi te da. Esse boi tem de costume. De morde e quere baba. Companheiro da no boi, num deixa o boi te da. Esse boi tem de costume de morde e quere baba" Isso aqui é outra. Isso aí tudo era toada de boi, que nego botava, agora quem queria botava ela, tinha aqueles versinhos, que a gente botava pelo meio, pra acolá.

(Pesquisadora): Ia inventando verso.

(S. Justino): Ia ehhein, mas a gente se esquece faz anos que eu não brinco boiada, eu tenho mais de que? Tem uns dezoito anos, nunca mais brinquei boi, nunca mais brinquei nada.

(Pesquisadora): Depois que o senhor veio para cá não brincou mais?

(S. Justino): Não.

(Pesquisadora): Mas lá brincava até quando saiu?

(S. Justino): Brincava, no ano que eu vim pra cá eu brinquei boi. Aqui, naquele dia [no Arraial dos Maranhenses] aquele menino, brincando com aquele boiinho [de Alto Alegre], a Ludimila e a Luana me chamaram pra ir lá botar, cantar. Eu botei duas toadinhas, mas eu cantei e vim me embora.

Além de ser conhecedor de toadas S. Justino gosta de ser lembrado em seu saber de trançador de cestos, abanos, cofos, espécie de balaio de carga produzido com folha de buriti comum no Maranhão e que no bairro de Santa Luzia é uma das poucas pessoas, que ainda sabe confeccionar.



Figura 6: S. Justino confeccionando cofo na presença do neto Guilherme.
Fonte: Acervo pesquisa



Figura 7: Cofos finalizados.
Fonte: Acervo pesquisa

S. Justino não demonstrou em nenhuma fala ligação com qualquer religiosidade, não participa dos movimentos religiosos da família, mas conta que aprendeu a benzer.

(Pesquisadora): Seu Justino, o senhor falou ontem que o senhor sabe rezar?

(S. Justino): Eu sei, toda hora, o nome do pai é na testa, do filho no umbigo, você sabe que sou zangado, por que ocê bole comigo? [risos]

(Pesquisadora): Como é essa? Nome do pai, do filho?

(S. Justino): Nome do pai é na testa, do filho no umbigo, você sabe que sou zangado, por que ocê bole comigo?

(Pesquisadora): Essa é boa.

(S. Justino): Assim, eu sei de menino se engasgando com espinha de peixe, eu já rezei.

(Pesquisadora): Já? E mais alguma coisa que o senhor rezou?

(S. Justino): Não senhora. Só pra quebrante de menino.

(Pesquisadora): Quebrante também. E o senhor aprendeu com quem, escutando quem?

(S. Justino): Meus avôs, meus pais.

(Pesquisadora): Ah é, todos eles rezavam é?

(S. Justino): Rezavam.

Durante uma das vivências em campo, S. Justino foi convidado para participar do Encontro de Mestres da Tradição Maranhense que se realizou em abril de 2016, na casa do Pedro Costa, no bairro Santa Luzia. Estavam presentes mestre violeiro de reisada de Rorainópolis, sul de Roraima, Mestre de boi de Alto Alegre, Mestre Melancia do Santa Luzia, além de S. Justino. Neste encontro S. Justino partilhou as toadas que gosta de cantar deitado em sua rede e também se interessou por tocar matraca e pela escuta das toadas que foram surgindo. Na ocasião deste encontro, Mestre Melancia apresentou pela primeira vez o boi Estrela do Vale, que seria batizado no Arraial dos Maranhenses 2016 e que vem participando dos festejos desde então.



Figura 8: Boi Estrela do Vale batizado no Arraial dos Maranhenses da Comunidade São Raimundo Nonato, bairro Santa Luzia em 2016.

Fonte: Pedro Costa

S. Justino, que repete com frequência que não tem o costume de sair de casa devido a sua saúde, nos relatou suas impressões sobre o Encontro dos Mestres.

(Pesquisadora): Mas o senhor estava feliz lá?

(S. Justino): Estava, eu estava bem, estava bom. A Maria procurou, “não eu não cantei não. Cantei bem pouquinho, duas toadas só, só.” Mas eu bati, acompanhei bem na matraca, não tinha zabumba, não tinha pandeiro. Porque se tivesse um pandeiro, eu tinha batido melhor, mas na matraca eu acompanhei bem também. Estava bonito, estava bom.

(Pesquisadora): E o senhor tem vontade de escutar eles cantarem de novo, de ir em um encontro de novo?

(S. Justino): Eu acho que vou de novo. Tem que ir, o Pedro quer que eu vá. O Melancia quer que eu vá. “Embora, você num vai pro cordão seu moço? Mas eu quero o senhor por lá”. Eu digo, “Vou. Eu vou lá”.

(Pesquisadora): E o senhor chegou a lembrar de mais alguma toada?

(S. Justino): Que nada eu sou... Lembrava, mas não tem peito pra cantar.

(Pesquisadora): Mas lembrou?

(S. Justino): Lembro, ainda lembrei.

(Pesquisadora): Foi bonito, né? O senhor chegou já foi cantando!

(S. Justino): Foi! O Melancia mandou eu cantar uma pra ele escutar. Eu digo Melancia, eu não tenho peito. Olha é só quatro palavras que eu vou dizer. Ele disse “diga aí.” Eu estou me

lembrando dela. “Mas eu tinha meu companheiro, que boiava boi mais eu. Eu tinha meu companheiro, que boiava boi mais eu. Moço saiu lá de casa pegou caminhão chegou lá no centro morreu.” Ele disse “rapaz tu sabe de umas toadas dessa, como que eu não sei?” Eu disse, “eu ainda sei duas ainda, mas eu não tenho peito Melancia, pra cantar. Eu sou operado, não canto mais.”

(Pesquisadora): Mas o senhor lembra, né?

(S. Justino): Lembro.

(Pesquisadora): E o encontro com eles fez o senhor lembrar de outras, que já estavam esquecidas, ou não?

(S. Justino): É eu me lembrei ainda dessa, mas eu não botei lá porque eu estava cansado. “A primeira vez que eu te vi, o meu coração se alegrou. A primeira vez que eu te vi, o meu coração se alegrou. No teu semblante morena, mas no teu olhar matador. Companheiro dá no boi, num deixa o boi te dar. Esse boi tem de costume, de morde e quiere babar. Eu vou me embora, vou me embora, porque eu disse que vou. Se eu num for na barca nova, na velha também num vo.” Mas aí a gente se esquece a voz também não da mais, a voz não da mais pra entoar, mas tem muitas. Eu digo “oi meu filho tem aquela, Vaquero tocou apito toada quero mudar. Vaquero tocou apito toada quero mudar. Quero entrega meu ramo, o gerente e o capataz. Eu comprei um boi, comprei um boi. Esse boi desapareceu. Eu conheço pelo ferro, ehheh morena esse boi é meu.” Eu disse pra ele [Mestre Melancia] “eu conheço toada boa, mas não tenho peito pra cantar, só se vocês cantarem.” Mas eu não tenho peito mais não, acabou. Mas eu ainda boto muita toadinha velha. Ele ficou encabuladinho comigo ele.

(Pesquisadora): E ele [Mestre Melancia] já foi inventando umas toadas daqui, né. Ele foi falando de umas toadas de vicinal.

(S. Justino): É ele veio com toada lá de fora e joga pra dentro. Aí ele disse, “Justino queria saber daquela que tu cantou lá”. Eu disse “rapaz eu me esqueci”, mas eu não esqueci não, estava lembrando dela, queria que eu cantasse pra ele. “Ó eu vi lá em Viana, tecendo a maior costureira. Ó eu vi lá em Viana, tecendo a maior costureira. Ó eu vi uma moça no rio, em dezembro ela perdeu. Até Mundoquinha chorou. Eu vi uma moça no rio, em dezembro ela perdeu. Até Mundoquinha chorou.” Aí, que eu não tenho peito mais, não da pra soltar assim uma voz, que nem eu cantava de primeiro. Primeiro eu mandava boi a noite todinha e não sentia nadinha não. Hoje em dia não canto não. Deus me livre! Não aguento não. Eu digo assim um verso, dois, três, foi embora. Mas não sei mais não. Olha eles nem sabem, aquele verso que dizia, “Alecrim da beira d’água cai uma folha e nasce outra. Quando mirra por aqui é por ti não é por outra.” Eles diziam de outra maneira, eles não falavam esse segundo, falavam “alecrim na beira d’água cai uma folha e nasce outra”, mas não falavam, não sabiam jogar o verso pra fora. É que nem eu, eu também sei, mas não jogo! Porque o peito não da mais.

(Pesquisadora): Mas o senhor colocava verso também lá no Maranhão?

(S. Justino): Eu sabia cantar. Cantava muito verso. Mas não sei mais, não digo mais nada não, foi embora. Eu ainda digo besteira por aqui, porque às vezes estou aí e jogo, mas não... acabou-se.

O falar do encontro fez movimentar várias toadas em sequência. Apesar do tom melancólico é possível perceber ao longo da vivência em campo, que aos poucos mais e mais toadas vem brotando em sua memória e com mais frequência foi possível ouvi-lo entoá-las de sua rede. Também tem sido estimulado por Pedro Costa, para partilhar de seu saber com a Mangaba, brincadeira conhecida como dança do oito, onde dois casais, quatro pessoas posicionadas em quatro vértices, à maneira de um quadrado se voltam um de frente para o outro e desta posição se movimentam em círculo no próprio par e em diagonal trocando de lugares, em uma movimentação que lembra a forma de um oito. Brincadeira antiga com poucos brincantes na atualidade, inclusive no Maranhão, mas que movimenta memórias na família de S. Justino, pois em Santa Teresa do Paruá, eles eram o casal que coordenava a brincadeira.

(S. Justino): A mangaba é o seguinte, ela [a parceira] fica bem aqui, aí tem dois bem aqui [se levanta e vai mostrando as posições]. Aí eu tenho que ir ali ó, eu tenho que ir ali, passar por aqui e ir ali [cruzar o quadrado da dança em sentido diagonal] e ela tem que fazer a volta por aqui assim e assim, o outro vem por aqui volta pra cá. A mangaba é chata você tem que fazer o oito, ou faz o oito, ou não é mangaba.

(Pesquisadora): É bonito hein!

(S. Justino): Mangaba é interessado, pra quem quer brincar mangaba é interessado, você tem que fazer o oito toda vida.

(Pesquisadora): Caminha, caminha e vai fazendo o oito.

(S. Justino): Não você tem que dançar o passo, tem que fazer o passo da mangaba.

(D. Maria): Mangaba é uma coisa completa. Nós fazemos trocar de par com o par dele, né?

(S. Justino): Pois é. Tem aquela que é do pau pereira, a gente sai, mais aquela: “Eu comprei uma galinha por dois mil e quinhentos, eu batia na tita [?] dela, o pintinho piava dentro. E minha galinha deu, deu, deu, deu, deu. E minha galinha deu, pra nós comer.” Isso era cantiga de mangaba nossa lá. “Pau pereira, pau pereira, é um pau de opinião. Todo pau fulora e cai, só o pau pereira não. O que é isso muié, ara rara. O que é isso muié, ara rara.” Mas essa daí é que tem que ficar dois de um lado, dois de outro, dançar e...

(D. Maria): Essa aí eu não acerto mais.

(S. Justino): Não, eu acerto, eu acerto ainda.

(Pesquisadora): Será que não? Será que quando começar não vem a lembrança [D. Maria]?

(D. Maria): [...] agora as mulheres ficam só ajudando aqui.

(S. Justino): Não quando eu começar desse lado você me segue. É dois de um lado. Tem que ficar um homem e uma mulher pra lá e um homem e uma mulher aqui.

(D. Maria): É quatro pessoas, de par.

(Pesquisadora): A senhora sabe também?

(S. Justino): Sabe, a Maria sabe.

(D. Maria): Sei.

(Pesquisadora): Brincava também.

(D. Maria): É porque lá no Maranhão foi a brincadeira que mais deu renda nesse tempo. Nós ensaiávamos era escondido. Nós ensaiávamos lá dentro da escola, porque nesse tempo ensaiava toda noite, lá dentro da escola. Aí quando nós fomos apresentar, quando nós começamos, Ave Maria! O pessoal deu vaia em nós, né. Só os idosos! Aí nós começamos, nós não éramos muito idoso né, era só casal, aí era só os adultos...

(S. Justino): Demos um show pra porra.

(D. Maria): Aí nós entramos. Menina! Começamos entrar, aí quando nós começamos mesmo a brincar de verdade. Quando viram nossa brincadeira, ó todo mundo parou, todo mundo e aí cercaram mesmo ao redor, todo mundo, todo mundo. Aí no outro dia todo mundo só perguntava, ai que brincadeira bonita, ai aquela brincadeira de vocês foi a melhor que deu, aquela brincadeira ali arrasou. Era assim. Foi muito bom ó, naquele tempo!

Eles recordaram com alegria a brincadeira! Chegaram a recriar, com os netos e comigo, os passos e a música em uma visita que fizemos à casa de Luana, onde passamos um dia. Mas quando cogitado sobre a continuidade da brincadeira S. Justino repete que ele não tem mais força para cantar.

(Filha Luciana): Lá em tempo de quadrilha eles faziam um tanto de tipo diferente. Ih era bom. Era só de velho porque criança eles não botavam não, mas menina os velhos faziam cada passo. Agora mangaba, o pai e a mãe, menina, era tudo enfeitado. O povo ficava admirado de tanto olhar os velhinhos dançando.

(S. Justino): Nossa mangaba era ensaiada só conosco, o povo só via no dia que saia mesmo e o povo se admirava, só velho! Que mangaba se não dançar o oito não dançou mangaba.

[...]

(S. Justino): Eu digo tudo prôces. Eu digo é TUDO prôces. Boiada, eu sabia mandar o boi. Hoje em dia eu não aguento mais.

(D. Maria): Esse daí passava era a noite toda numa boiada. Quando terminava as quadrilhas, aí ia brincar boi, né. Aí eles iam entravam por todo rumo lá.

(S. Justino): Hoje em dia por conta dessa operação, ainda dói aqui dentro né, mas eu ainda sei, ainda sei toada ainda, pra mandar boi, eu ainda mando toada ainda.

(Pesquisadora): E o senhor já chegou a inventar alguma toada? Criar alguma?

(S. Justino): Não, não.

(Pesquisadora): Porque o senhor gosta de cantar, né. Eu vi algumas vezes o senhor deitado na rede...

(S. Justino): É eu canto assim, as vezes estou deitado me lembro, aí canto daqui pracolá, besteira.

(Pesquisadora): E nunca fez inventar uma música?

(S. Justino): Toada não. Não, essa toada que fala de garrote fui eu quem inventei, mas faz tempo já ela.

(Pesquisadora): A do garrote foi do senhor?

(S. Justino): Foi, mas faz tempo.

(Pesquisadora): Quando o senhor estava lá ainda [no Maranhão]?

(S. Justino): Foi lá no Mara... não essa foi aqui. Foi ali, eu estava mais o Cazuzá, aí o Cazuzá botou uma [toada] lá, ele me mandou botar uma, eu botei essa, sem pé e nem cabeça. Mas nesse tempo eu não estava operado não. Essa que fala “o meu garrote num dorme na cama”, não estava operado ainda não. Aí o Cazuzá me ajudou, o Cazuzá é bom de toada.

(Pesquisadora): Então quando o senhor chegou aqui, o senhor ainda...

(S. Justino): Brinquei mais o Cazuzá.

(Pesquisadora): Foi?

(S. Justino): Foi

(Pesquisadora): Ah que legal.

(S. Justino): Brinquei, fomos lá no centro, porque chamaram pra nós irmos. O Cazuzá veio aqui em casa, morava ali [no mesmo bairro] botamos uma toada acolá. “Você vai mais eu?” Eu disse, “vou nada”. Ele disse “vai, vai, arrumei um pandeiro pra você” “Pois vamos embora?” “Eu vou.” Aí eu fui. Lá brincamos até meia noite, meia noite o carro veio deixar a gente aqui.

Cazuzá é referenciado algumas vezes por S. Justino como seu parceiro de algumas brincadeiras em Roraima, mas que com a mudança do amigo para o interior do estado eles

perderam o contato. E apesar de justificar bastante a impossibilidade de brincar, S. Justino aparenta novo vigor, quando relembra as brincadeiras e se diverte ao fazer piada e jogar com o sentido das palavras.

(S. Justino): Eu, quando não estou jogando baralho, estou namorando[risos]

(Visita): Namorando com a rede.

(D. Maria): Oh vantagem! Dorme que sonha! [risos]

[...]

(Filha Luciana): Porque ele [a visita] gosta de brincar com ele.

(Visita): Você tome vergonha nessa sua cara.

(Filha Luciana): Ele joga verde.

(S. Justino): Olha, se um velho que nem tu não tem vergonha, quem diabo que vai criar vergonha, porque eu tenho.

(Visita): Se tu não tem também, onde foi que tu arrumou?

(S. Justino): Na casa dos outros.

(Visita): Porque é o seguinte eu fui inventar de criar, mas morreu de fome.

(S. Justino): Ah comigo não morre não, porque eu pego na casa dos outros.

(Visita): Ah só se for mesmo.

[...]

(Genro Moacir): E aí, Seu Justino?

(S. Justino): Boa tarde!

(Genro Moacir): Eu saí da roça, Seu Justino, eu estou meio suado.

(S. Justino): Menstruado?

(Genro Moacir): Suado [risos] Ô!

D. Maria que brincava mangaba nos tempos de Maranhão diz que sabe dançar, mas não cantar e repete algumas vezes que *esta coisa de brincadeira é com Justino*. Ela diz não gostar muito de boi, prefere a reisada que é das brincadeiras que mais lembra do Piauí e se atreve a cantar uns versinhos.

(S. Justino): Isso aí é Santos Reis.

(D. Maria): É, pois é, mas tinha os caretas, tinha os boi, os mascarados tampando a cara, né. Aí ele chega ali vem todo mascarado. É muito bonito! Tem a burrrinha,[canta] “A burrinha do meu amo ela dança bem. A burrinha do meu amo come palha de arroz. Arrenego dessa burra se não pode com nós dois. A burrinha do meu amo ela dança bem. O careta rema o chão ela rema também.” Lá tinha uma brincadeira de careta. Lá é diferente é um festejo que eles fazem no começo de janeiro, que é do dia primeiro, ao dia 6 de janeiro.

(Pesquisadora): Festa de Reis?

(D. Maria): É Festa de Reis. Aí eles fazem aquelas brincadeiras muito bonitas. Eles saem nas casas de noite batendo as músicas. Eu sei as músicas.

(S. Justino): Aí quando você abre a porta eu entro.

(D. Maria): Ah ele está falando dos caretas [Folia de Reis].

(S. Justino): Eu tiro panela, tiro quatro pratos, colher e aí chego vou lhe vender. Eu não levo pra mim não, eu vou é lhe vender.

(D. Maria): Ele está falando assim dos caretas [Folia de Reis].

(S. Justino): Aí se eu dissesse assim, hoje eu nem quero, eu digo assim fui eu quem roubei é meu. Aí você diz é meu que eu conheço o que é meu. Eu digo é meu, me paga, ou eu não lhe trago. Aí você me paga e eu lhe entrego depois. Por mixaria, por besteira.

(D. Maria): Eles avisam a gente que vem, mas aí a gente fecha as portas. Aí eles chegam na casa da gente, eles ficam cantando as músicas que é pra poder a gente abrir a porta. É muito lindo ó!

(Pesquisadora): Ah que legal!

(D. Maria): É bonito!

(S. Justino): É bonito!

(Pesquisadora): E tem a cantoria e a fala dos caretas também?

(S. Justino): Tem.

(D. Maria): Tem.

(Pesquisadora): Eles são danados esses caretas, né?

(D. Maria): Pois é. Na casa do meu avô ele gostava dessas coisas assim. Ele gostava de cantoria, gostava dessas Festa de Reis. Eles avisavam o dia que vinham, aí quando a gente via que eles já vinham vindo, a gente fechava as portas só assuntando. Aí lá é assim, as brincadeiras que eles fazem a gente pagar. Aí eles jogam um paninho na gente, aí a gente paga um troquinho pra eles, tem que amarrar um dinheirinho ali naquele lenço. Aí paga a sangria do boi, paga um bocado de coisinha [...] a gente dá o tanto que quiser.

(Pesquisadora): E brincava na noite de lua também?

(D. Maria): Era.

(S. Justino): Era.

(D. Maria): Era, eles tem até a música da lua.

(Pesquisadora): A senhora lembra?

(D. Maria): Me lembro.

(Pesquisadora): Pode cantar?

(D. Maria): “Vontade de ir me embora vontade de não ir, que a noite está bela pra nos divertir.” Por causa da lua né, que estava clara, a noite estava bela, eu vou ver se acerto a toada dela tá? Aí tinha outra do boi deixa eu ver como é..., “Meu boiinho saiu na rua. Chorando se despedindo. Já está chegando a hora. De morrer meu cravo lindo” É grande essa música, mas eu não aprendi, só aprendi esse pedacinho. “Acorda capitão coração de pedra dura. A noite esta bela pra nós diverti. Capitão abre a porta se tem de abrir. O sol entra na porta e a lua pela janela. Acorda capitão com a suas moças donzela. Capitão abre a porta se tem de abrir.” É assim a brincadeira deles lá. Não sei se ainda existe né, porque as coisas de hoje em dia, talvez já mudou. Eu já estou com... quando eu fui lá da derradeira vez estava com 43 anos que eu fui lá, acho que já está com uns 50 e poucos anos que eu fui lá. Eu saí de lá eu tinha 19 anos, quando eu fui lá em 2000, parece que 2006, por aí assim, quando eu fui.

D. Maria diz achar bonito a brincadeira dos caretas da Reisada e tem lembranças agradáveis de algumas poucas vezes em que participou da brincadeira, na companhia dos avós. Ela confessa gostar mesmo é dos rituais da igreja, chegando a demonstrar um deleite pelo assunto, com a mudança do tom da voz, que se torna mais aguda e propositalmente suave, quando relembra das idas para as obrigações do Apostolado da Oração acompanhando a avó.

(D. Maria): Eu sempre gosto de lembrar as coisas assim. Outro dia eu conversando com a minha irmã, falei, olha Margarida, sou uma pessoa feliz, porque hoje em dia, nós somos católicos né. Eu dou muito valor a minha religião, eu dou graças a Deus por ser católica, eu gosto. Aí eu estou vivendo a mesma coisa que a minha vó viveu, só que no tempo da minha vó, tinha mais dificuldade. Nós íamos na missa a distância de uma légua, nós chegávamos lá, a missa começava cedinho da noite e acabava lá pelas sete e meia, umas oito horas. Terminava aí a gente vinha subindo e descendo estrada, era um caminhozinho, não era estrada. Aí nós vínhamos, acendendo e apagando a lamparina, quando tinha vento forte era toda hora apagando, apagando e nós acendendo. Aí nós vínhamos nessa luta, eu mais minha vó e minha tia. Eu era menor que a Geovana [14 anos], tinha acho que uns 11 ou 12 anos, custei pra me formar. Elas vinham pra missa da primeira sexta-feira do mês, do Sagrado

Coração de Jesus. Aí nós agora estamos também sendo Apostolado da Oração, né. É o mesmo jeito, toda sexta-feira do mês tem a mesma missa. Esses dias eu estava falando assim pra minha irmã, “eu sou muito feliz com a minha religião, sou feliz com o que estou vivendo, a vida que a minha vó viveu eu estou vivendo, eu sou muito feliz! Sou muito feliz aqui em Boa Vista!” Eu gosto, porque eu tinha vontade, porque quando nesse tempo que eu era pequena eu não podia. A pessoa só pode entrar quando já é adulta, ou quando é crismado, batizado, e aí nesse tempo eu já era crismada, mas era muito novinha, não podia entrar. Agora graças a Deus, eu já sou. Eu digo pro pessoal aí, que sou muito feliz! Aí esses dias eu estava dizendo pra minha irmã, que era muito feliz porque estava vivendo a vida que a minha vó vivia na religião. As meninas, tem uma irmã minha que é crente, uma filha minha, mas eu não tenho vontade de ser crente não, dou muito valor a minha religião, de eu ser católica.

A satisfação por ser uma *mulher de igreja* é grande pedindo inclusive para ser fotografada com o uniforme do apostolado, do qual faz parte com a filha Luciana.



Figura 9: D. Maria e a filha Luciana arrumadas para o Apostolado da Oração.
Fonte: Acervo pesquisa

Fazer o que a avó faz, além de reviver as lembranças de conviver com ela é também e mais que tudo participar do cotidiano dos netos, estar presente na vida deles ajudando as filhas e netos, no que eles precisem, suprindo dentro do possível, as questões materiais, educacionais, lúdicas e espirituais. D. Maria acompanha o rendimento escolar dos netos, encaminha e lembra das obrigações na igreja e tem especial interesse pela participação deles na Vila Olímpica, projeto social mantido pela Prefeitura de Boa Vista, no qual crianças tem acesso a atividades musicais e artes marciais. As crianças matriculadas na *Vila*, como é mais conhecida, recebem uma bolsa mensal de R\$ 180,00 reais para participarem semanalmente de aulas de instrumentos musicais clássicos e realizam algumas apresentações ao longo do ano. De seus netos, seis participam assiduamente e tocam instrumentos tais como: violino,

clarinete, baixo acústico, flauta doce e transversal. Em vários momentos D. Maria fala do prazer em ver os netos tocarem.

(D. Maria): Pois é eu sou muito feliz porque instrumento é uma coisa que eles estão evoluindo. Ver esses meninos correndo na rua, daqui há um tempinho estão desembestando por aí. Então tem que se ocupar.

(Pesquisadora): E a senhora é feliz por isso?

(D. Maria): Demais.

(S. Justino): Eh Maria, se meus netos se interessassem eu ia comprar um pandeiro de mão para ensinar a eles.

(D. Maria): Diacho! Então é o seguinte: o Guilherme, a mãe dele fez todo o esforço pra comprar instrumento de sopro pra ele, porque quando ele entrar pro quartel já vai pegar um lugar maneiro, que pode entrar na banda militar, né.

(Pesquisadora): Então a senhora acha que é importante eles continuarem na Vila [Olímpica], porque tem a questão do dinheiro e estão aprendendo?

(D. Maria): Não porque estão ocupados, estão aprendendo e estão ocupados.

(Pesquisadora): E é importante música?

(D. Maria): É muito importante pra mim a música.

(Pesquisadora): O que a senhora acha que a música faz, traz para eles?

(D. Maria): É porque um dia quando estiver grande se quiser fazer parte de alguma coisa, a música já ajuda. Se o Guilherme mesmo quiser seguir o quartel já ajuda.

(Pesquisadora): E a música ajuda a pensar também, sabia?

(D. Maria): É faz parte, ajuda a mente da pessoa, ocupa a mente [...] Ai eu fiquei muito feliz uma vez que a Ludimila foi com eles pra apresentar lá com a prefeita e um pessoal de São Paulo. Vieram os maestros, só gentona. Nesse dia o Guilherme tocou cinco músicas, diz que ele ficou até emocionado porque tocou muito. Foi no violino e violino é coisa antiga, o pessoal dá muito valor. Eu acho lindo! Aí aqui só ficou [no violino] a Geovana ela não quer sair do violino.

(Neta Raiza): Não, ficou eu também.

(D. Maria): Ah é essa daí ficou também.

(Pesquisadora): E tu já sabes ler partitura?

(Neta Raiza): Sei.

(Pesquisadora): Mas vocês [Raiza, Geovana e Guilherme] já leem tudo na partitura?

(Neta Raiza): Sim.

(D. Maria): Porque tem mãe que leva os filhos só pra escola depois fica tudo aí. Os da Ludimila eu também ajudo e tem os da Luana que também estão tocando. Além do curso na Vila [Olímpica] eles estão fazendo um curso na igreja também de violão. Porque o violão é bom pra eles tocarem na igreja. [...] Agora esse ano teve uma apresentação linda, linda, ali na praça! Ai, eu me emocionei demais. O Mário[genro] ria de mim. Aí ele disse “Ave Maria, Dona Mariazinha, a senhora tá revelada”, eu digo menina, uma emoção daquela é grande demais! Eu estava rodeada de neto tudinho apresentando uma coisa mais linda daquela. As músicas lindas, linda, linda, aquela de Roraima, né, a de Macunaima e aquela de Roraima. Ave Maria! Mas eles apresentaram tudinho tocando no violino e nas flautinhas, ai era bonito demais!

(Pesquisadora): A senhora fica feliz de ver eles assim.

(D. Maria): Ave Maria! Muito feliz estava. Nesse tempo estavam os meninos da Luana, porque ela tirou o bichinho do curso, ó, me dá é raiva de ela não se importar com o meu neto. Eu não posso dizer nada que ela não gosta. Aí ela não deixa.

(Pesquisadora): Mas por quê ela tirou?

(D. Maria): Preguiça de deixar o menino na Vila [Olímpica]. Porque ele é pequeno e ela tem medo de deixar ele só, né? Aí os daqui [filhos da Ludimila] foram embora, que eles iam mais o menino da Luana, aí o bichinho largou de ir. No ano passado ele apresentou e foi muito lindo!

Na Vila Olímpica ainda tem atividades de artes marciais e Livia, a neta mais velha pratica Kung Fu.

(Neta Livia): Ah Larissa eu e a Clara [irmã mais nova da Laís], ainda aprendemos Kung Fu. Já estou na faixa azul, eu tinha parado um tempo porque não tinha como eu ir.

(Pesquisadora): Muito legal, artes marciais.

(Neto Luis): Meu negócio é esporte.

(Neta Livia): Kung Fu não é um tipo de esporte?

(Neto Luis): Não, mas tipo assim, futebol, natação [...]

[Livia e Dona Maria conversam sobre cores de faixa no Kung Fu e alguém que deveria ser professor]

(Neta Livia): Os meninos da [faixa] branca falaram pra mim uma vez vó: que os meninos da branca me admiram, e não admiram ele [Gustavo irmão da Livia]. Se espelham em mim, eles veem eu treinando e dizem que tem vontade de ser que nem eu, não que nem o Gustavo, porque o Gustavo, vó, o Gustavo, sabe o que ele faz? Não treina direito, não faz o exercício direito. Quando termina é pra ir treinando cada um o seu fazendo as coisas lá, né e o Gustavo fica, faz uma vez, aí se acocora, fica no chão, não faz não. Aí os meninos falam que se fosse eu, não desistia não.

[...]

(Neta Livia): Vou mostrar um treino pra Larissa de como é que é. Como treina Kung Fu.

(Filha Luana): Faz um treino aí pra elas.

(Neta Livia): Ei Larissa, vou fazer um pra você. Que a mãe disse pra fazer.

(Pesquisadora): Faça!

[Livia mostra uma sequência de Kung Fu]

(Pesquisadora): Isso que tu fizestes é treino na Vila Olímpica?

(Neta Livia): Aham, aí cada faixa é um. Aí quando chega na amarela é com bastão. No azul é no facão, aí nos outros vai, tem a lança, rabo de peixe, tem facão de sete argolas.

[...]

(Filha Luana): Acho o Kung Fu bom porque ele pratica várias qualidades.

Na Vila Olímpica também se realizam as atividades do Cabelo de Prata⁵⁴ grupo para terceira idade, do qual D. Maria, S. Justino e Luciana fazem parte há quase dez anos. Frequentam este grupo duas vezes por semana, as segundas e quartas-feiras pela manhã e lá realizam atividades físicas como ginástica, dança, jogos de dominó e carteados, atividade apreciada por S. Justino, dentre outras atividades. Há ainda ensaios de quadrilha e danças, para as apresentações nos festejos juninos, que são bastante apreciados em toda cidade de Boa Vista.⁵⁵

⁵⁴ Cabelos de Prata é um programa da prefeitura de Boa Vista – RR que “atua na valorização da pessoa idosa, promovendo a autoestima, hábitos saudáveis e a garantia de seus direitos fundamentais. Por meio do programa, idosos de baixa renda recebem bolsa de R\$180.” Disponível: <https://www.boavista.rr.gov.br/canal-do-cidadao-projetos/cabelo-de-prata>. Acesso em 20/10/2017.

⁵⁵ Os festejos juninos em Boa Vista são muito incentivados. O aniversário da cidade é em 9 de julho e a comemoração da data se realiza durante uma semana com o evento Boa Vista Junina, onde acontece o festival de premiações de quadrilhas juninas envolvendo agremiações e bairros distintos da cidade. As quadrilhas de Boa Vista são reconhecidas na região Norte e chegam a se apresentar em estados do Nordeste.

(Filha Luana): Aqui é um lugar que eles abrem bastante lugar assim pras crianças fazerem esporte, eu acho bacana. Porque assim, meus meninos fazem na Vila Olímpica. Quando a prefeita falou em negócio de Vila Olímpica, ninguém achou que ela ia fazer, mas hoje em dia apesar de ser um grande espaço, dá pra aproveitar bem lá.

(D. Maria): Já foi lá?

(Pesquisadora): Não⁵⁶.

(Filha Luana): Nessa área, tem um ginásio grande onde eles [grupo Cabelo de Prata] ficam. Nesse ginásio tem várias salas embaixo, tem as salas em que são feitas as aulas de violino, violão, essas coisas são feitas no ginásio. Aí tem uma outra quadra, tem oficina, tem quadra de areia.

(Pesquisadora): E o Cabelo de Prata também apresenta?

(D. Maria): Sim, Cabelo de Prata apresenta. Eu não apresentei ano passado não, agora ano retrasado eu apresentei. O meu era, com as velinhas. Eram as lâmpadazinhas acesas na pilha sabe? Era tipo uma vela, desse tamanho assim. Aí na hora lá ligava a pilhazinha e ela ficava acesa. Só que não apagaram o palco, o palco como estava aceso não dava nem para nós vermos [a luz da vela]. Mas nós fazíamos a apresentação tipo quadrilha, sabe? Fazendo aquelas coisas. Era muito lindo, aí passam também as meninas da ginástica rítmica, eu não sei se quarta-feira elas vão estar lá apresentando, porque quando dá 10h [sai o grupo Cabelo de Prata e entra a ginástica rítmica] elas vão apresentar.

Assim como as crianças têm direito a receber bolsa para participar das atividades, no projeto da Vila Olímpica, os participantes do Cabelo de Prata também têm este direito, no entanto as regras são rígidas não podendo haver faltas e o benefício é concedido dependente do tempo de participação no projeto, então D. Maria e Luciana, que participam há mais tempo e fazem questão de ser assíduas, se beneficiam da bolsa e S. Justino que chegou depois e costuma faltar por indisposição de saúde, ainda não recebe.

Além das atividades na Vila Olímpica, D. Maria ainda pratica hidroginástica e é revendedora de roupas e de produtos das marcas Avon, Natura, Boticário e Jequití, que comercializa em sua casa com bastante procura. Clientes já sabem os dias em que os produtos

⁵⁶ No momento desta gravação não havia conhecido a Vila Olímpica pessoalmente, mas após o convite acompanhei uma manhã de atividades no Cabelo de Prata junto com D. Maria, S. Justino e Luciana.

costumam chegar e vão à casa de D. Maria, intensificando a circularidade de movimentação de pessoas na casa.



Figura 10: Guilherme pinta o nome da marca que a avó revende.
Fonte: Acervo pesquisa

(D. Maria): Aquele [Guilherme] colocou Avon [no desenho], gosto mesmo. Minha caçula, quando ela tinha meio ano, comecei a vender Avon, meio ano, ela já tem mais de 30 anos. Mais de 30 anos de Avon, e gosto. Até um tempo eu disse que ia embora para o Baruana [interior] pra desacelerar, pra parar de trabalhar, não paro não.

(Gal): Boa tarde!

(D. Maria): Boa Tarde!

(Filha Luana): Boa

(Gal): Chegou perfume Dona Maria?

(D. Maria): Oh filha, ainda não chegou não.

(Filha Luana): [Quando veio do Maranhão] a minha mãe trouxe assim, uns sacões, a minha mãe sempre vendeu Avon, vendia muito Avon, porque Avon antigamente dava muito prêmio né. A minha mãe tinha muita coisa, ela trouxe tanta coisa, tanta coisa, era bagagem grande demais.

(D. Maria): Pois é Gal eu botei [pedido] Avon [mas], não veio perfume só veio besteira. Eu botei pedido pequeno da Avon pra ver se minha conta vem pequena. Eu não sei nem porque aquela conta veio tão grande, se não tem nada de perfume pra eu vender. Eu botei um

[pedido] da Natura, agora é três parcelas Luana, ó! Só aquela Avon que não ajuda a gente. A Ludimila diz que tem é raiva porque eu vendo Avon, eles são muito ruim, a promotora ainda não ajuda. Falou que tinha uns pedidos e quase que a revista ainda volta.

(Gal): Está bom eu volto depois. Tchau.

(D. Maria): Tchau.

O padrão acolhedor da família se espelha na própria configuração da casa, onde uma comprida varanda recebe quem chega.



Figura 11: Encontros na varanda de netos e avô na rede.
Fonte: Acervo pesquisa

É comum o portão da casa permanecer aberto ao longo de todo dia, assim como as portas e janelas. O rádio do S. Justino ligado na varanda, ao lado da rede, também parece receber os que chegam. Acompanhei apenas uma vez o portão sendo fechado e um pano jogado em cima do rádio, com o intuito de disfarçá-lo. Isto aconteceu quando no passeio à casa de Luana em um dia de sábado. Neste dia partimos eu, S. Justino, D. Maria, os netos Raiza, Geovana, Guilherme, a filha Luciana e dois pintinhos que levava consigo, para não serem mortos pelo gato sem a sua supervisão humana.

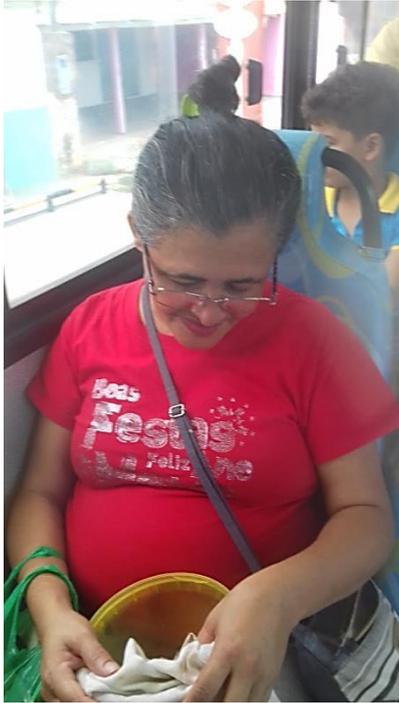


Figura 12: Luciana observa os pintinhos no trajeto para casa de Luana.
Fonte: Acervo pesquisa

As demais crianças da família foram se achegando ao longo do dia. Este foi um encontro especial em que pude compartilhar de um cadinho das especificidades da família e clarear o cotidiano de convívio entre eles. Ao chegar na casa da filha Luana, que mora no Conjunto Cruviana, bairro mais afastado do centro de Boa Vista e com muito lavrado, a vegetação típica, ainda em volta, D. Maria foi com os netos colher murici no terreno vizinho.



Figura 13: D. Maria colhendo murici.
Fonte: Acervo pesquisa



Figura 14: Avó e netos colhem murici.
Fonte: Acervo pesquisa

Como menina faceira, juntou três baldes da fruta e enquanto os netos reclamavam da queimadura do sol, a avó seguia levantando e abaixando de árvore em árvore até encher seus potes. Ao retornar à casa da filha foi subir em árvores atrás dos cajus, que disse amar. Sorridente colhia e se deliciava com a fruta.

(D. Maria): Uma coisa que eu gostava muito era andar trepada em árvore, eu tirando caju, lá nos pé de caju.

(Pesquisadora): A senhora não tem medo de subir assim?

(D. Maria): Não, eu gosto. Lá no Piauí eu subi num pé de manga era alto, mas eu gostava, quando dava aquele vento ele balançava! Uma vez eu caí de um pé de goiaba alto, só vi quando eu vinha descendo, depois não vi mais nada. Depois que tornei [em mim] minha tia já estava com um copo de água. Até morreu esse ano minha tia, ela já estava vindo com um copinho d'água!

Enquanto a avó perambulava pelas árvores, S. Justino foi se refrescar embaixo de uma mangueira e os netos foram chegando para se reunir ao seu redor e conversar. Aproveitando esta configuração sugeri se poderíamos experimentar a brincadeira da mangaba e improvisando um tambor, com uma banqueta revestida de couro. S. Justino chamou D. Maria para vir apresentar os passos e junto com mais dois netos, improvisamos a dança da mangaba.



Figura 15: Brincadeira da mangaba.
Fonte: Acervo pesquisa

Outros netos quiseram participar, se divertiram com a brincadeira e ficaram curiosos em aprender o ritmo com o avô. Logo em seguida, o almoço foi servido e Luana fez e apresentou o cuxá do prato maranhense, que cresceia em seu quintal.



Figura 16: Planta vinagreira *Hibiscus sabdariffa*.
Fonte: Acervo pesquisa



Figura 17: O molho cuxá preparado.
Fonte: Acervo pesquisa

Durante a sesta do almoço de D. Maria, as crianças pediram para desenhar e a avó pediu que o neto Guilherme tocasse flauta enquanto ela descansava.



Figura 18: Clara e Guilherme se revezam na flauta para o deleite da avó.
Fonte: Acervo pesquisa

A neta Clara também quis tocar e cantou e a neta mais nova Bruna, que canta na igreja, igualmente foi convidada a apresentar uma canção, enquanto os demais netos pintavam e desenhavam imagens que representavam os avós.



Figura 19: Pintura de Bruna 5 anos.
Fonte: Acervo pesquisa



Figura 20: Pintura de Guilherme 10 anos.
Fonte: Acervo pesquisa

A filha Luana anfitriã neste dia mostrou os trabalhos de crochet que realizou e a cada novo trabalho que era socializado, o coletivo se manifestava apreciando e fazendo brincadeiras em relação aos presentes. Foi neste dia que Livia, a neta mais velha, se ofereceu para apresentar a sequência de Kung Fu, antes de sair para ensaio de apresentação na igreja. No compromisso religioso foi acompanhada dos dois irmãos mais novos. De bicicleta partiram em direção ao bairro de Santa Luzia.

S. Justino passou o dia observando a movimentação sentado em uma cadeira embaixo das árvores, ou na rede.



Figura 21: S. Justino.
Fonte: Acervo pesquisa

Ao cair da tarde foi convidado por Luana para jogar baralho e aceitou prontamente. O jogo foi encerrado e nos despedimos da anfitriã retornando cada um para suas casas.

O objetivo de relatar este dia com um pouco mais de detalhes é demonstrar entre palavras e imagens a diversidade de experiências simbólicas que eles costumam vivenciar em encontros cotidianos em que as crianças estão imersas. Geralmente são as filhas que vêm visitar os pais, com frequência quase diária, mas os avós gostam de ir à casa da Luana e Lurdes, que moram próximo à natureza, pois é discurso comum entre velhos e novos o prazer pelo interior, pelo contato com a natureza, e a casa das duas filhas citadas possibilita estas experiências.

Deste apanhado contextual, que identifica a base concreta e simbólica, das partilhas familiares e movimentações vivenciadas por seus integrantes, o trabalho segue com sua trama de fios em alusão às próprias tramas, que os avós desta pesquisa costumam tecer. De uma visão do contexto geral proponho adentrar ainda mais o interior dos caminhos experimentados no processar do trabalho, que caracterizam a proposta metodológica, construída concomitantemente à realização da pesquisa. O detalhamento metodológico se realiza em diálogo com o conceito de mediação simbólica e encaminha ao esclarecimento das categorias surgidas a partir do campo empírico, a serem delineadas a seguir.

2 - CAMINHO PARA O INTERIOR

Cantar, é mover o dom
 do fundo de uma paixão
 Seduzir, as pedras, catedrais, coração
 Amar, é perder o tom
 nas comas da ilusão
 Revelar, todo o sentido
 Vou andar, vou voar, pra ver o mundo
 Nem que eu bebesse o mar
 Encheria o que eu tenho de fundo⁵⁷

Movemo-nos das experiências diretas e íntimas
 para aquelas que envolvem cada vez mais
 apreensão simbólica e conceitual.
 (TUAN, 1983, p.151)

Mergulhos e voos por entre simbolismos vários em busca de alguns sentidos. Caminho pretendido de se realizar teoricamente e que se nutre pela licença poética da música de Djavan e palavras de Tuan. A metodologia deste trabalho se propõe à construção de uma narrativa científica, com permissões a licenças poéticas, sobre o processo do imaginar da criança, a partir do arcabouço simbólico mnemônico, que se apresenta nas histórias familiares celebradas, quer dizer, várias vezes repetidas entre os mais velhos, com intuito de repassar uma experiência.

Não se trata de dar significado à história de vida das famílias, pois os integrantes familiares já o fazem; cabe a este trabalho aclarar os sentidos que a família desenvolve para suas próprias histórias de vida e com que objetivo o fazem. São estes sentidos, o material simbólico com que vão lidar as crianças. O legado dos mais velhos, suas memórias e experiência, são o material com que se processa a imaginação e que permite aos mais novos a reelaboração de outras significações.

Do olhar exclusivo para os processos da criança, que motivaram as pesquisas anteriores da especialização, do mestrado e do grupo CrEAR/UFRR/CNPq, caminho para a ampliação do foco de observação em direção ao coletivo, consoante ao entendimento de que *todo é maior do que a soma das partes*. No entanto, a ideia de que haveria uma ampliação do foco em passar da criança para família é mera ilusão, pois parece que é só o reposicionar de um olhar, de um coletivo de crianças, para um coletivo familiar. O que muda

⁵⁷ Djavan. Seduzir. Álbum lançado pela EMI, 1981. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VvZwen_CCA0 Acesso em 3/09/2017.

consideravelmente é onde repousa a atenção, que não mais nos processos individuais de crianças, mas nos processos vivenciados pela família, composta de pessoas em idades diversas, com experiências heterogêneas, criando e recriando sentidos para sua própria história.

Em campo de abundância de expressões o silêncio foi fundamental. Parti para a pesquisa empírica com uma abertura para experimentar a vivência da escuta, sem me deter em questão metodológica específica. Tinha em mente o objetivo da pesquisa, de criar um desenho do processo de imaginar, e parti ao encontro da família pedindo licença e permissão a eles, para compartilhar e desenvolver o trabalho. O tema da investigação foi sendo cercado no próprio percurso investigativo. Através do exercício da escuta, experimentou-se viver um jogo de silenciar, para poder ouvir a novidade. Como indica Bachelard é preciso se despir dos entendimentos anteriores, deixá-los em suspenso, para poder se encontrar com a abertura e novidade da imaginação. Para o autor, imaginação “[...] é antes a faculdade de *deformar* as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de *mudar* as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante.”⁵⁸ É necessário libertar-nos das imagens primeiras, pré-concebidas, para experimentar deformar, mudar, transformar as próprias imagens.

As falas das pessoas funcionavam ao mesmo tempo como fronteiras da investigação e materiais com que íamos (eu e eles) aprofundando os assuntos e ampliando as margens de conhecimento, dos sentidos que os próprios integrantes da família davam à sua história e às leituras que realizavam de si mesmos.

Com esta perspectiva dialógica, aberta à novidade, as incertezas, a escuta e respeito às pessoas participantes da pesquisa, partes do todo, hologramas de nossa própria humanidade, se desenvolveu um trabalho de cunho qualitativo, onde a vivência da tradição oral⁵⁹ se fez presente, através da aproximação com os mais velhos (narradores em potencial), que se disponibilizaram a partilhar com a pesquisadora as falas, memórias, histórias, narrativas, que partilham com as crianças cotidianamente e que caracterizou o grupo focal desta pesquisa.

Trabalhamos em um coletivo de 33 pessoas integrantes de uma família de emigrantes maranhenses, como se auto intitulam, residentes em Boa Vista – RR.

⁵⁸ BACHELARD, Gaston. 2001, p.01 (*grifo do autor*).

⁵⁹ Por tradição oral compreende-se neste trabalho, as vivências comunitárias, vivência de fazeres tradicionais, onde a passagem do conhecimento se realiza através da oralidade, onde o conhecimento se evidencia em meio às lidas cotidianas.

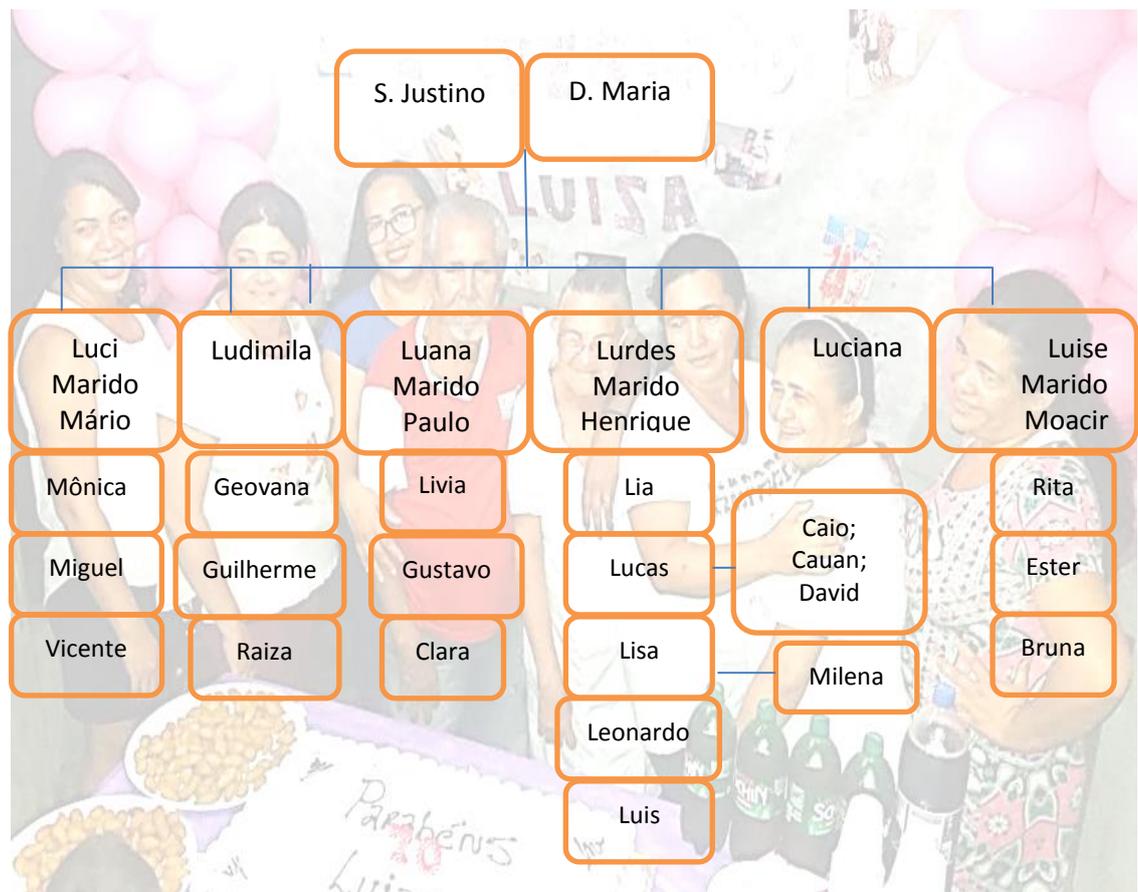


Gráfico 2: Quadro membros família D. Maria e S. Justino sobreposto a imagem dos pais e filhas.
Fonte: Acervo pesquisa

Este coletivo é composto por 2 avós S. Justino e D. Maria, 6 filhas identificadas por ordem de nascimento Luciana, Lurdes, Luise, Luana, Ludimila, Luci⁶⁰, 4 genros Henrique, Moacir, Paulo, Mário, 17 netos Lia, Lucas, Lisa, Leonardo, Luis, Rita, Ester, Bruna, Livia, Gustavo, Clara, Geovana, Guilherme, Raiza, Mônica, Miguel, Vicente e 4 bisnetos, Milena a mais velha, Caio irmão gêmeo de Cauan e o bebê David. A este coletivo se agregam vizinhos, amigos, visitas, clientes dos produtos comercializados por D. Maria, que entram e saem cotidianamente da casa dos avós. Além do convívio na casa dos avós estive também na casa da filha Luana em dois momentos distintos. No primeiro fui convidada para passar o dia com a família e em uma outra tarde estive para prostrar e tomar o cafezinho, gentileza da família e acompanhamento constante das conversas.

O encontro com esta família foi possível graças a um fluir de interesses pessoais e acolhimentos interpessoais. Interesse nascido em 2012, quando da realização do projeto junto ao CrEAR/CNPq/UFRR, descrito anteriormente. Naquela época o trabalho foi desenvolvido

⁶⁰ Os nomes das seis filhas iniciam com L e no processo de escolha do nome substituto para constar na pesquisa, elas acabaram escolhendo nomes com esta configuração.

em duas instituições de ensino, na Escola Municipal Mi-Vó no município de Alto Alegre RR, a partir da qual soube da existência da brincadeira de boi daquela localidade, e na Escola de Educação Municipal Branca de Neve, localizada no bairro Pintolândia em Boa Vista. As atividades acompanharam o calendário e projeto pedagógico da escola, que à época de nosso trabalho desenvolvia o tema do folclore. Foi interessante e marcante, para as conclusões daquela pesquisa, a participação da família nas entrevistas realizadas pelas crianças sobre o tema. A movimentação e participação de familiares na escola chamou a atenção, pois fazia parte do cotidiano daquela instituição, em especial. E a efervescente movimentação de famílias pelo bairro, bem diferente dos bairros mais centrais de Boa Vista era algo notório e perceptível ao trafegar pelas suas ruas. Que riqueza de relações humanas pareciam acontecer ali! Com este encantamento, com as conexões que foram se encaminhando nos anos seguintes, com o Pedro Costa, o bumba-meu-boi de Alto Alegre e a participação no Arraial dos Maranhenses, se intensificou o interesse em conhecer mais aquela realidade.

O contexto de migração e as itinerâncias não eram naquele momento o foco de meu olhar, e sim o convívio dos avós com os netos. Importava refletir acerca dos processos simbólicos em contexto intergeracional e encontrei solo fértil para desenvolver este olhar, no convívio com a família de D. Maria e S. Justino. Este contato surgiu de conversa com Pedro Costa, que sugeriu alguns nomes de senhores e senhoras maranhenses participantes do movimento da Comunidade São Raimundo Nonato, que conviviam com netos. Bati à porta de cinco famílias em suas casas, onde me apresentei, conversamos sobre o interesse do contato e a ideia da pesquisa, enquanto sondava o contexto de coletividade em que viviam.

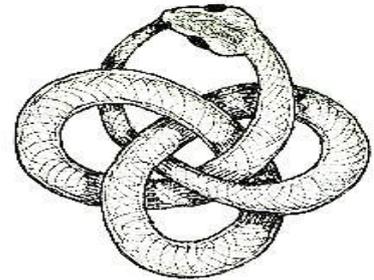
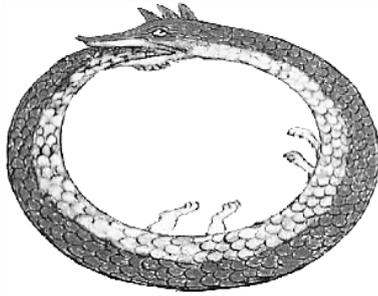
Das cinco casas em que fui recebida e das pessoas com que conversei neste momento de sondagem do campo, o saudosismo do Maranhão e a gratidão pelas possibilidades que Roraima ofereceu as famílias, foram discurso comum. A partilha com os netos era descrita como corriqueira, mas durante as visitas em quatro das cinco famílias, tal convívio não se realizou. Estava em busca de um coletivo em que as crianças participassem do convívio com os avós e desde que cheguei a primeira vez na casa de D. Maria, em fevereiro de 2015, fui recebida pelos netos e filha Ludimila, que há época morava com os pais-avós. Mãe e filhos me disseram que a avó estava em viagem para o interior do estado, no povoado de Baruana pertencente à região do Cantá, na casa da filha mais velha Lurdes, e me indicaram o momento de retornar para encontrá-la. A solicitude, disposição, empatia e carinho, daquele coletivo para comigo e a pesquisa foram marcantes e constantes, nos encontros que se seguiram presencialmente em junho de 2015, fevereiro – abril de 2016 e novembro de 2016 e por telefone e mídias sociais em 2017. A ideia-imagem do oroboro intergeracional ganhava vida.

Desde o projeto de pesquisa para pleitear a vaga no Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, a imagem do oroboro, da serpente que engole a própria cauda, era uma significativa representação do encontro de pontos extremos da evolução humana, identificadas na velhice e infância. A ideia do *oroboro intergeracional*, do círculo de relações envolvendo percepções, memórias, imaginação e experiência humana, indica um campo tênue de relações entre tradição e contemporaneidade, onde o simbolismo é nutrição constante. Iniciamos nossas aprendizagens de bebê pela boca sedenta por se alimentar do leite materno e porque não dizer, de todos os saberes dos mais velhos, entre o início e o fim de uma existência terrestre.

O oroboro, referência mítica ancestral e imagem poética da pesquisa inicial, se apresentou como uma armadilha durante a delimitação do objeto da pesquisa propriamente dito; só se revelou em potente imagem criativa, quando do início dos primeiros contatos com o campo. A pesquisadora, como um gigante observando do alto suas possibilidades, a tentar delimitar seu campo de trabalho conceitual e empírico, se investe de sua lupa sobre a realidade, em busca de focar, em detalhes, o que lhe interessa, acreditando ser possível conter nos limites da lupa sua visão e todo seu trabalho. A visão da realidade foi como o elixir de Alice e a gigante se encolhe e se percebe pequenina diante de um emaranhado fabuloso e desconexo de falas, imagens, afetos, convívio familiar intenso... que se mimetizam com o fluído denso e abundante das águas que trouxeram a pesquisadora para o norte e os emigrantes para Roraima. Se acredita então em canoa tripulada por pesquisadores da imagem, memória e imaginação, mas se tinha pretensão de seguir em alguma direção se percebe à deriva em meio a um rio mar.

Nesta fluidez circular dando voltas em torno do próprio tema, no torpor do banzeiro maneirinho, aceita o movimento, se entrega e o sente. O (con)sentimento leva a integrar algumas imagens, reflexões, referências, ainda tão desconexas de início, e segue. Segue pensando, estudando, indo a campo, sistematizando, segue fluindo, integrando o exercício de reflexão teórica e empírica, e aos poucos, se torna possível ir se desvencilhando dos medos diante da grandiosidade da tarefa que escolheu e aceitou realizar. Se permite agregar também a dimensão poética, experimenta o fantasiar, imaginar e se acredita capaz de seguir integrando, de seguir caminhando, entre ordem e desordem, interação reorganização, até conseguir alcançar e enxergar a imagem de um círculo movente.

Do oroboro⁶¹



para o enroscar-se junto a serpente⁶²

O enroscar-se da serpente, um novelo de ideias e tramas, encaminhou a um mergulho nas imagens-viagens-maranhas, que insistiam em se manifestar. Imagens do rio *Marañon*, como os espanhóis batizaram o Amazonas. Rota de acesso da família vinda de outro Maranhão, da terra de inúmeras maranhas, brincadeiras e encantados. Projeções desconexas a se fazer presentes como visões da realidade, mas que não se fazia ideia. O anseio em ser razão, em responder exclusivamente, racionalmente, aos próprios interesses de pesquisa lutava contra o delírio da quantidade de imagens que se processavam. Perdida em meio às maranhas, uma orientada permissão se manifestou junto à lembrança da importância de criar. Novo convite para experimentar reunir o material em profusão. Reunir imagem-ideia, encantamento-emoção-razão, a consciência da necessidade de deixar de lutar com o não sentido, para agregar sentido, ao que insistia em se apresentar. Convite aceito, segui viagem, sem sentido, desconexa, mas que remetia ao movimento do enroscar-se, do navegar, do seguir desafiando o próprio pensar. Aceitei a incerteza e dei as mãos para a criança, motivação constante para a pesquisa. A criança me lembrou que a brincadeira não tem fim; cai, levanta, segue imaginando e ao aceitar a desordem aterrei e reorganizei ideias, emoções, sentidos compreensões. Uma brincadeira de roda, o círculo movente, e na insistência do movimento de integrar, a desordem se reorganizou.

A serpente emaranhada não tem amarras é um fluir constante e um convite para a experiência com o aberto. Mergulho no aberto, na escuta do aberto, em perspectiva dialógica com a história familiar, que também se fez aberta, pois acolheu no aberto, sem linhas definidas, a ideia da pesquisa e partilhou de tudo um pouco. Um pouco de tudo foi o que coletei em 35 horas de áudio gravados e transcritos em 528 páginas de material resultante da pesquisa empírica. Abertos e recursivos foram também os instrumentos de pesquisa, que se

⁶¹ Figura 22: Representação oroboro. Fonte: Serpiente alquimica.jpg. Acervo público. Acesso: 12/07/2016.

⁶² Figura 23: Representação oroboro. Fonte: Amazing-grey-ink-ouroboros-tattoos-design. Acesso: 12/07/2016.

construíram e foram reorganizados a cada novo encontro com o campo. Em cada visita à família eu seguia com um roteiro de questões a serem investigadas. Estas eram descritas no caderno de campo em forma de temas a serem observados durante as conversas seguintes, ou assumiam o formato de perguntas para conduzir as falas e encaminhar novas questões. Na maior parte dos encontros, a conversa seguiu fluida e aqui ali intervinha com algumas perguntas específicas sobre o trabalho.

De todos os encontros, apenas um dia foi reservado exclusivamente para a realização de entrevistas propriamente ditas, com as crianças. Neste momento um grupo de 9 crianças de 2 a 16 anos organizaram-se em roda e uma sessão de perguntas e respostas foi vivenciada. Logo o coletivo de crianças foi se dispersando naturalmente, surgiram outros interesses para eles e convidei uma única menina, a neta Clara de 10 anos para entrevistá-la. Tal escolha se deu pelo interesse da criança com a pesquisa. Ela permanecia ao meu lado, curiosa com o que eu registrava. Perguntava também com frequência e se oferecia para participar, opinar sobre os assuntos e demonstrar o que sabia.

As perguntas norteadoras da entrevista com o coletivo de crianças e com Clara, se movimentaram pelo interesse no entendimento deles sobre imaginação, sobre histórias, de quais histórias gostavam, de quais histórias lembravam, qual imagem idealizavam sobre os avós e família, o que gostavam de fazer, as brincadeiras preferidas, quais seus sonhos, a importância da escola e outras atividades que realizavam, como as aulas de música, natação, artes marciais, que frequentavam na Vila Olímpica. Estas questões gerais oportunizavam questões específicas como as relacionadas à opinião deles sobre a realidade local, o afeto pela família, os sonhos de prosperidade, os desejos de conhecerem a terra dos avós e as imagens que faziam de lá. Também fizeram parte do discurso, o deleite com as brincadeiras e as idas para o interior, o contato com a natureza, a preocupação com os parentes, tia Luci, o marido e três filhos, que durante a pesquisa cheguei a conhecer em Boa Vista, na casa de D. Maria e S. Justino, mas que no momento da entrevista com as crianças haviam se mudado para Goiás em busca de emprego. A ida da tia e família rendeu muitos comentários, especulações e anseios por parte dos que ficaram, foi assunto que volta e meia era revisitado nos encontros e opinado por todo o coletivo familiar, mas se esvaziou após o retorno da filha Luci, seu marido e os três filhos para Boa Vista, no início de 2017.

(D. Maria): Que alívio! Agora sim, aqui é muito melhor para eles. Agora estamos juntos outra vez.

Cada encontro era composto de *escuta* da realidade, de *registro* de falas, imagens, desenhos; de *produção de percepções* sentidos e interpretações preliminares; de *avaliação* do vivenciado para construir as novas questões que se faziam necessárias para a investigação; e *construções de sentidos*. Cada encontro era estímulo para produção de novas *perguntas-escuta-registro-produção de percepções-construções de sentidos*, e assim sucessivamente. Os dados foram sendo levantados, durante os mais de vinte encontros com a família de D. Maria e S. Justino e Comunidade São Raimundo Nonato, ao longo de dois anos consecutivos de pesquisa empírica. Em cada visita entravam em cena o diário de campo, o gravador, a câmera fotográfica, papéis, lápis coloridos, giz de cera, tinta guache, que as crianças pediam para usar e registrar as imagens que lhe interessavam. Também foram utilizados panos e linhas, com que D. Maria partilhou de seus saberes do bordado e da trama da varanda, trançado utilizando a técnica do macramê, que serve de acabamento na confecção de redes. As filhas Luana e Luci e as netas Clara e Raiza, demonstraram a técnica do crochet, que haviam aprendido com a mãe e a avó. A partilha dos momentos com as linhas foram diversas e seguiram como em comunidades de tradição de oralidade e fazeres, em que durante a confecção do trabalho manual, as conversas divagam e notícias do cotidiano se misturam àrememorações e partilhas pessoais, sendo tramadas em conjunto.

Os sentidos criados pelo exercício da escuta clarificam a importância da alteridade, na perspectiva dialógica, que encaminha a metodologia deste trabalho. Para Morin o papel da alteridade em tal dialogia é intrínseco ao *indivíduo sujeito*.

É preciso destacar, aqui, algo de muito importante: no ‘Eu sou eu’ já existe uma dualidade implícita – em seu *ego*, o sujeito é potencialmente outro, sendo, ao mesmo tempo, ele mesmo. *É porque o sujeito traz em si mesmo a alteridade que ele pode comunicar-se com outrem*. É por ser o produto unitário de uma dualidade (reprodução por cisão, nos unicelulares; por encontro de dois seres de sexos diferentes, na maioria dos seres vivos) que ele traz em si a atração por um outro *ego*. A compreensão permite considerar a outro não apenas como *ego alter*, um outro indivíduo sujeito, mas também como *alter ego*, um outro eu mesmo, com quem me comunico, simpatizo, comungo. O princípio da comunicação está, pois, incluído no princípio de identidade e manifesta-se no princípio de inclusão.⁶³

Acolhimento, comunicação e altruísmo seriam para Morin qualidades próprias de nossa humanidade. Na tradição da oralidade, tais qualidades são experimentadas por meio do exercício da escuta, o acolhimento das palavras e experiência do outro, que reverbera e induz movimentos em quem ouve.

⁶³ MORIN, Edgar. 2014, p.123, *grifo do autor*.

O encontro dialógico é processo ativo, que encaminha, nas palavras de Bakhtin⁶⁴, ao *pensamento participante*, resultante da *escuta que fala*, de um ouvir que recria o que ouve com atenção e interesse e ao escutar, processa e transforma o que foi ouvido em ação-recriação. O dialogismo de Bakhtin⁶⁵ se desenvolve através de sua teoria da enunciação, a importância do papel da alteridade para a compreensão dos significados do discurso. Aquele que fala tem em vista aquele que ouve, o que se diz está permeado dos sentidos partilhados pelos meandros da cultura, que estrutura os conteúdos e a própria linguagem. Os significados são contextuais e experimentados a cada diálogo e cada outro diálogo resultante da articulação simbólica dialógica recria outros sentidos – significados – diálogos, etc.

Também é dependente da ideia de partilha contextual, recriadora de significados, o conceito de diálogo de Freire⁶⁶. Na concepção freiriana, o diálogo é conceito e prática, ação-reflexão, com vistas à emancipação do sujeito, um exercício de colaboração para a emancipação. Conceito caro às teorias de base materialista histórica, que tem na realidade e nas relações sociais a referência hologramática da alteridade. Freire nos convida a um mergulho na experiência da escuta, na apropriação dos sentidos e ideologias presentes nos discursos coletivos, em consonância à experiência do silêncio do sujeito, visando a autorreflexão e o exercício da liberdade individual e coletiva. A dialogicidade freiriana é exercício de liberdade, experiência criativa, enraizada no solo da materialidade, e transformadora do indivíduo em ação social.

Igualmente na proposição dialógica de Bohm⁶⁷, criação e diálogo seguem de mãos dadas. Em seus estudos compreende o cérebro como um holograma, que segue ordem matemática e padrões de ondas. Desenvolveu teorias sobre variáveis ocultas, que não podem ser medidas por fórmulas matemáticas, mas que interferem nas medições e movimentos das partículas. Articulando as incertezas do que está oculto com o que se manifesta na realidade, enquanto movimento, criou o conceito de *holomovimento*, “movimento de conexões”⁶⁸, como a natureza básica da realidade. O que conhecemos é parte de um processo dinâmico da totalidade composto de *ordens explícitas*, que conseguimos ver e *ordens implícitas*, que indicam um espaço para além do que podemos perceber. É na articulação entre o espaço livre, desconhecido e a movimentação de conceitos favorecida pela comunicação, que o físico

⁶⁴ BAKHTIN, Mikhail. 2010.

⁶⁵ *ibidem*; 2014.

⁶⁶ FREIRE, Paulo. 1987.

⁶⁷ BOHM, David. 2011.

⁶⁸ *idem*.

desenvolve a técnica que ficou conhecida nas mais diversas áreas, como diálogo de Bohm⁶⁹. Esta é uma proposta mais radical de experiência da escuta, através da suspensão dos julgamentos preconcebidos, para ouvir em inteireza e presença os objetivos coletivos e suposições individuais. O diálogo proposto por Bohm agrega as novidades de um exercício de pensamento coletivo, a comunicação respeitosa e inclusiva, na missão de reunir reflexões, para transformar e ampliar os campos de visão do conhecimento. A escuta, nesta perspectiva, é elucidada pelo silenciar de si mesmo, com a intenção de agregar a fala alheia, reintegrar e rearticular as próprias compreensões através do diálogo, da reunião de pensamentos.

A percepção da composição dialógica, enquanto *movimento-interação-ressignificação do conhecimento*, ganha atributos biológicos na concepção de Morin. Para ele a vida acontece em constante *organização-auto-organização-reorganização*, movimentos inerentes aos processos de *ordem e desordem*. Tal conjunção efetiva a realidade e as atividades dos seres vivos, caracterizando a existência como uma *interatuação*. Um operar pelos princípios: *hologramático*, a parte representa o todo e o todo é maior que a soma das partes; *recursivo*, a resposta é base para nova pergunta e as causas são efeitos de ações e causas pretéritas; *dialógico*, reunião de noções antagônicas e complementares, os operadores de teoria da complexidade⁷⁰.

Nas perspectivas teóricas acerca da dialogia de Bakhtin, Freire, Bohm e Morin, está em jogo a circularidade do processo de conhecimento, a movimentação criativa simbólica, das compreensões humanas, a imagem de um oroboro movente. Fazendo eco às metáforas de uma ciência profunda,⁷¹ de quando o homem quer conhecer da criação, movimentar entendimentos e religar conhecimentos, esta pesquisa representa uma tentativa de ir em busca da profundidade. E o que aqui significa aderir ao profundo? Aceitar o movimento que desperta o desequilíbrio e impele à transformação dos estados, em busca de uma reflexão que vise reformular compreensões, que possibilite reestruturar interpretações, novas representações, sobre o mesmo objeto/tema. Bachelard, Bakhtin, Bohm, Freire, Morin, propõe experimentar o movimento, compor em movimento; criação, imaginação, contextos, escuta, tempos e espaços múltiplos. Experimentar o exercício da criação complexa, da passagem de um dualismo nomeativo, que segmenta ao identificar as partes, para a composição de uma rede de categorias, de associações, de ideias que faça refletir, no caso deste trabalho, sobre os processos de imaginar.

⁶⁹ ibidem. 2005.

⁷⁰ MORIN, Edgar. 2005; 2014.

⁷¹ BACHELARD, Gaston. 2002; BOHM, David. 2005; MORIN Edgar. 2005; 2014.

A profundidade da experiência do diálogo, enquanto escuta de um outro, autotransformação pessoal e social, é experimentada em sua concretude nas vivências de tradição oral. Tradicionalmente as histórias, saberes, os conhecimentos humanos eram passados em roda de prosa, rodas de conversa, rodas sagradas, onde os mais velhos, os anciãos, compartilhavam sua experiência. Ensinavam, ministravam seus conselhos, curavam e propagavam sua história, aos mais novos. Pela prática da oralidade, gerações distintas e distantes na faixa etária, se encontram e se reconhecem. Por meio da convivência e escuta mobilizam emoções e aprendizagens. Nas vivências de oralidade, círculo e processo dão as mãos e ganham vida, se movimentam.

O círculo é seu interior? Ou é a linha que o circula, que delimita sua fronteira? E o profundo que o círculo anuncia é para dentro, ou para fora? A cavidade do círculo é projeção para o interno, ou externo?

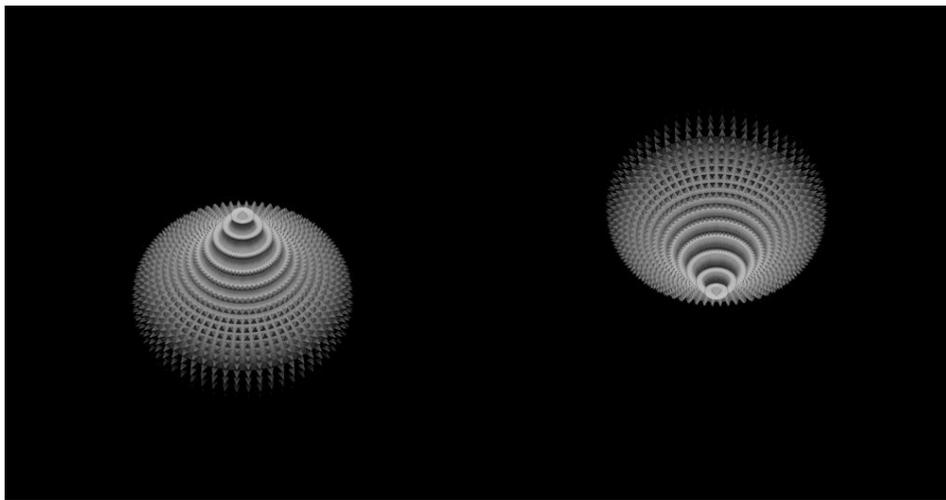


Figura 24: Composição movimento ondulatório circunferência.

Fonte: https://pikabu.ru/story/vremya_zalipat_1016949. Acesso: 07/09/2017.

Depende do referencial! A evolução não é somente linear, ela é autófaga, engole a si mesma, retorna a si mesma, mergulha em si para se projetar, é movimento e integração.

A experiência de espaço e tempo é principalmente subconsciente. Temos um sentido de espaço porque podemos nos mover e de tempo porque, como seres biológicos, passamos pelas fases recorrentes de tensão e calma. O movimento que nos dá o sentido de espaço é em si mesmo a solução da tensão. Quando esticamos nossos membros, experienciamos simultaneamente espaço e tempo – o espaço como a esfera de liberdade da limitação física e o tempo como a duração na qual tensão é seguida de calma.⁷²

⁷² TUAN, Yi-Fu. 1983, p.132.

A espécie humana intersecciona experiências em movimento, através de um corpo-imagem-referencial que se projeta, movimenta, significa. A linha que delimita o círculo é a fronteira entre a cavidade e o projétil. Nas palavras de Tuan, um corpo que vivencia esticar dos membros, ao mesmo tempo em que aprofunda experiências. Interessa olhar a linha, a cavidade e o que se projeta.

Na pesquisa, a memória é a fronteira entre o profundo da imaginação, enquanto exercício interno, e o projétil das experiências perceptivas, que se dão a conhecer. A memória toma a materialidade da linha do círculo e contém nela a cavidade da imaginação e a experiência que se projeta em tempos e espaços múltiplos, mas falar da memória, da linha, enquanto fronteira determinada, não dá conta da explicação que se pretende. A ideia de circularidade, que originou o trabalho, não é imagem fixa, se reapresenta em movimento.

O círculo se move em seu próprio eixo, ao redor de si mesmo, e em outras direções, vertical e profundamente, horizontal e continuamente, um *continuum* circular. Como uma circularidade, se permite espiralar tanto para cima quanto para baixo e nesse sobe e desce de movimentações toca, agrega, integra outras dimensões e o que constitui estas dimensões a cada novo contato. E ao retornar do círculo para o movimento em torno de seu próprio eixo já não é o mesmo que era antes e se apresenta como um outro fenômeno, ou deixa visualizar outras facetas deste fenômeno.

Então esse oroboro inicial, do qual partiu a ideia da pesquisa, de interligar o começo com o fim, da imagem evolutiva humana, do velho e do novo, da boca da cobra que engole sua cauda, essa linha circular, essa linha que indica o desenho do círculo não se desfaz. Vem se apresentando movente, criando movimentos de arcos em interconexão. Um sobe e desce sem vértice, ou arestas, uma circularidade diametral que cria um movimento de onda, como as ondas eletromagnéticas.

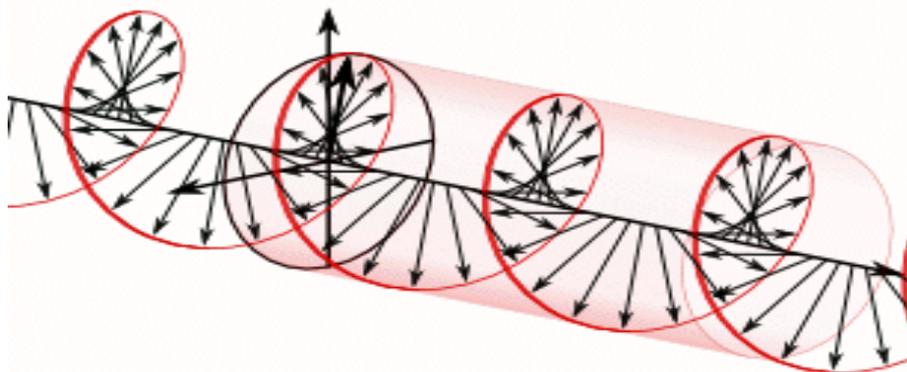


Gráfico 3: Movimento ondas eletromagnéticas.

Fonte: Circular.Polarization.Circularly.305x190.255Colors.gif. Acesso: 07/09/2017.

Ao movimento de evolução contínuo exemplificado na imagem das ondas eletromagnéticas, se soma à memória a imagem de uma onda marítima que faz emergir e submergir imagens. Neste movimento ondulatório de recordações, reverbera a circularidade da conexão intergeracional entre velhos e crianças. O encontro intergeracional define a imagem da linha e encaminha a movimentação de memórias, o sobe e desce de recordações e acessos simbólicos variados. E para dar conta da variedade de acessos a estes simbolismos a perspectiva de um método dialógico conversa também com distintas estratégias metodológicas tais como; história de vida, história oral, etnografia e pesquisa-ação, principalmente, pois ainda teria a estratégia não acadêmica da Vivência Educativa da ONG Guaimbê – Espaço e Movimento CriAtivo/GO.

A pesquisa dialoga com a metodologia de histórias de vida, pois as categorias trabalhadas surgiram do próprio discurso dos sujeitos. No entanto não é uma pesquisa de história de vida exclusiva, pois se desvelou como uma proposta de convívio, mais do que uma investigação por amostragem. Tinha seu foco mais nos processos, no como as coisas estavam acontecendo e o que emergia simbolicamente dos processos, do que a(s) história(s) em si mesma(s). Tampouco se centrou nos significados das histórias como dado fixo, mas faz dos sentidos aventados a cada novo lembrar-contar, a matéria da pesquisa.

Em relação à metodologia da história oral, o trabalho parte da oralidade e por meio dela desenvolve sua metodologia, mas não se qualifica como história oral, pois não houve intenção de trabalhar com entrevistas propriamente ditas; o tema não veio antes que a vivência. O momento específico de entrevista realizado com as crianças surgiu do próprio processo e foi pontual, um dia dentre os vários outros momentos encaminhados a partir do diário de campo. Os encontros e acompanhamentos do cotidiano familiar que caracterizaram a estratégia empírica propiciaram registro das histórias dos participantes da pesquisa, em mistura com minha própria história; eles também quiseram saber de mim e minha vida também foi partilhada com eles. Não houve preocupação com a sistematização das histórias durante os encontros, houve partilha de causos e escuta, a partir do aberto de cada encontro. Houve vivência e parceria de intenções, a vontade mútua de se conhecer e a intenção de conhecer como a família imagina. O objetivo foi desvelado entre ordens e desordens, vivências em meio à tagarelice e silêncios, na escuta e partilha de histórias, memórias, afetos, curiosidades.

A intenção de investigar as dimensões simbólicas, que compõe o imaginar evidenciam o flerte com o caminho etnográfico. No trabalho Saber Local, Geertz⁷³ desenvolve e apresenta ao seu leitor o método etnográfico, a partir do que ele chama de *método antropológico interpretativo*, no qual demonstra e realiza o movimento entre as “exaustivas descrições específicas e as caracterizações mais abrangentes e sinópticas”, ou seja, nos leva a uma movimentação entre sistemas simbólicos, para nos fazer compreender os próprios sistemas simbólicos. Propõe movimentar o conhecimento em meio à interpretação das culturas, com o pé na terra, segundo suas palavras, bebendo da fonte do bom senso – do senso comum, para imaginar sistemas simbólicos, para realizar as interpretações antropológicas, visando à compreensão do homem como um ser real. Não de um homem, mas de nós mesmos, homens mulheres, pessoas a viver. De caráter humanista, esta visão da antropologia interpretativa, que Geertz afirma e reafirma em seu texto, chama atenção para a necessidade de pensar temas reais, que digam respeito à realização da própria humanidade, ou seja, que digam respeito e possam contribuir, para a vida do homem em sociedade. Ele faz um convite para deixar as abstrações conceituais e muito metafísicas e tratar de temas que digam respeito à vida do homem cotidianamente. Convite supostamente aceito! A proposição do método antropológico interpretativo de Geertz qualifica o método etnográfico, como um método aberto e imaginativo, que movimenta interpretações alicerçadas em referências diversas, com base na descrição de comunidades específicas. No entanto não afirmo ser este um trabalho etnográfico, pois o foco aqui não é tanto uma interpretação - descrição densa do real e sim a composição de um desenho das dimensões e movimento, dos processos do imaginar, por isso iniciei o parágrafo esclarecendo que flerto com a etnografia e foi ela a inspiração para o caderno de campo e o encantamento com a escuta empírica.

Ainda em relação às bases metodológicas, acreditava no início do trabalho perambular pelos caminhos da pesquisa – ação, pois as ideias que encaminharam à investigação surgiram da movimentação de pesquisas e desejos, individuais e coletivos elencados na sequência. Dos interesses de professoras de escolas públicas municipais, em aprimorar conhecimentos acerca da teoria sócio histórica na prática da Educação Infantil, origem do projeto Formação dos Sujeitos da Educação Infantil, que nos fez abrir os olhos para a realidade intergeracional dos *pintolândias*. Do interesse pessoal de investigação dos processos simbólicos, que me encaminhou dentre outras frentes, ao contato com grupo de brincante de bumba-meu-boi em Roraima e que me conduziu até conhecer o Pedro Costa. Do interesse de investigações acerca

⁷³ GEERTZ, Clifford. 2012.

da identidade maranhense em Roraima, que a Associação Cultural dos Maranhenses da Comunidade de São Raimundo Nonato tem desenvolvido e que guarda expectativas em relação a este trabalho também. E do campo fértil de exercício mnemônico realizado no bairro de Santa Luzia, que me encaminhou ao encontro com a família de D. Maria e S. Justino. Ainda, o movimento de uma ação coletiva que transforma realidades, característica da pesquisa-ação, também foi possível experienciar no trabalho, através do empoderamento de S. Justino e seu recorrente reconhecimento como Mestre conhecedor de fazeres de cestaria, redes de pesca, brincadeiras de boi e mangaba, evidenciados desde que a pesquisa teve início. No entanto, os objetivos da investigação e as reflexões acerca do tema são frutos de interesses pessoais e não de proposições coletivas, caracterizando esta pesquisa com orientações qualitativas, embasada em uma metodologia dialógica, integrando qualidades e certas estratégias das metodologias situadas anteriormente, tendo por interesse epistemológico a mediação dialógica.



Gráfico 4: Desenho metodologia.
Fonte: Acervo pesquisa

A dialogia foi articulada entre encontros e *escuta* + acompanhamento cotidiano e *inspiração* + registro e *recriação de sentidos* + resignificação do processo, reinício da *escuta* e assim sucessivamente, tendo a memória, as recordações e lembranças como matéria-prima

para as experimentações e recomposições simbólicas das crianças, a serem movimentadas pela oralidade. Concomitante a lembrança das histórias vividas, histórias são recriadas manifestas em formas mnemônicas resultantes das composições imaginárias. Memórias-imagens internas, postas em movimento pela oralidade se estruturam em histórias sobre histórias. E a imaginação reside no aberto, que encaminha as mediações. Por mediação leva-se em conta a movimentação simbólica, que caracteriza as interações e interatuações humanas, e que se estabelece a partir de uma tríade, nas visões de Vygotsky e Peirce, que tem na mediação sígnica o conceito basilar de ambas teorias.

A teoria de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP de Vygotsky⁷⁴, está embasada na relação S – X – R.

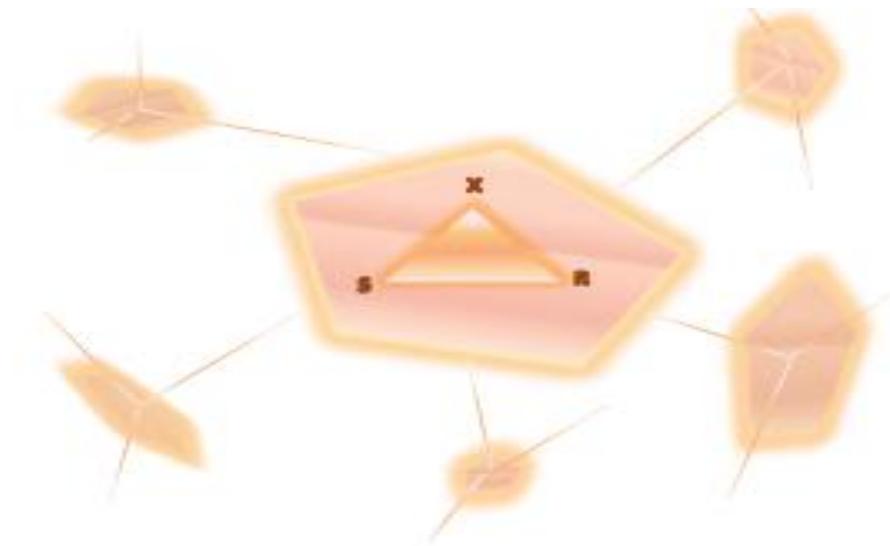


Gráfico 5: Esquema triádico de Mediação para Vygotsky em imagem de rede.
Fonte: Acervo pesquisa

Sendo S a referência, o estímulo para ação e R a resposta que se processa consoante as variáveis infinitas de possibilidades de mediação X. Por meio de interações entre sujeitos na teoria de Vygotsky⁷⁵ e interatuações que refletem as expressões dos indivíduos sujeitos na fala de Morin⁷⁶, as mais diversas atividades mediadoras são estimuladas e encaminham constantemente múltiplas apropriações internas e respostas externas.

Mediação é processo simbólico que movimenta signos. Na visão de Vygotsky, signos são ferramentas intrapsicológicas desenvolvidas para e na resolução de situações

⁷⁴ VYGOTSKY, Lev S. 1999.

⁷⁵ idem

⁷⁶ MORIN, Edgar. 2005.

interpsicológicas, que geram renovadas e constantes, apropriações sígnicas, simbólicas, mediativas. *Interação mediação apropriação* são processos pertinentes à especialização das funções psicológicas superiores, resultante da articulação entre pensamento e linguagem, ação e mediação.⁷⁷

A visão de semiose de Peirce⁷⁸ dialoga com a tríade mediativa de Vygotsky, na medida em que é na relação entre *objeto* e *interpretante*, que se evidencia a manifestação do *signo*, a semiose, ambiência sígnica que caracteriza o ambiente social e cultural.

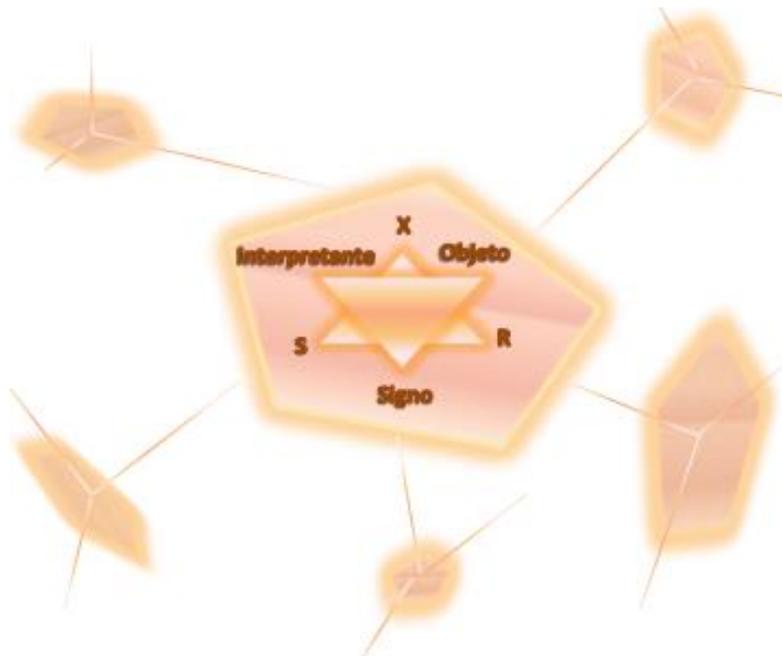


Gráfico 6: Esquema Semiose para Peirce integrado ao esquema de Mediação de Vygotsky..
Fonte: Acervo pesquisa

Para Peirce a mediação embasa e encaminha as experiências. Vivemos em um movimento simbólico ininterrupto. Signos são experienciados e interpretados em outros signos, mediação constante, contínua semiose. O nível de conhecimento potencial – NDP se transforma continuamente pela ZDP alcançando nível de desenvolvimento real – NDR, a apropriação do conhecimento para Vygotsky. A realidade é sígnica, propõe a articulação de *experiências colaterais*, que se estruturam em interpretação. Cada interpretação é um signo para outra interpretação na visão de Peirce.

Mediação e semiose nos indicam uma tendência cíclica de especialização de nossas apropriações, ao mesmo tempo em que nos convidam a emergir e submergir, a níveis intra e interpsíquicos continuamente, reforçando a imagem de um movimento do pensamento

⁷⁷ VYGOTSKY, Lev. S. 1999; LURIA, Alexander, VYGOTSKY, Lev S. 1996.

⁷⁸ As referências à teoria de Peirce estão embasadas nos trabalhos de SANTAELLA, Lúcia. 1993; VIEIRA, Jorge A. & SANTAELLA, Lúcia. 2006; 2008.

análogo ao movimento da memória, que acompanha o gráfico das ondas eletromagnéticas, matematicamente descritos e estruturados pela física.

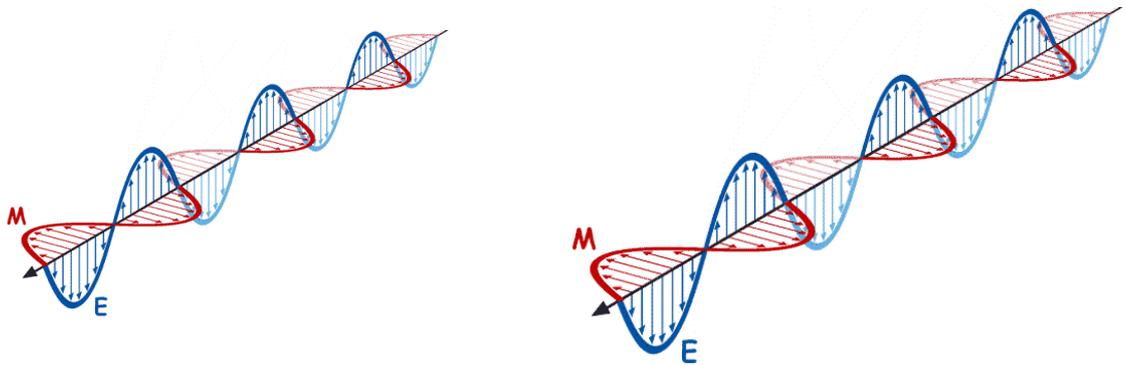


Gráfico 7: Combinação de ondulações elétricas em azul e magnéticas em vermelho.

Fonte: www.patana.ac.th/secondary/science/anphysics/relativity_option/commentary.html

Acesso: 07/09/2017.

Além da tendência de repetição de um padrão cíclico evolutivo, representado por cada par de ondas vermelho e azul, que se manifesta na imagem como um oito em evolução linear, o símbolo do infinito a se repetir infinitamente, existiriam ainda, os movimentos internos dos campos de força específicos, descritos visualmente a seguir.

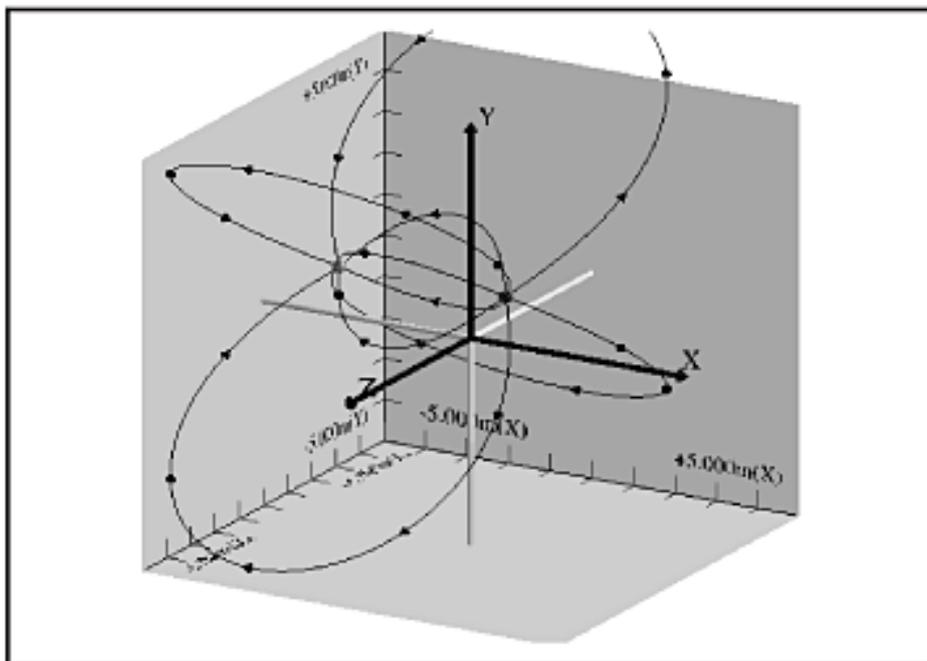


Gráfico 8: Investigando campo elétrico com linhas de força 3D.

Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172002000200015#fig42.

Acesso: 07/09/2017.

O movimento circular concêntrico de projeção e profundidade, submersão-emersão de memórias, descrito anteriormente, tem neste gráfico sua representação. Retomando o pensamento em relação à mediação – semiose, este é processo de simbolizar recursivo, que se

retroalimenta continuamente e alimenta o *continuum* peirciano, a ação contínua do signo. Gráfico envolto e dentro de gráficos, imagens em imagens, memórias em memórias, signos em signos... O método dialógico proposto como embasamento epistemológico neste trabalho se processando entre movimento-interação-interatuação-ressignificação do conhecimento em formas abstratas, pensamentos, signos de realidade... A essência da reflexão, caminho do pensamento, perpassa meandros da linguagem e das significações. Em meio à mediação – semiose infinita, o conhecimento se processa em apropriação de sentidos e significados e desta pesquisa emergem significados processuais.

Seguindo um caminho de sistematização também processual, tecido junto⁷⁹ concomitante ao andamento da pesquisa, foram realizados procedimentos e técnicas tais como: silêncio para escuta da novidade do campo empírico; acompanhamento do cotidiano familiar; levantamento dos principais temas durante as conversas iniciais, que serviam de base para desenvolvimento das questões nos encontros seguintes; acompanhamento e proposição de conversas, fazeres e brincadeiras, para levantamento dos temas das fantasias presentes; sondagem do conteúdo imaginário das crianças, em relação às histórias familiares; registros de áudio, imagens, audiovisual, desenhos, bordados; diário de campo.

Procedimentos estes que produziram o volume de material deste trabalho, do qual em um primeiro momento, se elencou os principais conteúdos presentes nas falas dos participantes da pesquisa. Esta sistematização preliminar se apresentou bastante tênue, mas já demonstrava que nas falas dos avós e pessoas mais velhas se apresentavam uma referência para os devaneios que as crianças se permitiam experimentar entre brincadeiras e encantamentos com os conteúdos das memórias dos mais antigos. Os temas das falas foram projetados na representação de um desenho inspirado nas conexões biologicamente constituídas na *flor do mundo*, nomeada assim pelas crianças, ao insistirem em me mostrar a flor da avó, no jardim de D. Maria. Um generoso corpo vermelho que chamava a atenção em meio ao jardim, cujo olhar mais atento revelou um emaranhado de pistilos conectados a um centro comum. A imagem da flor iluminou a imagem que vinha vivenciando em meio ao vozerio familiar para o qual eu buscava encontrar um ponto onde me fixar. A busca do ponto deu lugar ao deixar-se levar pelo encanto da imagem, que se formou da interconexão de pistilos reproduzindo padrões de fractal⁸⁰, que inspirou a composição do gráfico a seguir.

⁷⁹ MORIN, Edgar. 2005; 2015.

⁸⁰ “Tecnicamente, fractal é um objeto que apresenta invariância na sua forma à medida em que a escala, sob a qual o mesmo é analisado, é alterada, mantendo a sua estrutura idêntica à original.” ASSIS, Thiago Albuquerque de et al, 2008.

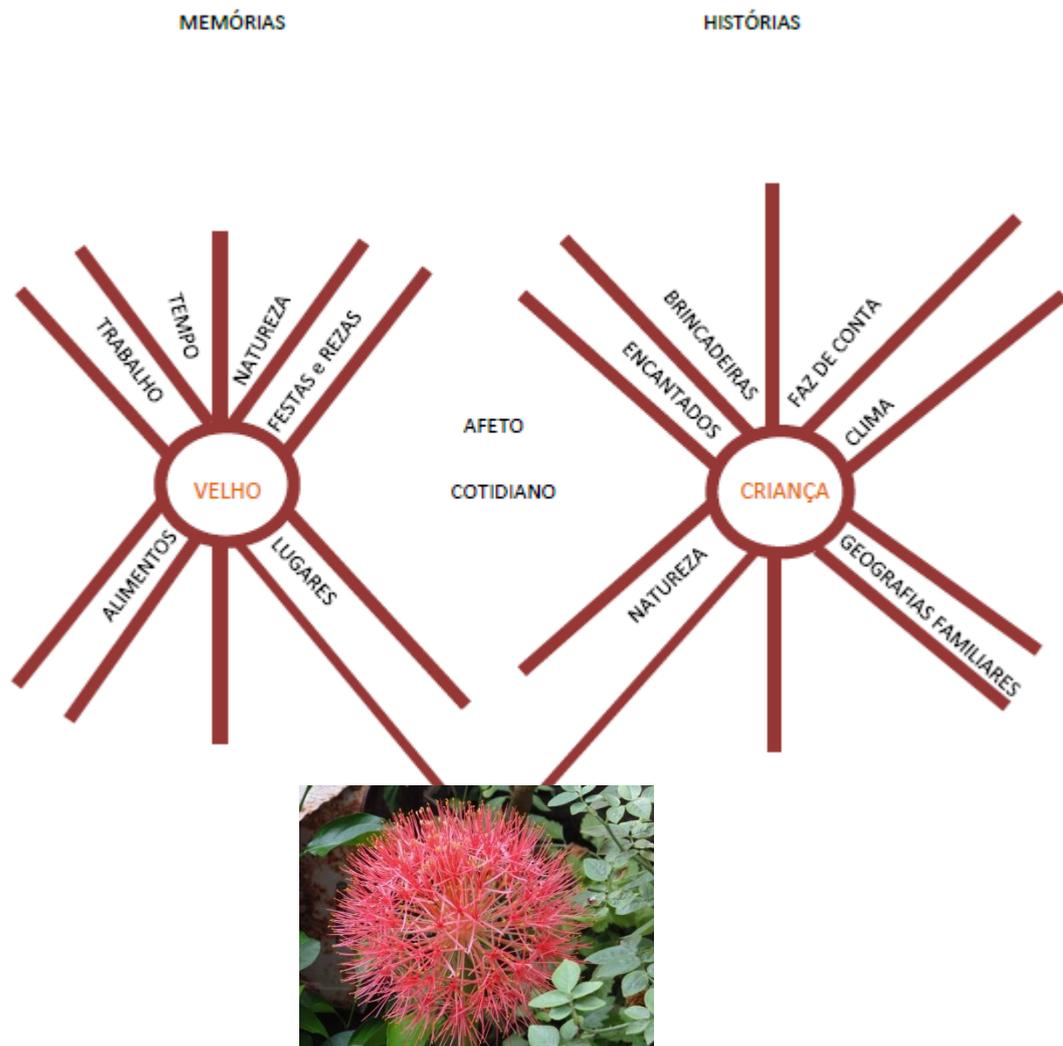


Gráfico 9: Flor do mundo que inspirou a forma para o levantamento parcial dos temas relativos às falas dos participantes da pesquisa.

Fonte: Acervo pesquisa

O gráfico foi apresentado no Exame de Qualificação do Projeto de Tese realizado em setembro de 2016. A esta época já se percebia que as crianças consideravam o que era memória para os avós, como histórias, em que se misturava realidade e fantasia e que o afeto era compartilhado por todos no cotidiano familiar. Deste levantamento inicial novas perguntas se apresentaram, para as novas incursões realizadas em campo. Ao final da pesquisa empírica seguiu-se processo de sistematização dos dados, com a transcrição dos áudios de registro do acompanhamento da rotina familiar. Da transcrição do material foram levantados os temas tratados em todo o volume de dados, para serem agrupados segundo as dimensões que o próprio material apresentou. Desse modo foi possível perceber, que os temas dialogados nos encontros com a família diziam respeito às dimensões pessoais-familiares, aos fazeres culturais e aos recursos sociais, conforme gráfico a seguir.

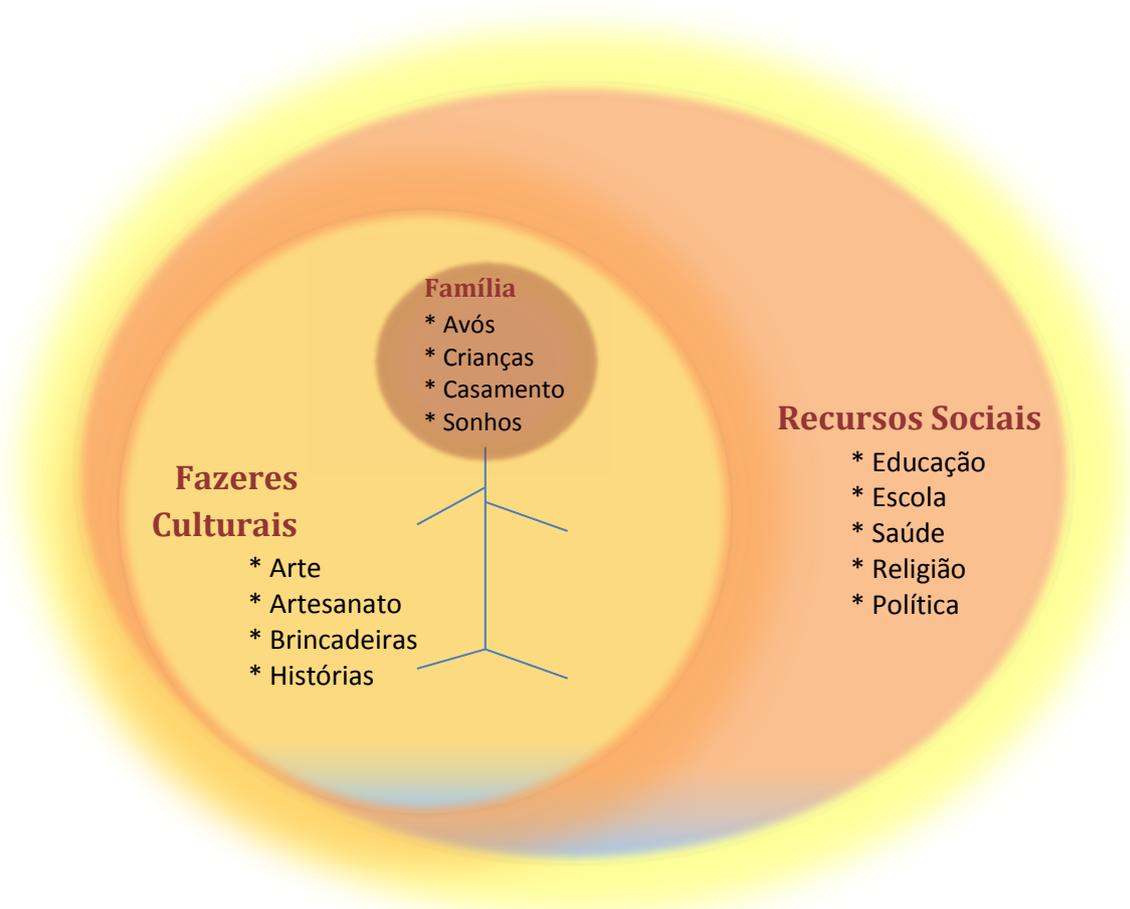


Gráfico 10: Quadro de classificações dos temas da pesquisa empírica em relação às dimensões pessoais, culturais e sociais.

Fonte: Acervo pesquisa

Tantos os temas, quanto as dimensões em que estes foram agrupados estão em intersecção e movimentação contínuas, se interpenetram e permeiam o conjunto das falas na totalidade do material empírico. Concomitante a esta sistematização, o trabalho de pesquisa empírica resultou no elencar de três categorias assim surgidas.

Afeto se apresentou enquanto categoria a partir das falas de D. Maria. Foi por meio da vontade de alimentar o afeto, que a mudança para Roraima se encaminhou. Pelo afeto, ela articula as relações familiares. Pelo sentimento em relação à sua avó, querendo *fazer o que ela fez*, que D. Maria ensina os mais novos. E é pelo afeto, deleite, gratidão e amorosidade, que ela diz ser uma mulher feliz.

Uma outra categoria *passado* resulta da fala do S. Justino, que por duas vezes fez questão de salientar, “*o que eu conto não é história é passado é aquilo que eu vivi.*” Desse modo, o passado do S. Justino dialoga com a ideia de experiência na visão de Benjamin e sobre essa relação vou me deter mais adiante.

E a outra categoria que encaminha a reflexão deste trabalho é a de *migração*. Foi por meio da migração que a família chegou em Roraima. A migração indica o arcabouço simbólico que os avós têm nutrido e que faz parte do arcabouço simbólico do coletivo

familiar. Através da migração por lugares emocionalmente vivenciados entre pessoas, afetos e experiências, eu reflito sobre os processos de imaginar.

Estas três categorias surgem em meio aos conjuntos de temas e dimensões familiar, cultural e social descritas anteriormente em meio a uma rede complexa de imagens em movimento.

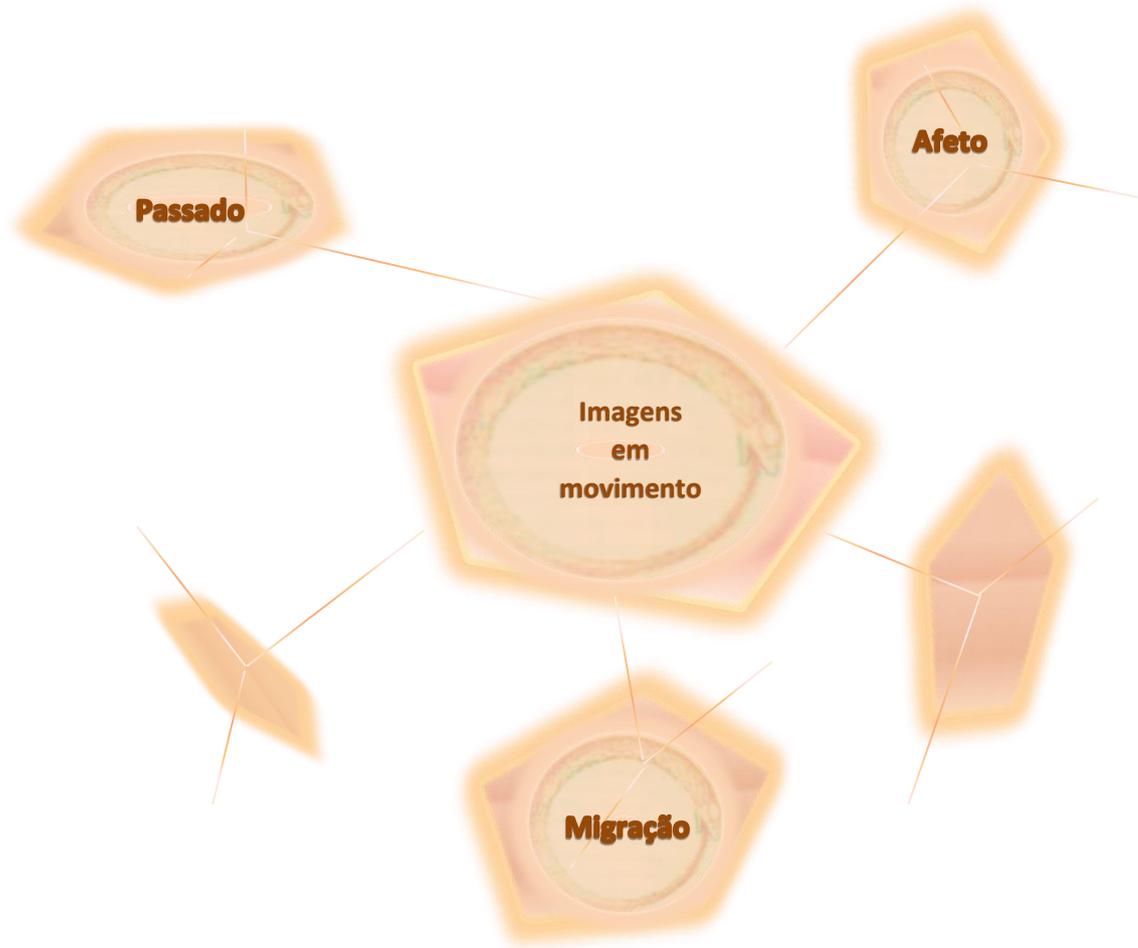


Gráfico 11: Articulação categorias.
Fonte: Acervo pesquisa.

A representação das categorias em meio a rede utilizada para representar os processos de mediação e semiose apresentados anteriormente quer comunicar de um processo contínuo de movimentação por símbolos, que se compreendem em interconexão. A primeira referência ao desenho da rede indicava o movimento semiótico, esta segunda proposição indica pontos de conformação de onde se pretende ler a profusão das imagens acessadas nas histórias familiares. São partes de um todo sempre maior e sempre cinético.

A estruturação das categorias foi concomitante a composição de novos quadros de entendimento relativos aos temas presentes no conjunto das falas, assim refeito.

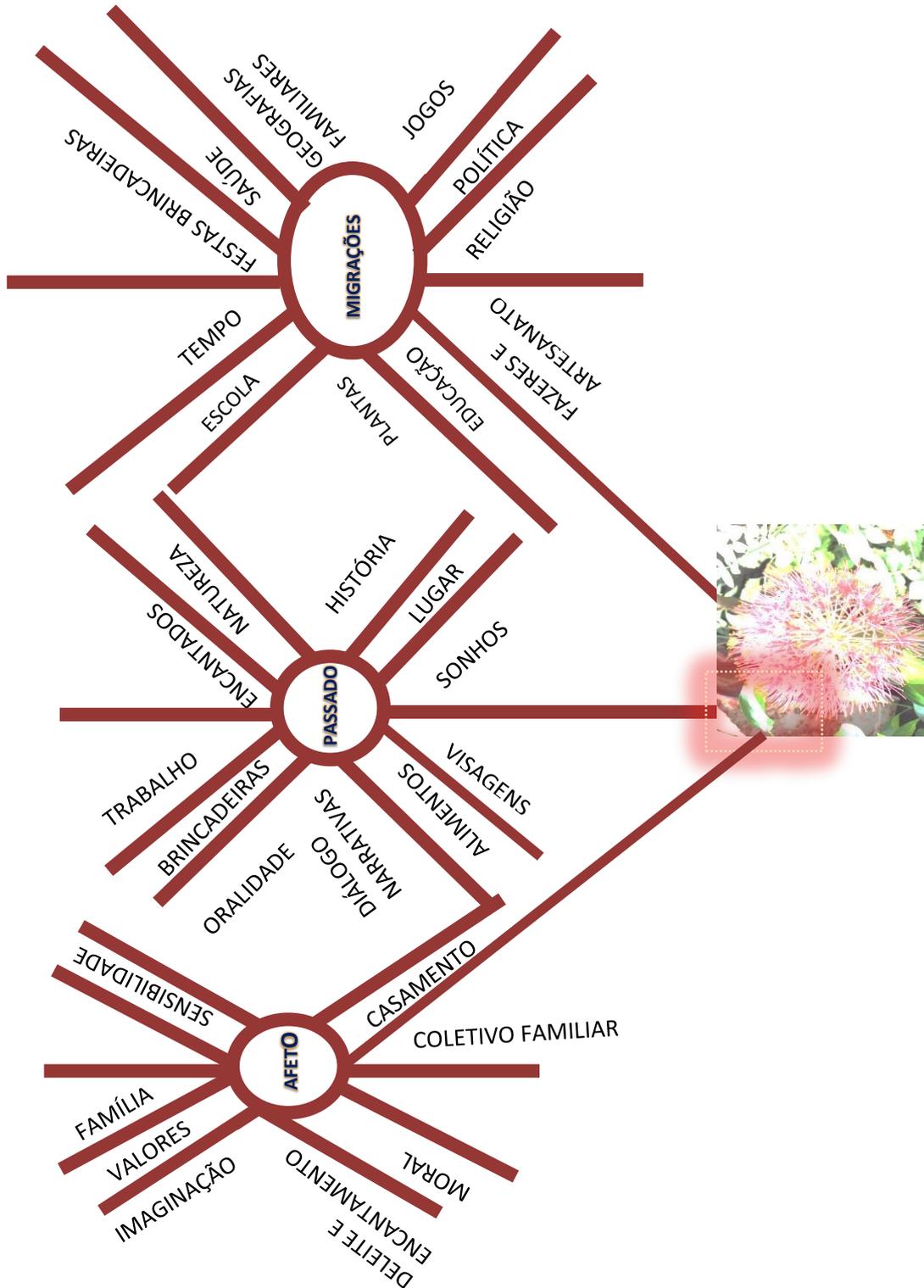


Gráfico 12: Temas da pesquisa empírica relacionados às categorias do trabalho.
 Fonte: Acervo pesquisa

Ainda a sistematização dos dados resultou na composição de quadro sinóptico referente à organização familiar e às referências simbólicas que embasam esta organização.

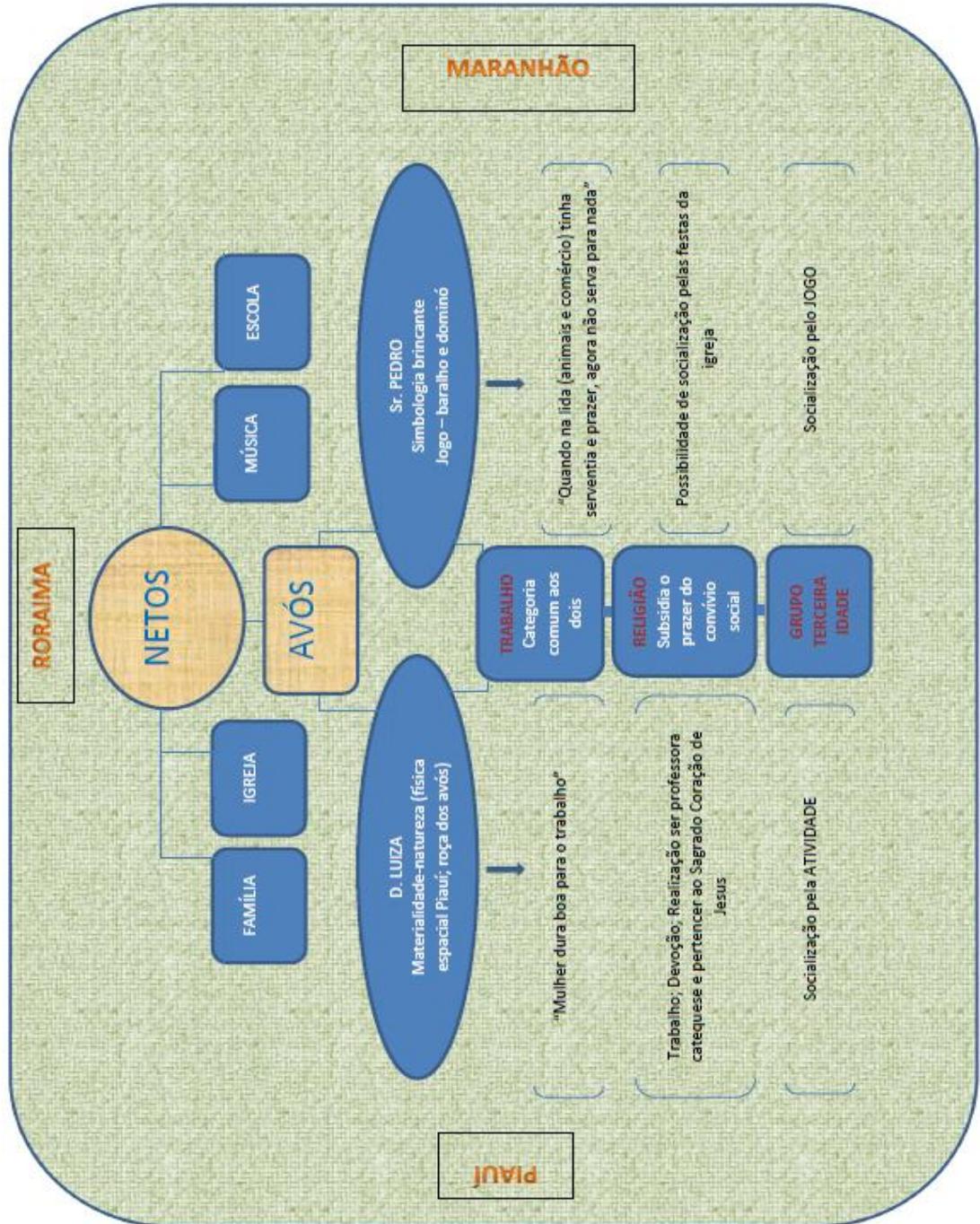


Gráfico 13: Quadro sinóptico referências geográficas e dimensões de atuação de avós e netos.
 Fonte: Acervo pesquisa

É sobre esta articulação do coletivo familiar, suas migrações geográficas, afetivas e simbólicas, por entre lugares e tempos diversos vivenciados em diálogos cotidianos, que seguem as reflexões do trabalho.

3 - MIGRAÇÕES FAMILIARES

Lá vem meu boi urrando
 subindo o vaquejador
 Deu um urro na porteira
 meu vaqueiro se espantou
 E o gado da fazenda
 com isto se levantou
 Urrou, urrou
 Urrou, urrou
 Meu novilho brasileiro
 que a natureza criou⁸¹

Todo o interior (do nativo) é sua árvore genealógica.
 (TUAN, 1983, p. 174)

Para lá e para cá andam os bois. Para lá e para cá migram animais e gente. Ao urrar do boi o vaqueiro se orienta e age. O chamado da natureza é enigma material e simbólico. Os homens podem olhar para fora, ou para dentro, as percepções migram. Os animais migram e os humanos criam sentidos. A migração animal tende a ser impulsionada pela busca por comida, temperatura e habitat adequados, fuga de inimigos, perseguições, desastres, por sobrevivência, ou por decisão humana que domestica o selvagem, para benefício próprio. No caso humano, questões variáveis que perpassam as dimensões econômica, social e ambiental tendem a ser o foco principal das motivações migrantes. Me deparei neste trabalho com um tema não muito presente nas pesquisas acerca de migração, que é o afeto como mola propulsora para uma migração voluntária, planejada e executada com o coletivo familiar.

Concomitante à migração geográfica, a vinda do Maranhão para Roraima indica um movimento de imagens, simbolismos, que resulta do diálogo entre emoção e realidade. A relação entre emoção e realidade será desenvolvida neste capítulo tendo por fio condutor a categoria do *afeto* surgida em campo, em diálogo com o conceito de *topofilia* de Tuan. O amor ao lugar, um lugar experimentado concreta e simbolicamente dialoga com o circuito criativo descrito por Vygotsky, que encaminha às transformações mnemônicas e aquisição da experiência. O próprio conceito de experiência, por sua vez, será discutido a partir do referencial de Benjamin fazendo relação com a categoria de *passado* surgida em campo peça voz de S. Justino. Experiência enquanto arcabouço de conhecimento vivido e processado por corpo, memória e sentimento.

⁸¹ Toada de Bumba-meu-boi, Novilho Brasileiro (Urrou). Autor Bartolomeu dos Santos – Mestre Coxinho. Intérprete Boi de Pindaré. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=kSTOmUWbfrY>. Acesso em 26/10/2017.

As crianças almejam a experiência por lhe faltar o tempo de vida. Movimentam-se entre vivências da escuta de quem já viveu para ir experimentando as composições de imagens do real e do invisível. Pelos dados do campo foi possível observar que os netos experimentam de um fluxo de percepções da realidade familiar acionado pelas dimensões da afetividade. As percepções estimulam a movimentação de mapas mentais e a composição de desenhos, primeira escrita da criança, que demonstra as primeiras composições narrativas imagéticas do desenvolvimento humano. As relações entre realidade e fantasia e a categoria *migração* que transcorre por dimensões geográficas, afetivas e mnemônicas, e que movimentam a imaginação, também são tema desta sessão. O desenvolvimento dos conceitos e ideias elencados se realiza em meio à profusão de transcrições de falas e assuntos diversos, demonstrando um pouco da variedade de frentes de leitura, que pude encontrar em campo, e o esforço para conseguir reunir esta variedade, apresentar e recompor sentidos, enquanto desenvolvo e busco aprofundar, as categorias surgidas em campo e o próprio objeto do trabalho.

3.1 Afetos em movimento

A percepção é uma atividade um estender-se para o mundo.
(TUAN, 1980, p. 14)

Os sentidos de afeto neste trabalho se processam de maneira aberta. Por vezes me refiro a afeto enquanto afecção, capacidade de ser tocado e tocar algo-alguém-situação, que estimula a movimentação de percepções, provoca memórias. Também quer dizer afeto a movimentação de emoções e sentimentos, enquanto apreciação e explicação para as situações vividas entre os órgãos do sentido e os sentidos que se constroem a partir do toque na realidade. O contexto em que a palavra aparece indicará a qualidade, que se espera salientar a cada momento. Em relação aos estudos de migração há uma tendência a levar em conta a dimensão econômica e social em primeiro plano, mas o campo empírico possibilitou perceber que o afeto foi decisivo para a movimentação da família de D. Maria e S. Justino em direção à Roraima.

(D. Maria): Eu sou uma avó tão boa, eu adoro esses netos, faço de tudo por esses netos! As mães desses meninos falam, “mãe a senhora deu perfume pra esses meninos!” Elas pegam de volta, “eu vim devolver que não é pra senhora dar não, eles têm.” Eu digo, “mas eu já dei menina, deixa lá.”

(Pesquisadora): Teve uma coisa que a senhora me falou quando eu a conheci, que a senhora veio [para Roraima] por causa dos netos.

(D. Maria): É porque eu gostava muito dos netos, eu tinha vontade de ficar perto dos meus netos e eles moravam aqui [em Roraima] e eu no Maranhão.

(Filha Luana): A minha mãe disse, os meus avós faleceram né, aí teve uma herança pros irmãos dividir, então a minha mãe veio pra cá, pra reunir o resto da família dela.

(D. Maria): Porque meu pai já tinha morrido, mais minha mãe, agora vou pra lá junto das minhas filhas [...] É porque eu já vim meia pra ficar, porque não podia vim passear aqui, as meninas queriam vir tudo, então nós vamos embora. Aí lá [Santa Teresa do Paruá] é um lugar pequeno, não tem muita condição, o dinheirinho que mais corre mesmo é só de professor.

(S. Justino): Mas eu achava bom.

(D. Maria): Só que o Justino chorou muito aqui.

(S. Justino): Ela [D. Maria] não achava [bom], mas eu achava. Ó lá se eu quisesse eu trabalhava de roça, eu tinha um comércio, eu cortava porco, fazia tudo na vida pegava troco, todavia pegava meu troco pra sustentar ela. Minhas filhas diziam assim “eu não gosto mais do pai, quando tem uma festa ele não dá calçado e nem roupa pra nós.” Eh coitado! Nunca foram com uma roupa velha. Eu dava o dinheiro e a Maria comprava.

E mesmo S. Justino achando boa sua vida no Maranhão, D. Maria organizou a vinda dela com mais três filhas e na sequência de S. Justino mais duas filhas para Boa Vista. No Maranhão em Santa Teresa do Paruá (atual Presidente Médici) a família tinha comércio, casa e uma relação comunitária bastante fortalecida.

(Pesquisadora): Quando o senhor saiu do Maranhão cuidava de comércio?

(S. Justino): Eu trabalhava num comércio meu mesmo, a Maria veio pra cá com a caçula [Luci], a Ludimila, mais a Luise. A Lurdes já estava aqui.

(Filha Luana): Eu sei que ela veio no meio do ano e eu cheguei aqui em janeiro. Meu pai tinha esses [tipos de] comercinho pequenininho lá de beira de estrada que fala né. Aí tinha esse comercinho e tinha que vender a mercadoria que tinha. O homem ia comprar a casa lá tinha que receber o dinheiro.

(Pesquisadora): Mas tu estavas com vontade de vir?

(Filha Luana): Estava, mas eu que anotava as coisas que meu pai vendia no comércio, porque meu pai não sabia escrever né, então quando a minha mãe veio, me deixou lá pra ajudar ele nisso.

[...]

(D. Maria): Porque assim lá no Maranhão tem o clube de mães, tinha a escola particular, tinha a escola pública, a igreja. Aí a igreja era assim, tinha o grupo de adolescente, grupo de jovem, catequese e os adultos. Tinha a mãe do grupo de mães, aí cada um daquele [grupo] dali tinha que botar uma barraca e inventar uma atividade, todo mundo, as crianças da catequese. Tinham várias turmas na catequese, né. É um lugar pequeno e o pessoal tem atividade! Porque logo lá foi assim, aqui não tem assim uma pessoa. Porque lá veio um casal de São Luiz, ajudar, trabalhar lá. Eles eram professores e era um pessoal que tinha tudo de criatividade. Ele era uma pessoa formada e tinha muita criatividade! Então esse professor educou essas pessoas lá pra se dedicarem a essas atividades, em tudo. Era tudo [de bom]. A gente fazia poesia! [...] Trabalhava e pesquisava, botava os meninos pra fazer trabalho [...] lá tinha trabalho. A gente tinha que comprar as coisas pros meninos fazer trabalho. Fazer um trabalho de tecido, tudo com tecido, eles tinham que fazer, ou fazia ou não passava nas provas.

[...]

(D. Maria): Essa escola era a melhor escola que tinha lá. O pessoal que vem de lá [Santa Teresa do Paruá] pra cá, lá de onde nos morávamos era um lugar pequeno, nós chamávamos é quase interior né, a cidadezinha assim pequena, vem pra cá pra Boa Vista, não fica nem um sem passar em concurso. Todos que vem de lá pra cá passam em concurso. Se inscrevem aí vem só de lá pra cá fazer a prova e aí passa. Todos passam lá dessa escola lá, porque essa escola é completa, é uma escola boa, quem estudou lá e estuda hoje em dia aprende mesmo. Os professores de lá são tudo professores competentes [...] Nós morávamos no Maranhão, lugar meio difícil, mas lá tinha curso, a gente fazia. Depois chegamos aqui e aprenderam ainda mais.

(Pesquisadora): Aqui é melhor de curso do que lá?

(D. Maria): Lá nesse tempo foi muito bom de curso, agora não sei como está lá. Já faz tempo que não volto lá.

(Filha Luana): Antes tinha a associação das donas de casa, muita coisa que o governo ajudava, eles davam material, pagavam a professora, pras donas de casa terem uma renda, mas hoje em dia não tem mais essas coisas não, quando a gente chegou aqui ainda tinha, quando cheguei aqui fiz um curso de arranjo, né mãe?

(D. Maria): É. Aí lá o pessoal era assim, um pessoal interessado. E logo no Maranhão tem muita atividade [e brincadeiras]. Aqui tem umas brincadeiras, já tem umas quadrilhas muito bonitas. Não vou dizer que as quadrilhas daqui não são bonitas, mas o pessoal aqui da igreja assim, não bota umas brincadeiras boa, mas no centro tem quadrilha boa.

A base comunitária característica no tempo em que a família viveu por lá não era apenas uma impressão da filha Luana, ou de D. Maria, mas um movimento que contribui para o desenvolvimento do povoado e que tem gerado material para pesquisa acadêmica⁸². D.

⁸² Conforme o trabalho de SOUSA, Andrea F. de. 2016.

Maria fez referências algumas vezes sobre a qualidade dos cursos e escola no Maranhão, bem como o *fervor do povo em mutirão*. Compara inclusive a organização de lá em detrimento ao movimento da Comunidade de São Raimundo Nonato, da qual faz parte em Roraima e que segundo sua impressão, não realiza tantas atividades como lá.



Figura 25: Cartaz Festa do Padroeiro da Comunidade.
Fonte: Pedro Costa

Apesar da crítica de D. Maria para a organização comunitária dos maranhenses, menos fortalecida em Boa Vista, a cultura do mutirão e da organização popular parece ser um legado que o povo maranhense leva consigo, pois a Associação Cultural dos Maranhenses em Roraima segue seus trabalhos e realiza suas obras, através da ação coletiva e em muitos relatos é comum se ouvir a referência, *lá no Maranhão se fazia muito mutirão*.

(D. Maria): *Lá em Santa Teresa [do Paruá] o lugar era pequeno, mas ele [o Padre] organizou. Porque hoje em dia a escola pode estar bagunçada, mas nesse tempo lá, era a melhor escola.*

(Filha Luana): *Não funciona [mais], a senhora não sabia não? Ela está abandonada*

(D. Maria): Abandonaram? Óh, faz pena! Eu te disse que nem dá vontade ir lá.

(Pesquisadora): A escola de lá, como tu sabes?

(Filha Luana): Porque eu vi no face [...] Eu lembro da minha infância. A gente entrava assim, desse lado tinha a biblioteca, do fundo na biblioteca tinha a sala do diretor. Desse lado a secretaria, aí do outro lado assim, era a sala dos professores. Eram só quatro salas. Aí do lado, descia tinha uma escada, dois banheiros, dos homens e das mulheres. Tinha duas salas, uma desse lado, outra desse e a cozinha, aí aquele pátio pra correr, pra comer, mas assim, não era coberto, era um pátio aberto. Engraçado, naquele tempo a gente brincava, comia no sol, era engraçado. Hoje em dia, Deus o livre servir uma alimentação no sol pras crianças, lá não tinha [cobertura].

(D. Maria): Tinha ordem essa escola, a Luana reprovou uma vez só porque não foi lavar o banheiro no dia de sábado.

(Filha Luana): É porque tinham os mutirões. No sábado tinha o dia da faxina, limpar dentro, limpar tudo, e tinha a horta que era a gente que cuidava, era bem grande lá a horta.

(Pesquisadora): Olha! Mas agora fechou?

(Filha Luana): É, foi abandonada, porque assim, tem dezenove, vinte anos, tem vinte anos que nós estamos aqui?

(D. Maria): Mais.

(Filha Luana): Não, acho que é vinte então tem uns vinte anos atrás isso.

(D. Maria): A Luciana ainda estudou lá. A Lurdes mais a Luciana começaram na escola do município.

(Filha Luana): Quando a gente saiu de lá, existia essa escola, era particular, era pouco, parece que era 15 reais né, mãe?

(D. Maria): A gente pagava só a metade.

(Filha Luana): Era assim, como se fosse uma escola pública.

(D. Maria): Os irmãos ensinavam de graça, ainda arrumavam dinheiro pra ajudar na escola.

(Filha Luana): Aí a gente contribuía pra pagar os professores. Tinha uma escola do estado e tipo a escola da prefeitura, eram só essas duas escolas, e tinha uma creche. Eu lembro que tinha uma igreja católica e uma Assembleia de Deus, não é aquele lugar que tinha um monte de igreja, sabe, que nem aqui. Então a gente só tinha duas religiões, ou você era católico, ou você era da Assembleia de Deus.

(D. Maria): Às vezes perguntavam se eu conhecia [alguma religião], não conheço essa aí não, porque lá onde eu morava só tinha católica e Assembleia de Deus e o padre fazia se unir, entrava pastor lá, brabo, brabo, mas com o padre tinha que se unir, todo mundo junto,

na escola. Hoje ainda tem, festinha de crente e de católico, é tudo junto, primeiro faz o culto, depois volta pra igreja, porque a escola era do colégio Santa Teresa, e era ligada à igreja também, porque eram todos católicos os irmãos [da congregação que administrava a escola]. Aí iam pra igreja celebrar a missa, quando terminava [tinha] a festinha dos comes e bebes na casinha lá.

A lembrança dos trabalhos associativos e de como era a distribuição das casas e escola rendeu uma tarde toda de conversa entre D. Maria e Luana. Interessa neste recorte apresentar a trama social em que a família estava envolvida e o prazer de lembrar de tempos vividos naqueles espaços, das traquinagens que as meninas em sua mocidade viveram por lá e da estrutura educacional em que estavam imersas. Concomitante aos elogios à realidade educacional e coletiva de Santa Teresa do Paruá, as filhas traziam consigo o desejo de migrar em busca de melhores condições, *mãe quando eu crescer eu não vou ficar aqui*, mas a decisão e realização da movimentação familiar ficou a cargo de D. Maria. Por sua vez, S. Justino, repete inúmeras vezes que não queria ter vindo, que preferia ter seguido por lá. *Lá nós tínhamos de tudo!* Discurso retrucado no mesmo instante pela fala de D. Maria, *não ia ficar longe das filhas*.

Piauí, Maranhão, Roraima, geografias distintas, localidades de passagem para os integrantes familiares, são *lugares* no sentido que Tuan define como um espaço habitado por percepções, emoções e sentimentos. “Quando o espaço nos é inteiramente familiar torna-se lugar.”⁸³ É neste *lugar geográfico-sentimental*, que habitam as memórias mais antigas dos familiares mais velhos e que se tornou evidente pelo rememorar de D. Maria. Como descrito no primeiro capítulo, ela relata em detalhes as sensações, como o toque macio do *capim liso* experimentado na natureza do Piauí e se sente repleta, *feliz por viver como a minha avó vivia. Sou muito feliz por isso!* Poder vivenciar experiências como as amadurecidas na companhia dos avós que amava e com quem aprendeu a viver e apreciar o Piauí, *lugar lindo, maneirinho*. É se sentir repleta da presença dos antepassados e seguir movimentando seus ensinamentos. O lugar concreto, material, o lavrado roraimense, se veste das impressões que traz consigo D. Maria, *eu cheguei aqui e achei o meu lugar. Eu achei o clima daqui parecido com o clima do Piauí, minha terra*.

Viver como a avó é levar consigo seu conjunto de imagens-afetos para onde decidiu ir viver. D. Maria, em nenhum momento dos registros de sua fala, faz comparações saudosistas escolhendo um local-estado em detrimento ao outro. Parece mesmo dar vida a este entendimento de Tuan, de que para uma localidade se tornar um lar, há que se ter sentimento e

⁸³ TUAN, Yi-Fu. 1983, p. 83.

experiência imiscuídos. E o lar de D. Maria situa-se na própria família. “O lar é um lugar íntimo.”⁸⁴ O lar pode ser uma pessoa, para a criança é a mãe, para D. Maria são as filhas e os netos. Mesmo tendo levado anos para construir sua casa em Boa Vista, D. Maria está disposta a abrir mão por um *barraquinho* em um sítio, se as filhas se dissiparem.

(D. Maria): Agora foram embora tudinho [a Ludimila e os filhos, Luana e sua família também, que eram vizinhas de D. Maria e foram morar em bairro afastado da mãe] e me deixaram aqui só. Estou sozinha, eu digo, acho que vou trocar minha casa numa chácara pra eu morar mais essa menina [Luciana], porque tem uma que ainda não tem casa [Luana que vive de aluguel]. A outra [Ludimila] mora pracolá, mas é uma dificuldade. Se eu achasse quem desse uma chácara na minha casa, tivesse ao menos um barraquinho pequeno pra eu entrar logo pra dentro, pra depois eu ir fazendo minha casa devagar, eu ia fazer isso pra botar essas meninas [Luciana, Luana, Ludimila] comigo, porque já estou velha pra eu ficar sozinha aqui. Morava uma bem aí [a Lurdes] foi embora pra Baruana, a outra agora está morando lá pra chácara [Luana], outra pra Vila Jardim [Ludimila]. Essa daí [Luci] já está falando também que vai dar uma viajada. Eu digo, ai meu Deus, se eu ficar sozinha eu vou vender minha casa.

[...]

(Genro Mário): A senhora gosta do interior né? Chega fica feliz quando fala de lá!

(D. Maria): Eu gosto, um dia ainda vou morar pra lá.

O gosto pelo interior que a faz cogitar outras mudanças é posto em primeiro plano caso a família se dissipe, ou seja, as filhas resolvam morar afastadas dela. Em contrapartida o sonho de poder viver próximo ao mato, que gosta tanto, é deixado em segundo plano pela necessidade de auxílio econômico e financeiro de uma das filhas.

(S. Justino): Ó, eu vou, ela [D. Maria] disse assim. “Eu vou embora. A Ludimila foi embora, a Luana mora pracolá, a Luise pracolá, a Luci pracolá, a Lurdes já foi embora, me deixaram aqui sozinha, eu vim pra cá por causa das minhas filhas, me deixam sozinha, vamos embora!” “Bora minha velha!” [risos]

(Filha Lurdes): [...] eu só tenho medo por causa do problema dele [S. Justino] de saúde. Mas lá [no interior] é bom! Não dá malária, não tem [...]

(D. Maria): Eu não tenho medo por isso não, mas pela Ludimila, ela vive só [com os filhos sem marido]

(Filha Lurdes): É porque assim, a mãe se preocupa com outros netos e filha né, que ela ajuda, mas senão ...

⁸⁴ TUAN, Yi-Fu. 1983, p.160.

(D. Maria): Porque a Ludimila é sozinha, mas se ela tivesse marido que prestasse, que cuidasse dela mais dos meninos [crianças] eu ia pra lá, porque lá é bom. Ainda mais com ele [genro Henrique marido Lurdes], qualquer coisa ele resolve.

Ludimila é a mãe solteira que morou com os pais até 2015, quando conseguiu ser contemplada com apartamento no programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida, mas mesmo tendo moradia necessita da rede de apoio dos pais, que se dispõem afetiva e economicamente a ajudá-la.

(Pesquisadora): É porque a família é grande e vocês ajudam as filhas...

(S. Justino): É.

(Pesquisadora): E tem mais os netos né?

(D. Maria): Ichi eu trabalho só por causa dos meus netos.

(S. Justino): Essa minha filha que eu estou falando [Ludimila], que tem uma motinho e andava aperreada pra tirar a motinho dela aí, pra eu fazer empréstimo, eu fiz

(D. Maria): Pra pagar o documento, quinhentos e pouco.

(S. Justino): Eu digo olha, eu vou fazer, mas todos os meses você tem que me dar quarenta e seis [reais], “eu dou” [disse Ludimila] e aí está se esquecendo de mim.

(D. Maria): Não se esqueceu não, foi que não deu, ela vai tirar dos meninos [da bolsa deles] e dar. O da luz ela me deu.

Era comum nas visitas à casa da família observar a conversa de D. Maria e S. Justino sobre o que precisavam as filhas e netos. De empréstimo de dinheiro, a comida, roupa da escola; a atenção dos avós nas necessidades dos familiares era constante. Lugar é o lar, *locus* de reminiscência, espaço habitado pelos afetos que retroalimentam outras experiências, novos afetos. “Este certamente é o significado de lar – um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores.”⁸⁵ Um cheiro, um toque, uma lembrança para D. Maria, ao contar da planta de Roraima lembra da planta do Piauí; ao mostrar um fazer aqui relembra os fazeres de lá; ao descrever uma emoção sentida aqui, se encanta com um chamego lembrado da avó. Mais que um espaço físico, a topofilia de Tuan chama atenção para as experiências vividas em localidades.

Sentimos que o real é importante, mas, paradoxalmente, também passa despercebido. A vida é vivida e não é um desfile do qual nos mantemos à

⁸⁵ TUAN, Yi-Fu. 1983, p.160.

parte e simplesmente observamos. O real são os afazeres diários, é como respirar. O real envolve todo nosso ser, todos os nossos sentidos.⁸⁶

O real é estímulo para alimentar o movimento das mediações, das idas e vindas de memórias e experiências. Traz sensações que ativam a percepção e encaminham respostas perceptivas, motoras, simbólicas. O pisar o chão de um lugar é gesto amplo, direto e indireto, de corpo e memória, sensação e sentido, coração e abstração. O real envolve D. Maria que está presente e tem consciência de onde está. Atua pelas especificidades que o contexto lhe indica, faz uma leitura política lúcida e articulada entre tempos e espaços diversos, por onde viveu. O tecer de fios na produção da varanda encaminha o rememorar de ofícios do passado e leituras políticas do presente.

(D. Maria): É feito a varanda, a gente faz almofada, eu sei fazer varanda em almofada, só que aqui [em Roraima] não existe, né, pra cá não existe, no Maranhão não existe, mas no Piauí eu acho que ainda tem, aquelas varandas feitas na almofada, coisa mais linda! A minha vó, minha tia, tudo tinham almofada, a gente tinha engenho de fiar o algodão. Ai coisa mais linda! A gente fica aqui mexendo com o pé, batendo o pé, que nem máquina né, que de primeiro também tinha aquela máquina de costurar na mão, né, manual. Aí a gente fica batendo aqui com o pé e preparando a tiradinha de algodão e o engenho vai consumindo o fio. Aí vai enrolando lá no fusão do engenho, é deste tamanho assim, ele vai enrolando todinho. Tem um negocinho lá, ele vai rodando e vai levando. Aí ele já vai passando o algodão e já vai virando fio, com aquela batidinha ali, ele vai rodando e vai torcendo, e a gente preparando aquelas tiradinhas, aqueles balaiozão tirado de algodão, mas é lindo! Merece tu ir lá pra ver, como é que a gente trabalha com algodão.

(Pesquisadora): Mas a rede faz no tear? Faz como?

(D. Maria): É no tear, tinha um tear.

(Filha Luciana): Que agulha que a senhora queria?

(D. Maria): Hum? É minha cartela de agulha. Não sei se ela está aqui dentro, vê se ela está aí. Ei, a gente faz assim, enfia o algodão no engenho na mão, também enfiava na mão assim, é com fuso, ainda tenho até um fuso, ainda tenho uns pedaços aí. A gente torce aquele fuso, aí torce aqui, aí bate aquela tiradinha, é desse lado. A gente bate ela, aí ela afina, a gente vai torcendo ela, aí depois a gente dá uma rodadinha naquele fuso, aí sai passando, fazendo aquele fio. Aí vai enrolando no fuso, usando um negócio assim desse tamanho, com aquela rodinha pra rodar, uma rodinha pequena assim, a gente vai, a gente dá aquela abanadinha, ela torce, ela fica rodando, rodando, rodando. Aí a gente vai passando o fio né, faz o fio na mão, esse é o manual, e tinha o de engenho né. Daí, daqueles fios a gente prepara ele pra fazer a rede. Lá a gente tecia a rede, tecia pano pra fazer lençol, tudo de algodão. Quem

⁸⁶ TUAN, Yi-Fu. 1983, p.161.

queria tingido fazia, quem não queria fazia dessa cor [do algodão cru], a gente fazia rede branca, assim dessa cor.

(Pesquisadora): Então lá tem muita plantação de algodão, deve ter então?

(D. Maria): Tinha, hoje em dia não tem mais não, não sei, porque o pessoal ficou preguiçoso depois que o Lula inventou esse negócio de bolsa família, as mulheres não trabalharam mais.

(Pesquisadora): Ah é?

(D. Maria): Porque quando eu morava lá todo mundo apanhava algodão, ichi a gente apanhava muito algodão, arrobas e arrobas. A gente apanhava pra vender, ainda tem lugar que tem cultivo de algodão né, me falaram um tempão desse.

(Pesquisadora): Em algum lugar tem que ter né, pra ter o algodão pra produzir...

(D. Maria): O fio né, pois é. Aí tem essas linhas tudo, tudo é de algodão. Nós apanhávamos o algodão, tanto que nós vendíamos o algodão, nós vendíamos o fio, depois de fiado, aí nós fazíamos a rede pra vender, tudo do algodão.

(Pesquisadora): Humm deviam ser fios bonitos hein?

(D. Maria): É muito importante ó! Lá era terra da cultura, porque lá no tempo que eu morava lá, tinha até mamona, a gente plantava na roça e colhia pra vender, a gente vendia mamona, a gente vendia o algodão.

(Pesquisadora): O que faziam com a mamona?

(D. Maria): A mamona eu não sei, era uma coisa pra fora né, a gente vendia, o pessoal comprava pra levar pra outro lugar, é pra fazer o azeite né, porque a mamona dá muito azeite, o azeite dela é um azeite muito grosso, é tipo esse óleo queimado.

(Pesquisadora): Acho que lá em Goiás faziam as lamparinas com azeite de mamona.

(D. Maria): É, a minha avó fazia, ela tirava o azeite pra fazer um, ela chamava de candeeiro, ela colocava numa latinha, do tamanho daquelas latinhas de conserva, não tem? Naquele tempo ela vinha, parece que era com, não sei se era com azeite doce, eram umas latinhas pequenas assim, estreitinhas. Aí ela fazia aquele candeeirinho, cortava. Aí a gente fazia um pavio, até sei fazer ele, vou caçar um capucho de algodão pra fazer pra eu te amostrar. A gente botava, também fazia aquele pavio grande, aí cortava um flandre assim em cruz, fazia aquela peçazinha pra botar em cima daquela latinha. Aí ali metia o pavio e botava dentro, botava com água, e o resto de azeite, ali ele ia queimando e ia puxando aquele azeite, quando estava só na água, botava mais de novo. Minha vó não gostava de dormir no escuro, ela diz que essas lamparinas, que nesse tempo não tinha energia né, era lamparina com querosene, porque aqui nem existe querosene né, aqui é muito difícil. A gente acha querosene, mas é caro e é difícil, a gente compra só pra botar em piso. Aí lá era no querosene na lamparina, quando no inverno ela não gostava da lamparina, ela dizia que lamparina com querosene

podia atrair alguma coisa dos trovões, aí ela acendia um fogueiro, ele era muito moderno, com azeite de mamona, ela botava bem na porta do quarto dela, aí lá alumiava a casa todinha, aquela luzinha assim, moderninha, não tem fumaça, aquela fumaça que emprega tudo, não, não dava fumaça.

[...]

(D. Maria): *Agora eu vou fazer uma pergunta pra você, que não tem nada a ver e tem. Não tem nada a ver e tem, eu sou preocupada. O que você acha do impeachment? O quê que você acha daquele impeachment? Você acha bom, ou acha ruim?*

(Pesquisadora): *Eu acho que é uma situação difícil. Porque vendo o que eles estavam falando ontem, as barbaridades que estavam dizendo...*

(D. Maria): *Não, eu sou contra o impeachment e vou lhe dizer o porque, eu sou clara nisso. Porque se agora, eu faço igual a música do Zé da Luz, se a coisa não estava boa, agora vai piorar.*

(Pesquisadora): *É.*

(D. Maria): *Porque esse outro que vai entrar não pensa que eles vão fazer boa coisa não. Porque olha o pessoal, eu fico até com raiva quando eu vejo alguma pessoa falar do Lula. Não é porque eu seja assim tão ligada a candidato, mas é porque a gente tem que ver os pontos da pessoa. Porque o Lula arrumou muita coisa e agora o pessoal estão querendo é ir pra roça, [incompreensível] Porque agora vai arruinar. Se já estava ruim com a Dilma, agora vai piorar. Daí eu acho assim, que tinha fazer não era tomar era dar uma pressão pra ela fazer as coisas direito. Arrumar, ajeitar, né, mas tomar assim pra botar na mão de outro, não vai melhorar, não. E aqui em Boa Vista foi em peso! O pessoal daqui, eles sempre são contra os candidatos. Aqui nunca votaram pro Lula, sempre os candidatos daqui, sempre são contra o Lula. Tem voto aqui porque o pessoal vota, mas sempre tem os candidatos contra os candidatos mais fortes daqui, que o pessoal disse que o mais forte daqui é o Jucá, é ele mesmo que é o mais forte daqui, porque ele é senador, né? Sempre ele é contra, agora esse ano nesse negócio desse impeachment foi quase todo mundo aí votou contra. E aí o pessoal acha assim uma vantagem. Eu não acho não. Eu fico preocupada, porque, oh meu Deus, eu já tenho o meu, mas o outro não tem. Meus filhos, meus genros, meus netos, né?*

(Pesquisadora): *A senhora faz pensar quando diz ruim com eles, pior sem eles. Porque as falcaturas destes, a gente ainda ficou sabendo. Os outros...*

(D. Maria): *Não, quem descobriu o roubo dos ladrões que roubavam aí direto foram eles, o Lula e a Dilma foram quem acabou com aquele negócio de “gafanhoto”. Ah minha irmã, se a senhora ver o tamanho da roubalheira que era aquilo! Aqui os empregados recebiam até 2, 3 mil reais no nome. Eles recebiam salário e o candidato recebia 2, 3 mil por ele. Aqui tinha roubo, menina! E na hora só prenderam, só falaram que o ladrão só foi o Neudo Campos. Mas o Jauci, a Aurelina, que continuam sendo candidatos, esse pessoal roubou demais. É porque eu faço é conhecer as pessoas que eram “gafanhoto” pra eles, eu conheço. Roubaram*

demais. Neudo Campos ele não soube foi administrar, porque ele deixou o pessoal roubar tanto, que na hora só botaram ele. Mas ele não foi quem roubou, quem roubou foram os outros candidatos. Os outros candidatos botavam não sei quantos funcionários aí pra pegar 2, 3 mil reais, mas na hora, só era no nome [de laranjas], eles [os políticos] quem pegaram o dinheiro. Ladrão, ladrão, tudo são candidato e o pessoal vota pra esse povo direto e ainda diz que são os bons. E o Jucá, esse é que rouba muito. O pessoal eles nem dão fé, porque ele faz esses negócios aí esses projetos aí, isso aí ele rouba demais.

(Pesquisadora): Acho que a senhora é bem esclarecida, hein.

(D. Maria): Eu entendo.

(Pesquisadora): E a senhora tem boa memória lembra das falcatruas ainda, né?

(D. Maria): Lembro! Eu lembro do tempo sabe de quê? Deixa eu ver quem é que estava na política. Parece que era o Zé Sarney que era candidato. Aí o pessoal estava querendo tirar ele, aí todo mundo animado, quando foi um dia um senhor disse pra mim, nós conversando lá, ele era vendedor de confecção. Nós trabalhávamos no mercado, ele vendia confecção lá na feirinha, lá no aberto. Tinha uma feirinha lá. Aí ele disse, “olha a senhora vai me dizer se daqui uns dia não vai ter muita gente dizendo assim: ah, o tempo do Sarney”. Mas, foi mesmo ó! Quando entrou aquele senhor de Collor de Melo, Deus o livre, trancou logo os garimpos, trancou dinheiro de todo mundo naquele tempo. Diz que quem tinha banco, não tem assim o banco nas casas, na igreja tem banco, né?

(Pesquisadora): Aham.

(D. Maria): Aí às vezes as pessoas tinham um banco em casa, diz que quem tinha banco em casa fez quebrar até o banco pra nem ver mais banco, nem de sentar [risos] Porque acabaram com dinheiro todinho. Porque é assim, no tempo do Sarney foi o tempo do RV, o pessoal botava o dinheiro no banco e ficava rendendo, aí minha irmã, quando apareceu esse negócio, eu já trabalhava com Avon, ah, o negócio ficou feio ó. Lá onde eu morava teve criança que quase morre de fome, porque eles esconderam o leite, porque o Sarney botou o preço lá, não aumentou mais, né, aí como naquele tempo do RV tudo aumentava quando botaram naquele coisa barato, o pessoal não queria vender o leite. Aí deixava as crianças quase morrendo de fome. Acharam bom foi no tempo do RV, que era aumentando direto. Aí quando o Collor de Melo entrou que trancou o dinheiro tudinho, que passou parece uns 5 dias tudo fechado, eles só pegando os dinheirão do banco dos abastados, de todo mundo, não foi do pobre não, foi dos ricos também.

(Pesquisadora): Aham.

(D. Maria): Nesse tempo foi do maior pro menor, porque o pobre às vezes nem tinha dinheiro no banco, né? Mas o rico tinha e não saiu o dinheiro de ninguém, trancou tudinho. Trancou os garimpos, que os garimpos, funcionavam, né? Nesse tempo tinha muito garimpo, tinha muito dinheiro, oh minha irmã! Lá em casa, nós vendíamos de 15, 20 caixa de tomate por semana, era duas vezes que o homem vinha deixar pra nós nesse tempo do garimpo e quando

esse Collor de Melo entrou, ele trancou os garimpos, trancou os bancos, aí pronto. Fechou o tempo, o mundo quase acaba, quase parou nesse tempo. Aí eu estou pensando que agora vai ser o mesmo. O tempo que eu estou pen... eu não gosto nem de pensar as coisas, quando eu penso sempre dá certo. A gente vê também. Eu estou vendo isso, porque o pessoal, isso aí [votação dos deputados no processo de impeachment de Dilma], aquilo ali teve muita compra de voto. A maioria daquele pessoal ali é comprado. Tem deles que está mesmo é muito empolgado, mas ali tem deles que está entrando ali é por dinheiro. É não é só pra dizer assim eu vou votar pra melhorar, não, ia melhorar, mas não melhora não. E ainda metendo religião por meio. Me deu nojo aquilo.

(Pesquisadora): *Sim.*

(D. Maria): *Um negócio assim, aquilo ali é só por interesse de dinheiro, vai meter Deus na causa, mas minha irmã ela é crente a minha irmã, ela disse que hoje em dia o nome de Jesus virou comércio. Porque tem muito crente que eles fundam a igreja aí, faz a igreja só pra ganhar dinheiro. Porque tem aquele negócio ali que a pessoa tem que pagar e paga aquilo ali e eles..., eu sei que, ah não. Aqui você sabe que tem a venda do pessoal religioso, desse pessoal da igreja, quando está no tempo da política eles inventam uma igreja, aí eles vendem os votos deles tudinho pro candidato dar material pra eles fazerem a igreja, ou dá dinheiro, eles fazem um contrato. Aí depressa eles fazem uma igreja rapidinho. É todo tempo de política eles fazem igreja aí com dinheiro dos políticos. Porque hoje em dia eles dizem que a gente não vende mais voto, mas os crentes vendem, eles fazem contrato bota muito voto. Arranja aquele pessoal todinho da igreja pra votar numa pessoa pra ganhar dinheiro. Então é assim, acho que aquilo ali [a votação do impeachment], muito daqueles ali eram comprados. Tinha deles que ficavam quase empurrando, a gente via assim que as pessoas às vezes não estavam tão decididas, mas eles faziam a pessoa decidir. Porque pra aquele decidir ficava falando tanta besteira.*

Esta conversa aconteceu enquanto D. Maria me ensinava os pontos para tecer varanda. Como que juntando os fios da memória compôs esta leitura intercalando fatos históricos e crítica política, se movimentando entre experiências pessoais e a consciência coletiva. Da reminiscência do que era produzido em família, D. Maria vai tecendo o fio da historia. Mais longe se dispõe a ir buscando pela recordação da origem da matéria prima, de quem planta o algodão e ao chegar nesta lembrança pontuando a transformação na operação do sistema de agricultura de sua região, com a entrada de Lula no governo, passa a citar fatos e situar criticamente as mudanças históricas e chega ao presente articulando leituras entre questões econômicas, sociais e políticas. Se ocupa em pensar sobre a cena política pensando em que não tem, *eu já tenho o meu, mas o outro não tem.*

Assim afeto é também deixar-se afetar. Estar presente, se permitir ser tocado pelas vivências, manifestações localizadas para tecer leituras amplas, que interseccionam presenças,

percepções, afetos, interpretações. Experimentar outros sentidos, alteridades sensoriais e sensitivas, que na dança da mediação semiótica, movimentam outros e/ou novos significados. Sentir de corpo, coração, mente, para movimentar sensações e seus efeitos, as imagens mnemônicas recriando sentidos, signos e significados. D. Maria lembra para comemorar, quer dizer, rememorar que reúne afeto e razão. Lembra em meio a sentimentos e ao sentir, satisfeita em sentimentos articula emoção, pensamento e ação. Rememorando e sentindo atua no presente sendo esposa, mãe, avó, revendedora de produtos e como repetiu algumas vezes sendo feliz, por viver igual a sua referência topofílica a avó. O *lugar* mnemônico, simbólico, da avó é a manifestação do afeto e a motivação que D. Maria encarna e revive a cada encontro e reunião com a família, sua maior motivação.

Ao incluir os afetos, o espaço ganha significação e o estudo das imagens mentais ganha raiz, se aterra na experiência concreta, pelo viés cardíaco. O coração órgão físico, é portal de emoções, respostas neurológicas e fisiológicas a estímulos externos-internos. Incluir o que se sente no discurso é ativar pontes de ligação entre realidade e razão. Um exercício de ampliação e complexidade para a neutralidade abstrata. Sentir é viver e pensar integrando as próprias vivências. A dicotomia, razão – emoção é ilusão, pois toda razão contém os interesse e motivações resultantes de toques provindos da realidade e as imagens mnemônicas são fruto deste encontro.

Para explicar as leis a que se subordina a atividade da imaginação e explicitar o circuito realizado pela atividade imaginativa-criativa, Vygotsky elenca algumas relações entre realidade, imaginação e emoção. A realidade encaminha a ação imaginária através de experiências direta e indireta. As vivências no Piauí, por exemplo, criaram a experiência da D. Maria e os netos conhecem o Piauí e Maranhão, pela experiência alheia, social, dos familiares que lá viveram. Outra relação diz respeito às emoções que criam imagens. D. Maria lembra do prazer da convivência com os avós e quer socializar as imagens e emoção desta experiência, com os netos. Por fim o ato de imaginar cria emoções, e ao realizarem os desenhos do Maranhão, a partir das memórias dos mais velhos, as crianças manifestam emoções e o desejo de ir conhecer a terra dos avós. Outro exemplo da relação entre emoções e imaginação diz respeito à possibilidade de os sentimentos criarem realidade e as histórias dos encantados e visagens contados pelos mais velhos alimentam sensações e a recriação de imagens por parte de quem ouve compondo o arcabouço imaginário, onde reside o tesouro mítico da humanidade.

(D. Maria): O que era?

(Neto Luis): Das coisas da mãe [Lurdes] lá da área indígena que ela via.

(D. Maria): De visagem. Mas ali na casa dela também tem. Lá é assim, dá primeira vez que eu vi era assim tipo uma pessoa banhando. Lá nesse tempo, não tinha água aqui, a água era pouca, a gente enchia umas banheironas num banheirinho no quintal assim, não era em casa né. Um banheirinho lá improvisado, a gente enchia as banheiras d'água. Todo dia eu ouvia, flap, flap, pessoa banhando com uma vasilha, assim. Eu digo "menina cadê o Leonardo?", porque ele era bebe, "está aqui", quem que está banhando então? Quando eu falei assim, aí parou, aí ficou silênnnnncio. Você sente assim parece aquele negócio moderno. Aí outras vezes o balanço arrasava, parece aquele negócio arrastando um bocadão de assoalho pra secar arroz, aquela zoada tipo assim. Aí uma vez um homem foi dormir lá, disse que não dormiu não, a noite todinha as visagem atentando ele. Ele disse: nunca mais eu durmo nessa casa! [risos]

A experiência naturaliza os monstros e amplifica as compreensões. D. Maria não se assusta, tampouco questiona a presença das visagens, aceita e integra esta irrealidade à sua experiência real. Experiência que só a vida oferece. Sabedoria, conhecimento vivido, o passado vivenciado e elaborado para explicar o presente, como S. Justino afirma e reafirma que o que ele conta, não são histórias, são *o passado*.

(Neta Raiza): Conta aquela história do cachorro que o senhor errou o tiro e atirou no seu cachorro.

(Pesquisadora): É que eu estou perguntando pra eles as histórias que eles sabem, aí eles dizem que as histórias que eles mais gostam são as histórias que o senhor e a D. Maria contam, então eu pedi pra eles contarem algumas.

(S. Justino): Eu estava contando pra eles esses dias aqui, nós estávamos aqui, e a Maria falando assim, "olhe, eu tenho tanto cuidado com esse meu velho, que meu velho era trabalhador, não tinha tempo ruim, pra ele, ele trabalhava com 1200 [cabeças de] gado sozinho, e roçava pé de arame, roçava açúcar, e botava roça. Caçava, pescava e botava as coisas em casa, não faltava nada." Isso aí eu fazia! Aí eu digo pra eles [netos] que eu tinha uma cachorra muito boa pra [caçar] veado, boa, boa, boa! Não era só pra veado não, era pra qualquer caça do mundo, desgraçada era a caça que ela levantasse. Aí quando foi um dia cheguei de um lugar que me esqueci agora, pra lá da ponte, do rio pra cá a gente plantava. Grajaú! Aí cheguei lá no Grajaú, cheguei lá, o rapaz disse assim, senhor vamos fazer uma caçada amanhã? Ele tinha uns cachorros velhos também, aí nós fomos. O cachorro correu atrás de um porco, nós matamos, matamos dois tatus, uma cotia, aí viemos embora. Eu falei, "senhor aqui [na mata] tem um matreiro, isso aqui tem um matreiro." "Já fizemos mais de 20 armadilhas, nunca pegamos esse veado." "Rapaz eu só acredito que eu não mato ele, porque nós não pegamos. O dia que meu cachorro pegar e levantar ele!" Não foi um dia de sábado, eu ia até pra roça buscar o milho, que a mulher estava bem, queria comer uma canja, digo vou buscar o milho, aí eu, quando eu cheguei ele falou. "Justino o matreiro, tá ali caçando um quati, vamos lá?" Eu digo, "vamos!" Chegando lá, os cachorros dele, correram

daqui, correram pracolá, e o meu saiu adiante, deu um latido, tornou a latir, ele [o veado] levantou, deu um grito e correu pra lá, quando ele vira, eu estava pela roça de arroz, o arroz soltando cacho por cima de tudo, tudo isso aqui. Rapaz eu botei os olhos esse veado saiu do outro lado da roça, de lá pra cá correndo e a cachorra vinha e eu meti a espingarda. O veado passou por mim assim parece que passou bonzinho e a cachorra só ouvi um grito, “caim”, mas não passou. Quer dizer que eu matei minha cadela?! Carreguei a minha espingarda e saí atrás do veado, não deu tempo de chegar no mato dei tiro de novo. Aí voltei pra lá, a cachorra pegou dois tiros e o veado pegou três, dois bem no meio da testa, teve um que saiu lá. Rapaz, eu olhei pra esse veado, peguei o facão, ia pinicar ele todinho, aí os meninos vieram e levaram o veado. Essa mulher que eu tinha na época chamava Luiza chorou, chorava, chorava, o Edi que era meu filho, desse tamanho, falava “papai cadê a Branquinha?” Eu digo, “ficou lá no mato correndo”, mas não disse que ela tinha morrido. Ficou lá no mato correndo. Aí era assim, mais eu criava outro cachorro, o nome dele era Ventania, ele era pequeninho, mas era esperto também. Eu ensinei esse cachorro ele ficou do jeito dela. E aí eu estava contando pra eles aqui e ela agora pede pra contar. Mas isso não é história não, é coisa do passado, porque eu era bom de tiro. Tu acredita que eu não passava um dia que eu dava um tiro, que não acertava? Eu era bom, graças a Deus!

(Pesquisadora): Só vivia no mato caçando?

(D. Maria): Era, passava a semana todinha pra lá, quando era sábado de noite ele vinha do mato. Não se aquietava não.

(Pesquisadora): E o que caçava era pra comer?

(D. Maria): Porque nesse tempo ele trabalhava com gado, pra um homem lá, com roça, quando tinha tempo ia pro mato, ou era quebrando coco, fazer carvão, cortando cabelo, caçando, ele tinha que estar no jeito, no meio de tudo, não parava não. A gente comia muita carne oh.

O reconhecimento do passado de S. Justino, como exemplo de experiência para o presente dos mais novos qualifica a memória da experiência vivida. A lembrança da história inicia com a recordação do tempo de trabalho, com a lida na roça, com seu papel de mantenedor da família e as peripécias de caça nos tempos do Maranhão. História não, passado, experiência vivida. A categoria *passado* perpassa a existência do ocorrido. O passado está vivo nas lembranças e no corpo que vivenciou e que se percebe impossibilitado de continuar realizando.

Na afirmação, *mas isso não é história não, é coisa do passado*, a diferença que S. Justino faz entre o passado e história comunica também a materialidade de sua experiência de vida, que pode ser comprovada pela sua própria existência. O entendimento dele clarifica ainda o papel de invenção dos causos ouvidos e das histórias passadas com outrem. O critério de realidade do ocorrido está relacionado com o protagonismo da experiência, assim é real

tanto o passado na lida com o gado, nas caçadas, quanto nos encontros com as visagens e encantados. É sobre estas qualidades do passado, experiência e sua relação com a memória, de que trata o próximo tópico.

3.2 Mediações da memória

Quase tudo se aprende ao nível do subconsciente.
(TUAN, 1983, p. 221)

O caminho de desenvolvimento da memória perpassa a especialização das funções psicológicas⁸⁷. De uma memória direta, registro mental imediato, próximo a um registro fotográfico de dados-imagens recentes, que caracteriza os três, quatro primeiros anos de vida humana, para a especialização mediada da memória, que movimenta imagens-fatos de tempo-espço diverso, incursões mentais abstratas. O arcabouço mnemônico é a base material interna, com que os humanos desenvolvem a existência. É com esta matéria prima imagética, que são criadas as formas físicas, simbólicas e concretas mais variadas, que alimentam as experiências e novas imagens mentais, em um movimento infinito de recriação de memórias e experiências.

Mergulho e emersão, a memória se movimenta em sentido longitudinal, latitudinal e transversal, fixa uma imagem e se propaga em possibilidades de conexões.

Eis aqui um paradoxo aparente: o pensamento cria distância e destrói a proximidade da experiência direta; é, no entanto, através do pensamento reflexivo que os momentos fugidios do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham uma certa permanência.⁸⁸

Da fala de Tuan se reforça que pensamentos são feitos de passado sintetizado no presente. Segundo a voz de S. Justino, o passado tem tanta existência quanto o presente. A experiência vivida, a imagem lembrada no presente de quem conta é fruto da materialidade vivenciada, vindo à tona para contribuir com o refinamento das respostas, os estímulos criados no presente do encontro. A composição narrativa depende de um grupo, de quem se interessa em escutar, pois histórias nascem para responder ao interesse de comunicar e criar

⁸⁷ VYGOTSKY, Lev. S. desenvolveu sua teoria sobre a especialização das funções psicológicas e sobre este tema podem ser consultadas as obras 1996; 1999 dentre outras.

⁸⁸ TUAN, Yi-Fu. 1983, p. 164.

sentidos. O diálogo entre velho e criança, entre S. Justino e seus netos, reforça e tempera propósitos de narração.

Para Halbwachs,⁸⁹ as ações características do processo de memória, quais sejam, *reconhecimento* e *reconstrução*, dependem de um grupo de referência para existir e quanto mais os sujeitos estão ligados, afetiva e socialmente, a este grupo, maiores as possibilidades de reconhecer e reconstruir a memória e contribuir para a significação da existência. O exercício da *memória coletiva*, que relaciona o *trabalho* de rememorar a um *tempo* partilhado, comemorado, conjuntamente lembrado em um mesmo *espaço de prática e linguagem*, dialoga também com o conceito de *experiência* estudado por Benjamin⁹⁰. Para este autor a experiência é encontro com o conhecimento e tem relação intrínseca com a narração prática criativa e social.

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis, que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?⁹¹

Acreditava, quando do início do trabalho de pesquisa, e acredito ainda mais agora neste relatório de tese, pelo que foi possível partilhar e refletir, que as respostas para tais questionamentos de Benjamin, ainda podem ser investigadas no contexto de comunidades tradicionais, onde o convívio coletivo é a base da existência e a figura do mais velho se vincula à representação do saber. Enquanto S. Justino canta deitado na rede as toadas de boi, que ouviu no Maranhão e as que criou, recompõe sua própria existência, os desafios de sobrevivência articulados a alegria das brincadeiras que viveu. Transcende a saudade do Maranhão, as relações diretas com o trabalho, que já não pode mais desenvolver e envolve a dimensão criativa, intrínseca as experiências humanas e tão caras à saúde emocional e psicofísica do homem⁹². O recordar as toadas, partilhar os saberes, encontrar outros mestres possibilitou a S. Justino acessar dimensão de abertura, um movimento de *poiésis*, estímulo à criação, recriação concreta e simbólica, de sua realidade fisicamente fragilizada pelas questões de saúde.

⁸⁹ HALBWACHS, Maurice. 1990.

⁹⁰ BENJAMIN, Walter. 1994.

⁹¹ idem, p. 114.

⁹² OSTROWER, Fayga. 1987.

A capacidade de lembrar e de narrar integra sujeito e coletividade, é sempre uma dialogia, um ato complexo e criativo, que envolve uns a constituir-se um outro, pelo encontro com outros. Por dialogia Bakhtin⁹³ entende o processo social de constituição da linguagem, onde o outro não é apenas receptor, mas uma imagem externa e ativa, um olhar diverso para as assertivas de enunciação do emissor. Uma representação a compor um terceiro – a exotopia, na relação de mediação que se estabelece entre emissor e receptor e, que movimenta o exercício da enunciação, na medida em que agrega à subjetividade de *quem fala* à imagem subjetiva do para *quem fala*. Não são apenas palavras e/ou pessoas em diálogo, mas contextos múltiplos, representações ideológicas, constituintes de indivíduos em interação mediativa⁹⁴.

A memória coletiva, fruto do exercício dialógico também coletivo, resulta do labor de uma individualidade, que lembra e que intersecciona lembranças e realidade, em um tempo presente. Imagens mnemônicas não vagam pelo espaço, ou se depositam em alguma nuvem virtual, elas acontecem e se realizam na medida em que alguém, um indivíduo, rememora. Lembra e rememora. Nesse sentido, existiria uma memória coletiva passível de ser reconhecida e reconstituída⁹⁵, mas qualquer experiência de memória, para que a memória exista, se torne dado, fato, objetividade, precisa de alguém para lembrar. O dado-acontecimento-realização no presente em que acontece é relacionado com interesses-desejos-experiências próprias e coletivas, reconhecendo e reconstruindo memórias pessoais e coletivas, como propôs Halbwachs, o ser humano caminha em um *continuum* semiótico referenciado por Peirce.⁹⁶

Vive-se em uma ambiência de signos, criação de sentidos e significações infinitas. Neste trabalho, a reconstrução mnemônica acompanha a reconstrução da memória do lugar, da geografia e afetos vivenciados em contextos piauiense e maranhense, frente aos processos migratórios. Os avós e as filhas sustentam, simbolicamente, o reconhecimento das memórias dos mais novos, de acordo com a demanda de formação moral das crianças.

(D. Maria): Pois é a gente lembra tantas coisas, bom até de relembrar o passado né? Quem eu, nem falei da minha outra vó, mãezinha, a mãe do meu pai, eu te falei um pouco né, que ela era um velhinha dura batalhadora criou os filhos sem pai, o marido dela morreu novo e ela criou os filhos sem pai, mas criou tudo bem criado, tudo umas pessoas responsáveis, até na cozinha eles trabalhavam. Cada dia ela deixava um na cozinha pra fazer a comida, ela criou muito firme.

⁹³ BAKHTIN, Mikhail. 2010; 2011.

⁹⁴ idem, 2015.

⁹⁵ HALBWACHS, Maurice. 1990.

⁹⁶ VIEIRA & SANTAELLA, 2006; 2008.

A firmeza com que D. Maria faz referência tem relação com o enfrentamento dos desafios cotidianos, com a responsabilidade diante das necessidades coletivas familiares e a capacidade de conseguir valorizar a vida com poucos recursos.

(D. Maria): [...] “Só feijão?!” Eu digo menino, vocês [estão em tempo] bom porque ainda estão comendo arroz, feijão e óleo. Eu comia era feijão com farinha.

[...]

(Filha Ludimila): Por isso que eu estou falando, que os meninos hoje em dia não valorizam. Porque no nosso tempo pegava água antes de ir pra escola, não tinha geladeira era de pote. Levantava cedo e ia pegar galhinho de pau pra fazer o fogo no fogão. Fazia o café, depois que chamava as outras [irmãs]. Havaiana [chinelo] era uma só e olhe lá, se estragava tinha que amarrar. Meninos não dão valor ao que tem, nem as pessoas que estão ao redor deles. A Geovana não gosta de ouvir as coisas da minha infância, ela fica com raiva. A primeira bicicleta que eu comprei foi trabalhando cuidando dos filhos dos outros. Querem celular, o [meu] primeiro celular foi quando eu já tinha vinte e tantos anos. Ela tem um celular do tamanho do meu, mas vive reclamando [...] que nem eu já falei pro Guilherme, celular é um aparelho telefônico não é vídeo game não. Quando eu era menina, eu atrepava em tudo quanto era lugar. A Geovana se atrepa ali naquele altinho já tá tremendo de medo.

É comum o discurso dos avós e das filhas solicitar que os mais jovens reconheçam as melhorias materiais que vivenciam, inclusive salientando que eles próprios, avós e mães, se satisfaziam com as condições pretéritas e inferiores em que viviam. O processo de reconhecimento movimenta tempos diversos de experiência e lugares de memória e encaminha as reconstruções dos mais jovens.

(Pesquisadora): Eu estou chamando aquilo que o S. Justino e a D. Maria falam, de histórias. Mas vocês acham que o que eles contam, o que a mãe de vocês conta, as tias contam é história [...]

(Neta Raiza): É lenda.

(Pesquisadora): [...] quando vocês ficam ouvindo a avó, o avô, a tia e a mãe falando, o que vocês acham que é isso?

(Neta Raiza): História!

(Neto Gustavo): Algumas são histórias, outras são... eu acredito neles, porque eles são mais velhos e algumas coisas não são só histórias, são..., eles querem que a gente tire alguma coisa do passado pra ver como a gente tá vivendo bem.

(Pesquisadora): Como vocês estão vivendo bem melhor do que eles?

(Neto Gustavo): *Isso. E eles viviam ainda mais felizes do que a gente hoje. Minha mãe [...]*

(Neto Luis): *É porque hoje em dia você não tem um celular você não é nada.*

(Neto Gustavo): *[...] como ela estava falando ontem, ontem ela estava falando que a diversão deles, quando ia destelhar uma casa de palha, era muito divertido, brincava, corria com as palhas feito urubu, as meninas que não tinham nada pra fazer e era muito divertido. A gente tem preguiça de fazer isso, varrer um quintal de cinquenta por cem.*

A percepção do coletivo de que as mães e avós se satisfaziam com “menos” do que os netos e se divertiam com a lida material, enquanto que para a geração mais nova varrer um quintal dá preguiça, somado ao deleite pela tecnologia e o encantamento pelo virtual, ratifica a referência de Benjamin,⁹⁷ que diz que a percepção é proporcional ao desenvolvimento técnico de cada tempo. Assim o tempo presente, de domínio tecnológico virtual cria formas perceptivas distintas, dos tempos da avó e mães, que tinham uma ligação mais direta com a natureza. O tempo da tecnologia traz consigo filtros distintos dos tempos dos mais velhos e encaminha outras percepções em relação à maneira de agir e de desejar no presente de quem vive.

As crianças definem as histórias dos avós como lendas, causos imaginários, histórias vividas e ensinamentos quando “*algumas coisas (falas) não são só histórias*”, mas exercício para comparar o passado e o presente, para reconhecimento dos benefícios na vida dos mais novos e reconstrução dos sonhos da juventude. Enquanto arcabouço de imagens resultantes das experiências, a memória pode ser compreendida como um lugar, como um território de imagens afetivas resultante da percepção e por ela a ser revisitado continuamente. Percepção enquanto ato de me ligar em algo. A memória acompanha os fluxos dos *perceptos* segundo Peirce;⁹⁸ é ela quem dá base para a sempre renovada atenção perceptiva. Memória é corpo, registro, existência, do conjunto de percepções estruturado nos *atos perceptivos*. É este lugar abstrato, onde estão registrados afetos, experiências e lições de vida.

“O mundo do nômade consiste em lugares conectados por um caminho.”⁹⁹ Nos caminhos entre Maranhão e Roraima lugares imagéticos os mais variados vão sendo criados e registrados em desenhos pelas crianças, acompanhados da escuta do passado que D. Maria e S. Justino reapresentam em narrativas, continuamente proporcionando percepções como as representadas no desenho a seguir.

⁹⁷ BENJAMIN, Walter. 1994.

⁹⁸ SANTAELLA, Lúcia. 1993.

⁹⁹ TUAN, Yi-Fu. 1983, p.200.

aprendizagens vivenciadas até aquele momento. Aquilo que ela observa da realidade e que lhe chama a atenção é registrado na lembrança e expresso por meio de exercícios artísticos materiais e verbais. O resultado desta expressão – a produção simbólica – funciona como nova realidade concreta a ser comparada e articulada aos outros elementos que compõem este jogo de memória, característico das aprendizagens infantis.¹⁰¹

Entre três e quatro anos de idade, a memória da criança enquanto lembrança de acontecimentos e não apenas de dados, se efetiva e um jogo mnemônico governado por temas se estabelece. As memórias eidéticas, aquelas relacionadas a imagens diretas, memória fotográfica, se especializam em memória narrativa. É por meio de narrativas que se torna possível explicar o mundo. Quando uma interação material e afetiva se desdobra em explicação e saber, os processos de nomeação se especializam em narração e a vivência se encaminha para se transformar em experiência.

Tuan faz referência à perspectiva experiencial para corroborar com sua explicação sobre o lugar. Se embasa no conceito alemão de *Erfahren* – descobrir, aprender – vivenciar. “Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experenciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”.¹⁰² Este entendimento realça a experiência como exercício de recriação cada vez mais abstrato. Neste caminho de salientar o aprofundamento das relações de mediação, envolvendo as experiências humanas, a própria ideia de experiência seria a especialização das vivências, em consonância à teoria de Benjamin, que se utiliza dos termos *Erlebnis* – vivência e *Erfahrung* – experiência.

No ensaio *Experiência e Pobreza*, Benjamin chama atenção para o problema de uma tendência ao esvaziamento da experiência e fragmentação da vivência, que não permite o exercício criativo da linguagem, na medida em que pasteuriza os significados. O estímulo a uma assepsia de ideias em consonância com um consumo de informações, em suas palavras uma “horível mixórdia de estilos e concepções”,¹⁰³ não permite compor esclarecimentos. A pasteurização dos significados também quer dizer o reforço do foco sobre o produto, em detrimento das significações do processo. Retirar os microorganismos que dão vida à experiência e a tornam incerta, inesperada, que permitem à vida agregar, digerir e transformar as sensações e sentidos em experiências é ratificar a desintegração das ideias, do conhecimento, da coletividade, de nossa humanidade.

¹⁰¹ GONÇALVES, Larissa S. 2007, p. 49.

¹⁰² TUAN, Yi-Fu. 1983, p.10.

¹⁰³ BENJAMIN, Walter. 1994, p. 115.

A criação não é asséptica. Criar é ser capaz de recriar sentidos e significações, de reinventar a si mesmo e o outro, a alteridade, a realidade, a existência. A criação é potência humana e material. Materialidade representada em um corpo, estrutura física e abstrata, como a memória que se materializa nas lembranças e desvanece em recordações, ou o espaço geográfico que pode ser lugar de afecções e afetos, de emoções e significações, a criação é proporcional à experiência.¹⁰⁴

Experiência, para Benjamin, que serve de substrato teórico para o conceito de experiência desenvolvido neste trabalho, é mais do que experiência de vida, é experiência de vida sintetizada, transmutada em aprimoramento abstrato, afetivo e vivencial. *Erlibnis* a vivência acontecimento, quando se aprofunda e toca os campos emocional, físico, racional e psicológico, acarreta uma progressão da experimentação, que qualifica e aprimora possibilidades e interesses de novas vivências e gera experiência e conhecimento. Neste sentido, a experiência pode ser reconhecida como a estruturação de um processo, ao mesmo tempo em que é o próprio processo. Enquanto se experencia aprende-se outras experiências através de outro experienciar processual e contínuo. O caminho para relacionar experiência e mediação se qualifica em diálogo. Experiência é a imagem do diálogo, do processo de comunicação intrapessoal e intersíquico, o resultado do encontro com um outro, das mediações envolvendo alteridades as mais diversas. Experiência é mais que modo de vida, é mais que experiência vivida, é transmutação símica.

Dito isto, quer se chamar atenção para a relação entre experiência e corpo. É por meio de um corpo que as vivências são sentidas e se manifestam em experiência. É por meio de uma estrutura física que o homem experimenta a existência da humanidade e transforma a si mesmo e o meio. O corpo e a vida que se vive a partir dele fez parte dos relatos.

(Pesquisadora): E senhor Justino sabia [montar em animal]?

(D. Maria): Esse daí? Vivia atrás de gado menina, derrubava era boi, já trabalhou com gado um horror de tempo, vinte anos com gado.

(S. Justino): Eu tinha um cavalo que era botar a sela nele eu ia correr, a Maria tinha medo.

(D. Maria): Tinha vaca que ninguém nem podia ficar na janela que ela ia em cima, avalia na rua!

(S. Justino): A Maria tinha medo pra porra, eu não tinha medo.

¹⁰⁴ VYGOTSKY, Lev. S. 2009.

(D. Maria): “Pode fechar as portas que a vaca está parida, pode fechar as portas que a vaca tá parida.” Porque quando ela estava parida ele ia passando com os gados pra deixar na solta, nós íamos fechando as portas, porque se não ela invadia, era braba ó! Tinha gente que subia nas palmeiras com medo de uma vaca [...] Eu nunca aprendi andar montada, porque eu ...

(S. Justino): Jumento ele pula pra aqui derruba prali.

(D. Maria): Nos tempos que eu morava no Piauí, tem tempo que a gente não tem água assim perto, só tem água ruim, água boa tinha que buscar na carga. Aí eu ia na capoeira, porque os animais lá são criados soltos, mas o jumento nós botamos dentro de uma capoeira, num cercado que não está tendo roça, já tirou os legumes [e] está só capoeira. Eu ia buscar ele lá quando chegava em casa botava a cangalha nele e jogava umas [?] em cima e ia buscar água. Tinha vezes que eu ia puxando o jumento e vinha, ou ia tangendo, mas eu nunca gostei de andar montada, nunca me acostumei. E lá no Piauí o prazer do povo, Ave Maria! Era andar montado. Todo mundo gostava, eu nunca aprendi, eu tinha medo, eu ia descer do animal, eu caía, quando ia descendo as ladeiras eles começavam a pular eu ia descer fazia era cair.

(Pesquisadora): Mas animal nenhum a senhora montava, ou só jumento que não?

(D. Maria): Eu andava só em garupa assim, outra pessoa governando o animal, eu não sabia dominar o animal, eu não sabia, aí eu caía, quando era de garupa, vichi, eu podia andar o dia todinho, que eu não caía. Subia ladeira, descia, não cai não, mas sozinha eu não ia [...] e [para não montar] eu fui embora com um cofo de carvão nas costas, olha aí como eu sou dura!

A dureza para carregar a carga também é fortaleza para o cuidado consigo mesmo.

(D. Maria): As meninas tem inveja de eu, ó o meu bucho como é lindo! E eu como é muito, é porque o meu bucho é eu que seguro, elas liberam.

(Pesquisadora): Como é que segura, [a barriga]?

(D. Maria): É, segura, puxa a barriga pra dentro. Tem mulher que o bucho vai e vem, vai e vem. É feio aquilo dali. Eu é bom que nunca me enganei, segurei a barriga e ela nunca cresceu. Tem mulher que quando está de resguardo amarra o bucho, mas depois ela não segura. Aí eu aprendi que eu não sei mais soltar a minha barriga. Não esqueço não.

(Pesquisadora): O tempo todo a barriga está pra dentro.

(D. Maria): É, acostumei. Eu acho feio. As minhas meninas aqui tem vezes que as pessoas perguntam, a menina aqui, perguntam se estava grávida, aí eu peço pra ela [Luciana] abaixar o bucho e ela não abaixa. Mas daquele dia melhorou um pouco, mas começou a comer de novo. Ela faz piscina, só que ela não faz exercício bem completo muito mesmo, ela não se esforça. Lá ele manda fazer de todo jeito, mas ela não faz, faz pouco, ela devia fazer bem puxado. Tem muitas delas lá que tem exercício e não quer fazer, fica com preguiça.

(Filha Ludimila): Ah, mas quando eu fico em pé meu bucho não fica desse tamanho, olha aí.

(D. Maria): Tem que segurar a barriga assim ó, puxa pra dentro! Ei, pequinhinha, tu sabe fazer bucho pequeno! Faz aí pra tua mãe ver como não é difícil não.

(Filha Ludimila): [risos]

(Neta Geovana): Ó, também consigo, ó.

(Neta Raiza): Vó, como é que se faz?

(D. Maria): Só puxa pra dentro tua barriga fica normal assim que nem a minha, ó. [risos]

(D. Maria): Se eu estufar ó, deixa eu liberar meu bucho. Liberei. Tem que acostumar pra não esquecer, eu já acostumei.

[...]

(D. Maria): Tem a Vovozinha, a vovozona, a vovo dura é eu [risos]

Vovó dura que domina seu corpo administra sua vida e contribui para o bem estar da família. D. Maria não demonstra saudosismo, não fala em preocupações futuras, nem referenciou medo da morte. Sua atenção está na manutenção de seus afazeres, atividades corporais, trabalho de revenda de produtos e cuidados com o marido, filhas e netos. Também S. Justino teve uma relação intensa com o corpo, em seu ofício de vaqueiro e talvez por isso levando em consideração a fragilidade de sua saúde no presente, seus relatos sigam carregados de saudosismo.

(Pesquisadora): O que o senhor ainda se lembra de fazer?

(S. Justino): Ainda me lembro do tempo que cuidava de roça. Eu me lembro no tempo que eu cortava um boi. Eu me lembro no tempo que eu montava em um cavalo, corria no tempo, chegava em casa todo ensanguentado. Pra mim aquilo ali era uma beleza! Essa mulher velha minha, cansou de eu me deitar em uma mesa, que nem essa e ela encostar a [gilete] tirava pra mais de dez espinhos, de trinta espinhos de tucum no meu corpo, cortando assim tirando.

(Pesquisadora): Espinho de tucum?

(S. Justino): É. Era porque eu não tinha gibão e nem perneira. Eu corria mesmo só de camisa de pano. Porque a perneira e o gibão empataavam espinho e pau, mas eu não tinha. Eu nunca mandei fazer, meu patrão também nunca comprou.[...] Naquele tempo que eu fazia esse serviço [de vaqueiro], dinheiro no meu bolso não faltava, as vezes eu estava com 60, 80, chegava um aqui uma hora dessa [e chamava para mais trabalho].

Essas lembranças de S. Justino trazem o contentamento do trabalho na vivência da relação corpo – natureza. Serventia enquanto na lida. O trabalho não só como transformação

da materialidade e ganho para subsistência, mas princípio criador. Expressão de um fazer, de um saber fazer, que atua e satisfaz necessidades concretas de manter e dar utilidade para o gado do patrão de S. Justino e de movimentação de afetos e prazer da atuação.

O homem elabora seu potencial criador através do trabalho. É uma experiência vital. Nela o homem encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas. A criação se desdobra no trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas.¹⁰⁵

O trabalho em que se pode experimentar o ímpeto criativo evidencia a ação humana transformadora. E o ofício de S. Justino, em integração com a natureza, lhe rendia satisfação tamanha, que a dor da retirada dos espinhos era superada pelo prazer de repetir tudo de novo, em renovada lida com o gado. Ao mesmo tempo, a inviabilidade de poder atuar concretamente, de movimentar seu corpo concomitante à transformação do real, alimenta o sentimento de saudade, de não poder viver mais isso, de inutilidade por não ser mais possível física e geograficamente experimentar tal sensação, tal realidade.

(Pesquisadora): Mas o senhor gosta daqui também S. Justino?

(S. Justino): Eu gosto daqui.

(Pesquisadora): Alguns maranhenses com quem eu conversei disseram que aqui é melhor.

(S. Justino): Aqui?

(Pesquisadora): Eles dizem que lá [no Maranhão] não tinha trabalho, aqui tem, coisas desse tipo.

(S. Justino): Sabe qual é o parente que eu tenho aqui?

(Pesquisadora): Qual?

(S. Justino): Os irmãos, os pais que eu tenho aqui, são as minhas filhas.

(Filha Luciana): Somente as filhas.

(S. Justino): Ninguém, parente que eu tenho aqui mesmo é só minha mulher, a filha que é casada e tem o marido dela... outros mais não tenho.

(Pesquisadora): Mas então se fosse para escolher aqui, ou o Maranhão?

(S. Justino): Eu queria o Maranhão.

(Pesquisadora): Maranhão, o senhor acha melhor?

¹⁰⁵ OSTROWER, Fayga. 1987, p.31.

(S. Justino): Eu acho, porque lá no Maranhão é melhor. Lá no Maranhão tem o caranguejo, tem o sururu, tem o camarão, tem o peixe. Lá tem tudo e aqui não tem nada disso. Aqui não tem nada disso mesmo! Aqui não sei, pra ganhar um peixinho de água salgada? Vem de longe pra cá, mas não tem não.

(Pesquisadora): E esses peixes daqui, o senhor não gosta?

(S. Justino): Gosto, eu como, mas não acho bom não. A gente come porque come mesmo, né. Mas nunca que nem lá no Maranhão. Pra dizer assim, “menino deixa eu ir ali, hoje eu vou comer uns caranguejos”. “Agora eu vou comer um sururu”, “eu vou comer uma ostra, eu vou comer um caranguejo”, de tudo que a senhora vai passando, de tudo é gostoso.

(Pesquisadora): E aqui tem alguma coisa que o senhor gosta?

(S. Justino): [silêncio] tem.

(Pesquisadora): O que?

(S. Justino): Só a minha família mesmo.

[risos]

(S. Justino): Outras coisas não tem nada não. Não porque lá no Maranhão você comia uma carne boa, você queria uma carne você comia, aqui passa de dez dias. Você nunca come uma carne fresca aqui não.

(Pesquisadora): Entendi. Lá as coisas são mais frescas?

(S. Justino): Não, lá tudo que se compra no mercado é fresquinho. Aqui você vai comer é uma carne já podre, você vai comer uma galinha, é galinha de [vários dias].[...] Lá no Maranhão se você dissesse assim, “eu vou comer uma jussara” você ia e apanhava.

(Filha Luciana): Esparramava.

(S. Justino): O buriti, você ia apanhava buriti comia. Aqui se você quiser comer você compra um buriti velho, podre, melado, virado em água. Eu, toda a vida que passa aqui eu compro, pra comer.

(Pesquisadora): E jussara daqui é boa como lá?

(S. Justino): É não. A gente come jussara também aqui, mas não é igual não. Eu como, a velha não quis comer, mas eu como.

(Pesquisadora): O senhor comia bacaba lá?

(S. Justino): Ichi!

(Pesquisadora): Aqui tem?

(S. Justino): Tem, tem muita bacaba lá também [...] O Maranhão era muito bom. No Maranhão você dava uma [...] trazia, pequi, mangaba pra comer.

(Filha Luciana): Aqui é difícil de a gente ver.

(S. Justino): Eu fui pro interior, lá de minha filha, passei um dia pra lá, montei roça, montei um bocado de arroz, comi arroz aqui mais de seis meses. [...] Pra lá é bom porque você hoje não vê nadinha, mas você pega a espingarda inteira pro mato, você traz uma paca, traz um veado...

(Pesquisadora): Tem fartura assim de caça é?

(S. Justino): Tem. Mas também cuidado, que a onça está lá.

(Pesquisadora): A onça também está lá de olho [risos]

(S. Justino): Tem muita onça pra lá, mas eu não tinha medo não.

(Pesquisadora): O senhor já viu onça?

(S. Justino): Eu?

(Pesquisadora): É.

(S. Justino): Eu estava acostumado era matar.

(Pesquisadora): Lá no Maranhão, ou aqui?

(S. Justino): Lá no Maranhão. Aqui eu nunca matei uma não. Atirei numa, mas foi embora . Agora lá no Maranhão eu matava.

[...]

(S. Justino): Olha pra encurtar a conversa, pare de molecagem. Eu penso em ir me embora daqui, desde que cheguei aqui, eu chorei muitas vezes aqui. Chorava que nem criança mesmo, porque quando foi pra eu vim pra cá, minha filha ligava pra mim, que era pra eu vir, que a Maria estava aqui, que era pra eu vir, que aqui tinha casa, tinha todas as coisas. Tinha o céu e as estrelas!

(Filha Luciana): Tinha de tudo pra ele.

(S. Justino): E eu cheguei, eu não vou mentir, eu cheguei com um dinheirinho aqui. Eu cheguei onze horas da noite, quando eu fui descendo a Maria disse “meu velho, eu estou devendo no comércio aí”. Que é isso minha velha! “Eu estou devendo”. Aí foi eu, a Maria, a Ludimila e o Carlos, que era marido da Ludimila. Aí eu cheguei e disse, “de duas carteiras de cigarro aí.” Ele me deu as duas carteiras de cigarro, dei uma pro Carlos e fiquei com a outra. Carlos fumava. Aí mandei ele [o comerciante] ajustar, ele ajustou a conta. Deu oitocentos e sessenta. Aí a Maria disse assim, “a Ludimila está devendo também”. Eu digo “manda ajustar tudo.” Aí ela ajustou. De qualquer maneira deu R\$ 1.820,00. Aí eu disse assim “você ajustou?” E ele ficou olhando pra mim. Porque lá no Maranhão quando a gente

dizia assim, “risque,” o dinheiro já estava na mão pra pagar. E ele ficou olhando pra mim. Aí quando eu disse assim “risque”, ele ficou olhando pra mim, eu botei a mão no bolso tirei o dinheiro e paguei pra ele. Aí eu fui peguei o cigarro, ele disse “quem é esse aqui, Dona Maria?” “Esse aqui é meu marido.” Aí eu disse, “muito obrigado senhor [comerciante]” [...] A Maria fez o rancho deu setecentos o que ela comprou lá, paguei. Nisso nós fomos pra casa. Chegou em casa, não tinha carne, não tinha peixe, não tinha nada. Eu digo Maria e agora? Nós vamos na feira, saímos na feira, as meninas queriam ir, não foram junto não, o carro não cabe essas coisas não. Aí nós fomos logo, comprei carne, comprei peixe, verdura, essas coisas assim pra botar na sopa. Aí eu cheguei disse “Ludimila minha filha eu ...” Rapaz eu fui besta, eu podia ter pegado esse dinheiro e ter comprado um barraco logo pra mim, que dava pra comprar, mas não. “Minha filha eu queria botar um dinheiro no banco” Ela disse, “papai o senhor queria fazer uma poupança?” Eu digo “queria”. Ela disse, “eu tenho o modo de botar esse dinheiro. Quanto é o dinheiro?” Eu digo “o dinheiro é...” quase que eu ia dizer assim, “o dinheiro é quatro mil e pouco”, mas eu digo não, “é três mil e quinhentos”. Ela disse eu vou botar. Quando foi de tarde ela disse, me dê pai o dinheiro, deixa eu levar, vou botar lá no banco. Eu peguei o dinheiro em vez de ir mais ela, não fui. Eu peguei o dinheiro e dei pra ela. Ela foi mais o menino [Carlos] botar o dinheiro no banco. Com poucos dias, o Carlos trocava o carro velho, num carro novo, comprava outro, vivia mexendo. Eu fiquei. Dormia em cima de um pagode, no quintal no fundo do quintal dela [filha Lurdes], no meio do tempo. Amarrava a rede num pé de coco e num pé de manga. A Maria dormia do mesmo jeito. Só quem dormia dentro da casa eram os filhos, mas nós era ali. Aí eu chorava, arrependido de ter vindo pra cá. Porque lá de donde eu morava nós tínhamos a nossa casa, vivia trabalhando e comendo, vivia com saúde. Eu dei uma casa lá, eu dei duas camas, uma televisão, um fogão, duas mesas, seis cadeiras. Eu dei por seiscentos [reais], eu fiz foi dar as coisas. Eu chorava imaginando, eu chorava. Aí eu disse pra elas assim, “oh velha, vocês vão ficar aqui eu vou passar a Semana Santa lá no Maranhão.” Aí o dinheiro que eu tinha, eu estava com oitocentos [reais] no bolso fora o dinheiro que eu tinha [no banco], que mandei guardar. Aí a Maria disse assim mais a Ludimila, “meu velho não vai agora não, nós estamos sem dinheiro, só quem tem um dinheirinho é você. Bora passar a Semana Santa, quando passar a Semana Santa você vai.” E eu cavalo, besta, caí na cantada. Quando passou a semana santa ela disse, “nós estamos sem dinheiro, gastamos seu dinheiro, que era pra você não ir.” Aí eu fiquei. Mulher! Aí foi que me deu aquela avaria, aquela... Aí passado com um ano, eu ia comprar esse barraco aqui, era bem ali a casinha.

(Filha Luciana): Ele só era feito daqui, da emenda aqui pra lá, de tábuas.

(S. Justino): A casa sabe quanto era? Repare o tamanho da casa era 3x2[m²].

(Pesquisadora): Nossa!

(S. Justino): 3 assim, 2 assim.

(Filha Luciana): Só tinha um quarto.

(S. Justino): Só um quarto.

(Filha Luciana): E um bequinho com uma cozinha assim, e uma salinha.

(S. Justino): A casa, as tábuas caindo aos pedaços.

(Pesquisadora): Mas nesse tempo que o senhor chegou foi aqui nesse bairro [Santa Luiza], não nessa casa?

(Filha Luciana): Não, era nesse mesmo bairro aqui, na mesma avenida pra lá.

(S. Justino): Eu morava bem ali embaixo.

(Pesquisadora): Porque o senhor disse que morava, que estava dormindo...

(S. Justino): Lá no quintal da minha filha [Lurdes] lá.

(Filha Luciana): Lá onde tinha a mangueira.

(Pesquisadora): Mas era aqui mesmo no [bairro] Santa Luzia?

(S. Justino): Não tinha essas casas tudo não homem! Aqui era lavrado.

(Filha Luciana): Quando nós chegamos derradeiro aqui era lavrado.

(Pesquisadora): Entendi.

(S. Justino): Aí eu digo Ludimila minha filha vai apanhar meu dinheiro que eu encontrei um barraco, vou comprar um barraco. Eu achei um barraco aqui. Esse rapaz aqui dono desse barraco era lá do Maranhão, lá de perto de mim, de onde eu morava. Aí a Ludimila foi, quando ela chegou, desses três mil e quinhentos [reais] que eu dei prela, o que ela trouxe pra mim foi trezentos reais. O outro o Carlos tinha tirado, acabado. Quando ela chegou entrou pra dentro caiu em cima da cama de bruços chorando, se acabou. A Maria disse “que diabo é isso que a Ludimila está tendo, homem?” “Eu não sei”. “Que é isso Ludimila?” “Nada papai”. “Não, me conte o que foi.” Aí ela se virou e disse, “papai o dinheiro que tinha lá no banco foi esse aqui”. “Minha filha de três mil e quinhentos [reais] é trezentos reais minha filha? Mas está bom o que, que eu vou fazer? Não posso fazer nada não”. Aí eu comprei esse terreno aqui só fiado. Não fiado não, estou mentindo. Aí a Maria tinha arrumado um emprego na [região do centro de Boa Vista] Beira Rio e eu arrumei outro no [bairro] Raiar do Sol. No Raiar do Sol eu era faxineiro. A Maria saía três horas da tarde chegava doze horas da noite. Aí eu comprei o barraco aqui. Aí nós trabalhamos. Aí o que, que eu faço, trabalhava o mês comprava tijolo, trabalhava o outro mês comprava telha, no outro mês comprava o cimento. Compramos tudinho, a batera, compramos tudo, botamos tudo aqui. Aí eu disse bora trabalhar pra arrumar os pedreiros. Arrumei três pedreiros. Aí depois que fizeram, que eu importei de cobrir [o telhado], cobriram tudinho, aí que eu entrei pra dentro. Aí melhorou pra mim. Aí eu fui trabalhar mais descansado. Fui indo, fui indo. O derradeiro que eu fiz, foi aquela meia água ali detrás. A mulher pegou uma dor de barriga, que só descansou quando eu fiz aqui [a varanda da casa]. Já tinha essa outra ali, mas queria essa outra aqui. Foi fazer essa daqui comeu sete mil oitocentos e trinta [reais], essa meia água. Daqui acolá.

(Filha Luciana): Porque aqui era pequeno. Aí essa área daqui ficou melhor.

(S. Justino): Mas lá no Maranhão tem um homem, na Santa Teresa [do Paruá] que ainda disse pros outros. “Rapaz no dia que o Justininho chegar aqui”, ele disse assim...

(Filha Luciana): Quando nós fomos passear por lá, eles procuram por ele, ichi! Lá é o mesmo que se aqui.

(S. Justino): “Se o Justino vier embora pra cá eu mando fazer uma casa pra ele onde que ele quiser aqui, pode escolher o local. Mando fazer uma casa e dou pra ele.” Agora não quero ir não.

Saudade sentida e aceita. S. Justino diz sentir falta do Maranhão, de já ter desejado retornar, mas aceita viver o presente, não trocaria a saudade do Maranhão, pela saudade dos netos e família. Entre a tristeza de não poder mais ter a vida do Maranhão e a tristeza de ficar sem os netos, prefere a alegria do convívio com a família e a conquista da casa em Boa Vista. Mesmo sendo comum o discurso de não poder realizar o que sabe devido ao estado delicado de sua saúde, após algumas cirurgias de coração e estômago, se regozija pelo cuidado que recebe das filhas e esposa e faz questão de ter a família por perto.

(S. Justino): A Luise não trouxe as minhas meninas [netas, filhas dela].

(Filha Luise): A magrela [Ester] ficou lá chorando. Ficou chorando, a gente falou que ela não vinha ela ficou chorando.

(S. Justino): Mas é pra vocês trazerem mesmo, quando vierem pra cá porque essa época elas não têm colégio. Vocês bem sabem que elas gostam de bicho [...] Mas aqui é grande cabe bem minhas filhas aqui. Vocês bem sabem que elas gostam de vir aqui e eu gosto delas.

[...]

(S. Justino): Moacir!

(Genro Moacir): Senhor!

(S. Justino): Tu disse que bateu, que deu umas palmadas nas minhas filhas [netas] hoje, que queriam vir pra cá e tu não deixou?

(Genro Moacir): Ah, na Ester?

(S. Justino): É!

(Genro Moacir): Dei uma lavada de cinto.

(S. Justino): Não faça isso não, que eu me zango. Se ela quiser vir pra cá deixa ela vir.

É entre o carinho dos avós pelos netos, o querer estar junto, a manutenção da família reunida, que os passados, as histórias, as experiências são partilhadas.

(Filha Lurdes): [...] Porque não tem nenhuma família 100%. Mas a gente sempre procura estar unido em qualquer problema estamos unidos demais. Quando ele [S. Justino] adocece, ou qualquer coisa, me ligam, ou então os meus filhos vão me buscar, eu venho de lá [do interior do estado região de Baruana] e assim vai indo.

(Pesquisadora): E o senhor S. Justino, o que gostaria que os netos guardassem do senhor? Lembrança de que?

(S. Justino): Só a minha lembrança de me obedecer e que reparassem o que eu mandasse eles fazerem eles fizessem. Estava bom demais. porque outra coisa eu não posso dar. No dia que um me pede um real, se eu tiver eu dou se eu não tiver eu não dou. Não tem um dia que o vô se zanga [briga com os netos]? O Guilherme diz, “eu não gosto de vocês, eu não venho mais aqui.” Vem!.

(Pesquisadora): Não tem dinheiro, mas tem muitos tesouros, né?

(S. Justino): É.

(Pesquisadora): Qual é o tesouro que vocês querem deixar para os netos?

(S. Justino): A lembrança. Só o que eu posso deixar pros netos. Outra coisa eu não vou.

(D. Maria): Eu sempre conto pra eles as coisas antigas, as coisas passadas de quando a gente era novo, tudo eu conto pra eles, tenho tudo declarado. Eles acham graça das arrumações de eu contar.

A herança dos avós são as histórias vividas, a lembrança da importância do afeto.

(Pesquisadora): Vocês são muito unidos né?

(D. Maria): Graças a Deus! [...] É assim, se uma está com problema a gente não chega brigando assim, porque estava com problema, não, a gente conversava. Ah porque a família do outro ali tem rolo e chega querendo se aparecer, aí não nós não somos assim. [...] Graças a Deus eu sou feliz com minha família, muito feliz ó. Agradeço a Deus as minhas filhas, meus netos e sempre agradei meus genros, pra não dizerem assim, “aquela velha lá [...]”

Estar junto, não brigar, ter tempo e paciência como disse a avó em seus relatos são os fundamentos afetivos para a manutenção da família de D. Maria e S. Justino, que querem deixar de herança as histórias vividas e o bem querer entre eles. Tais colocações permitem ponderar que a memória articula o passado, em meio ao reconhecimento e reconstrução de afetos, experiências variadas, que interseccionam as dimensões física de um corpo que vive e lembra e a dimensão moral, conjunto de recordações revisitadas para ensinar algo. Este

conjunto simbólico permite a recriação de significações pessoais e coletivas, pela partilha do passado revivido a cada nova construção narrativa caracterizando a memória como um sistema aberto envolto em mediações.

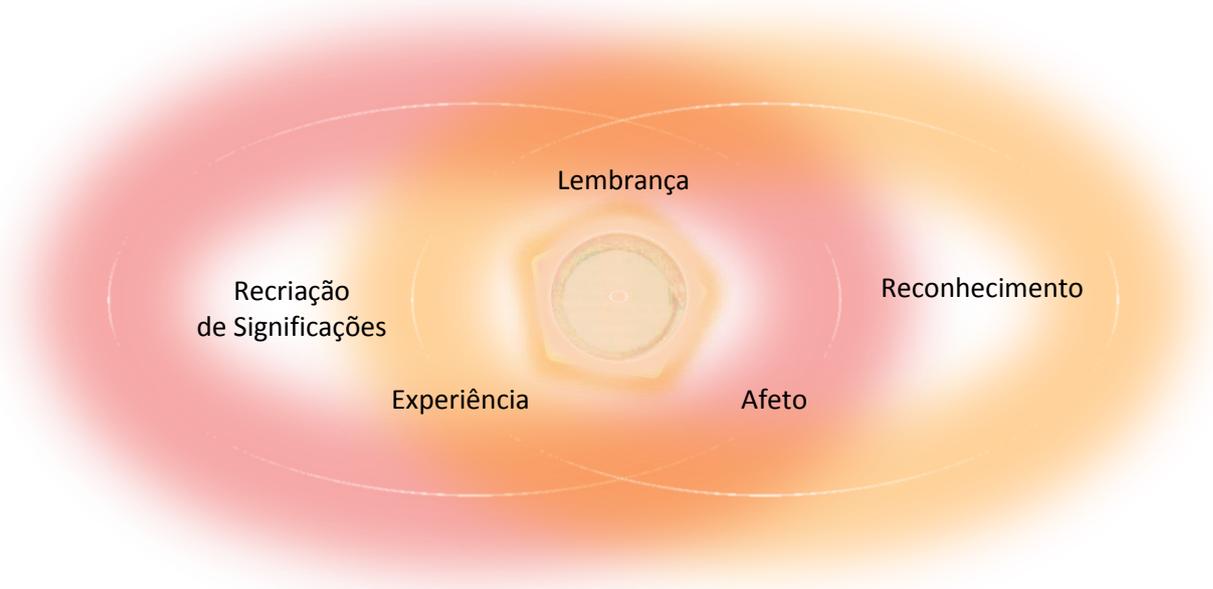


Gráfico 14: Mediações da memória.
Fonte: Acervo pesquisa

O reconhecimento das lembranças se efetiva a partir dos afetos, que nutrem os desejos de partilha e a reconstrução das recordações em experiências, recriação de significados. Os processos interconectados para representar as mediações da memória estão intrincados às próprias mediações do imaginar, desenvolvidas no tópico a seguir.

3.3 Imagens em migrações

A capacidade de ver está intimamente firmada em experiências não visuais
(TUAN, 1983, p.25)

A proposição deste tópico é seguir com o diálogo entre falas, imagens mentais e desenhos produzidos ao longo da pesquisa empírica, para além dos que já foram incluídos nas linhas precedentes, com vistas a tratar do movimento de recursividade da imaginação, ou seja, das idas e vindas, mergulhos e ascensão do imaginário, representado pelas imagens expressas, quer seja no discurso oral, quer seja nas representações gráficas. Se experimenta esta

proposição para tratar da imaginação enquanto exercício de migração topoflica, que quer dizer, para aclarar a ligação inerente do humano com seu conteúdo mnemônico, sua amizade com os lugares imagéticos que compõe a memória. Se ligar afetivamente a algo, tocar, ser tocado e transformar as imagens advindas destes toques, suas próprias imagens é exercício imaginário, assim como experimentar outros significados internos, para seus conteúdos mnemônicos e simbólicos. Movimentar a recriação dos referenciais imagéticos, que seguirão alimentando o oroboros da imaginação, a circularidade da experiência criativa humana, as mediações do imaginar, que se passa a desenvolver.

(Neta Livia): Eia menina. Vou desenhar um fantasma e vou escrever assim, “histórias da vó”.

(D. Maria): Xiu, desenha com o lápis de escrever bem moderninho, se errar a gente apaga.

(Neta Livia): Eu não sei desenhar.

(D. Maria): Eu sei desenhar um peixe, uma galinha. Vou ensinar pra vocês desenhar [...] O pincel é muito grosso, desenhei uma galinha.

(Neta Livia): Luis, dá raiva de você mesmo, fica balançando. Eita que lindo vó!

(Neto Luis): Oh vó ficou lindo!

(D. Maria): Esse lápis é muito grosso, não consegui fazer o bico, [o] bom [é] lápis fininho, uma pontinha. Ficou parecendo bico de um pato, sei desenhar um pato também. [...] Olha, faltou só umas galinhas e uns pintinhos, devia ter uns cercadinhos e uns pintinhos aqui. Cadê os pés de banana?

(Neta Clara): Oh vó minha galinha linda!

(D. Maria): Vichi Maria! Parece um cachorro. [risos] Oh a minha que eu fiz é assim, sou desenhista também! Vou desenhar um peixe, uma foice, uma faca [...]

(Neta Livia): Peixe eu sei.

(D. Maria): Foice é assim, vou desenhar com a caneta que esse lápis não presta, deixa eu ver se ainda sei.

(Neta Livia): Oh vó meu peixe.

(D. Maria): Tá bom, faltam as escamas aqui assim. Por debaixo e por cima. Gosto de fazer peixe mais compridinho. [...] Peraí, estou desenhando aqui.

(Neta Livia): Oh, o peixe dá vó é mais top!

(Neta Clara): É peixe espada.

(Neta Livia): É uma sardinha menina.

(D. Maria): Tá parecendo um jacaré, o meu peixe. [risos] Muito feio esse peixe, não está bom pra desenhar não.

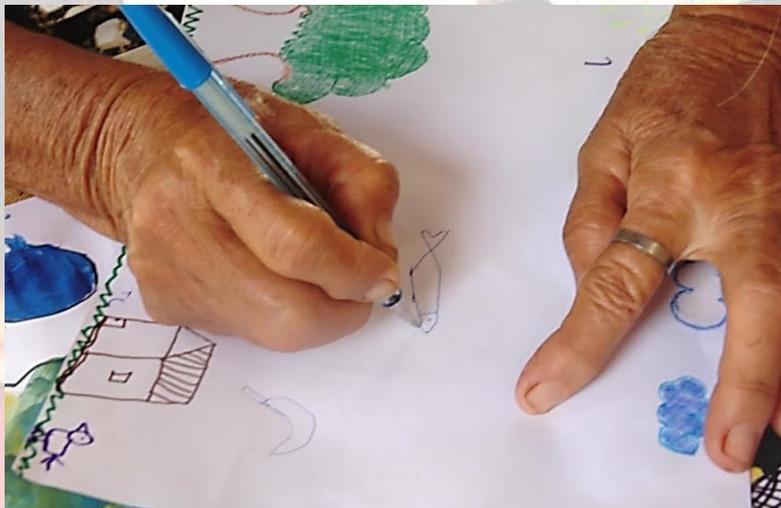


Figura 27: D. Maria desenhando.
Fonte: Acervo pesquisa

A auto referência como desenhista aconteceu no momento em que D. Maria se concentrava para desenhar um peixe, que iria contribuir com a pintura da neta e soou como um misto de brincadeira e autoadmiração pelo que estava produzindo. De maneira bastante motivada participou da criação coletiva com seu desenho. A produção gráfica fez movimentar imagens de prazer e satisfação em meio ao tema de sua produção, que era a representação dos avós, do que eles gostavam de fazer. Tema que as crianças propuseram quando iniciaram a pegar papéis, lápis e tintas, após o almoço em família



Figura 28: Crianças desenhando.
Fonte: Acervo pesquisa

Retroalimentação recursiva infinita, a atividade criadora imaginativa perfaz um processo circular, onde cada novo objeto criado (fruto da materialização da imaginação) alimenta os propósitos de outras e infinitas criações, conforme a teoria desenvolvida por Vygostsky, que esclarece.

Esses produtos da imaginação passaram por uma longa história, que, talvez, deva ser breve e esquematicamente delineada. Pode-se dizer que, em seu desenvolvimento, descreveram um círculo. Os elementos de que são construídos foram hauridos da realidade pela pessoa. Internamente, em seu pensamento, foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produtos da imaginação. Finalmente ao se encarnarem, retornam à realidade, mas já como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação. Entretanto é incorreto supor que apenas na área técnica, no campo da ação prática sobre a natureza, a imaginação é capaz de descrever esse círculo completo. Também na esfera da imaginação emocional, ou seja, da imaginação subjetiva, é possível e fácil constatar esse círculo.¹⁰⁶

No que concerne às articulações da teoria, com os dados empíricos foi possível constatar que a mola mestra para a movimentação do círculo da atividade criadora, descrita por Vygotsky e em relação às imagens familiares, é o afeto. É por meio da relação afetiva, do conjunto de emoções que criam vínculos entre os integrantes da família, que os lugares afetivos, mnemônicos, são revisitados e se processam novas memórias. É em meio a geografias familiares, imagens e signos de lugares, espaços afetivamente habitados, que a imaginação se processa. O que trazem do Piauí e do Maranhão os avós e mães é o acervo mnemônico a ser combinado e transformado, pelos mais novos, em terras roraimenses.

Exemplo deste acervo mnemônico pode ser observado nos relatos de Luana, que por mais de uma vez demonstrou mapas mentais¹⁰⁷ detalhados de lugares maranhenses.

(Pesquisadora): Em Santa Teresa [do Paruá]?

(Filha Luana): É um dia eu vou lá. Assim, se eu chegar lá, vou lembrar rua por rua, eu nasci lá e me criei lá, mas eu não vou lembrar das pessoas. Então eu vou passar por orgulhosa, entendeu? Eu posso lembrar do teu rosto, mas eu não vou lembrar do teu nome, que nem a

¹⁰⁶ VYGOTSKY, Lev. S. 2009, p. 29.

¹⁰⁷ Utilizo o termo mapa mental com referência ao trabalho de NOGUEIRA, Amélia. R. B. (2014), que realiza uma revisão teórica e empírica do conceito em Geografia. Segundo descreve, os trabalhos sobre mapas mentais surgem pela geografia através das discussões envolvendo percepção do meio e do comportamento, para fins econômicos de planejamento, em um primeiro momento e para fins de significação quando da utilização dos mapas mentais como metodologia e ferramenta para os estudos em Geografia Cultural. Como interessa à presente pesquisa investigar os processos de significação que iluminam os movimentos do imaginar utilizo os mapas mentais, as composições mnemônicas, para identificar as imagens e os percursos imagéticos com que lidam os familiares.

mãe as vezes conversa, eu não sei quem é, mas assim eu sei exatamente onde tinha cada casa, por que eu tenho aquilo armazenado, a não ser que tenha mudado, mas a gente vai lembrar que aqui tinha uma casa, aqui era a vizinha tal... [...] Pois é Larissa, eu lembro assim na época da escola, que a escola lá, essa escola, ela tinha tipo uma descida assim, quando era último dia de aula, nós íamos rasgando caderno, fazendo zuada e menino gritava. E eu lembro que lá tinha um macaco, onde a gente subia assim, tinha um macaco, e aí sabe como é menino né? E esse macaco ia atrás da gente, então, primeiro a gente atentava o macaco [risos] pro macaco sair correndo, ele saía correndo atrás da gente, meu Deus do céu, era bom! E era assim, era longe e não era, porque hoje em dia tudo a gente acha longe, a gente ia pra escola a pé, andava tudo a pé né. Tanto é que nós não tínhamos nem bicicleta Larissa, eu vim aprender andar de bicicleta aqui, porque eu tinha que ir pra escola, aprendi sozinha, subia na bicicleta, caía, levantava pra poder ir pra escola. A escola quando a gente chegou aqui, a escola mais próxima, é aquela lá perto da praça, tu já viu? Que tem uma escola lá entre a praça e a Vila Olímpica, que é Ulisses, era ali que eu tinha que ir pra escola, era de noite, então eu tinha que andar de bicicleta. Agora tu imagina, eu aprender a andar de bicicleta, naquela avenida ali passando carro, mas eu aprendi, fui pra escola, quando comecei a estudar engravidei dessa abençoada aí, só que nos trancos e barrancos terminei meus estudos, grávida dela. Quando ela nasceu eu já tinha terminado a oitava série, aí depois eu continuei, engravidei do outro abençoado estudando, já tentei faculdade duas vezes, mas um dia eu termino.

(Neta Clara): *Larissa sabe com quantos anos eu aprendi a andar de bicicleta? Com seis anos, sozinha.*

(Pesquisadora): *Seis anos?*

(Neta Clara): *E foi meu pai que ajudou. A minha bicicleta era toda velha, era enferrujada, aí eu subia assim na coisa da calçada, aí eu ficava lá com medo, a gente pedalava e caía, aí voltava.*

Os autores trabalhados aqui especialmente Vygotsky, Tuan e Halbwachs, salientam duas qualidades da memória, uma relacionada ao armazenamento das imagens e outra de característica combinatória, que articularia tramas de lembranças a compor ideias. Luana em vários momentos gosta de descrever as imagens dos lugares vividos no Maranhão. Pode não lembrar das pessoas, mas registra o lugar onde moravam e seguir sua fala é andar com ela por entre as casas, escola, espaços em que viveu e por onde as brincadeiras se realizavam. Do mapa mental *armazenado* e descrito pela mãe, as ações vivenciadas nos espaços é o que vincula atenção por parte de Clara, a criança que acompanhou esta conversa. E das lembranças dos mais velhos, os mais novos recompõem imagens aproveitam a deixa no discurso, para exercitarem a expressão de algo seu. É assim que das falas mais variadas acerca do Maranhão, que os avós e mães contam, as crianças recompõem as imagens em seus desenhos.



Figura 29: Desenho, o Maranhão de Raiza.
Fonte: Acervo pesquisa



Figura 30: O Maranhão imaginado por Guilherme.
Fonte: Acervo pesquisa

A casa com telhado de palha é tema recorrente para representar o Maranhão nas falas e desenhos das crianças, assim como o fogareiro de argila localizado fora de casa. As árvores frondosas se misturam a palmeiras, e espelham a paisagem de Boa Vista, onde a imagem das mangueiras se mistura à dos buritis.

Os animais desenhados, porco do mato no desenho de Raiza, a galinha no chão e o papagaio no galho, representados por Guilherme reforçam a ligação que as crianças têm com os animais. Guilherme repetiu algumas vezes o interesse em conhecer o Maranhão para ver os animais de lá e Raiza disse ter desenhado o porco do mato que a avó contou existir no Piauí.

Nos desenhos da criança, especialmente nas imagens que representam referências variadas, há demonstração da experimentação de limites e possibilidades das crianças no jogo simbólico, de compor e recompor as próprias memórias em franca expansão. As características das construções, do fogão e dos animais marcaram o imaginário das crianças conforme o registro nos desenhos.

Interessante observar o modelo gráfico das representações de nuvens, pássaros em v e flor, bem comum em grafismos escolares. Nisto se percebe a estereotipia que impera no desenho escolar e a supremacia à importância da linha e definições dos limites nas representações das crianças, em detrimento a experimentação com as cores e o desconhecimento em relação às potencialidades expressivas, que as diferentes colorações e tonalidades, podem representar.

D. Maria por sua vez é identificada nas falas de vários netos por sua ligação com as plantas e em meio ao seu jardim de espécies variadas, onde flores de diferentes formas e cores florescem, as crianças representam algumas delas em tom predominantemente quente representado pelos vermelhos e rosa.

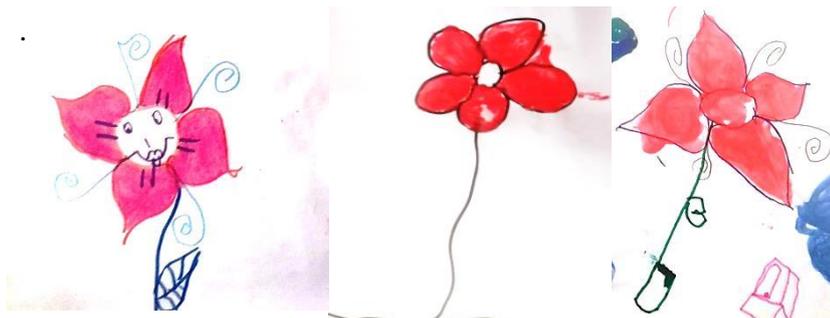


Figura 31: Detalhes de desenhos dos netos que representaram as flores da avó.
Fonte: Acervo pesquisa

É comum ouvir D. Maria falando de seu encantamento pelas *flores*, pelas *árvores*, pelo *mato* e *interior*. E em alguns relatos repetiu sua admiração pela carnaúba - *Copernicia prunifera*, que disponibiliza uma grande quantidade de produtos beneficiados a partir da planta. Comparou ainda as palmeiras existentes no lavrado e ressaltou a marcante presença das palmeiras buriti - *Mauritia flexuosa* em Roraima. Também contou da palmeira babaçu - *Attalea speciosa*, mencionada por ser uma planta de referência na culinária e economia maranhense. Talvez pela profusão de palmeiras, em terras do Norte e do Nordeste do Brasil e por fazerem parte do discurso dos adultos e da paisagem florística das próprias crianças, que algumas fizeram referência a elas em seus desenhos.



Figura 32: Frente e verso desenho de Miguel de 11 anos.
Fonte: Acervo pesquisa

A prática dos desenhos se realizou a partir dos interesses das crianças, por isso não foram realizados em todos os encontros e tampouco se tem uma representação gráfica de todo o conteúdo das conversas registradas. Importa utilizar este material, para contribuir com a visualização da composição mnemônica imagética, que expressa de maneira clara o que perpetua do simbolismo familiar, nas crianças.

Além dos desenhos representarem o imaginário familiar também demonstraram as relações com as fantasias, com o acesso ao imaginário arquetípico. Conforme esta composição da bisneta Milena de 6 anos de idade, há época da produção do desenho.



Figura 33: Desenho de Milena de 6 anos.
Fonte: Acervo pesquisa

A composição da *noiva-princesa*, nas palavras da criança, do ideário de contos de fada, se entrelaça à característica das mulheres da família, que com exceção apenas de Ludimila, conservam o cabelo bem comprido. A imagem arquetípica da princesa foi revestida das qualidades naturais e referências do feminino familiar, segundo a ótica de Milena. A presença do cabelo comprido fez parte também dos desenhos de Bruna, a neta mais nova de 5 anos.

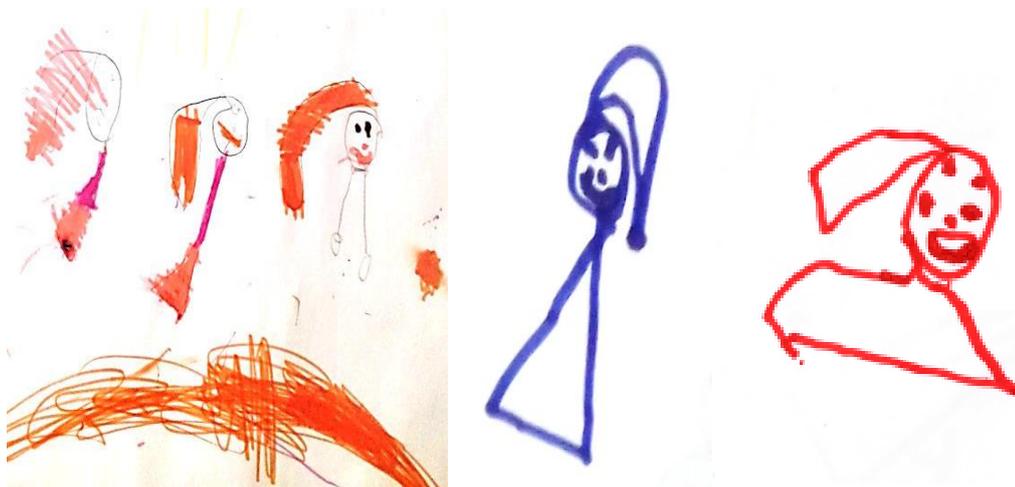


Figura 34: Detalhes de desenhos representando a avó realizados por Bruna de 5 anos.
Fonte: Acervo pesquisa

Outro detalhe do desenho de Bruna demonstra a verossimilhança com que conseguiu representar a postura corporal da avó e novamente representa a presença de seus cabelos compridos.



Figura 35: Composição detalhe de desenho de Bruna com registro de D. Maria na colheita de caju.
Fonte: Acervo pesquisa

Levando em consideração a idade de Bruna, sua capacidade de representar características físicas e comportamentais, como o andar da avó demonstra a atenção que as crianças do primeiro setênio dão às ações, emoções dos adultos.¹⁰⁸ O cultivo do cabelo comprido foi explicado por D. Maria com estas palavras:

(D. Maria): *Ai eu respeitava muito meus pais. Respeitava tanto meus pais, que quando nós éramos pequenos ele dizia assim “minhas filhas não vão usar roupa sem manga, nada de moda, cabelo curto”, aí eu fiquei com cabelão. Aí uma vez eu fui pra Piripiri com a minha avó ela estava doente eu fui pra lá mais ela. Aí tinha um tio meu lá, esse tio meu ele trabalhava de barbeiro, ele disse “Maria vamos embora cortar esse cabelo”, e digo “não, cabelo não corto não, pai não quer”, aí ele “mas teu pai mora lá no Maranhão e tu aqui no Piauí, bora cortar esse cabelo”, aí minha vó disse “tem que ir.” Eu fui chorando pra cortar esse cabelo porque ia desobedecer meu pai. Era uma grande obediência que eu tinha a ele, quando ele não queria uma coisa, então não fazia. Como eu não morava lá [com ele] podia ter feito escondido, quando ele chegasse lá [no Piauí de volta] já teria crescido, mas não.*

(Pesquisadora): *Todo mundo aqui tem cabelo comprido?*

(D. Maria): *A Raiza agora que fez aquele corte [franja e comprimento pelo ombro]. O meu era grande, mas estava caindo muito, aí cortei curtinho [no meio das costas], fica ruim de pentear.*

(Pesquisadora): *A senhora acha o seu curto?*

¹⁰⁸ Sobre o tema da relação intuitiva entre a criança e o adulto consultar HEYDEBRAND, Caroline von. 1983 e o trabalho de LUZES, Eleanor M. 2007.

(D. Maria): Está, cortei outro dia.

(Pesquisadora): O que era comprido então?

(Filha Luana): Lá na bunda.

(D. Maria): Se tu ver o da Luci mais a filha dela [Mônica], quer ver ela no cabelo embolado.

(Filha Luana): Tu já viu da minha filha quando está solto?

(Pesquisadora): Não, acabei de ver o dela [da Clara].

(Filha Luana): O dá outra [Livia] é maior, talvez agora ele esteja molhado, o que acho difícil, porque as vezes ela banha e não molha não.

(Pesquisadora): Tu vai deixar crescer mais?

(Neta Clara): Quando ele está seco, fica bem aqui na bunda.

(Pesquisadora): O teu também é grande Luciana?

(Filha Luciana): Mais ou menos, eu cortei também.

(D. Maria): Pra fazer natação tem que botar a toca.

(Filha Ludimila): Olhe, se eu fosse mais magrinha, meu rosto não fosse arredondado, vocês acham que o meu cabelo era desse tamanho?

(Pesquisadora): Como assim?

(Filha Ludimila): Mulher! Eu já tinha cortado aquele curto igual ao daquela mulher da novela agora que tá passando.

(D. Maria): Só besteira que teu cabelo é muito bonito.

(Filha Ludimila): Meu rosto é muito redondo meu cabelo é muito cabelo.

(D. Maria): Pois ia ficar com o rosto muito quadrado.

(Neta Clara): Meu rosto é muito redondo, meu cabelo é muito cabelo. [risos]

(D. Maria): Eu acho bonitinho aquele corte de cabelo [bem curto] da Ângela Portela [senadora de Roraima]. Acho lindo daquele jeito. Muito lindo aquele corte, pra mim estava bom demais ó.

A obediência ao pai, aos padrões familiares é motivo de orgulho de D. Maria e se perpetua com as filhas, mas sem intransigência, pois como mencionado, Ludimila já experimentou cortes mais curtos e ao conversar sobre cabelo com a mãe, esta demonstrou afeição por cortes bem curtos como da senadora, embora ela mesma não queira experimentar.

Os netos auto organizam as imagens da realidade e das memórias dos avós recompondo e ampliando suas próprias memórias. O Piauí-Maranhão para D. Maria e o Maranhão para S. Justino são lugares onde as imagens mnemônicas da família nasceram, se fixaram e de onde chegam para as crianças. Se no discurso dos avós a natureza com base na descrição das qualidades geográfica, fauna e flora, são temas recorrentes, os netos em relação à natureza fazem referência às aventuras experimentadas no interior de Roraima, onde mora a filha mais velha, tia Lurdes.

(Neto Luis): É, lá no interior é legal né, porque lá em casa sempre é cheio de gente. Lá no interior e aqui em casa, né?[...] Não, eu gosto de ir pra lá [para o interior], pra senhora ver, ó, todo mundo fala: Por quê que tu vai pro rio se tu não pesca? Eu gosto de ir pro rio por causa da aventura assim, porque quando eu estiver mais velho não vai ter mais aquilo dali. [...] Tem o sim e tem o não. Eu prefiro estar lá, porque lá eu acordo cedo, eu posso correr no meio da rua...

(Neto Gustavo): Lá, com certeza é melhor, eu gosto, eu prefiro lá. Porque lá nós acordamos a hora que nós queremos, não tem que ir pra escola. [...] Aí lá também a gente pode mexer no celular sem nenhuma tranquilidade, não tem medo de ser roubado.

(Neta Livia): É, só não pega sinal de celular. [risos]

(Neto Gustavo): Mas lá só é ruim por uma coisa. Muita roça. Muita roça pra trabalhar, né?[risos]

(Filha Luana): Também assim Larissa, na minha infância não existia celular, né, então a gente fazia aquela roda e escutava os mais velhos conversar e contar histórias.

(Neto Luis): É, lá no interior também eles contam muita história também.

(Filha Luana): Sim, porque aqui na cidade não dá tempo. Existe celular, existe televisão, então no lugar da família estar reunida conversando, vão ficar na televisão, é a metade no tablet, é metade na televisão, aí estão no outro quarto com celular, então só reúne a família na hora que vai jantar ou almoçar.

(Neto Luis): E mal, né?

(Filha Luana): É, aí todo mundo junta ali. Se não é um pra um lado e outro pro outro.

(Neto Luis): Pois é, hoje em dia você não vê dois irmãos se abraçando, só em ocasião especial.

(Neto Gustavo): Dependendo se ver abraçando pode apartar que é briga. [risos]

(Neto Luis): É.

(Neto Gustavo): Ainda mais se for primo. [risos]

(Neto Luis): Aí é assim, essa é a diferença né, do interior, o pessoal já senta pra conversar, não tem outra coisa.

Por vezes durante a entrevista com as crianças foi possível seguir uma linha de pensamento em resposta às questões interrogadas, como no relato transcrito acima em que o assunto dizia respeito a preferência em relação a cidade ou interior, questão que suscitou opiniões relativas ao gosto pelo interior, mas no geral não houve possibilidade de perceber um eixo comum, ou linha guia na trama de fala dos mais novos. Os assuntos partilhados pelos netos costumavam surgir em reverberação à fala dos adultos, como curiosidade pelo que foi dito e possibilidade de continuidade para suas próprias recomposições mentais e expressão. Era comum o vozerio de crianças repetindo e dando opiniões curtas sobre os assuntos dos mais velhos, mas na dispersão de assuntos que imperam no cotidiano, uma temática de conversa chama a atenção das crianças, as histórias de encantados.

(Neto Guilherme): Eu gosto mais de história real. Porque a vó diz que tinha uma moça que virava onça, meio bicho meio humano. Eu gosto dessa história só que eu não sei.

[...]

(Pesquisadora): [Senhor Justino] o Guilherme disse que gosta de história real?

(Neto Guilherme): É histórias que eles falam assim, “história real”, lendas e tipos assim o que eles falam.

(Pesquisadora): Mas essa da mulher que virava onça é lenda, história real, ou as duas coisas?

(Neto Guilherme): Eu acho que era [história real] porque a vó disse que era cem quilômetros de distância da casa dela. Então eu acho que é real.

(Pesquisadora): Tu podes me contar essa da mulher que vira onça?

(Neto Guilherme): Eu não sei não. Eu só sei que ela dormia só em uma rede no chão e tinha uma lamparina no lado. Não se lembra não vô?

(S. Justino): Não. Eu sei só a história de uma mulher que virava cavala canga.

(Pesquisadora): O que é cavala canga?

(S. Justino): Deixa a cabeça e corre só o corpo. Essa aí eu me lembro, que meu pai contava.

(Neta Raiza): Mula sem cabeça.

(Pesquisadora): A mula sem cabeça é a cavala canga?

(S. Justino): É, é, é. Ela rasga a gente, a roupa, pra comer, mas não pode comer porque ela deixou a cabeça. Tinha aquele lugar de ela deixar a cabeça e aí eu vou contar. [A cavala canga] virava bicho comia esse bicho botava todo mundo pra correr. Nesse tempo não tinha energia, as mulheres iam pro mato ela botava as mulheres pra correr lá no mato, aquele inferno, comia as mulheres.

(Neta Raiza): É verdadeira essa história vô?

(S. Justino): Essa daí é. Aí acharam donde ela fazia o serviço era toda sexta feira! E não tinha cachorro que pegasse e nem tiro, porque atiravam nela demais na rua assim, mas não pegava tiro. E ninguém sabia o que era. Sabiam que tinha esse bicho, mas não sabiam o que era. Aí um dia um homem foi ficou num pau assim trepado achou o lugar pra ver onde ela ia virar [cavala canga na] sexta feira. Aí ele achou se trepou e viu ela. Virou e correu, [ela] deixou a cabeça. Aí ele foi e disse pro povo, aí se juntaram seis homens e foram pra lá. Quando chegaram lá viram a hora que ela se formou, rolou pra lá, rolou pra cá, aí deixou só a cabeça e o corpo correu. Eles pegaram a cabeça dela, a cabeça dela estava pra cá, eles pegaram e viraram assim [lado contrário], pro lado que eram as costas. A boca dela ficou pra trás e isso aqui [a nuca] ficou pra frente dela, aí ficou. Quando ela chegou colocou a cabeça ficou ruim, quando saiu pra casa ficou com a cabeça virada e ela se escondeu. Ela se escondeu e aí o povo foi arreventou a porta e botou ela pra fora. Disseram assim: “fulana pra quê que tu faz isso?” Aí ela disse, “não é eu não, isso aqui é a natureza.” E aí ela ficou desse jeito foi na outra sexta feira que ela foi desvirou, mas não virou mais. Só foi este tapa. Ficou com tanta vergonha, que ela não virou mais não, não virou mais de jeito nenhum.

(Pesquisadora): Ela virava [cavala canga] na sexta feira?

(S. Justino): Era.

[Luciana chega oferecendo bolo, Raiza oferece macaxeira]

(S. Justino): Ainda hoje eu me lembro, o meu pai contava, o nome dela era Arcanja. Lá onde nós morávamos tinha um velho que morava nuns cassimbó, tinha uns pés de manga. Lá era nojento, a gente passava no caminho pra ir pra praia, as vezes que a gente ia, ele estava lá sozinho no [fuango ?] velho de uma rede que davam pra ele. Ele dormia num barraco, era a gente que cobria [o barraco] porque molhava ele e ele não fazia nada não, era um preto velho. Tinha esse lobisomem que comia tudo, cachorro morto, galinha, tudo ele comia. Quando foi um dia eu matei um bodoque deixei, amanheceu só os pedaços [?] Papai disse: “eu vou dar um tiro nele”. Esperou, esperou e nada, quando foi um dia de quinta feira,

(Neto Guilherme): Como era o nome de teu pai?

(S. Justino): Bento

(Neto Guilherme): Bonito nome!

(S. Justino): Quando foi um dia de quinta feira papai estava trepado em um pé de laranjeira em frente da casa e os cachorros latindo embaixo. Lá vem ele, num instante que eles

enterraram os pés ele já estava dentro de casa. O papai disse que era um porco dessa altura assim. Papai largou fogo [atirou] nele pegou aqui, na venta dele, foi embora. Aí disseram: “papai o Zé tá pra morrer comido de bala, nem levar pra [médico?] não adianta mais.” Eu me lembro que eu era pequeno, tinha uns doze anos por aí. Quando nós chegamos na rede dele estava tudo melado de sangue, aí o povo pegou ele e procurou o que era [que tinha acontecido] e ele: “não é que eu caí por debaixo de uns tocos”, “toco não rapaz, aqui foi furo, foi tiro que te deram”, “foi não”. Ele falando assim deitadinho. Aí nós tivemos por lá mais ele, já de noite acendemos umas velas de cera deixamos lá e fomos embora. No outro dia nós fomos lá, quando chegamos lá ele estava morto. Aí depois que ele morreu acabou o lobisomem que corria por lá.

(Pesquisadora): Ah ele era o lobisomem!

(S. Justino): Era virava bicho e andava. É porque ele, Deus me perdoe, no tempo dele novo era mulher e duas filhas dele que ele bulia, emprenhou as filhas, aí essas meninas se desnortearam foram embora. Ficou só a velha, a velha morreu, ficou viva muito não, mas ele virava lobisomem. Hoje em dia não tem mais, eu não vejo falar. Tem pantasma.

(Pesquisadora): Tem o que?

(S. Justino): Pantasma.

(Neta Raiza): Fantasma.

(S. Justino): Pantasma é que nem gente que morre e fica atentando.

(Pesquisadora): Aqui também tem, ou é só lá no Maranhão?

(S. Justino): Não aqui eu nunca ouvi falar. Lá no Maranhão tinha, mas era difícil.

(Pesquisadora): Mas o fantasma não faz nada?

(S. Justino): Humhum. Faz medo. Faz medo só.

(Neto Guilherme): E a boneca assassina e os palhaços que estão aqui em Boa Vista...

(Neta Raiza): Conta aquela vô que o senhor falou pra mim, como é que é? Fiquei escutando o senhor e até me esqueci.

(S. Justino): Então era porque era mentira.

(Neta Raiza): Não era não.

(S. Justino): Olha ela veio pra escutar vocês e vocês só escutando eu. Ela quer o que vocês falam, conversam do passado de vocês, de nós mesmos.

(Neta Raiza): Eu nunca morei no Maranhão.

(Pesquisadora): E tem vontade de morar, ou está bom aqui mesmo?

(Neta Raiza): Prefiro lá.

(Neto Guilherme): Raiza tua acha que quem a vó vai levar por Maranhão?

(Neta Raiza): Não sei.

(Pesquisadora): Mas o que tu queres fazer no Maranhão?

(Neto Guilherme): É que lá ela [avó] falou, não sei se é no Maranhão ou no Piauí, é que tem bicho que sobe em árvore é o burro, quem é?

(S. Justino): Burro não sobe em árvore.

(Neto Guilherme): Não sei o que é não que sobe pra comer os bichinhos.

(S. Justino): Burro não sobe em árvore, cavalo não sobe, o que sobe ainda é bode.

(Neto Guilherme): É esse aí mesmo.

Dentre os primeiros desenhos de Guilherme ele representou a imagem do animal que sobe em árvores e por algumas falas os avós fazem referência ao interesse dele em conhecer os bichos do Piauí e Maranhão. A movimentação entre realidade e fantasia é constante entre as crianças, a ponto de Guilherme definir histórias reais como aquelas lendas-histórias fantásticas vivenciadas a metros da casa da avó. A vivacidade da oralidade e crença dos avós impregna de concretude as “histórias reais”, que Guilherme e as demais crianças gostam de ouvir.

Do que foi possível observar no conjunto de falas das crianças ficou evidente que a fala das crianças, especialmente das mais novas, é fruto de uma bricolagem da fala dos adultos e primos mais velhos. Chama atenção dos mais novos também a surpresa com estranhamentos de atitudes dos mais velhos. *A vó fazia isso!* E em diversas falas coletadas as crianças expressaram o anseio por objetos de tecnologia, como celular, tablet, televisão, assim como a queixa em relação às broncas que ganham dos mais velhos. As crianças mais velhas, com idade entre sete e doze anos, seis no total, demonstraram foco além dos desejos por tecnologia, nas histórias de encantados. E os netos adolescentes, sete no total, além de se envolverem nos temas anteriores, continuamente participavam das conversas sobre políticas e também demonstravam interesse em pensar o futuro, o que seriam quando crescessem e como acreditavam que seria.¹⁰⁹

Mas para além desta tentativa de cercar temas e assuntos das falas das crianças foi marcante a movimentação viva e fluida de vozes e imagens se misturando no caldeirão

¹⁰⁹ Do total de 17 netos, os 4 adultos filhos de Lurdes, não participaram da pesquisa.

alquímico da simbologia familiar, em meio às referências culturais maranhenses. Nos momentos de almoço em que participei com eles, era comum produzirem comidas típicas do Maranhão, como pratos à base de arroz, bolinhos, cuscuz e cuxá, como mencionado no primeiro capítulo. Inclusive o saber cozinhar os alimentos típicos do Maranhão à maneira de lá era motivo de se identificar como maranhense.

(Filha Ludimila): Já viu esse cuscuz? A mãe nunca fez esse cuscuz pra tu ver, Larissa? Mãe, tu nunca fez cuscuz de prato pra ela ver?

(D. Maria): Não.

(Pesquisadora): Que cuscuz é, aquele que tu mostrou?

(Filha Ludimila): É no prato, faz no prato.

(Pesquisadora): Cuscuz maranhense é assim?

(Filha Ludimila): É, aí faz no prato, enrola no pano, bota na panela pra assar.

(Neta Raiza): Só que o nó fica pra baixo.

(D. Maria): O prato especial pra fazer cuscuz é o prato de esmalte.

(Filha Ludimila): O cuscuz fica pra baixo e o prato fica pra cima, deixa o pano enrolado. Aí ele assa com água na panela.

(D. Maria): Prato de esmalte tem que colocar pano fininho, assim um guardanapo bem fininho, uma fraudinha.

(Filha Ludimila): Eu não sei não. A mãe foi pro Maranhão uma vez, né e me deixou aqui com o pai, aí nós tínhamos que ir pra escola. E nesse dia a panela de pressão desmantelou, porque eu só sei fazer na panela de pressão. Menina, eu sei que nós fomos pra escola com fome, porque o cuscuz nunca saiu ó, do prato.

(D. Maria): Na hora da nossa merenda lá na igreja tem até cuscuz.

(Filha Ludimila): Secou a água da panela e o bicho não assava, não sei se eu não acertava era enrolar o pano, pra não ficar abafado, não sei se era pano.

(Neto Guilherme): A madrinha sabe mãe.

(Filha Ludimila): Sei que eu nunca acertei.

(Neto Guilherme): O da madrinha [é o] que eu gosto de comer e passar mal, ela fazia quando eu estava lá, era gostoso, a tia [Luciana] também faz.

(Filha Ludimila): A Luciana também.

(D. Maria): O de prato?

(Neta Clara): Eu já vi ela fazendo.

(Filha Ludimila): A Lurdes só faz de prato.

(D. Maria): É, no prato.

(Filha Ludimila): E eu não sei.

(Neta Clara): Ela só faz no pano de prato.

O reconhecimento da identidade se desenrola para além do contexto onde se vive. Mesmo tendo vivido mais tempo de sua vida em Roraima, Ludimila se considera maranhense por ter nascido naquele estado e pelo apreço com que guarda suas recordações dos tempos vividos lá. A identidade relaciona, dentre outros aspectos, a memória e imaginação. A imaginação é uma ação transformadora, uma ação que articula e integra a experiência de vida no Maranhão, por exemplo, a memória que se cria da experiência e o movimento incessante de recriação criativa, para dar sentido ao momento em que se lembra. Como em uma dança, onde a pausa do movimento também faz parte da composição, interessa a analogia da imaginação como um exercício constante e improvisado de movimento e repouso, pelo reino das imagens mnemônicas e dos afetos, a transformação simbólica das próprias lembranças.

*Formar importa em transformar. Todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação. Transformando-se, a matéria não é destituída de seu caráter. Pelo contrário, ela é mais diferenciada e, ao mesmo tempo, é definida como um modo de ser. Transformando-se e adquirindo forma nova, a matéria adquire unicidade e é reafirmada em sua essência. Ela se torna matéria configurada, *matéria-e-forma*, e nessa síntese entre o geral e o único é impregnada de significações.¹¹⁰*

Matéria para Ostrower, memória para este trabalho. O recordar através das narrativas dos avós que elaboram histórias vividas transformam memórias em significações e são estas significações que movimentam o presente simbólico das crianças. A pesquisa empírica demonstrou que as memórias dos mais velhos estão aterradas em referências específicas e as falas das crianças demonstram um percorrer por todo arcabouço imagético dos avós, não se fixando em lugares propriamente dito. As migrações dos avós e mães é processo relativamente recente, a família migrou na década de 1990. Lurdes em 1990, D. Maria com três filhas em agosto de 1997 e S. Justino com outras duas filhas em dezembro de 1997.

¹¹⁰ OSTROWER, Fayga. 1987, p.51, *grifo da autora*.

Todas as filhas nasceram no Maranhão e como maranhense se reconhecem. Já as crianças, todas nascidas em Roraima, viajam imageticamente entre estes estados, que por vezes se estende até o Piauí, nos momentos em que D. Maria faz referência também ao estado em que nasceu e conviveu com os avós, sua imagem de lar, segundo o referencial de Tuan. Desse modo é interessante perceber que as memórias de infância são marcantes, como que modeladoras e matéria prima, para as futuras composições mnemônicas, que resultam em experiências e conhecimento.

Será uma questão de tempo para que o arcabouço de imagens maranhenses e piauiense, que se apresentam constantemente na fala de D. Maria e S. Justino sejam equilibradas, com imagens-memórias maranhenses? Que o discurso em referência a acontecimentos nos outros estados se equivalha às experiências em Roraima? Do que pude observar até o momento parece que sim, que se trata de uma questão de tempo, para que o caldeirão mnemônico se diversifique ainda mais, incluindo as imagens dos lugares roraimenses no corpo, mente, coração dos mais velhos. Arrisco tal afirmação, pois as imagens que podemos coletar de Lurdes, a filha mais velha que está há mais tempo em Roraima, se baseia na força simbólica das imagens do interior.

(Filha Lurdes): E eu moro lá [no interior em Barauna], mas eu presto muito serviço. Eu sou técnica de enfermagem, trabalho na área de laboratório e hoje, atualmente, eu sou presidente da associação lá, do movimento de pessoas lá. Aí eu gosto de estar lá. Eu morei em outro interior [Taboca], eu dava aula pra idosos que não sabia alfabetizar, dei 4 anos de aula também, alfabetizando, eu gosto de ajudar. E lá eu fui mais porque eu gosto de servir, porque assim, o meu esposo ele é funcionário público daqui, trabalha no HGR, aqui no hospital. Se eu quisesse botar o pingo no i, como às vezes os meus filhos dizem, “ah”, que ele já se acidentou várias vezes lá, né, de moto, é danado demais.

(D. Maria): Ele vinha pra trabalhar quando aconteceu o acidente.

(Filha Lurdes): E ele trabalha aqui no hospital vai volta, entendeu? E é longe, só que lá é lindo, um paraíso, assim umas serras, umas montanhas coisa linda, linda!

(D. Maria): [...] Eu digo, não sei se é o som da serra, mas quando eu chego lá eu fico assim um negócio assim, parece que um abertão assim. [risos] Eu não sei o que é não.

(Filha Lurdes): É não mãe, é que aqui fica um estresse, umas turbulências, a gente chega lá o clima muda, tudo é gostoso, até a comida parece que tem mais paladar.

(D. Maria): É, eu acho que é, no primeiro dia dá assim uma coisa diferente. Ah, eu vou passar uma semana lá, quando eu chego aqui parece que eu estou tão bem ó! [risos]

Luis, o filho mais novo de Lurdes, de treze anos e os primos fazem referência à mãe e tia respectivamente, contando as histórias de vida dela com os indígenas com quem trabalhou, sendo agente de saúde no interior, dos encantados do interior de Roraima, como a *mãe do mato* e dos causos vivenciados na região de Barauna, onde ela vive atualmente e onde as crianças gostam de passear e o fazem com certa frequência.

(Neta Clara): *Tia Lurdes falou que um dia ela estava nos matos não tem, aí tinha um pessoal, acho que era índio. Aí se pintaram tudinho de verde e começaram a lagrimar né, tinha um que pintaram ele tão verde, tão verde, estava tão lindo, que a minha tia falou, “o olho dele estava lagrimando”. Aí o cara, não sei se, a tia falou que não sabia se ele conhecia ela, ou se ele achava ela bonita, aí ele falou: “Não vá por aí”.*

(Neto Luis): *Foi assim Clara, minha mãe falou que ela trabalhou na área indígena né. Aí ela foi lá pro mato sozinha, e tinha um índio tão bem pintado, tão bem pintado, que ele estava com o olho fechado, ele sentiu ela, ele pegava no queixo dela assim ó, ficava passando a mão nela assim e falava que era pra ela voltar, porque tinham arrumado uma emboscada pra alguém, que era pra ela voltar e falar pra ninguém ir, aí ela voltou. Aí também ela conta, que eles tinham vários tipos de venenos, porque uma vez ela foi pegar um mais o índio. Aí na beira do rio tinha uma folha assim que estava pingando não tem, o índio foi falou pra ela voltar correndo, e ele também, eles voltaram correndo. Tinham jogado veneno, que ele disse que é tipo um pó, que jogam aí pega na folha, na hora que a pessoa trisca na folha morre, aí também tinham outros que bebiam, uns pós também que eles jogam. Ah ela falou uma vez que foi caçar mais um índio e eles viraram uma onça, aí o índio falou “fica bem aqui nesse lugar.” Não, não era uma onça era um mutum, um passarinho, não sei se a senhora já viu. Aí ele saiu pra caçar [o mutum]. Ele foi e flechou e a flecha quase pega na mãe, agora pergunta por que? Porque ela saiu do lugar que ele tinha dito pra ela não sair. Se ela estivesse naquele lugar, não tinha nenhum pouco de risco de pegar uma flechada. Porque ele sabia onde ela estava. Aí como ela saiu, a flecha quase pegava nela. A mãe conta uma história, acho que é verdade né, minha mãe não é de mentir, a minha mãe vivia no mato, não tem, lá na área indígena, aí lá tinha uma casa que era pra eles ficarem, o pessoal da saúde. Aí meu pai é muito medroso sabe, ele tem medo desses negócios de alma, a minha mãe não liga, ela tem medo é de gente viva. Aí, meu pai não dormiu lá, ia dormir numa maloca, umas duas quadras pra lá. Minha mãe dormiu lá sozinha, aí ela atou a rede e conta que de noite vinham e pegavam na rede dela assim ó “vrummy” e fechava e ela falava, “rapaz, me deixe, sai daqui.” Aí derrubavam tudinho as panelas, aí ela pegava a lamparina e ia ver, estava tudo certinho nas prateleiras, aí ela assoprava e a lamparina apagava. Aí o banheiro era lá pra fora não tem, ela disse que quando ela saía pra ir no banheiro, ela ia no banheiro, ela ia e ouvia gente pisando atrás dela, ela parava e continuava pá, pá, pá [som de passos].*

(Pesquisadora): *Ela escutava esses passos e não via nada?*

(Neto Luis): *Não via nada.*

Os causos de encantados surgiam em meio às conversas mais diversas e como chegavam, se dissipavam em outras conversas, sobre assuntos os mais corriqueiros. Nem crianças, nem adultos se questionavam sobre a realidade dos fenômenos, apenas confirmam que acreditam.

Lurdes se autodenomina como mulher guerreira, dura como a mãe que admira e segue como exemplo. Por sua vez as outras filhas, que vivem na cidade fazem referência frequente a suas origens maranhenses. Parece assim que a simbiose mnemônica envolve tempo e intensidade de vivências, motivação emotiva. Lurdes adora o que faz e onde vive, se aterrou. As filhas mais novas moram de aluguel, não têm emprego fixo, duas delas Luana e Luise almejam cursar universidade. A mais nova, Luci, durante o tempo da pesquisa empírica migrou junto com marido, filha e dois filhos, para Goianésia cidade polo têxtil do Goiás em busca de emprego. Retornaram no início de 2017 pela necessidade do apoio afetivo e emocional, que recebiam junto à família. Então as filhas da cidade seguem em migrações para a estruturação das necessidades materiais, mas permanecem perto da fonte do simbolismo afetivo que são D. Maria e S. Justino. Estes se alegram e se realizam com a proximidade e cuidado das filhas e netos.

Para além da migração por espaços está em jogo a migração dos sentidos, que as mudanças proporcionam. Mudar de lugar não diz respeito a uma mudança de espaço concreto exclusivamente, mas a transformação das próprias referências, que incita o aprimoramento das imagens mnemônicas. A existência humana é caracterizada pela impermanência e a capacidade de significar os momentos envolve a tríade entre passado, afeto e experiência, atualizados em cada processar da mediação do imaginar, descrito neste capítulo. As crianças migraram pouco em relação às variedades de andanças dos avós e apesar de não terem acesso concreto aos espaços onde viveram os mais velhos, criam para si lugares inesperados, nas memórias da experiência alheia. Como sua relação com o passado é relativamente curta, se comparada à experiência dos avós, é grande a necessidade de vivência e partilha dos afetos. A criança sorri e chora, demonstra emoções antes mesmo de falar e mais que um (des)envolvimento, seu crescimento físico, intelectual, acompanha o lapidar de suas emoções, migrações variadas de emoções, por imagens que encaminham o aprimoramento de suas vivências, até o ponto de se transformarem em experiências.

Para tanto um círculo de cuidado, apoio, carinho, afeto, se faz necessário e se movimenta em meio a migrações imagéticas e topofílicas que caracterizam o coração do imaginar descrito na sequência.

4 - O CORAÇÃO DO IMAGINAR

Beija-flor me chamou: olha Lua branca chegou na hora
 O Beija-Mãe me deu prova: Uma estrela
 bem nova Na luminária da mata Força que vem e renova
 Beija-Flor de amor me leva Como o
 vento levou a folha Minha Mamãe soberana
 Minha Floresta de joia Tu que dás brilho na sombra
 Brilhas também lá na praia Beija-Flor me mandou embora
 Trabalhar e abrir os olhos Estrela
 d'Água me molha Tudo que ama e chora
 Some na curva do rio Tudo é dentro e fora
 Minha Floresta de joia Tem a água tem a água
 tem aquela imensidão tem sombra da Floresta
 tem a luz do coração Bem-querer!!!¹¹¹

O vício de considerar que a criatividade só existe nas artes,
 deforma toda a realidade humana.
 (OSTROWER, 1987, p.39)

Movimento e repouso. Entre batidas de asas incessantes, o beija-flor é a única ave que pode se manter “parado” no ar. Pausa em movimento. E na razão poética da canção, o pássaro chama para integrar a sombra da floresta e a luz do coração, natureza e afeto. Razão e emoção, ciência e arte. A imaginação não é exclusividade das artes, tampouco é imagem mental exclusivamente. Para caminhar em busca do imaginar, é preciso um mergulho mais profundo em direção ao coração, na intimidade de si mesmo. Imaginação como transmutação das vivências em experiências. Encaminha à transformação de um estado da matéria em outro, de uma memória em outra. Os problemas de um imaginar deficitário geram problemas na capacidade de abstrair, no relacionar-se com a memória, com a vida interior. A capacidade de imaginar se relaciona com a capacidade de elaborar imagens interiores, mentais e para incentivar tal elaboração é preciso oferecer imagens sensíveis e incompletas. É o imaginar que irá manter o exercício de criar pontes, ligações, entre os abismos das incertezas, que na contemporaneidade são aceitas enquanto constituintes do conhecimento científico.



Figura 36: A flor do mundo.
 Fonte: Acervo pesquisa

¹¹¹ Benke, canção de Milton Nascimento e Márcio Borges do álbum Txai 1990, selo CBS. Interpretada por Milton Nascimento e Benki Piyãko, à época curumim da etnia Ashaninka e hoje liderança. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=SUDNWhJxiSI>. Acesso: 06/12/17.

No reino da imaginação, menos e mais. Um graveto é varinha de condão, cavalo voador, lápis, baqueta de maestro... a imagem de uma planta do jardim de D. Maria evoca a paisagem inteira do Piauí. Uma flor contém em si a representação de todas as flores. Um estímulo para movimentar toda a engrenagem criativa e transformativa. É neste jogo de mediação sógnica, que os seres humanos se movimentam e movimentam suas experiências, das quais basta uma única imagem para fazer funcionar como um ícone oriental, um portal de imagens espirituais, das imagens que a imaginação processa e que nos permite movimentar realidade e irrealdade, vivências cotidianas e as histórias com encantados e visagens, que as crianças adoram ouvir.

Imaginar é retornar, é experimentar o movimento circular, é rever imagens anteriores, compor com elas, a partir do estímulo de uma imagem no presente. E é sobre estes vários retornos circulares da imaginação, em consonância aos conjuntos de temas que foram levantados na classificação do material empírico, que transcorrerão as reflexões neste capítulo. Interessa tratar das proposições sobre imaginação a partir do interior dos afetos familiares, para onde recorrem as crianças em suas reformulações de experimentações.

4.1 A volta para o interior

Retorno para os afetos, para a reunião de razão e emoção na ciência. Retorno às histórias para visitar simbolismos, para recriar ideias. Retorno a si mesmo, para o mundo interior em transformação, de onde as composições imagéticas podem ser reconstituídas. Relembrar. Retorno para o deleite do convívio com os afetos familiares, que impulsionou as migrações. Significados construídos pelo afeto. Retorno às origens naturais, do Piauí, Maranhão e do interior de Roraima.

Os netos migram pelas histórias dos avós no concreto das próprias experimentações em Roraima. O gosto pelo interior compartilhado na família impulsiona a leitura dos jovens.

(Pesquisadora): Disse que gosta de observar a natureza, Luis?

(S. Justino): Ah, a natureza é com ele.

(Neto Luis): Lá [no interior] é bacana. Lá tem um monte de pedra assim ó.

(Filha Luana): Lá é muito bonito, tem a vila e tem os lotes, aí lá tem aquelas serras assim.

(Neto Luis): É, a senhora podia ir lá qualquer dia desses.

(Neta Livia): É mesmo, era bom a senhora ir lá.

(Neto Luis): Só é uns 130 km.

(S. Justino): Falaram que se a senhora fosse lá ia ficar de queixo caído.

(Neto Luis): É mesmo, a senhora ia gostar.

(Pesquisadora): E tu ficas olhando a paisagem, a natureza e fica pensando o que?

(Neto Luis): É bacana. Aí eu penso assim que, daqui uns 20 anos, vai estar igual aqui ó, asfalto, só casa.

(Neta Livia): Não, não vai ter mais nada lá.

(Neto Luis): Pois é, daqui uns 20 anos não vai ter.

(Pesquisadora): O futuro é sempre assim? Sempre...

(Neto Luis): Não, porque...

(Neta Livia): Não porque as coisas vão se acabando.

(Pesquisadora): Por quê, que vão se acabando?

(Neta Raiza): É porque disseram que o mundo está se acabando.

(Neta Livia): Não menina. É porque é sempre assim ó, aqui antes eu tenho certeza que não era tanto assim [desse tamanho] ó, esse bairro não era tanto assim, não tinha tanto mercado, que tem agora.

(S. Justino): Não mesmo, aqui você contava as casas.

(Neta Livia): Aí é ó, tipo o bairro que eu estou morando agora, é um bairro pequeno. Só tem uma avenida assim, só. Aqui tem várias ruas, lá só tem uma rua assim, que é duas ruas e pronto. Aí de um lado são as casas e do outro lado assim, é comércio só tem dois mesmos grandes e é muito longe. Aí eu acho que assim, daqui mais uns anos vai ter mais casas e vai estar maior lá.

(Neto Luis): Aí tipo assim, ó, porque, isso aqui um dia já foi, não sei né, poderia ter sido mata, aí o pessoal...

(Neto Gustavo): Poderia ter sido, não, foi mata.

(S. Justino): Não, mata não, lavrado. Aqui só era lavrado.

(Neto Luis): Aí, lavrado! Aqui era lavrado, rapaz [...] foi desmatando pra fazer casas.

(Pesquisadora): E isso é melhorar?

(Neta Livia): Não. Isso é piorar, porque cada árvore, porque a gente está estudando biologia, cada árvore que eles matam, eles vão tirando oxigênio da gente, porque a gente precisa.

(Filha Luana): O que o Luis quis dizer é que lá é bonito agora, aí no futuro, quando eles construírem uma cidade, não vai ser mais essa coisa tão bonita, de ele estar indo pra lá e ficar olhando a paisagem.

(Neto Luis): É, pois é, lá tem a vila e tem umas 20 casas e daqui uns 20 anos vai ter...

(Neta Livia): Vai ter 20 mil casas.

(Neto Luis): É, vai ter umas 20 mil casas. [risos]

(Pesquisadora): E vocês sabem o que vocês estão fazendo quando vocês pensam, falam assim “daqui há 20 anos”?

(Filha Luana): O Gustavo vai me dar uma Ferrari. [risos]

(Pesquisadora): Vocês conseguem pensar em vocês daqui há 20 anos?

(Neto Gustavo): Eu vou ser feio.

(Neta Livia): Eu consigo.

(Neto Luis): Eu consigo.

(Neta Livia): Tu vai ser freira?

(Neto Gustavo): Eu vou ser feio, porque eu já sou feio.

(Neta Livia): Ô, eu entendi “eu vou ser freira”.

(Neto Luis): Eu vou ser um advogado de sucesso.

(Neta Livia): Eu consigo imaginar.

(Pesquisadora): O que tu imaginas?

(Neta Livia): Eu vou estar na minha casa, dos meus sonhos.

(Pesquisadora): Na casa dos teus sonhos?

(Neta Livia): É.

(Neto Gustavo): Numa casa de papel. [risos]

(Neta Livia): Claro que não, eu vou ter...

(Filha Luana): Ela vai ser uma delegada.

Capazes de articular movimentação de imagens entre espaços e tempos, as crianças mais velhas de 13 a 16 anos interpretam a importância de atenção ao presente antes da destruição da natureza no futuro. As idas e vindas de colocações são balizadas e reorientadas no próprio decorrer das falas e como são crianças maiores, os dados concretos orientam o sentido do discurso. No caso das crianças menores, as imagens memórias percorrem mais um caminho surreal e satisfazem desejos oníricos. As crianças me contaram bastante de seus sonhos. Estes sonhos são formas, composições da memória em elaboração. Me falaram sobre sonhos acordados, os desejos e esperanças para sua vida e os sonhos dormindo, material interessante para visualizar composições.

(Pesquisadora): Tu sonhas muito, Clara?

(Neta Clara): Hã?

(Pesquisadora): Tu sonhas?

(Neta Clara): Aham.

(Pesquisadora): Com o que tu sonhas?

(Neta Clara): A senhora está falando se eu sonho de ir pra outro lugar, ou se eu sonho quando eu estou dormindo? [risos]

(Pesquisadora): De todos os sonhos. Tu sonhas quando estás dormindo?

(Neta Clara): Aham.

(Pesquisadora): Tu lembra dos sonhos?

(Neta Clara): Quase todo ano eu sonho com tigres, se não for leão. Aí eles vêm direto, na hora que eles estão longe ficam bem pequenininho. Aí na hora que eles vêm pra perto, eles ficam grandão. Teve uma vez que eu estava no sonho, eu chutei a parede. [risos] Eu estava no sonho, né, aí tinha uma bruxa. Aí a bruxa estava com aqueles negócios de pirata, aquele negócio que fica na mão, aquele que é assim ó, aquele negócio da mão [um gancho]. Aí foi engraçado, a bruxa começou a caçar conversa comigo. Ela estava na árvore, ô, na árvore não, na vassoura, né, aí pegou e veio pra cima, me batendo. Eu peguei e dei um soco nela, aí na hora que eu fui chutar ela, eu chutei a parede. [risos]

(Pesquisadora): Mas esse sonho com os tigres, ou com leão, tu sonhas várias vezes, já sonhou várias vezes?

(Neta Clara): Aham.

(Pesquisadora): E tem o sonho dormindo e o sonho acordado. Qual é o teu sonho acordado?

(Neta Clara): Conhecer o meu vô [paterno].

(Pesquisadora): Ele mora onde?

(Neta Clara): No Pará.

(Pesquisadora): Como que tu imaginas que ele deve ser?

(Neta Clara): Ah, parecido com o meu pai.

(Pesquisadora): Por quê, que tu queres conhecer ele?

(Neta Clara): Ah, porque eu nunca vi ele. Minha avó [paterna] também, sei lá, ela não parece com eles, nem com o meu pai parece.

(Pesquisadora): E teu avô?

(Neta Clara): Meu avô? Esse eu nunca vi.

(Pesquisadora): Nunca viu?

(Neta Clara): Não. E também, o meu outro sonho é ver dois lugares.

(Pesquisadora): Quais lugares?

(Neta Clara): O Pólo Sul que é um lugar muito frio e o Rio de Janeiro. E o outro é ir lá na Disney. Só que não sozinha, com os meus pais e os meus irmãos.

(Pesquisadora): Todos esses três lugares, o Pólo Sul, o Rio e a Disney, tu querias ir com toda a família?

(Neta Clara): Aham. Minha mãe queria levar a gente lá no Maranhão, parece. Não, não é no Maranhão, é em outro lugar que eu me esqueci o nome, mas ela queria levar a gente pra gente conhecer o Rio de Janeiro e aí voltar. [Quando chega perto da água] tem que ficar virado de costas, porque se eu virar de frente eu ia cair. [risos]

(Pesquisadora): E se tu pudesses escolher, onde que tu gostarias de estar neste momento?

(Neta Clara): Rio de Janeiro.

(Pesquisadora): O que tu estarias fazendo no Rio de Janeiro?

(Neta Clara): Estaria com a minha família, no banho.

(Pesquisadora): No banho?

(Neta Clara): No rio de lá.

(Pesquisadora): O banho no Rio de Janeiro é no rio?

(Neta Clara): Aham.

(Pesquisadora): E o outro lugar que tu disseste que gostaria de conhecer é o Pólo Sul. O quê que tu achas que tem no Pólo Sul?

(Neta Clara): Neve!

(Pesquisadora): E o quê tu irias fazer na neve?

(Neta Clara): Ia brincar.

(Pesquisadora): E o outro lugar, qual era? Era Rio, Pólo Sul...

(Neta Clara): Disney.

(Pesquisadora): O que tu gostaria de fazer na Disney?

(Neta Clara): Conhecer os atores, brincar nos brinquedos de lá e me divertir.

(Pesquisadora): Ah, entendi. Tu sabes o que é o futuro?

(Neta Clara): Futuro? O futuro eu sei o quê que é.

(Pesquisadora): O que é?

(Neta Clara): É uma coisa que vai vir depois do presente, mais pro futuro é uma coisa que a gente vai fazer daqui alguns anos. Exemplo, em 2020 por aí assim, minha irmã vai entrar na faculdade, isso já é o futuro.

(Pesquisadora): E tu consegue te imaginar no futuro? Como é a Clara do futuro?

(Neta Clara): É uma pessoa boa, educada, feliz e reunida com a família.

(Pesquisadora): O que é preciso pra ser feliz? O que é felicidade pra ti?

(Neta Clara): Felicidade? Felicidade é assim é uma coisa que a gente compartilha com as pessoas, é uma coisa que a gente faz honesta, exemplo, quando a gente convida algumas pessoas, ou então quando a gente dá alguma coisa pra aquelas pessoas que não têm nada.

(Pesquisadora): Isso é?

(Neta Clara): Aquelas pessoas que a gente deu as coisas, todo mundo sabe que ela vai ficar muito feliz.

(Pesquisadora): E o que te deixa feliz?

(Neta Clara): Ajudar as pessoas, fazer as coisas certas e ficar com a minha família.

Realidade, sonho, imaginação, movimentam-se, são compostos entre as vivências da menina Clara de 9 anos, que sonha em ir ver a neve no Pólo Sul estimulada pelo imaginário do filme Frozen – uma aventura congelante como fez referência em outros momentos.¹¹² Do ideário da neve, às praias do Rio de Janeiro, Clara de 9 anos moradora de Boa Vista, cidade onde os *banhos* são balneários com praia de rio, transfere tal realidade para a imagem do Rio de Janeiro, que é um rio pelo próprio nome e no imaginário da menina. E mistura a experiência da tia mais velha, que se afogou quando foi ao mar pela primeira vez em São Luiz do Maranhão.

(D. Maria): Luciana foi pra praia, a primeira vez que ela foi pra praia, ela ficou na beiradinha [...]

(Pesquisadora): Mas tu já conhecias o mar?

(Filha Luana): Já, em São Luiz.

(D. Maria): Aí em São Luiz ela [Luciana] ficou assim só na beiradinha, bem no rasiño. Aí vinha a maré, as ondas em cima dela, BLUP! Ela bebeu água, em cima dos olhos. Tem que ficar de costas! Aí a Luciana foi embora, ficou lá nas pedras mais meu irmão, quis mais não, passou um tempo no sol lá.

Por ter ouvido a experiência da tia, Clara cria uma imagem de como se portar neste tipo de ambiente, *tem que ficar virado de costas, porque se eu virar de frente eu ia cair*. Os dados da realidade se misturam com os do imaginário para dar conta de compor imagens que expressem os desejos e sonhos pessoais. Da Disney a que nunca foi e tampouco conhece alguém que tenha ido, faz referência aos atores e brinquedos, demonstrando experiência colateral, segundo a teoria de Peirce e conhecimento potencial sobre o assunto, na teoria da ZDP de Vygotsky. O imaginário em relação ao Rio de Janeiro é mais surreal, que as imagens da Disney, mas em ambos lugares idealizados se movimenta com interesse e cultiva a movimentação de anseios e afetos.

¹¹² Lançado no Brasil em 2014, o longa metragem de animação da Disney conta a história da princesa Anna, que na companhia de um vendedor de gelo parte em uma jornada por montanhas nevadas para encontrar sua irmã, a rainha Elsa, e acabar com a maldição de inverno eterno, que está provocando o congelamento do reino.

Acrescentam-se a esta passagem pelo mundo dos sonhos das crianças, a viagem de retorno às histórias que as crianças contam. Causos de sua vida, dos passeios pelo interior, relatos de encantados e visagens moradoras do quintal, que ouviram dos mais velhos.

(Pesquisadora): Quería saber que histórias vocês conhecem.

(Neta Raiza): Agora vai ser difícil... História do Maranhão!

(Pesquisadora): Que histórias do Maranhão?

(Neta Raiza): Quando meu vô matava bichos.

(Pesquisadora): Quando teu avô o que?

(Neta Raiza): Matava bichos.

(Pesquisadora): Matava bicho? Que tipo de bicho?

(Neta Raiza): Corria ele e o bolo e o cachorro pra matar onça. Essas coisas assim.

(Neto Guilherme): Ele era caçador.

(Neta Raiza): E quando ele teve a namorada dele, ele foi pro forró e viu a namorada dele agarrando outro homem, ele foi e agarrou outra mulher.

(Pesquisadora): Também tem essa história, o que mais?

(Neta Geovana): Sei de uma, de uma serpente que ela estava debaixo da terra, aí de vez em quando dá terremoto, mas é ela se mexendo.

(Pesquisadora): Mas ela se mexe de vez em quando? Vocês sabem o nome dessa...

(Neto Guilherme): Ela está enjaulada.

(Neta Raiza): Serpente.

(Neta Geovana): Sei não.

(Pesquisadora): É serpente mesmo? Isso lá no Maranhão, aqui não tem não?

(Neto Guilherme): Lá em Santa Teresa [do Paruá].

(Neta Geovana): Isso é verdade não é lenda não.

(Pesquisadora): Quem contou essa?

(Neta Geovana): A vó. Ah é lá em São Luiz [do Maranhão]

(Pesquisadora): Que mais? Outras histórias.

(Neta Raiza): Ah, o vô conta assim, um dia os amigos dele foram lá com a esposa dele, aí, o homem queria falar uma coisa pro vô, ele estava falando mentira, e a mulher foi e falou verdade. Aí o vô foi falar também, aí o vô falou mentira e a mulher do vô falou a verdade. Aí depois quando a mulher do homem chegou lá em casa ela falou, “eita por que estava falando isso?” “Eu estava tentando te ajudar!” “Estava tentando me ajudar fazendo o que?” Aí ela contou a verdade. Estava só enrolando o velho. Aí depois a mulher também brigou porque ele estava mentindo pro homem, só.

(Pesquisadora): E história de escola, escutam história na escola?

(Neta Raiza): Não muita.

(Pesquisadora): E vocês já leram alguma vez alguma história?

(Neta Raiza): Já, na escola já, a lenda da grande cachoeira.

(Pesquisadora): Como é essa?

(Neta Geovana): Ela sabe essa de cor.

(Neta Raiza): As margens do Rio Iguaçu... ai eu me esqueci, a lenda da grande cachoeira! [risos] Eu sei que era um homem que gostava tanto de uma mulher, um índio que gostava tanto de uma mulher, e a índia gostava de outro. Aí eles fugiram pelo mar, atravessaram as margens do Rio Iguaçu. Aí um dia o índio mágico transformou um em uma rocha e outro num pé de coco, e só.

(Pesquisadora): No Rio Iguaçu, então não foi aqui no Rio Branco?

(Neta Raiza): Isso aqui eu acho que é uma mentira, essa lenda da grande cachoeira.

(Pesquisadora): Não sei e da cobra grande, da serpente não é?

(Neta Raiza): Eu acho que é verdade.

(Pesquisadora): Por que será?

(Neta Raiza): Porque eu acho que a vô estava, tá lendo essa lenda sem saber, ela quer enganar a gente.

(Pesquisadora): Que histórias mais vocês sabem?

(Neta Raiza): Só.

(Neto Guilherme): A gente sabe, só que a gente esqueceu.

(Pesquisadora): Esqueceu? Bora lembrar!

(Neta Raiza): O vô tem muitas.

(Pesquisadora): Vocês gostam de ouvir ele contar? Vocês perguntam para ele?

(Neta Raiza): Uhum, vou trazer uma surpresinha pra tu, não sei se tu gosta, gosta de doce de caju?

(Pesquisadora): Gosto, mas não precisa não, acabei de almoçar. Dá outra vez que eu vim, eu não vi vocês conversando com o vô e com a vó, perguntando as coisas. Mas vocês costumam fazer isso, perguntar como é? Ou o vô e a vó gostam de contar?

(Neta Raiza): O vô gosta mais de contar.

(Neto Guilherme): Quem conta mais é o vô.

(Pesquisadora): Ah é? E vocês gostam de saber?

(Neta Raiza): A vó vive ocupada. O vô não, ele vive contando história pra gente.

(Pesquisadora): E tem como dizer as histórias que vocês mais gostam?

(Neta Raiza): Tem, quando ele leva um tiro, matando o cachorro, ele tinha dois cachorros treinados, aí ele foi matar um bicho lá, eu não sei nome, não tem, aquele bicho, ele foi dar um tiro naquele bicho, o cachorro foi o primeiro a pegar pra ele dar o tiro, e na hora que o cachorro ia pegar ele deu o tiro, aí ele matou o cachorro dele. Aí ele ficou sem cachorro.

(Pesquisadora): Entendi. Tudo é história, do mesmo jeito que a cobra grande? Que a serpente que falaram existir lá no Maranhão? O que a senhora conta é uma história D. Maria? Tudo que vocês viveram...

(D. Maria): Mas é verdade, lá é verdade! [Está] lá presa numa jaula.

(Neta Raiza): Quando ela se mexe é um terremoto.

(Pesquisadora): É desse jeito?

(D. Maria): Diz que é, ela vive presa numa jaula, não pode soltar, se ela soltar ela sai arrasando tudo.

(Pesquisadora): É em São Luiz, ou Santa Teresa [do Paruá]?

(D. Maria): Diz que é mais em São Luiz.

(Pesquisadora): E a senhora pode contar rapidinho [das visagens do Piauí]?

(D. Maria): Das Sete Cidades? É que lá quando ficava de noite diz que tinha um clarão, a gente via de longe, lá de onde eu morava avistava o clarão. Diz que tudo era ouro encantado lá. Acho que os americanos tiraram porque acabou. Era um encanto muito grande clareava de noite, mas só que o pessoal chegava lá tinha um lugar lá, que eles pelejavam para chegar e não chegavam. Eles se perdiam, era encantado. Aí não dava pra eles chegarem lá. Porque

no Piauí tem muito encanto! Tem. Lá pra onde eu morava mesmo lá pra Pedro II tinha um lugar lá que de longe a gente via uma pedra e tinha duas pessoas. De longe a gente via e ninguém nunca achava essa pedra, nunca ninguém achou era um homem e uma mulher encantado. Tinha encanto de primeiro né. Eu sei que aparece essas coisas assim, lá pro Piauí tem muito, pra lá tem muita coisa assim, tem ouro.

(Neto Guilherme): *Sobre a serpente vó.*

(D. Maria): *Humhum. Enterrado que as pessoas tiram, dinheiro, dinheiro de ouro. Hoje em dia andar de ouro assim é difícil. Até quando eu me casei ainda comprei uns brincos de ouro, agora eu nunca mais comprei [risos] Ouro hoje em dia é difícil, quando a gente vê uma pessoa com muito ouro, a gente fica admirado né? O pior é que não pode nem usar com medo de ladrão né? Porque as vezes ainda faz é matar a gente, por causa do ouro. Aí o pessoal nem usa também e é caro. Nesse tempo era barato tinha muito ouro lá no Piauí, dinheiro de ouro, tinha tanta joia essas coisas assim. Porque o pessoal diz que os mortos ensinavam, não sei como, diz que os mortos ensinavam eles a tirar. Existia encanto lá no Piauí, muito!*

(Pesquisadora): *No Maranhão também?*

(D. Maria): *No Maranhão não tem não. No Maranhão é um lugar mais novo, não sei como era. Porque quando eu era pequena, eu ouvia falar nesse Maranhão é quase que nem aqui em Roraima. Roraima quando eu vim vê [ouvir] falar aqui, eu já tinha as minhas meninas, né. Aí começaram a falar daqui, aqui era uma capitalzinha, aqui era um território não era?*

(Pesquisadora): *Era território*

(D. Maria): *Era porque não era cidade, não era capital depois passou, né.*

(Neto Guilherme): *Era lavrado*

(D. Maria): *[risos] Lavrado ainda existe [risos] Pois é e lá no Piauí ainda era um lugar mais velho do que o Maranhão. Acho que lá no lugar tinha um ouro muito velho, acho que do tempo do, aqueles, do tempo da escravidão. O pessoal acho que enterrava ouro até com medo, né. Eles escravizavam o pessoal, acho que tinha deles que explorava tanto os outros. Lá tinha muita gente rica ó, lá tinha um velho, eu conheci esse velho, esse aí não era conversa de antigo não, era do tempo d'eu. Ele enterrou muito dinheiro ó! Aí diz que tinha um que pegava o dinheiro e jogava era dentro do poço. As moedas jogava dentro de um poço bem fundo. Diz que jogou muito dinheiro dentro desse poço, depois lacrou a boca. É esse aí que vai virar muita visagem que ninguém nem pode tirar, mas acho que o ouro sobe, né. Pra desencantar, não fica ouro encantado, ele encanta depois desencanta. Pois é esse velho lá eu sei que tinha muito ouro, muito dinheiro. Tinha uma pedra em frente a casa dele, ele não deixava ninguém mexer nessa pedra, uma pedrona branca, dava de uma pessoa sentar em cima. Aí diz que um dia um carro mexeu com ela, ele mandou botar ela em riba. Aí lá ele morou numa casona, depois foram pra outra, aí uns velhos, um pessoal, uma família, foram morar lá. Com poucos dias eles foram embora, aí quando saíram ficou o buraco no chão e a*

moeda. Porque arranca [o ouro] e tem que deixar uma moeda, arranca o dinheiro deixa uma moedinha, aí o pessoal achou a casa velha abandonada lá.

O contexto de realidade das histórias se exprime pela presença de alguém que conta, a partir do que viveu. Para Raiza é mentira a história da Grande Cachoeira, pois não tem ninguém para comprovar. Raiza duvida do que está escrito e acredita no que ocorreu com alguém que conta, no que a avó viveu. A experiência comprovada pelo *eu conheci*, pelo tempo vivido, *tempo d'eu* e não *conversa de antigo*, que não tem comprovação ocular. As histórias de encantados, visíveis aos olhos pelos indícios de luminosidade, barulho da água caindo, som de bicho pelo mato, possibilitam pistas, reverberações no mundo visível de atuações invisíveis. Estes são ricos estímulos para a imaginação atuar em profusão, completando os sinais sensoriais com imagens em enredos variados. Também é neste sentido de nutrição do exercício primordial da imaginação, enquanto função de produção de imagens internas, que as imagens míticas, arquetípicas e dos contos de fada em sua origem têm valor. Os conhecidos contos de fada, que passaram a ser registrados em impressos, são os contos da tradição popular ancestral europeia, que povoam o acervo do imaginário ocidental. Interessante salientar o papel do acervo mítico dos povos originários da América e a diversidade dos encantados de Norte a Sul do Brasil.

Quem já teve a oportunidade de contar histórias para crianças, sabe que é muito comum escutar o “conta outra vez”, característico do desejo da criança, pela repetição de histórias. O repetir a história é prática não só indicada por quem se interessa pela potencialidade dos contos, mas teorizada por algumas teorias, dentre elas a pedagogia Waldorf, que se preocupa com o desenvolvimento das emoções e seu cultivo por meio da experimentação e fomento dos processos de imaginar. O recontar a mesma história é permitir à criança se familiarizar com o contexto, torná-lo seu internamente, para experimentar o exercício imaginário de compor e recompor imagens mentais.¹¹³

Tal tendência pedagógica iniciada no século XX parece fazer ressoar a teoria desenvolvida por Bachelard¹¹⁴ acerca da imaginação poética e o papel desta para a compreensão do imaginar enquanto capacidade humana de criar e refletir. Na contramão de uma imaginação em movimento, a filosofia evolutiva, existencialista e a psicologia clássica, delimitam a poética à metáfora, “uma espécie de idealismo” que reifica a experiência imaginária e acarreta no entendimento da imagem como um objeto, ora coisa - mera

¹¹³ Para aprofundamento do tema sobre o exercício da imaginação no contar de histórias consultar HEYDEBRAND, Caroline von. 1983 e LANZ, Rudolf. 2016.

¹¹⁴ BACHELARD, Gaston. 1993.

visualidade, ora intelectualismo demasiado. A crítica do autor se estende à psicanálise quando chama atenção à necessidade de ficar atento ao enrijecimento das interpretações psicanalíticas, caracterizado por um intelectualismo da metáfora, que desmaterializa a experiência imaginativa e obscurece os elementos naturais tão caros à imaginação material, desenvolvida por Bachelard¹¹⁵.

No volumoso trabalho *Psicanálise dos contos de fadas*, Bettelheim¹¹⁶ percorre caminho passível desta crítica de Bachelard. O psicanalista transcorre propondo a relação existente entre emoção, imaginação e intelecto e vai sensibilizando o leitor para a potencialidade da vivência imaginária no desenvolvimento da criança, mas após nos abrir e indicar caminho profícuo e estimulante para a vivência da imaginação apresenta suas interpretações dos contos de fadas, leituras tão bem concebidas e estruturadas, que esvaziam o desejo de jogo com a imagem. Não há o que descobrir, o sentido já foi dado.

A esta forma de encarar a imaginação, enquanto dimensão imaterial, teórica e idealisticamente dada, o racionalismo prático de Bachelard¹¹⁷ denomina de imaginação formal, que como vem sendo demonstrado, caracteriza uma ineficácia de entendimento relativo à potencialidade da imaginação, para a constituição da reflexão humana. A este

contexto de uma explicação sobre a origem e os níveis do conhecimento [relação imagem/ideia, possibilidade de um pensamento sem imagem, etc.], Bachelard a investiga a partir de textos [imagens literais, literárias] ou obras de arte [imagens pintadas, gravadas, esculpidas]. Substitui o enfoque psicológico-gnosiológico, referente à gênese e à sucessão das etapas do conhecimento, pelo enfoque estético, segundo o qual a imagem é apreendida não como construção subjetiva sensório-intelectual, como representação mental, fantasmática, mas como acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, evento de linguagem.¹¹⁸

Como bem identifica Bachelard há que se dar atenção ao acontecimento da linguagem. Neste sentido as histórias contadas na oralidade são processos carregados de importância. Os encantados não são lenda apenas, mas integram em si elementos do mundo real e atuam no invisível. O registro escrito da lenda esvazia a vitalidade do encantado. A história da Grande Cachoeira é mentira para Raiza.

¹¹⁵ idem, 2002.

¹¹⁶ BETTELHEIM, Bruno. 2002.

¹¹⁷ BACHELARD, Gaston. 1994.

¹¹⁸ PESSANHA, José Américo Motta, in BACHELARD, Gaston. 1994, p. XIII.

A cultura popular, em sua relação com a oralidade, admite uma dimensão de segredo¹¹⁹ e mistério, que movimentam amplamente os afetos, estimulam os desejos, motivam o conhecer e envolvem sentidos variados. O encanto da brincadeira do boi não se vincula somente à apreciação da manifestação, festa e bebida. Há que adentrar no colorido das fitas e bordados, no ritmo cíclico ancestral dos passos, em meio ao som dos batuques, pandeirões e matracas. É necessário se envolver e não basta a vivência das festividades em honra a São João, há camadas de sensibilização e aprofundamento afetivo sensório-cognitivo, que alimentam a tradição dos brinquedos populares, mesmo na defasagem de estrutura material, quando se consegue enxergar para além da brincadeira, a própria realidade onde elas acontecem. De modo análogo, quanto mais se consegue vivenciar as histórias da oralidade como um acontecimento, mais a imaginação pode experimentar, ou seja, se ligar e transformar mnemonicamente, transmutar memórias em significações e retroalimentar o circuito criativo interno.

A crítica de Bachelard¹²⁰ ao que chama de imaginação formal está em seu caráter de visualidade excessiva, que ao negligenciar as demais qualidades sensíveis da experiência, acaba por nublar a própria visão. É neste caminho que o autor propõe o estudo da imaginação material e o mergulho na experiência com os quatro elementos materiais, água, fogo, terra e ar, em busca de um deleite estético que encaminha a compreensão conforme observou Pessanha na citação acima. Cabe à imaginação material o poder de recriar a contemplação experimentada pela imaginação formal, reabilitar a vida perdida no enfoque intelectualista redutivista, das incursões exclusivamente formais.

Bachelard¹²¹ anseia, pois, em promover o encontro fecundo entre razão e imaginação e o estabelece pelos conceitos de *fenomenotécnica* e *dinamologia*, ambos relativos ao movimento de recriação dos fenômenos simbólicos resultantes do jogo que se realiza entre forças humanas e naturais. Para além de uma observação passiva, tal jogo prevê e realiza uma transformação dos sujeitos, da realidade e dos fenômenos experimentados. Interessa ao autor não tanto as dimensões de constituição da imagem, mas sua mobilidade, a mobilidade que permite e incita a experiência de movimentação das coordenadas, para o alto e profundo, na dimensão vertical, integrada à ampliação perceptivo-espacial que a horizontalidade incita.¹²² São assim tão dinâmicas, variáveis, proveitosas e incertas as incursões pela imaginação, que é

¹¹⁹ Sobre as dimensões da cultura popular envolvendo a sociabilidade e o segredo consultar BRAGA, Sérgio Ivan. 2012.

¹²⁰ BACHELARD, Gaston. 1993; 2002.

¹²¹ BACHELARD, Gaston. 1994.

¹²² idem, 2001.

compreensível o risco não assumido pela ciência, de se permitir experimentar as peripécias sensíveis e cognitivas, que a imaginação propõe.

A este aviso de Bachelard para a necessidade de experimentar a materialidade dos elementos naturais e permitir devanear com eles, se soma a “materialidade” invisível dos encantados, conforme a família visualiza e crê em sua existência, ao agregar os traços de aparência, para compor sua imagem na realidade. Por meio desta visão a própria faculdade de imaginar ganha materialidade, pois ganha vida, integra e movimenta dimensões variadas entendidas no olhar dos que se comunicam com encantados e visagens, como variações de uma mesma realidade.

Neste sentido, imaginação não tem relação com um acúmulo de imagens, que caracteriza seu pseudo fomento na Educação Infantil; bem pelo contrário, é na ausência de imagens externas e no incentivo à percepção, alimento para afecções e vivências de sentidos internos variados, que se processa a imaginação enquanto capacidade produtora de imagens. Essa é uma função básica para o desenvolvimento mental afetivo saudável, pois remodelador constante das memórias, que também não são um depósito de imagens estáticas a serem perdidas pelo esquecimento, mas arcabouço de matéria prima imagética, para as composições mais variadas e complexas. É assim que lembranças que se achavam esquecidas “para sempre” são retomadas e reinventadas.

Abro um parêntesis para exemplificar esta ideia e resumir um relato ouvido de indígenas da etnia Tukano, em curso realizado no Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena – NEAI/UFAM em fevereiro de 2015. Meu interesse pelo curso e por outros diálogos informais realizados com indígenas Guarani no sul do Brasil tinham por objetivo sondar como os povos ancestrais lidam com suas memórias e a relação do rememorar com a manutenção da cultura indígena. Segue o relato:

Havia uma pedra em lugar específico na região do Médio, ou Alto Rio Negro, território de diversas etnias indígenas, dentre elas a dos interlocutores, Tukano e Desana. A pedra era espaço sagrado para os indígenas, onde rituais eram realizados para a manutenção do equilíbrio físico, social e ecológico, do grupo. Passados muitos anos sem precisar acessar o local, quando o ritual foi necessário de novo naquele lugar, onde estava a pedra, a localização foi esquecida. Quem partilhava o relato já havia dito em dias anteriores, que os Tukano têm ligação forte com os sonhos, então quando precisaram redescobrir o lugar da pedra pediram aos sonhos para terem a resposta. Alguém na comunidade sonhou com o lugar e o ritual pode ser retomado.

Interessante que no prefácio do livro de Bohn sobre criatividade,¹²³ um indígena norte americano, Cano, relata o acesso a um conhecimento também esquecido, via o exercício do sonhar. A aceitação dos sonhos como parte do diálogo com o conhecimento, prática comum entre os povos originários, integra o devaneio na conversa da sabedoria, dá corpo à imaginação material da Bachelard, atualiza a lembrança e fala da importância da reunião de saberes. Também na prática da cultura popular, a retomada dos rituais seja da brincadeira, seja da partilha de causos, faz ressurgir memórias de cantigas, movimentos, brinquedos e histórias, tidos antes como esquecidos. D. Maria salientou a importância de lembrar e diz ser a lembrança o que quer deixar para os netos. E S. Justino afirma que o exercício do lembrar fez lembrar de mais e mais toadas.

Lembrar para ter serventia. Retomar a sabedoria para reencontrar a alegria. Retornar às memórias, às histórias para gerar confiança. Dentre as questões envolvendo o “conta de novo” das crianças está o exercício da segurança de ouvir novamente o conhecido e reconhecer imagens que não haviam sido ouvidas. A confiança do retorno se estabelece pelo conforto da noção rítmica, do retorno ao conhecido. Reconhecer um caminho já percorrido gera segurança. Retornar ao mesmo tema para aprofundar. Retomar o conhecido, a história ouvida, para ampliar e aprofundar o contato com ela e consigo mesmo, pelo exercício criativo imagético. Não se retorna ao mesmo lugar da mesma maneira, o retornar neste sentido é sempre novo, indica outras possibilidades de percepção e movimentações mnemônicas.

Ainda, retornar é dar tempo ao tempo para processar, marinar as próprias lembranças, experimentar a redução do molho culinário, para torná-lo mais espesso, criar densidade e intensificar o sabor. Me perguntei nos intervalos em que a lida cotidiana de dona de casa se articulava à lida teórica e me permiti divagar durante a produção deste trabalho, em uma analogia da roupa de molho. Por que deixar a roupa de molho? Preguiça de lavar naquele momento seria um julgamento muito superficial, se bem que as vezes bem certo, mas se é possível aprofundar nas lições dos fazeres comuns, o deixar de molho é dar tempo ao tempo para atuar. E a atuação do tempo não é um deixar ir sem consequências, mas um diálogo sublime com a incerteza e a permissão para a incerteza atuar e contribuir para a transformação. A roupa de molho, só pela atuação do tempo pode ser impregnada da substância que vai contribuir com a limpeza, se for este o propósito mesmo do molho. Tempo de molho para a cor ser absorvida pela roupa, que se pretende tingir, para quem já experimentou o tingimento de tecidos.

¹²³ BOHM, David. 2011.

Na arte cerâmica, minha formação de graduação, o ceramista atua e deixa o tempo atuar. Tempo para que o barro seque em ritmo adequado. Tempos distintos de queima, a primeira biscoito, mais baixa e lenta, a segunda mais quente e rápida, que necessitam ser respeitados, para que a água intersticial, presente nas moléculas do barro, se desfaça lentamente e o ápice da queima possa ser experimentado, sem que a peça trinque, ou arrebente, com a intensidade do calor. Tempo para amadurecer o que se experimenta.

A licença para o devaneio inspirada no mestre dos devaneios Bachelard se realizou para contribuir com a iluminação da necessidade de um tempo de retorno. Repetições que nunca serão repetições diretas, mas retornos cíclicos, em espiral, mediações sgnicas constantemente em renovação. Lembrança da necessidade de agregar o vivido, o que não é linear, ao presente. Integrar o movimento do olhar, que se volta, contempla e processa a experiência, para transformar a própria experiência. Reabastecimento cíclico, interior, para seguir com as projeções de desejos, sonhos, outras experimentações, criações, realizações, etc.

Nas práticas da oralidade, o recontar a mesma história às vezes é acrescido de um “lá vem a mesma história”, mas como o interesse, o estímulo para contar - relembrar a experiência vivida, se dá em função do ensinamento que precisa ser evidenciado, o caso se torna sempre uma nova história, pois remodelada segundo as necessidades do presente da narração. A estes retornos cíclicos às lembranças, aos sonhos e as histórias acrescenta-se a permissão para um retorno temporal, o reencontro entre as pontas, os extremos etários da linha evolutiva, a efetivação do oroboros.

4.2 A efetivação do Oroboros

O retorno ao lar, ao conhecido, costuma ser movimento reconfortante, uma pausa, um respiro e o alimento para seguir com as demandas criativas da novidade. Não há necessidade de retorno ao mesmo lugar localidade, mas ao lugar memória, ao passado, experiência, para amplificar e permitir experimentar maneiras mais complexas de se movimentar. Retorno aos afetos, à dimensão de acolhimento, à intimidade consigo, para uma escuta, visão, encontro do outro.

A motivação para ação, criação, recriação, parte do interesse e entusiasmo, ou desinteresse e letargia em relação a algo. Como enfoca Ostrower, a *ampliação da imaginação* diz respeito a relacionamentos afetivos.

Reiteramos que a imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades maiores de certas matérias ou certas realidades. Provém de sua capacidade de se relacionar com elas. Pois, antes de mais nada,

as indagações constituem *formas de relacionamento afetivo*, formas de respeito pela essencialidade de um fenômeno. À afetividade vinculam-se sentimentos e interesses que ultrapassam qualquer tipo de superespecialização. Ao mesmo tempo que se aprofunda na razão de ser de um fenômeno, essa afetividade implica uma amplitude de visão que permite muitas coisas se elaborarem e se interligarem, implica uma visão globalizante dos processos de vida. *A visão global dependerá da sensibilidade de uma pessoa*; mas, reciprocamente, para se transformar em capacidade criativa real, *a sensibilidade sempre dependerá dessa visão global*.¹²⁴

A recursividade dos relacionamentos afetivos e racionais proposta por Ostrower quer chamar atenção, e o faz em seu trabalho, para a necessidade de reunir trabalho e criatividade, razão e emoção, arte e vida. O reencontro da boca da serpente e sua cauda quer dizer desta intenção de reunir e movimentar os conjuntos binários, que compõem nossa compreensão, articulando racionalidade e emoção, materialidade e imaginação, teoria e vida, bem como os momentos etários de que é composta a humanidade. É integrar funções e experiências sociais distintas. É reunir o velho e o novo, para fertilizar o presente da existência de todos nós. Reunir imaginário, afeto e razão, para seguir existindo, auto organizando a vida.

Das sete diretivas para um pensamento que une, descritas por Morin¹²⁵, a criação tem papel fundamental para a manutenção dos sistemas vivos. Por tenderem ao desequilíbrio reinventam movimentos, para conseguir manter a homeostase, os organismos retroativam ações que são a base do princípio *recursivo*, este “[...] ultrapassa a noção de regulação com as de autoprodução e auto-organização. É um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz.” Agregar e transformar, desagregar e transformar, parecem ser movimentos básicos da vida, do princípio *organizacional* que rege os sistemas e que incitam a *dialógica* entre *ordem, desordem, interação, reorganização*, conforme tetragrama proposto por Morin¹²⁶. O autor indica caminhos para experimentar o movimento da complexidade, quando aponta para a relação entre geratividade – auto-organização – reorganização,¹²⁷ inserindo ao que seria o desenvolvimento natural de tudo o que vive, um elemento constitutivo de nossa humanidade, a consciência de recriar, que se manifesta quando nos percebemos um em outro, quando nos deixamos tocar e manifestamos a profundidade que resulta do toque, do encontro, da escuta-acolhimento, de outros seres, do que nos cerca.

¹²⁴ OSTROWER, Fayga. 1987, p.39, *grifo da autora*.

¹²⁵ MORIN, Edgar. 2014.

¹²⁶ *idem*

¹²⁷ *ibidem*, 2005, p.299.

Permissão e integração, acolhimento, comunicação e síntese, ações para a *reforma do pensamento* em Morin,¹²⁸ para o *diálogo* de Bohm,¹²⁹ para *escuta participativa* de Bakhtin,¹³⁰ para a *imaginação material* de Bachelard,¹³¹ o eu encontra, recebe e se transforma. Ao ouvir, acolher, o ser movimentada as moedas cognitivas e origina energia nova e renovável. A escuta das histórias experiências de vida evidencia um sistema auto-gerador, que alimenta a recomposição das histórias de si mesmo. “A criatividade tem raízes muito antigas, visto que a origem da vida e cada mutação genética feliz são atos criativos no sentido morfológico do termo.”¹³²

À ideia de organização acompanha a de transformação, de desenvolvimento e aumento da complexidade que é proporcional ao potencial de geratividade. Segundo Morin,¹³³ a compreensão envolvendo as qualidades auto-organizadoras, cujo modelo percebemos e empregamos da natureza, proporcionalmente encaminha para o aumento da complexidade, que é dependente também do tempo e das diferenciações vivenciadas. “[...] A ciência se fundamenta na dialógica entre imaginação e verificação, empirismo e realismo”.¹³⁴ Neste sentido, a reorganização constante dos sistemas vivos, suas qualidades auto-organizadoras, evidenciam o caráter de auto poíesis que acompanha e encaminha a vida e poderia encaminhar a ciência.

Morin desenvolve a teoria dos autos para salientar que um auto fala do *si* e da *vida*, de uma existência que não se realiza só, mas que experimenta em *si* a existência orgânica e sistêmica, onde a subjetividade se realiza, acompanhando a reprodução e comunicação da vida. “*Computo ergo sum.*”¹³⁵ Sendo o computo “organização extremamente complexa,” propõe o encontro e a comunicação do que vive – se transforma, modifica, preserva, reproduz, compreende, existe – e do sujeito que se constitui na presença e experiência de interatuação com outro indivíduo, que “vive e morre neste universo onde só o reconhecem como sujeito alguns congêneres vizinhos e simpáticos. É, portanto, na comunicação amável que podemos encontrar o sentido de nossas vidas subjetivas.”¹³⁶

Parece que em uma dispersão infinita, como conseguimos caracterizar o universo físico na atualidade, por vezes *estruturas de acolhimento* fomentam a existência de

¹²⁸ idem.; 2014; 2015.

¹²⁹ BOHM, David. 2005.

¹³⁰ BAKHTIN, Mikhail. 2010.

¹³¹ BACHELARD, Gaston. 1993; 2002.

¹³² MORIN, Edgar. 2005 p. 304.

¹³³ idem

¹³⁴ ibidem, p.190.

¹³⁵ ibidem, p. 322.

¹³⁶ ibidem, p.328.

composições especiais, pois conscientes de si e de outros. Consciência caminhando de mãos dadas com afetos representam uma ideia geradora de sentidos reais, na medida em que o organismo que pensa também sente e cria imagens (dos outros, de si, das coisas) e pensamentos a partir de um conjunto integrado, inclusivo. A ideia de inclusão dos afetos à razão acompanha e pode ser abstraída pela integração dos sim e dos não na teoria científica, da relação objeto-fenômeno e de sua negação, do estudo dos processos movimentando as certezas dos referenciais e se abrindo para incluir as incertezas,¹³⁷ o que não se encaixa e impõe outros desafios, que faz pensar, sentir, acolher e recriar, o que se apresenta dado, e se faz processo.

As experimentações com as incertezas da imaginação fortalecem as certezas. Imaginar como princípio de um diálogo de imagens-concepções diferentes, postas em movimento para serem experimentadas, metamorfoseadas, pois o que se metamorfoseia transmuta sua forma, não é mera recriação, mas outra síntese. Composição de meta formas, a brotar de formas. Processo complexo, belo, poético, pelo que de emoção movimenta e pelo que de produção criativa entendida enquanto elaboração de memórias e ideias, nos propõe.

Criar é elaborar e é este labor criativo que acompanha a integralidade do desenvolvimento humano. A realização do potencial criativo encaminha à recriação da realidade, à motivação e responsabilidade em seguir criando. A impossibilidade de sua realização, por sua vez, opera na contramão da vida. Em passagem do seu livro *Criatividade e processos de criação*, Ostrower (1987) é veemente no alerta para a tendência em adoecer quando deixamos de criar.

Crescer, realizar potencialidades, definir-nos em nós, conhecer-nos melhor, identificar-nos coerentemente, são anseios tão absolutos, tão claros e evidentes em si, que dispensam qualquer explicitação. E ninguém se admira das consequências trágicas da não-realização do homem dentro do que lhe seria possível: o vazio da vida, a apatia, a falta de respeito pelos outros (já que tampouco foi respeitado seu próprio potencial) e, quando não pior, um revide violento e brutal contra si mesmo ou contra os outros.¹³⁸

De maneira sintética, o trabalho de Ostrower salienta o papel da criação para a integração humana, individual, coletiva e natural, cultural e cósmica, percurso de existência, manutenção da vida e ampliação de consciência. Só nos resta e (só) nos cabe (re)criar. O desafio é infinito, como infinitas são as possibilidades. Brincar em dar formas às infinitas possibilidades, como uma deliciosa brincadeira da criança, do adulto, do velho, do ser humano. Da fantasia, da arte, da ciência, da consciência. Para a arte, que faz da fantasia seu

¹³⁷ MORIN, Edgar. 2005; 2014; 2015; BACHELARD, Gaston. 1993; 1994; 2001; 2002.

¹³⁸ OSTROWER, Fayga. 1987, p. 131.

lastro, a imaginação é amiga íntima da criação e da emoção, cuja relação de tão próxima chega por vezes a se imiscuir. E faz tempo que a imaginação é aceita e vivenciada como atividade mental de cada artista e ser humano. O potencial criativo que envolve imaginar, fantasiar e realizar, é o que caracteriza nossa humanidade.

“Reiteramos que a criatividade é a essencialidade do humano no homem. Ao exercer o seu potencial criador, trabalhando, criando em todos os âmbitos do seu fazer, o homem configura a sua vida e lhe dá um sentido. Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário.”¹³⁹ Criar, pensar, realizar, viver, nossa existência humana tanto mais ativa quanto mais criativa tem sua redenção na poiésis, na capacidade de movimentar e transformar seres, afetos e coisas. Formar e metamorfosear imagens de si mesmo e da realidade em integração, homem (criança, adulto, velho) e vida.

Na maior parte de nossa história humana e em comunidades tradicionais até hoje, a formação da criança esteve a cargo de uma rede social variada e complexa, cujo foco de aprendizagens pairava sobre os fazeres e saberes dos mais velhos.¹⁴⁰ Em uma experiência vivida e repassada criativamente, acompanhando a vivência corporal, orgânica, com a materialidade em meio às histórias de seu uso e fazer. Com a obrigatoriedade do ensino infantil, necessário se faz compreender a contribuição que o convívio intergeracional representa para o desenvolvimento da criança, como contraponto à fragmentação dos convívios humanos, que vêm se concretizando na Educação Infantil, desde sua regulamentação em 1996. Com a separação da criança de um convívio multietário, multisimbólico, para uma aquisição standartizada em segmentos etários.

Refletir sobre os processos de coeducação, realizados no âmbito da família, nas relações sociais, de vizinhança, comunitária, religiosa, pode contribuir para explicitar os significados das interações e mediações socioculturais, para a formação cultural, a humanização e os sentidos de pertencimento da criança. As narrativas que acompanham o encontro entre crianças e velhos se constituem de histórias ricas de emoções, de saberes e concretude, pois partem da experiência de quem as viveu. Também se constituem de experimentações imaginárias de tempos e espaços, lugares afetivos, geográficos e simbólicos, compartilhados pela vivência e escuta da narrativa. Tais relações e dimensões ficam subsumidas no espaço da educação formal, pelo adestramento em formas, cores, letras e números, que têm caracterizado o principal conteúdo da Educação Infantil, nas escolas pesquisadas.

¹³⁹ OSTROWER, Fayga. 1987, p.166.

¹⁴⁰ ARIÈS, Philippe. 1981; PACHECO, Lilian. 2006.

Velho e criança na sociedade atual, têm em comum uma existência inaudita em relação às possíveis contribuições para o conjunto da coletividade humana moderna contemporânea. São indivíduos à margem do mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que são cooptados como consumidores de uma sociedade centrada no apelo econômico, onde a produtividade dos jovens e adultos sobrepõe-se a qualquer contribuição que provenha de indivíduos em faixa etária distintamente (in)produtiva. Em contraponto, crianças e velhos são supervalorizados em suas necessidades e cuidados, acarretando a superespecialização de tratamentos, educação¹⁴¹ e a produção de um nicho de mercado exclusivo para eles.

A lógica econômica que relega, para as crianças e para os velhos, o papel de deficitários e necessitados, parece ser a mesma que contribui para ampliar as distâncias e diferenças entre faixas etárias, para que se proliferem as desigualdades e com ela as dificuldades de trocas e aumento das necessidades para a sobrevivência. A crítica em relação à segmentarização da Educação Infantil e dos grupos da chamada “terceira”, ou “melhor idade”, está relacionada com a perversidade da política pão e circo. O estado cumpre seu papel de realizador das políticas previstas nos Estatutos do Idoso, da Criança e do Adolescente, promovendo atividades que satisfaçam o previsto em lei, e as crianças seguem a esteira de um ensino de reprodução para manutenção de tal sistema. Os velhos, inebriados pela alegria de algumas atividades físicas, artesanais e lúdicas, se sentem em movimento enquanto cumprem seu papel de consumidores da indústria farmacêutica e biomédica e seguem sendo distraídos. Na contramão de tal realidade, se movimenta a academia e o terceiro setor, contribuindo com reflexões e ações acerca do que é necessário para a formação destes sujeitos, que os vincule em singularidade e importância, à coletividade humana.

D. Maria e S. Justino dizem gostar de ir ao Cabelo de Prata, grupo da terceira idade, pelos exercícios que realizam, o lanche que ganham ao final das atividades e a bolsa que recebem mensalmente, se forem assíduos. Mas é interessante que D. Maria não se referiu às idas ao Cabelo de Prata com o mesmo deleite de estar com a família, com as plantas e no interior.

A desterritorialidade social do lugar dos avós – os mais velhos, na educação da criança, inviabiliza aos velhos a possibilidade de propagar e (re)significar sua própria experiência, sua existência, abarrotando-os de atividades para ocupar o tempo “ocioso”, (in)produtivo economicamente, mas altamente produtivo para as (re)significações internas e sociais, na medida em que, só a experiência da prática e dos anos permite a validação dos

¹⁴¹ Tais ideias sintetizam as críticas dos seguintes teóricos, BEAUVOIR, Simone. 1990; BOSI, Ecléa. 1994; OLIVEIRA, Paulo de Salles. 1999; ARIÈS, Philippe. 1981.

saberes, que a tradição oral perpetua pela e na partilha, com os mais novos. Na esteira das distrações e soterramento do tempo de vivência e trocas simbólicas, seguem as crianças também abarrotadas de atividades extra curriculares, ou educação escolar fragmentária em tempo integral. É intenção das práticas culturais, embasadas na oralidade, o tempo do encontro para reformular um passado e perpetuá-lo pela novidade de cada novo caso, nova história, que pode ser a mesma, mas que ganha nova roupagem de acordo com o coletivo que escuta. Também é semente de renovo, pois quem escuta uma história reformula e transforma com suas experiências e anseios, uma nova história.

Existiria então um papel ativo interno criativo da vida e de nós viventes. Simone de Beauvoir em seu estudo sobre a velhice¹⁴² lembra da importância do papel da criatividade ativa na velhice, enquanto possibilidade de contraponto ao silenciamento do velho na sociedade à época em que seu trabalho foi escrito. Mais contemporaneamente há isolamento etário dos grupos de terceira idade que entre eles realizam atividades lúdico-criativas distanciadas de uma proposta de imaginação criativa, possibilidade de resignificação e transformação da própria história de vida. Torna-se necessário reintegrar o velho em seu papel social de arcabouço de experiências e saberes e colocá-lo em interação com os mais novos, que repito, também passam o tempo imbricados em uma enxurrada de imagens tecnológicas e outras tantas infantilizadas, que não lhe dão espaço para exercícios imaginativos próprios.

Dos discursos exclusivistas que interpretam a fala da criança e do velho como um universo em si mesmo, que fala de si para si é importante promover uma proposta de diálogo, de uma escuta que fala de um encontro com o outro. Exercício de alteridade que viabilize um espelho, que presentifique o inacabamento do um só, os inacabamentos e incertezas da vida, dos conhecimentos desprovidos de vida. Para enriquecer a experiência humana, há que se propor desafios, incitando a auto-organização, auto-descoberta e auto-consciência. Fomentar o desejo compartilhado pelos membros da família, de estar junto para dialogar, criar, recriar processos, transformar afetos, memórias, pessoas, realidades. Reunir velhos e novos para recriar histórias é experiência coletiva, que fomenta o aprimoramento dos simbolismos, enquanto perpetua a própria vida no coração do imaginar.

4.3 O coração do imaginar

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.

¹⁴² BEAUVOIR, Simone. 1990.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.¹⁴³

Quando a gente não lembra, imita [...]
Se eu não lembrasse vocês não saberiam.
(Manoela Gonçalves Dias, 4 anos)

Conexão de tempos, de experiências, de mente e coração. A doce lembrança de movimentar a sabedoria dos passados vividos. O velho encontra o jovem e o jovem lembra o mais velho da importância de lembrar. Tocada eu fui pelo afeto da família, todo deleite, gratidão, inspiração. Me permiti tocar as palavras pelo devaneio e a tarefa de me fazer entender foi farol a indicar o caminho. Se cheguei ao porto, os outros, parceiros no diálogo, comprovarão, ou esclarecerão minha ilusão; cabe a mim o prazer de movimentar a motivação e o brilho no olhar, ao mirar trajetórias do imaginar. Trajetórias humanas, presente de encontros e transformações.

Alquimia sónica, a transformação se realiza pelo fogo que movimenta sentimentos. O fogo para Bachelard se confunde com a vida. Para ao autor o fogo foi descoberto e produzido pelo amor, "uma criação do desejo e não uma criação da necessidade."¹⁴⁴

Amor sentimento estruturador. Foi o afeto que fez D. Maria se deslocar mais de dois mil quilômetros entre idas e vindas do Piauí à Boa Vista. A sair do lugar conhecido, partilhado com seus pais para ir viver com os avós, que amava muito. Depois retornar ao convívio com os pais, quando estes se mudaram para o Maranhão. E a encaminhar a mudança de um coletivo de sete pessoas mais pertences, *ainda trouxe um papagaio*, por terras e águas desconhecidas entre Santa Teresa do Paruá e Boa Vista. É o amor pelas filhas e os sentimentos e cuidados que recebe delas e dos netos, que faz S. Justino permanecer em Boa

¹⁴³ CORALINA, Cora. Aninha e suas pedras. In: Coleção Melhores Poemas. São Paulo: Global Editora, 2004.

¹⁴⁴ Palestra José Américo Motta Pessanha realizada no período de 23 de março a 24 de abril de 1993, no Teatro Célia Helena, em São Paulo, com o título Imaginação Criadora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PKKMkWnSrXs>. Acesso: 30/03/16.

Vista. Toda a falta que diz sentir das comidas, natureza, recursos naturais, da vida boa do Maranhão, é compensada por estar entre o afeto da família.

O avô se orgulha de poder ajudar as filhas, netos e ter conseguido construir sua casa atual, em esforço conjunto com a esposa. Jogar baralho e dominó são seus afazeres de todos os dias. E apesar “*de o peito já não deixar*” por conta das cirurgias no coração que teve que realizar, ele canta as toadas que vai lembrando e que inventa, ao rememorar dos tempos em que participava assiduamente dos festejos do boi, nos quais era tocador de pandeiro e matraca. Seu discurso transcorre pelo passado e presente, enquanto suas mãos habilidosas constroem baladeira (estilingue), para espantar os gatos que vêm querer caçar as galinhas de seu terreiro, e demonstram ainda muito vigor ao ensinar a quem pedir, como se faz rede de pesca e cestarias de cujas técnicas é mestre conhecedor. Imagens de linhas e redes foram recorrentes na pesquisa empírica, como a imagem da rede de tramas de fibras vegetais que S. Justino realiza, os cofos e abanos para a festa do Arraial dos Maranhenses.



Figura 37: Cofos compoendo a decoração da Barraca da Memória, no Arraial dos Maranhenses 2015.
Fonte: Acervo pesquisa

As linhas de nylon com que começou a tecer a rede de pesca, que um visitante lhe pediu para ensinar. As linhas de bordados e crochet com que D. Maria realiza as varandas, em sua varanda de casa, onde tece carinho, lembranças, cuidados, as *pisas* e acolhimento. Tais imagens de afetos e objetos tramados em novos sentimentos, objetos demonstrando fazeres que seguem uma circularidade de repetições de técnicas e passagem de conhecimento, parecem representar os trançados das migrações por lugares e afetos diversos, experiências

atualizadoras do passado da família, em meio às demandas de atualização que a geração mais nova, dos netos, propõe e que vão recompondo imagens e estruturando novas memórias. A trama de linhas mnemônicas e afetos, que consigo visualizar a partir das tramas materiais de linhas e fibras, com que lida a família, dão vitalidade à imaginação produtora de Bachelard e à imaginação criativa de Vygotsky, pois em todos os casos está em jogo um exercício de movimentar imagens em busca da construção de novas significações. O experimentar de novos sentidos em processo, tanto melhor poderá ser vivenciado, quanto mais trajetórias afetuosas, que geram acolhimento e ligação, forem vividas em um tempo circular, de retorno e recriação.

Aos processos de aprendizagem da criança envolvendo apropriações e refinamentos da memória, da fala e produção simbólica, soma-se o jogo de memória dos velhos, que articula lembrança, história e coletividade, em um tempo de múltiplos presentes. No presente da narrativa, onde vivem congregados tempos distintos, se misturam tradição e inovação, a alimentar e incitar à abertura para a complexidade da experiência humana. Para o historiador Koselleck¹⁴⁵ (2006), o tempo histórico é constituído pelas concepções sociais sobre sua temporalidade, mais precisamente diz respeito às possibilidades e projetos de um futuro embasado no passado. Para este autor, o tempo histórico é tratado a partir do conceito de *experiência* e *expectativa* e identificamos tais conceitos com os sujeitos que elencamos nesta pesquisa. Grosso modo, a experiência se vincularia aos velhos e a expectativa às crianças e o intercâmbio entre estes contrapontos se daria pelo exercício da memória sendo esta entendida pelo autor enquanto *vestígio* e *fonte*. Vestígio do passado vivido de S. Justino e fonte para as recomposições mnemônicas vivenciadas pelas crianças.

Tempo no que se refere a temporalidades distintas, tempo da vida, tempo do velho - passado e da criança - o futuro; estes dois convergindo em um presente contemplado pelo resgate de relações sociais, pela afetividade do encontro e um exercício de memórias diversas, em um mesmo tempo. Da definição genérica de tempo presente no dicionário - “percepção de eventos”, elencamos possibilidades variadas para perceber tal categoria e realizar leituras. Ora em função das relações humanas, ora na conjugação destas com a natureza objetiva, que encaminha o exercício simbólico.

Relacionamos o tempo cronológico - do velho e da criança, passado, presente e futuro. Tempo social - de formação da criança, tempo de reformulação das memórias dos velhos. Tempos vividos em épocas distintas, mas complementares no presente do encontro de

¹⁴⁵ KOSELLECK, Reinhart. 2006.

gerações. O velho contribui para a formação da criança e na convivência com os pequenos se processa o estímulo essencial para a resignificação das memórias dos mais velhos, na medida em que, ao contar as histórias vividas e/ou imaginadas, o narrador relembra e recria novos sentidos, atualizados pela escuta do presente.¹⁴⁶ A vivência de tempos vários, imiscuída em geografia e natureza específica e ao mesmo tempo afetiva, permite a quem escuta experimentar aprendizagem de sentidos ímpares, a transmutação da experiência natural em simbolismo.

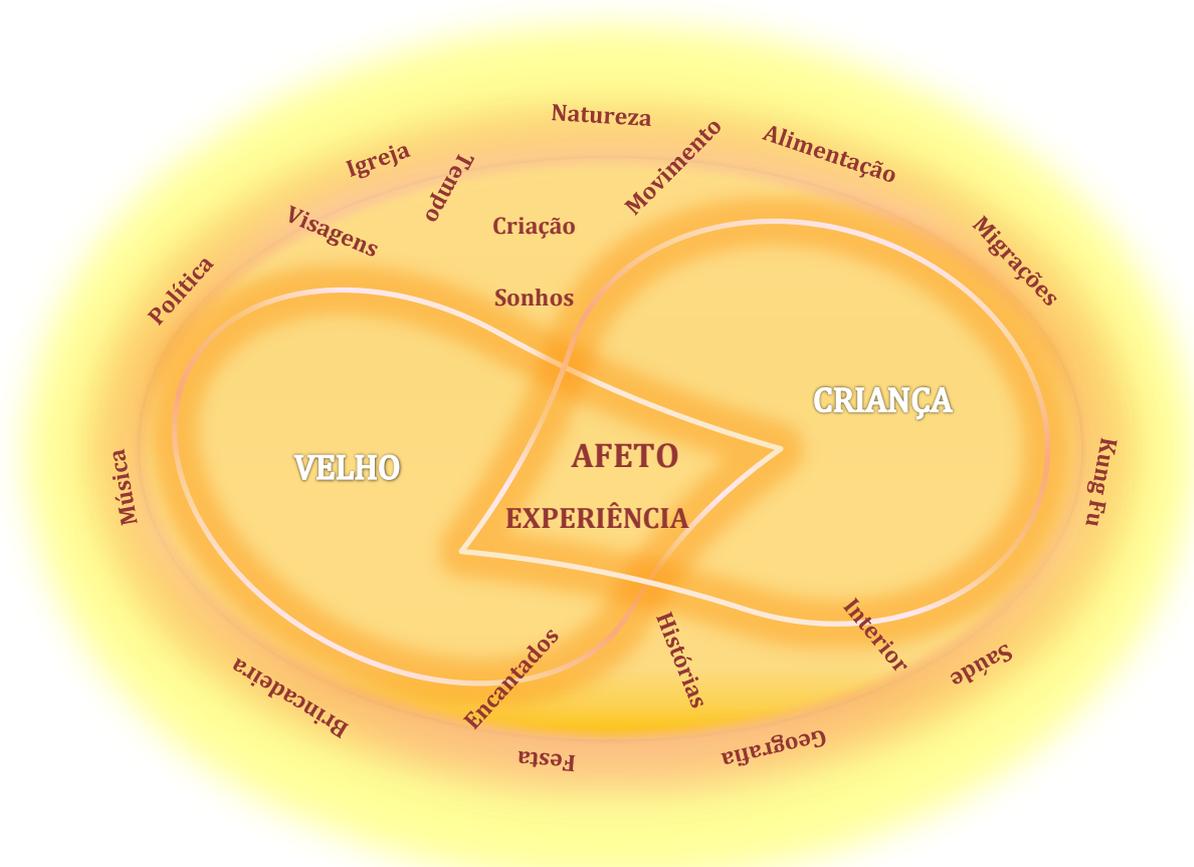


Gráfico 15: Desenho trajetórias do imaginário.

Fonte: Acervo pesquisa

À escuta das vozes dos mais velhos em convívio com as das crianças, se somam as vozes imaginárias, de narrativas e experiência com os encantados, em um diálogo de tempos, visualidades e dimensões abrangentes. Em contraponto a linearidade de *chronos*, tempo cronológico e da linearidade social, o trabalho seguiu em busca de um *kairós*, referência em grego a um tempo em qualidade. No caso deste trabalho, tempo do registro de uma experiência em meio a afetos, de um oroboros intergeracional, que inclui ritmos de vida

¹⁴⁶ BOSI, Eclea. 1994; OLIVEIRA, Paulo Salles. 1999.

distintos e o pulsar do coração. O amor às experiências, que as interações com lugares internos e externos disponibilizam. Um tempo circular movido pela batida do coração, em trajetórias de imaginar.

O ARREIMATE

Assim como o branco é a reunião de todas as cores. A luz é a reunião de todas as imagens. Somos imagem e semelhança da fonte da criação. Nos entendemos pelas imagens. Julgamos imagens. Percebemos compreendemos criamos teorias que são imagens. Nossa moeda de troca são as imagens.¹⁴⁷

A trama proposta neste relato de tese, composta de imagens circulares, movimento de aprofundamento e horizontalidade de um discurso que se quis encontro, diálogo, chega a seu final e salienta pontos importantes para o arremate das ideias-imagens. O trabalho resultou em apontamentos que compartilho nesta seção e que encaminham à conclusão em seus últimos parágrafos.

Imaginação é inata, ação cognitiva contínua, capacidade básica humana de movimentar imagens, fruto das inserções e interatuações sensíveis no mundo. O que qualifica a imaginação é a qualidade dos sentimentos. Iniciei o trabalho sem consciência de minhas intenções quantitativas em relação ao que buscava comprovar. O que fazer para movimentar e desenvolver mais a imaginação das crianças era um dos focos de atenção iniciais. Acreditava em meu foco de atenção inicial, que a resposta estaria na melhoria das quantidades de estímulos, quantidade de imagens, experiências, sensações, que precisariam ser ofertadas às crianças. Quanto mais melhor, mais o arcabouço de imagens se qualificaria e ofertaria, mais material mnemônico para as composições imaginárias. O trabalho me encaminhou a recompor a resposta levando em conta a importância crucial dos afetos visualizados em uma significação ampla, articulando afecções sensíveis, sentidos e sentimentos. Um jogo de mediações semióticas, onde a qualidade das experiências e afetos qualifica a faculdade de imaginar.

Imaginação é apropriação de sentidos e mediação de experiências, em meio a contextos de emoções. Os sentimentos tendem a fixar memórias, se aterram aos lugares, às situações em que surgiram. A imaginação processa experiências, movimenta a rigidez de algumas lembranças, que almejam à permanência. Tradições não são fixas, a cultura é dinâmica, como afirmam os antropólogos. E a capacidade de transformar o conhecido e reinventar as reinterpretações e o mundo está embasada no movimentar das imagens.

¹⁴⁷ Exercício poético, síntese das compreensões experimentadas ao longo deste relato de tese.

Atuando com o invisível, o desconhecido, imprevisível, o estudo da imaginação indica a atenção para as bases, fundamentação do processo de imaginar iniciado na infância. Ofertar uma base segura, quer dizer, de segurança emocional, afetiva, qualifica o ser a se movimentar com segurança pelo visível, pelas imagens guardadas na memória e as em constante transformação, pelo visível e pelo invisível. Entra em questão assim a qualidade dos afetos, uma educação das emoções que encaminhe ao desvelo da afetividade.

Experiência é vínculo, tem relação com o afeto, reúne sujeitos e situações em movimentos de interesses, ações e significações. O corpo sente, movimenta e a cada novo sentir movimentar, reinventa e especializa, torna cada vez mais mediada, abstrata, a vivência do sentir e movimentar. As memórias e demais funções psicológicas se especializam, acompanhando as vivências e experiências corporais. O refinamento da capacidade de dar resposta, recompor e reutilizar os novos saberes é proporcional ao aprimoramento sensível das experiências. D. Maria não estudou além da alfabetização, não recebeu uma educação teórica sistematizada, que a instrumentalizasse para o exercício abstrato e, no entanto, consegue tecer compreensões da realidade, inclusive críticas políticas, bem fundamentadas. Quanto mais se aprende a narrar, a construir narrativas, mais se cria significações e estas serão tanto mais amplas, quanto mais diversas experiências são vivenciadas. Tal apontamento levanta a questão: existe espaço para que as crianças (re)criem histórias? O que são as histórias para as crianças?

A pesquisa demonstrou que existe a tendência nas crianças de crer na imagem como um dado concreto, mesmo as histórias das visagens foram definidas por Guilherme como *histórias* reais, foram contadas por alguém, ganham tom de realidade, são passíveis de serem representadas, desenhadas. Ainda persevera nas crianças um filtro do tempo presente, não há distanciamento do objeto representado. A imagem adquire existência real e é passível de ser conhecida, visitada, como as casas de telhado de palha, do tempo dos avós no Maranhão. Para as crianças, que as representaram nos desenhos, é dado concreto, mas os avós se perguntam se ainda seria assim. Para os mais velhos as narrativas do passado vivido contam de um tempo diafanizado em um referencial vivenciado e experimentado em novos sentidos, temperados pelo movimento de lembrar. As histórias são sagradas para as crianças. Basta alguém começar a contar algo e a atenção se volta para a narração dos acontecimentos. Especialmente os pequenos, antes dos sete anos, o encantamento deles é integral. Os que já sabem falar começam a interagir junto com a história, perguntam, trazem outras imagens. E crianças maiores, vão propondo um roteiro cada vez mais complexo, com imagens mais distintas e variadas nomeações.

O desenvolvimento humano se dá por meio das narrativas, se realiza em meio às histórias. Se a imaginação movimenta afetos e memórias, as histórias são o veículo. E dentro de histórias estão todas as histórias que ganham vida. Histórias do passado vivido, os contos de encantados, em reverberação às histórias dos contos de fadas, histórias dos sonhos de futuro e da noite anterior, histórias de vida. É por meio da história viva, concretamente vivenciada, história material, em diálogo com o conceito de imaginação material de Bachelard, que se constitui o entendimento, o conhecimento. E as crianças clarificam a qualidade humana de narrar, através de seu encantamento e aprendizagem com as histórias, narrativas envolvendo dados reais e imaginários. O desenvolvimento intelectual e integral do ser humano é dependente dos racontos; o corpo da criança se movimenta para representar o bicho que escutou na história, o olho se arregala na história do lobisomem, a curiosidade para fazer a arapuca como o avô faz e as mais diversas expressões podem acompanhar as gestas, histórias memoráveis, por natureza. Histórias humanas se relacionando com todo o mundo material e simbólico, que compõem o ambiente de mediações e semioses, no qual a percepção humana se relaciona.

A imaginação se desenvolve na vivência de afecções e tal vivência, quanto mais emocionalmente acolhedora e diversa (intergeracional), mais estimulará e dará subsídios para a imaginação realizar o que é de seu exercício, processar imagens. A importância dos avós é fundamental, pois têm eles a experiência das imagens e o tempo da ociosidade criativa para tramar suas próprias experiências, e o fazem com maestria. O afeto que envolve a identidade familiar é a bainha de mielina responsável pela condução das informações entre neurônios familiares. As emoções conduzem as imagens e a energia para as ligações sinápticas, que permitirão as produções de sentido e significações, de cada ser e de todos nós humanos.

Pelo afeto são movimentados os três tipos de passado que S. Justino deixou entrever em seus depoimentos. *Passado experiência vivida*, o visível comprovado na experiência e lembrança; *passado história inventada*, que sem ter comprovação experiencial própria vive da movimentação de imagens externas; *passado história passada*, que combina imagens do visível passado, experiencialmente, com o invisível das visagens, por exemplo, como aquelas que foram atrás de S. Justino, no caminho de volta à casa dos pais. O que foi vivido e pode ser lembrado define a realidade. Para algo existir é necessária a passagem no corpo, que sentiu, viveu, processou e conta o que sucedeu. É entre o passado das experiências vividas e o presente de renovação das afecções, que sonham os mais jovens.

Os pais de D. Maria migraram para melhorar sua condição de vida, S. Justino também em suas incursões do litoral para o interior maranhense, assim como a filha deles Lurdes, mas

D. Maria migrou quando quis, seguindo o pulsar de seu coração. Quando *arroxeou* a vontade de acompanhar os netos crescendo, organizou a migração de sua família. De coração a coração, do amor que recebeu dos pais e avós, D. Maria compartilha com S. Justino, com as filhas, os genros e netos. A topofilia, o amor à terra natal, dos avós, e lembranças que a originaram, se estende às outras terras por onde D. Maria passou e sublima o interior de suas memórias no presente, no coração do imaginário familiar.

E o que a educação escolar permite, ou incita à criança criar?

O imaginar se efetiva pelas migrações de afetos, memórias e sentidos, pela mediação de imagens internas, em convívio com semioses infinitas. Imaginar é experienciar a criação, ouvir histórias para recriá-las, ser tocado por uma afecção, expressar um afeto. É migrar do conhecido ao desconhecido. Navegar por oceanos de sentimentos mais variados e quem sabe apaziguá-los pelo prazer em conseguir dar uma forma a eles, alcançar um entendimento. Imaginar é criar!

No campo da educação, das pesquisas pedagógicas especialmente as voltadas para o campo da Educação Infantil, é comum ter o tema da imaginação como referência. Inclusive durante o percurso da tese fui inquerida por uma reconhecida especialista em educação, sobre a importância de ainda estudar a imaginação de criança. Esta pergunta se tornou uma pergunta chave, que tem me acompanhado ao longo do processo de doutorado. Diversas são as pesquisas acerca da imaginação na Educação Infantil e de maneira bastante ampla podem ser agrupadas em duas vertentes epistemológicas principais, as embasadas nos pressupostos histórico-culturais e aquelas relacionadas à teoria construtivista. Ambas correntes de pensamento se tornaram a base das investigações teóricas com crianças, especialmente da educação pública e relacionam trabalhos sobre a importância da fantasia, estudos da literatura infantil e estudos acerca da relação entre imaginação e brincadeira. Não obstante o grande número de investigações científicas sobre o tema imaginação de criança, a prática pedagógica na Educação Infantil demonstra como ainda a potencialidade do imaginar é desconhecida, desconsiderada, banalizada, ou ainda carece de outros olhares. Por isso a preocupação com este assunto, que se tornou o objeto desta tese.

Se sobre imaginação na escola já foi muito dito e pouco é vivido, me questiono o porquê desta contradição e pude redescobrir ao longo da pesquisa de campo e de todo o trabalho de doutorado, que existe uma relação intrínseca entre a imaginação e as dimensões do afeto e das emoções, que está distante dos processos vividos na escola. Reforço este déficit vinculado às escolas públicas, onde a rotatividade de crianças e o número delas por sala de aula é grande e onde os professores não têm liberdade para trabalhar os temas e tampouco são

estimulados e instrumentalizados para desenvolver a dimensão da emoção e da afetividade. Como dito no corpo do trabalho, das correntes pedagógicas existentes hoje em dia, uma corrente alternativa, que abrange a pedagogia Waldorf desenvolve teorias sobre a educação das emoções, distante ainda do âmbito da Educação Infantil pública, qualificando uma falta de interesse do estado em uma educação comprometida com o desenvolvimento humano, qualificadamente descrito como criativo e afetivo. Que bela utopia a regulamentação de uma educação da afetividade!

Desde o início da criação das creches existe uma ampla discussão sobre a relação entre cuidar e educar¹⁴⁸ que se propagou na Educação Infantil, cuja tendência contemporânea prioriza a educação de conteúdos em detrimento a uma educação integral, que envolve educação das expressões e criações, do corpo, mente, espírito. Se não há nem cuidado, nem educação para e com aquilo que a criança expressa, seus afetos e emoções, não há cuidado com a imaginação desta criança, porque as emoções manifestam imagens, conforme demonstrou este trabalho. É pelo afeto que as crianças se conectam e processam as imagens. Se não há uma preocupação com o afeto há um voo aligeirado e superficial, em diversas imagens do universo da criança, desde as standartizadas nos modelos comerciais e escolares, até aquelas pertencentes às dimensões culturais, que cada criança traz para escola, que ficam subsumidas em favor das imagens que a cultura escolar apresenta à criança. O lugar onde essa imaginação nasce, se desenvolve e pode receber a devida atenção, permanece dormente no universo da escola pública.

Foi esta a justificativa para iniciar este trabalho e o retorno a ela neste arremate ratifica a proposta retroativa de dialogar com o lugar onde repousam as reflexões da imaginação na escola e que carecem de outras movimentações, outros tempos e trajetórias, pois a imaginação contém em seu próprio nome a ação, e como se demonstrou aqui, uma ação inclusiva e afetiva de movimentar imagens, que abre outra questão: qual o lugar do afeto na escola? Questão esta que indica novos processos e pesquisa a serem sensibilizados, vivenciados, experimentados e investigados a partir daqui.

Para concluir apresento a síntese de entendimentos que entrelaça os conceitos desenvolvidos na pesquisa e que são desatacados em *itálico* na escrita a seguir.

A experiência dos avós é reconhecida e reconstruída pelos netos. Através das lentes dos *sentimentos* e das *enunciações* da linguagem são ativadas as *mediações simbólicas*, que movimentam o *circuito criativo da imaginação*. E tal casamento de conceitos teóricos

¹⁴⁸ Para mais aprofundamento do tema ver KULHMAN, Moysés, 1998; ARIÉS, Philippe, 1981; KRAMER, Sônia. 1982.

diversos se tornou possível pelo encontro com o *lugar* habitado pelo coração. Pelo conceito de *topofilia*, a materialidade espacial se reveste em importância, pelos *afetos* partilhados ali. Os espaços deixam de ter concretude são subsumidos pelas significações das *experiências* que tomam o *lugar* do próprio lugar. Posso viver sempre no mesmo lugar, ou nômade, meu único espaço são minhas próprias *experiências*. A valorização da *experiência* se clarifica nas movimentações imaginárias. As migrações da família por espaços diversos apresentaram uma profusão de imagens, um valioso material simbólico carregado de sentimentos, que se tornaram a matéria para a *imaginação material* compor os significados que esta pesquisa pode alcançar.

Uma crença habita em mim, que seja possível a transcendência de uma pedagogia reprodutivista, para uma pedagogia humana, na medida em que se efetive uma pedagogia criativa, que recrie a si mesma ao capacitar seus sujeitos a recriarem-se a si mesmos. E este trabalho pretendeu contribuir para as reflexões envolvendo o ser, que se descobre corpo, inteligência, emoção, simbolismo, integrado a uma consciência coletiva e mais precisamente, que se descobre ser, em meio à experimentação de sua capacidade de imaginar, recriar e se conscientizar das mediações sociais e simbólicas que o compõe e que ele próprio alimenta.

Tu já vai Joana, eu também quero ir
 Minha casa é de madeira
 Tenho medo de cair
 Eu vou dar a despedida como fez o beija flor
 que se despede voando encantado no Amor.¹⁴⁹



Figura 38: D. Maria aconselha a neta Raiza.
 Fonte: Acervo pesquisa



¹⁴⁹ Brinquedo de roda de domínio popular.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Cartografia da diversidade e promoção dos direitos das populações vulneráveis: os maranhenses do Bairro Santa Luzia: cultura e identidade da Comunidade São Raimundo Nonato. Manaus: UEA Edições, 2014.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ASSIS, Thiago Albuquerque de et al . Geometria fractal: propriedades e características de fractais ideais. Rev. Bras. Ensino Fís., São Paulo , v. 30, n. 2, p. 2304.1-2304.10, 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172008000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso 06/12/2017

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. O direito de sonhar. Tradução: José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____. O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução: Antonio de Padua Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAKHTIN, Mikhail M. Por uma filosofia do ato responsável. Tradução: Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. Palavra Própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. Tradição (coord.) Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução: Michel Lahud et.al. São Paulo: Hucitec, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Tradução: Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BOHM, David. Diálogo: comunicação e redes de convivência . Tradução: Humberto Mariotti. São Paulo, Palas Athena, 2005.

_____ Sobre a criatividade. Tradução Rita de Cássia Gomes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Culturas populares em meio urbano amazônico. In: Culturas populares em meio urbano. Manaus: Edua, 2012.

BRASIL. Ministério Da Cultura. Pontos de cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultural1>> Acesso em: 21/06/16.

CORALINA, Cora. Aninha e suas pedras. In: Coleção Melhores Poemas. São Paulo: Global Editora, 2004.

DINIZ, Alexandre M. A; SANTOS, Reinaldo Onofre dos. Fluxos migratórios e formação da rede urbana de Roraima. Disponível: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_345.pdf. Acesso em 17/08/17.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

FERREIRA, Sueli. Imaginação e linguagem no desenho da criança. São Paulo: Papyrus, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,. 1987.

FURTADO, Adrielson. Contexto histórico das Rodovias Bernardo Sayão (BR 010) e Capitão Pedro Teixeira (BR 316). 23 de Agosto de 2015. Blog Disponível em: <<http://adrielsonfurtado.blogspot.com.br/2015/08/contexto-historico-da-abertura-das.html>> Acesso em 16/08/2017.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GONÇALVES, Larissa Silva. Arte e infância: sensibilização, representação e formação por meio da educação do olhar. In: BRITO, Luiz Carlos Cerquinho de (org.) Fundamentos da educação infantil. Manaus: CEFORT, EDUA, 2007.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução: Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HEYDEBRAND, Caroline von. A natureza anímica da criança. Tradução Rudolf Lanz. São Paulo: Editora Antroposófica, 1983.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

KRAMER, Sonia A Política do Pré-escolar no Brasil. São Paulo: Cortez. 1982.

KULHMAN, Jr. Moysés. Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LANZ, Rudolf. A pedagogia Waldorf : caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2016.

LURIA, Alexander; VYGOTSKY, Lev. S. Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LUZ, Débora Silva Brito da. Reflexões sobre linguagem e identidade de maranhenses residentes em Boa Vista – RR. Boa Vista/RR, 2013. 145f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Roraima, 2013.

LUZES, Eleanor Madruga. A necessidade do ensino da Ciência do Início da Vida. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2007.

MACHADO, Elissandra Gomes. As implicações do processo migratório na formação do bairro Pintelândia IV, atual Senador Hélio Campos, na cidade de Boa Vista – Roraima, na década de 1990. Universidade Federal de Roraima. Curso de História. Monografia. 2014.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____ A cabeça bem feita: repensar a reforma reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____ Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Percepção e representação gráfica: a geográficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: Edua, 2014.

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. “O Maranhão é aqui” Territorialidades maranhenses na cidade de Boa Vista/RR (1991-2010). Dissertação Mestrado Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR, 2015.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. Vidas compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Editora Hucitec, FAPESP, 1999.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1987.

PACHECO, Lillian. Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

_____ Ação Griô Nacional. Disponível em: <<http://www.acao-grio.org.br/acao-grio-nacional/historico-acao-grio-nacional/>>. Acesso: 20/06/16.

PESSANHA, José Américo Motta. A imaginação criadora. Palestra realizada no período de 23 de março a 24 de abril de 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yh_CYS-sEYg> Acesso: 30/03/16.

_____. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, G. O direito de sonhar. Tradução de José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

PREGNOLATTO, Daraína. Criandança: uma visita à metodologia de Rudolf Laban. Brasília: L.G.E, 2004.

_____. Flor de Pequi: brincadeiras e ritos populares. Pirenópolis/GO: Edições Guaimbê, 2008.

_____. In: Projeto arte na educação. 2013. USP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2g2XWN8ugxU>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

RIBEIRO, Geiza Idelvania Pereira de Oliveira. Migração maranhense em Boa Vista. Monografia (Centro de Ciências Sociais e Geociências), Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 1997.

RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François [et.al] Campinas: Editora Unicamp, 2007.

_____. Epílogo: o perdão difícil. In: RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François [et.al] Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. A percepção: uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. A imaginação. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

SILVA, Sílvia Maria Cintra da. A constituição social do desenho da criança. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

SOUSA, Celene Farias de. A Autoafirmação da Identidade de Maranhenses através da Festa "O Maranhão é Aqui", Comunidade São Raimundo Nonato, Bairro Santa Luzia, Boa Vista/RR (2010-2013). Monografia. 2014

SOUSA, Andrea Fernandes de. A experiência comunitária na antiga Santa Teresa do Paruá: algumas reflexões sobre o comunitarismo e o modelo de desenvolvimento comunitário. Revista Bibliomar, São Luís v. 15, n. 1/2, jan./dez. 2016.

SOUZA, Carla Monteiro de; SILVA, Raimunda Gomes dos. Migrantes e Migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé. Boa Vista: EDUFRR, 2006.

SOUZA, Carla Monteiro de.; NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. Notas sobre a presença nordestina em Roraima. Simposio Nacional de História – Conhecimento Histórico e dialogo social Natal RN 22 a 26 de julho 2013 ANPUH. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364927542_ARQUIVO_TextoCarlaM.Souza.pdf. Acesso: 28/07/17.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____ Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque; SANTAELLA, Lúcia. Metaciência como guia da pesquisa: uma proposta semiótica e sistêmica. São Paulo: Editora Mérito, 2008.

VYGOTSKY, Lev. S. A formação social da mente. Tradução: José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.